Paula Cristina Lima Alves de Oliveira

VIVER NO FEMININO

Entre a Família e o Trabalho

– Em Dois Mundos Sociais Diferentes –



Dissertação de Mestrado em Sociologia
apresentada à Faculdade de Letras
da Universidade do Porto

Orientação do Professor Doutor João Teixeira Lopes

FLUP – 2005

Paula Cristina Lima Alves de Oliveira

VIVER NO FEMININO

Entre a Família e o Trabalho

– Em Dois Mundos Sociais Diferentes –

Dissertação de Mestrado em Sociologia

apresentada à Faculdade de Letras

da Universidade do Porto

Orientação do Professor Doutor João Teixeira Lopes

FLUP – 2005

À memória de minha Mãe e de meu Pai

que me deram a força e a serenidade fundamentais para

viver (feliz) no feminino

Abre os olhos e encara a vida! A sina
Tem que cumprir-se! Alarga os horizontes!
Por sobre lamaçais alteia pontes
Com tuas mãos preciosas de menina.

Nessa estrada de vida que fascina
Caminha sempre em frente, além dos montes!
Morde os frutos a rir! Bebe nas fontes!
Beija aqueles que a sorte te destina!

Trata por tu a mais longínqua estrela,
Escava com as mãos a própria cova
E depois, a sorrir, deita-te nela!

Que as mãos da terra façam, com amor,
Da graça do teu corpo, esguia e nova,
Surgir à luz a haste de uma flor!...

Florbela Espanca, Charneca em Flor (1930)

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor António Teixeira Fernandes, coordenador do Mestrado e primeira pessoa a quem expus a intenção de levar a cabo este projecto, pelo interesse manifestado relativamente ao tema da dissertação.

Ao meu orientador Professor Doutor João Teixeira Lopes, um agradecimento especial pelo incentivo e pelo apoio generoso nos momentos em que mais precisei, que me motivou a prosseguir com vontade e com gosto.

Aos meus colegas de curso Luís Castilho e José Gomes, pelo estímulo, amizade e pela vivência de bons e divertidos momentos. Também à Ana Maria Romão, do Instituto de Sociologia, pelo apoio sempre prestado.

A todas as mulheres que se dispuseram a partilhar as suas vidas, com espírito de grande abertura, e a todos aqueles amigos e colegas que me sugeriram contactos para a realização dessas entrevistas.

Aos meus colegas de trabalho pela compreensão que tiveram durante o período de realização desta dissertação em que a minha atenção foi, certamente, mais orientada para a tese. Uma palavra especial de agradecimento aos colegas e amigos José Maria Azevedo e Josefina Gomes pela colaboração.

Ao Carlos, com quem sempre posso contar e a todos os meus outros amigos, que não nomeio, mas que sabem o quanto me sinto reconhecida pelas constantes provas de cumplicidade e bondade.

À minha família. Aos meus irmãos Olga e Tó-Zé, cunhados e sobrinhos pelo precioso apoio e por todo o afecto. Uma última palavra de agradecimento, tão sentida quanto todas as outras, é dirigida à minha Mãe com quem só pude partilhar parte deste percurso, mas que foi quem mais pesou na decisão de lhe dar continuidade. Nos momentos em que questionei se deveria prosseguir, recordei o seu conselho que, sem que ambas o soubéssemos, foi a última de tantas e tão valiosas orientações.

RESUMO

A actual paisagem social portuguesa mostra uma dupla marca de modernidade e de tradição. Enquanto indicadores demográficos como os de nupcialidade, de divorcialidade ou de natalidade parecem mostrar-nos uma sociedade tradicional, as taxas de actividade feminina e os níveis de escolaridade das mulheres mais jovens exibem traços de modernidade. A mulher portuguesa continua, assim, a valorizar a componente familiar, casando e tendo filhos, sem deixar de investir na sua actividade profissional. Embora existam algumas variações regionais, muitas das suas congéneres europeias casam menos e trabalham menos tempo.

Esta dissertação de mestrado aborda a relação da mulher com estas duas dimensões fundamentais da sua vida: a família e o trabalho. Partindo dos discursos das mulheres de dois mundos sociais diferentes que, falando na primeira pessoa, revelam as suas práticas, subjectividades e atitudes, explora-se a tese de que embora se esteja na presença de formas diferentes de viver, consoante o volume de capitais das mulheres em questão, existe uma tendência central, um fio condutor que mostra como a identidade feminina se constrói na sua relação com a família e o trabalho.

PALAVRAS-CHAVE

Género; Família; Trabalho

ÍNDICE

INTRODUÇÃO **1**

Parte I – Problematização e Construção Teórico-Prática **5**

Capítulo 1. Dinâmicas Macrosociais em Contextos de *Modernidade Tardia* 6

1.1. As influências globalizadoras e as tendências pessoais 7

1.2. Reorganização do tempo e do espaço 8

1.3. A *cultura do risco* 10

1.4. A importância dos estilos de vida 13

1.5. A dissolução da tradição e do parentesco e a flexibilização dos laços sociais 15

1.6. As novas esferas da vida pessoal e o processo de individualização na sua relação com as transformações económicas 22

Capítulo 2. Processos de Recomposição das Estruturas Familiares 25

2.1. Pluralidade de formas familiares 26

2.2. O casamento como projecto 33

2.3. A nova atitude perante a criança 37

Capítulo 3. Opções de Vida do Género Feminino 42

3.1. Identidade feminina 43

3.2. Inserção da mulher no mundo do trabalho 46

3.3 Casamento, Celibato e Maternidade 53

Parte II – Entre Palavras e Silêncios – *Tudo é de Ouro* **60**

Capítulo 4. Opções Metodológicas. Do Quadro Teórico e da Pesquisa à Análise de Conteúdo 61

4.1 A Pesquisa Empírica 62

4.2 A Análise de Conteúdo 65

4.3 A Investigadora / Entrevistadora e as Entrevistadas 66

Parte III – Confidenciando a Vida – *Do Sentido ao Verbalizado*.....70

1. O Percurso Escolar.....71

1.1. O investimento.....71

1.2. O não investimento.....75

1.3. Aspirações.....77

2. A Actividade Profissional.....80

2.1. Importância e Significado.....80

2.2. Conciliação entre a Carreira Profissional e a Vida Familiar.....93

2.3. Discriminação no Acesso ao Emprego e na Promoção na Carreira.....108

3. Família.....116

3.1. Relacionamento com os Pais.....116

3.2. Educação.....131

3.3. Casamento, Divórcio, Celibato e Maternidade.....147

4. Conflitualidade Conjugal.....198

4.1. Conflitos mais frequentes ou prováveis / Motivos.....198

4.2. Resolução dos Conflitos.....206

5. Gestão das Tarefas Domésticas.....211

5.1. Repartição das Tarefas entre Marido e Mulher.....212

5.2. Não Repartição das Tarefas entre Marido e Mulher.....217

5.3. Acompanhamento dos Filhos quando Adoecem.....220

6. Tempos Livres.....225

7. Planeamento de Vida.....243

PROPOSTAS CONCLUSIVAS.....253

BIBLIOGRAFIA.....265

ANEXOS.....271

Anexo A: Informação Relativa ao Trabalho de Campo.....272

Anexo 1: Guião de Entrevista 273

Anexo 2: Grelhas de Análise Temática das Entrevistas 276

Anexo 3: Análise de Conteúdo das Entrevistas – Análise Vertical – 280

Anexo 4: Perfil das Entrevistas 299

Anexo 5: Grelhas de Análise das Entrevistas 309

Anexo B: Informação Complementar 313

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Percurso Escolar 71

Gráfico 2 – Importância e Significado da Actividade Profissional 80

Gráfico 3 – Carreira – Conciliação com a Vida Doméstica e Familiar 93

Gráfico 4 – Discriminação no Acesso à Carreira 108

Gráfico 5 – Visão da Vida e das opções da Mãe 116

Gráfico 6 – Estilos de Vida das Entrevistadas e dos Pais 127

Gráfico 7 – Educação recebida e transmitida 131

Gráfico 8 – Valores recebidos e transmitidos 138

Gráfico 9 – Educação dada a um Filho e a uma Filha 142

Gráfico 10 – Casamento / Aspectos Positivos e Aspectos Negativos 147

Gráfico 11 – Divórcio / Aspectos Positivos e Aspectos Negativos 166

Gráfico 12 – Celibato / Aspectos Positivos e Aspectos Negativos 176

Gráfico 13 – Maternidade / Aspectos Positivos e Aspectos Negativos 185

Gráfico 14 – Conflitualidade Conjugal 198

Gráfico 15 – Repartição das Tarefas Domésticas 211

Gráfico 16 – Acompanhamento dos Filhos quando Adoecem 220

Gráfico 17 – Tempos Livres 225

Gráfico 18 – Planeamento de Vida 243

ÍNDICE DE QUADROS EM ANEXO

Quadro 1 – Análise de Conteúdo das Entrevistas 277

Quadro 2 – Perfil das Entrevistadas – Grupo 1 300

Quadro 3 – Perfil das Entrevistadas – Grupo 2 305

Quadro 4 - Grelha de Análise Vertical 310

Quadro 5 - Grelha de Análise Global 311

Quadro 6 - Taxa de Natalidade 318

Quadro 7 - Índice de Fecundidade 319

Quadro 8 - Taxa de Escolarização 322

Quadro 9 - Nível de Escolaridade 322

Quadro 10 - Taxa de Actividade 323

Quadro 11 - Taxa de Actvidade Feminina (15-64 anos) 326

Quadro 12 - Taxa de Emprego 326

Quadro 13 - Emprego a Tempo Parcial 327

ÍNDICE DE GRÁFICOS EM ANEXO

1 - Taxa de Nupcialidade - Portugal 314

2 - Idade Média do Primeiro Casamento - Portugal 314

3 - Casamentos segundo a forma de celebração - Portugal 315

4 - Casamentos segundo a forma de celebração em 2003 por NUTS 315

5 - Casamentos Civis por NUTS II 316

6 - Taxa Bruta de Divorcialidade 316

7 - Número de Divórcios por NUTS 317

8 - Taxa de Natalidade - Portugal 317

9 - Taxa de Natalidade por NUTS 318

10 – Taxa de Fecundidade - Portugal 319

11 – Nascimentos fora do Casamento - Portugal 320

12 - Nascimentos fora do Casamento, por NUTS 320

13 - Dimensão Média da Família por NUTS 321

14 - Grau de Instrução - Portugal 321

15 - Taxa de Actividade 324

16 - Taxa de Feminização 324

17 - Duração do Trabalho 325

18 - Taxa de Emprego Feminina 325

19 - Taxa de Emprego das Mulheres 326

20 - Taxa de Actividade Feminina (15-64 anos) 327

21 - Distribuição das localizações de classe segundo o sexo - Portugal 328

22 - Remuneração Média Mensal Base 328

INTRODUÇÃO

Os indicadores demográficos, de nupcialidade, de divorcialidade, de natalidade e as taxas de actividade feminina portugueses mostram como a mulher portuguesa vive de um modo *excepcional.* De facto, a mulher portuguesa casa mais, divorcia-se menos, tem mais filhos e trabalha mais e mais tempo que a maioria das suas congéneres europeias. Está-se, assim, perante modelos comportamentais, de valores e atitudes que justificam ser estudados.

Para tentar compreender esta realidade, captar o que move as mulheres a viverem deste modo, tornava-se imperioso tentar abranger o máximo das esferas das suas vidas. Apenas uma visão de conjunto se afigurava como a via possível, já que o objectivo era perceber como a mulher gere, pensa e sente todas estas dimensões e, sobretudo, particularizar, caracterizar e explicar a realidade, ou melhor, as realidades que são as vidas das mulheres portuguesas e as relações de cumplicidade entre os seus trabalhos (remunerados e domésticos) e as suas famílias.

O trabalho fascinava mas também intimidava: como conseguir ser tão abrangente já que se está em presença não só de mulheres que vivem de modo diferente umas das outras, como de áreas tão diversas e marcantes como a escola, o trabalho, a família, os tempos livres e o planeamento de vida? Tudo campos tão vastos, autênticos mundos, cada um deles passível de constituir, por si só, matéria para desenvolver uma ou até várias teses. Preferiu-se um espaço de compreensão global à intensidade de análise de cada campo.

Houve decisões a tomar. Assim, optou-se, em primeiro lugar, por escolher dois grupos de mulheres a estudar: um formado por mulheres com um elevado grau de habilitações literárias (que se designou como Grupo 1) e, um outro, constituído por mulheres com um grau de escolaridade baixo ou muito baixo (Grupo 2). Relativamente às temáticas que se propunha pesquisar, a decisão foi a de não excluir nenhuma, embora com a consciência de que qualquer uma delas não poderia ser estudada com o grau de profundidade que se desejaria.

Numa primeira parte deste trabalho, apresenta-se a problematização e construção teórico-prática, em que se procura aproximar o olhar cada vez mais do sujeito / objecto: a mulher entre o trabalho e a família.

O primeiro capítulo procura, então, através de uma visão macro analisar as dinâmicas sociais em contextos de modernidade. Tratam-se questões como a das influências globalizadoras e as tendências pessoais, a reorganização do tempo e do espaço, a *cultura do risco* e os *sistemas abstractos*, bem como a importância dos estilos de vida, a dissolução da tradição e do parentesco, a flexibilização dos laços sociais, as novas esferas da vida pessoal e o processo de individualização na sua relação com as transformações económicas.

No segundo capítulo, dá-se mais um passo no sentido de aproximação ao vivido pelas mulheres e, assim, numa perspectiva *meso*, analisa-se os processos de recomposição das estruturas familiares. Aqui estudam-se as pluralidades de formas familiares, o casamento como projecto e a nova atitude perante a criança.

A primeira parte encerra com o capítulo 3 em que se pretende apresentar uma análise mais circunscrita aos aspectos *micro* dos contextos em que vivem as mulheres e das suas opções de vida. Neste capítulo, observam-se questões como a identidade feminina, a inserção da mulher no mundo do trabalho (em que se destacam aspectos como a discriminação no acesso ao emprego e na promoção na carreira profissional e também o investimento em capital escolar na sua relação com a carreira) e, por último, o casamento, o celibato e a maternidade (sendo salientada a questão da gestão e conciliação de diferentes tarefas).

Na segunda parte da dissertação apresentam-se as opções da metodologia mobilizada, (essencialmente) qualitativa, as razões dessa escolha e o caminho percorrido desde o quadro teórico e da pesquisa à análise de conteúdo.

Num primeiro momento, apresenta-se a pesquisa empírica, onde se destacam a constituição da amostra do tipo bola de neve, as entrevistas semidirectivas, o guião das entrevistas e, finalmente, a grelha de análise.

Como último aspecto a realçar neste capítulo surgem notas pessoais da investigadora / entrevistadora, em que se procura transmitir, essencialmente, a

relação estabelecida com as entrevistadas, quais foram os maiores obstáculos e quais as estratégias adoptadas para os tentar ultrapassar.

Segue-se a Parte III com a análise das vinte e seis entrevistas feitas às mulheres que disseram, na primeira pessoa, o que pensam, o que sentem e como gerem todas as esferas das suas vidas, desde as públicas às mais privadas.

O primeiro tema tratado é o percurso, o investimento ou não investimento e as aspirações escolares.

A actividade profissional é o segundo assunto a ser abordado e analisado. Procura-se saber qual a importância e o significado que as mulheres lhe atribuem, como conciliam a sua carreira profissional e a vida familiar e, ainda, o que pensam e sentem relativamente à discriminação no acesso ao emprego e na promoção na carreira.

O tema da família é um dos mais aprofundados. Começou-se por pedir às entrevistadas que falassem sobre o relacionamento que têm ou tiveram com os seus pais, tentando compreender qual a visão que têm da vida e das opções das suas mães e o que consideram que, nos seus estilos de vida, mais as aproxima e o que mais as distancia do estilo de vida dos seus pais.

Relativamente à questão da educação, analisam-se as semelhanças e diferenças entre a educação recebida e transmitida ou a transmitir, e entre os valores recebidos e transmitidos aos filhos. Também se pediu para que fosse abordada a questão da educação dada a um filho e a uma filha.

Dando continuidade ao tema da família, passa-se a abordar o casamento e união de facto, o divórcio e a separação, o celibato e a maternidade. Tenta-se captar o entendimento e o sentimento das entrevistadas, bem como as suas experiências nestas matérias. A conflitualidade conjugal é outro dos temas em análise. Aqui o objectivo é o de procurar perceber, por um lado, quais os conflitos mais frequentes e o que os motiva e, por outro lado, como são resolvidos.

O ponto 5 da análise é a gestão das tarefas domésticas, onde se tenta captar e compreender se existe ou não repartição das lides de casa entre marido e mulher e quem acompanha os filhos quando adoecem.

A análise prossegue com o modo como são ocupados os tempos livres, no dia-a-dia e nas férias, ao nível das práticas culturais e de lazer.

A última reflexão desta pesquisa é sobre o planeamento de vida das mulheres. Entendendo-se como planeamento o curto, mas também o médio e o longo prazos, sendo abrangidas todas as dimensões que cada uma das entrevistadas considerou relevantes, em termos pessoais, familiares ou profissionais.

No final do trabalho, apresentam-se propostas conclusivas que retomam, de forma sintética, alguns dos temas tratados ao longo do texto, procurando-se fios condutores do que une e do que afasta a forma como as mulheres com diferentes capitais vivem as suas vidas e olham o seu trabalho e a sua família.

Parte I

– Problematização e Construção Teórico-Prática

Capítulo 1.

Dinâmicas Macrosociais em Contextos de *Modernidade Tardia*

Uma visão sobre as dinâmicas macrossociais pode ajudar a entender a realidade em que se inserem as mulheres que são sujeito / objecto desta análise. Vivendo num mundo moderno, pós-moderno, ou de modernidade tardia, todos os aspectos das suas vidas, mesmo os mais íntimos, são influenciados por este novo contexto.

O dinamismo da vida moderna, o ritmo da mudança e a sua influência nas práticas sociais não tem qualquer semelhança com o que se passava no mundo tradicional, em que a prática do passado autenticava o futuro.

Neste novo contexto, cada indivíduo tem que fazer as suas escolhas dentro de uma multiplicidade enorme de opções (ainda que sob uma certa influência de estandardização, típica de uma economia capitalista), para o que as relações de parentesco e a tradição já não pesam de forma determinante.

Numa sociedade em que se valoriza cada vez mais a auto-realização, a felicidade individual e as carreiras, a aprovação por parte da comunidade é, cada vez menos, relevante na escolha individual e livre de cada indivíduo.

Finalmente, é de realçar que todas estas mudanças a que se aludiu acontecem a ritmos muito diferentes não só em função do território (em que o meio urbano mais rapidamente assume estas dinâmicas macrossociais que o meio rural), mas também em função de muitos outros factores, de entre os quais se destacam os níveis sócio-culturais.

1.1. As influências globalizadoras e as tendências pessoais

"O pós-modernismo interessa a uma ampla série de práticas artísticas e às disciplinas das ciências sociais e humanas porque desperta a nossa atenção para as mudanças que ocorrem na cultura contemporânea."[1]

A modernidade muda tanto a natureza da vida social do dia-a-dia, como os aspectos mais pessoais da nossa vida. Assim, devendo a modernidade ser compreendida a um nível institucional, é importante ter em conta que as alterações introduzidas pelas instituições modernas influenciam directamente a experiência individual. Como refere Anthony Giddens, *"uma das características distintivas da modernidade é, de facto, uma crescente interligação entre os dois "extremos" de extensividade e intensividade: influências globalizadoras, por um lado, e tendências pessoais, por outro."*[2]

A globalização da actividade social, se pode ser entendida como um processo do desenvolvimento de laços genuinamente mundiais, também deve ser vista como a expressão de aspectos fundamentais de distanciação do espaço-tempo. Nas palavras de Giddens, *"a globalização diz respeito à intersecção da presença e da ausência, o entrelaçar de eventos sociais e relações sociais "à distância" com as contextualidades locais"*, devendo, assim, ser entendida como *"fenómeno dialéctico"*[3] no qual uma relação distanciada pode produzir ocorrências totalmente díspares num e noutro pólo dessa relação. A globalização deve ser analisada, também, à luz das consequências de alguns mecanismos de descontextualização,[4] que não permitem, seja a quem for, viver arredado das transformações da modernidade, como é o caso dos riscos globais de uma guerra nuclear, de uma catástrofe ecológica ou do terrorismo.

Anthony Giddens apresenta, como os dois pólos da dialéctica do local e do global em condições de modernidade tardia, as transformações na auto-identidade e na

---

[1] Vd. Mike Featherstone, "Moderno e Pós-Moderno: Definições e interpretações sociológicas" in *Sociologia. Problemas e Práticas*, nº 8, 1990, p. 104.
[2] Vd. Anthony Giddens, *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta, 2001, p. 1.
[3] Idem, *ibidem*, p. 19.
[4] Giddens define descontextualização como "processo pelo qual as relações sociais são abstraídas dos contextos locais e recombinadas ao longo de distâncias indefinidas de espaço-tempo", vd. Idem, ibidem, p. 213.

globalização. Assim, as mudanças nos aspectos íntimos da vida pessoal *"estão directamente ligadas ao estabelecimento de conexões sociais de âmbito muito largo"*.[5]

É na modernidade que surge a busca da auto-identidade, num contexto em que é dada atenção ao indivíduo, em que se valoriza a individualidade e em que se cultivam as potencialidades individuais. A disposição para a renúncia por um certo número de ambições pessoais, como acontecia nas famílias tradicionais, dá lugar à auto-realização individual sem que seja tida em conta a estabilidade da comunidade. *"As carreiras e felicidade dos membros individuais da família triunfam sobre a continuação da linhagem no seu todo."*[6]

1.2. Reorganização do tempo e do espaço

"O espaço e o tempo são categorias básicas da existência humana. E, no entanto, raramente discutimos o seu sentido; tendemos a tê-los por certos e lhes damos atribuições do senso comum ou auto-evidentes."[7]

Na modernidade, os processos de reorganização do tempo e do espaço transformam o conteúdo e a natureza da vida social moderna. Giddens refere-se a um *"controlo regularizado de relações sociais através de distâncias indefinidas de espaço-tempo"*.[8]

Na modernidade, o ritmo da mudança social é muito mais rápido, assim como a profundidade com que influencia as práticas sociais e os modos de comportamento. Este dinamismo da vida moderna, no entender de Giddens, pode ser explicado por três conjuntos de elementos: o primeiro tem a ver com a separação do tempo e do espaço (o desenvolvimento de uma dimensão "vazia" de tempo); o segundo consiste nos mecanismos de descontextualização (constituídos por dois tipos: as "garantias simbólicas" – meios de troca que têm valor padrão –, e os "sistemas periciais" – referem-se às áreas de especialização tecnológica e às relações sociais em si e aos

[5] Vd. Idem, *ibidem*, p. 29.
[6] Vd. Edward Shorter, *A Formação da Família Moderna*, Lisboa, Terramar, p. 25
[7] Vd. David Harvey, *Condição Pós-Moderna*, São Paulo, Edições Loyola, 2001, p. 187.
[8] Vd. Anthony Giddens, *op. cit.* p. 14.

aspectos íntimos do *self* -, que em conjunto são referidos por Giddens como "sistemas abstractos"); por último, a "reflexividade institucional": o uso regularizado do conhecimento acerca das circunstâncias da vida social enquanto elemento constituinte implicado na sua organização e transformação.[9]

Os *media*, no entender de Giddens, são ao mesmo tempo, *"expressão"* e *"instrumentos"* das tendências descontextualizadoras e globalizadoras da modernidade. Constituindo *"modalidades de reorganização do tempo e do espaço"*, definem dois traços fundamentais dos tempos modernos: o *"efeito de colagem"*, através das *«histórias» separadas que são apresentadas ao lado uma das outras exprimem ordenamentos de consecutividade típicos de um ambiente de espaço-tempo transformado do qual se evaporou em grande parte a força do lugar"*; e a *"intromissão de acontecimentos distantes na consciência quotidiana"*.[10]

Em contextos de modernidade, a tradição deixa de desempenhar o papel fundamental que joga em culturas pré-modernas; pois o tempo é ordenado de uma forma que limita os cenários do futuro. Giddens, referindo-se a esta questão afirma que *"o passado introduz uma faixa larga de «prática autenticada» no futuro"*.[11] Nas culturas tradicionais, passado e futuro estão intimamente interligados; o segundo só faz sentido em função do primeiro, uma vez que é este que o legitima e lhe dá sentido.

A vida pós-moderna é marcada pela efemeridade e, como constata Harvey, *"quanto maior é a efemeridade, tanto maior a necessidade de descobrir ou produzir algum tipo de verdade eterna que nela possa residir. O revivalismo religioso, que se tornou muito mais forte a partir do final dos anos 60, e a busca de autenticidade de autoridade na política (com todos os seus atavios de nacionalismo, localismo e admiração por indivíduos carismáticos e «multiformes» com sua «vontade de poder» nietzschiana) são casos pertinentes. O retorno do interesse por instituições (como a família e a comunidade) e a busca de raízes históricas são indícios da procura de hábitos mais seguros e valores mais duradouros num mundo cambiante."*[12]

---

[9] Idem, *ibidem*, pp. 14 a 18.
[10] Idem, *ibidem*, pp. 23 e 24.
[11] Idem, *ibidem*, p. 45.
[12] Vd. David Harvey, *op. cit.*, pp. 263 e 264.

Na maior parte das culturas tradicionais, a vida social é altamente localizada, o que torna o lugar muito significativo, proporcionando segurança e dando sentido às práticas sociais. Na modernidade, *"o lugar torna-se fantasmagórico"*, ao ser *"totalmente penetrado por mecanismos de descontextualização, que recombinam as actividades locais em relação de espaço-tempo de âmbito cada vez maior"*.[13] Como Harvey menciona, *"por meio da experiência de tudo – comida, hábitos culinários, música, televisão, espectáculos e cinema –, hoje é possível vivenciar a geografia do mundo vicariamente, como um simulacro. O entrelaçamento de simulacros da vida diária reúne no mesmo espaço e no mesmo tempo diferentes mundos (de mercadorias)"*.[14]

1.3. A *cultura do risco*

"Pensar em termos de risco tem por certo os seus aspectos inquietantes (...) mas é também um meio de procurar estabilizar os resultados, um modo de colonizar o futuro." [15]

Giddens considera que *"a modernidade é uma cultura de risco"*.[16] Se, por um lado, se verifica a redução do risco de certas áreas e modos de vida, por outro lado, há a introdução de novos riscos, muitos deles desconhecidos na pré-modernidade e cujas consequências são, muitas vezes, graves (como é o caso de uma guerra de destruição maciça, de uma catástrofe ecológica ou, mesmo, de um ataque terrorista como os de 11 de Setembro ou de 11 de Março). O mundo moderno contemporâneo está imbuído destes novos riscos que as anteriores gerações não tiveram de enfrentar, mas que as actuais, inevitavelmente, encontram presentes na sua vida quotidiana.

Num universo social de modernidade, as noções tradicionais de destino tornam-se cada vez mais inconsistentes, tendendo a ser substituídas por uma visão na qual o risco se torna num elemento fundamental. Ter consciência do risco leva a que se

[13] Vd. Anthony Giddens, *op. cit.*, p. 135.
[14] Vd. David Harvey, *op. cit.*, pp. 270 e 271.
[15] Vd. Anthony Giddens, *op. cit.*, p.168
[16] Idem, *ibidem*, p. 3.

perceba como o futuro não está predestinado, mas que depende, em muito, de acontecimentos contingentes. Neste sentido, em contextos pós-tradicionais, cada indivíduo faz as suas escolhas, as suas opções, com os riscos que lhes são inerentes...

A avaliação do risco torna-se fundamental para aquilo que Giddens denomina *"colonização do futuro"*[17]; no entanto, nem sempre é possível fazer o cálculo das probabilidades com grande precisão, uma vez que o ambiente de conhecimento que enquadra essa avaliação muda a um ritmo muito acelerado e muitas vezes há questões em relação às quais os próprios peritos discordam.

O estudo dos riscos, no entender de Giddens, permite compreender muitos dos elementos centrais da modernidade, estando em causa os seguintes factores: *"uma redução dos riscos de ameaça de vida para o indivíduo, consequente em vastos domínios de segurança na actividade diária e adquirida graças aos sistemas abstractos; a construção de ambientes de riscos institucionalmente delimitados; a monitorização do risco enquanto aspecto-chave da reflexividade da modernidade; a criação de altos riscos resultantes da globalização; e a acção de tudo isto contra o pano de fundo de um "clima de risco" inerente e instável".*[18]

Efectivamente, nas sociedades modernas, a esperança de vida aumentou de forma significativa e o risco das doenças graves constitui cada vez menos uma preocupação, devido aos avanços da ciência e, nomeadamente, da medicina. As hipóteses de vida individuais estão, assim, ligadas directamente à economia global, uma vez que a maioria dos ambientes de risco estão institucionalmente estruturados o que leva à interligação cada vez maior dos riscos individuais e colectivos e permite ter uma ideia de como o futuro é colonizado. A monitorização reflexiva do risco é algo inerente aos sistemas de risco institucionalizados. O exemplo do risco da saúde, permite perceber, por um lado, a reflexividade em relação ao risco e, por outro lado, a interacção entre os sistemas periciais e o comportamento leigo em relação ao risco – os estilos de vida escolhidos pelos indivíduos são influenciados pelo conhecimento que vão tendo das descobertas dos especialistas médicos e

[17] Giddens define *colonização do futuro* como "criação de territórios de possibilidades futuras por via da simulação", vd. Idem, *ibidem*, p.213.
[18] Idem, *ibidem*, p. 106.

outros investigadores. Por oposição aos perigos de saúde que vão diminuindo, viver num contexto de modernidade, é viver num mundo cercado por altos riscos, que são o resultado dos processos de globalização. Trata-se de riscos que apesar de longínquos para cada indivíduo, acabam por interferir nas hipóteses de vida de todos. Desta forma, em condições de modernidade, a vida não é inerentemente mais arriscada, embora a estabilidade – característica da vida comunitária tradicional –, seja substituída por um ambiente, constante e globalmente, de instabilidade, o que se torna perturbador e, por vezes, fonte de ansiedade. Os recentes ataques terroristas no ocidente são bem ilustrativos dos novos altos riscos geradores de um sentimento de inquietação característico do mundo actual. É ainda de realçar que os media amplificam e mundializam esses riscos, veja-se o recente exemplo do maremoto no sudeste asiático.

Os *sistemas abstractos*[19] constituem uma segurança relativa ao nível da prática quotidiana, uma vez que muitas das actividades acabam por ser rotinizadas através da recombinação do espaço-tempo. O dinheiro, o fornecimento de água e de energia e o saneamento básico constituem exemplos muito nítidos dos *sistemas abstractos*, já que interligam processos globais às banalidades da vida quotidiana – trata-se de sistemas que, baseados no conhecimento pericial, conferem um nível relativamente elevado de estabilidade à vida quotidiana.

Apesar desta maior segurança em muitos aspectos do quotidiano e dos *sistemas abstractos* dependerem da confiança, os mesmos não fornecem qualquer compensação moral, como acontece com a confiança personalizada em contextos tradicionais. Para além disso, o crescimento dos sistemas abstractos cria riscos – incluindo os altos riscos – dado que a maior interdependência é acompanhada de uma maior vulnerabilidade sempre que acontece algo de importante que atinge esses sistema na sua totalidade.

Os *sistemas abstractos* desqualificam a vida do dia-a-dia ao porem termo às formas de controlo local, típicas das sociedades pré-modernas. O quotidiano é

[19] Giddens define *sistemas abstractos* como "garantias simbólicas e sistemas periciais de um modo geral", vd. Idem, *ibidem*, p.215

descontextualizado ao se transformar e se recombinar através de segmentos mais alargados de espaço-tempo. Os modos de influência social deixam de ser controlados directamente e passamos a estar perante um cenário de reapropriação e, por vezes, de capacitação. Outro aspecto característico da vida moderna, e que está directamente ligado ao crescimento dos *sistemas abstractos*, é a falta de uma autoridade final que oriente nas escolhas do dia-a-dia, apesar da possibilidade oferecida a cada um de se requalificar podendo fazer opções com base num razoável grau de informação.

1.4. A importância dos estilos de vida

"Numa situação em que determinadas áreas da vida deixaram de ser determinadas por modelos e hábitos preexistentes, o indivíduo é continuamente obrigado a renegociar opções de estilos de vida. Além disso – e isto é crucial –, tais escolhas não são apenas aspectos "externos" ou marginais das atitudes individuais, mas também definem quem o indivíduo «é»." [20]

Na modernidade, a perda de influência da tradição e a dialéctica entre o local e o global a que a vida social está sujeita, leva a que a noção de estilo de vida se torne fulcral. *"Um estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo adopta não só porque essas práticas satisfazem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade."*[21]

A diversidade de opções é imensa e cada indivíduo vê-se obrigado a fazer as suas escolhas. Estas, apesar de contarem com influências estandardizadoras (sobretudo sob a forma de mercadorização, típica de uma economia capitalista, como refere Ascher, *"se as escolhas aumentam, os elementos a escolher tornam-se, eles próprios, idênticos para todos. Com efeito, ao mesmo tempo que os objectos se multiplicam, a industrialização e a estandardização parecem ganhar muitos domínios e uniformizar as cidades e a vida quotidiana, progressiva mas irremediavelmente. De*

[20] Vd. Anthony Giddens, Transformações da Intimidade. Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas, Oeiras, Celta, p. 52.
[21] Vd. Anthony Giddens, *Modernidade e..., op. cit.*, p.76.

um canto a outro de França, até mesmo da Europa ou do mundo, compram-se os mesmos objectos, vêem-se os mesmos espectáculos televisivos, comem-se os mesmos produtos congelados, vamos aos mesmos fast food*...*"[22]), são feitas em contextos de pluralidade de acção e de diversidade de "autoridades".

A escolha do estilo de vida é algo que existe em qualquer cultura, embora, na modernidade, a inexistência (ou quase) da tradição como orientadora das opções a tomar dentro de padrões relativamente definidos[23] dificulte a selecção dos rumos a seguir de entre uma complexa diversidade que se encontra à disposição. Assim, o indivíduo é obrigado a estar constantemente a renegociar opções de estilo de vida. As escolhas que faz se, por um lado, constituem aspectos externos das atitudes individuais, por outro lado, também definem a identidade da pessoa.

O termo "hipóteses de vida" é um *"conceito que tem de ser entendido em termos da disponibilidade de potenciais estilos de vida".*[24] Efectivamente, a pluralidade de opções não significa que todas elas possam ser escolhidas por qualquer indivíduo ou que a tomada de decisão tenha em conta todo o leque de alternativas possível, pelo contrário, *"as hipóteses de vida condicionam as escolhas de vida".*[25] Giddens considera que esta multiplicidade de escolhas deriva de várias influências:[26] o facto de se viver numa ordem pós-tradicional em que se opta por alternativas; a ligação que existe entre os estilos de vida e ambientes específicos de acção e a forma como os primeiros exprimem os segundos, leva a que as opções de vida sejam também decisões sobre a imersão nesses ambientes; um terceiro factor que condiciona a pluralidade da escolha tem a ver com a reflexividade da modernidade que opera numa situação de dúvida metodológica; a prevalência da experiência mediada também influencia o pluralismo da escolha; por último, as próprias relações com os outros (tão diferentes na ordem pós-tradicional) também influenciam a pluralidade de escolhas.

---

[22] Vd. François Ascher, *Metapolis. Acerca do futuro da cidade*, Oeiras, Celta, 1998, p. 80.
[23] Como explica Giddens "Quando havia continuidade de tradição e um modelo social particular acompanhava o que estava desde há muito estabelecido (...) os indivíduos não podiam escolher livremente, mas, ao mesmo tempo, não tinham a obrigação de se descobrirem a si próprios nas suas acções e nos seus hábitos.", vd. Transformações da..., pp. 52 e 53.
[24] Vd. Anthony Giddens, *Modernidade e..., op. cit.*, p.76.
[25] Idem, *Ibidem*, p.80.
[26] Idem, *Ibidem*, pp. 78 e 79.

Viver neste mundo pleno de opções de vida alternativas torna fulcral o planeamento de vida, o que constitui um meio de preparar o futuro e de organizar o tempo.

Dois conceitos surgem, nesta linha, como especialmente pertinentes: por um lado, a *política emancipadora,* que é uma política das hipóteses de vida, e, por outro lado, a *política de vida*, que consiste numa política da opção, da escolha, do estilo de vida, de uma ordem reflexivamente mobilizada. Esta última é uma política de auto-realização num ambiente ordenado reflexivamente.[27]

1.5. A dissolução da tradição e do parentesco e a flexibilização dos laços sociais

"Podemos imaginar a família na sociedade tradicional como um navio firmemente amarrado ao seu ancoradouro."[28]

Em contextos de modernidade, cada nova geração deixa de reviver os modos de vida dos seus antecessores, como acontecia nas culturas pré-modernas, para o fazer exclusivamente se essa forma de estar for justificada reflexivamente.

De facto, como refere Anália Cardoso Torres, *"os códigos morais contemporâneos assentam exactamente, levando-a às últimas consequências, na afirmação da individualidade e dos sentimentos no contexto familiar e conjugal."*[29]

As relações de parentesco deixam, assim, de ser determinantes nas decisões importantes a tomar (quando e com quem casar, número de filhos a ter, ...), como acontecia em condições de tradicionalidade, em que, *"nas famílias tradicionais, as pessoas estão dispostas a renunciar a um certo número de ambições pessoais."*[30] Até a transmissão da propriedade (bens da herança e aposentos familiares) deixa de desempenhar um papel importante neste campo, dado que normalmente a geração seguinte opta por não habitar na mesma casa da anterior.

---

[27] Idem, *Ibidem*, p. 197.
[28] Vd. Edward Shorter, *A Formação da Família...*, Lisboa, Terramar, p. 9.
[29] Vd. Anália Cardoso Torres, *Sociologia do Casamento. A família e a questão feminina*, Oeiras, Celta, 2001, p. 13.
[30] Vd. Edward Shorter, *A Formação..., op. cit.*, p. 25.

Parentesco e tradição mudam o seu significado, deixam de ter a mesma importância: não continuam a constituir autoridades determinantes da vida de cada um. Em contextos tradicionais "*uma consciência de tradições e maneiras ancestrais de conduzir os negócios achava-se presente no espírito das pessoas no desenrolar do seu dia-a-dia. Era por saberem que o propósito da vida consistia em preparar gerações vindouras para agirem como as passadas tinham agido que tinham regras bem definidas para moldar as relações dentro da família, para decidir o que era essencial e o que não era*".[31]

Na sociedade pós-moderna (ou de modernidade tardia) a realidade é bem diferente: todos estes laços são quebrados e *"a auto-realização individual tem precedência sobre a estabilidade da comunidade. As carreiras e felicidade dos membros individuais da família triunfam sobre a continuação da linhagem no seu todo"*.[32]

Aos laços pessoais próximos típicos dos contextos tradicionais, fundados em condições da vida económica e social, contrapõem-se as *relações puras.*[33] O casamento é um bom exemplo desta mudança. De um contrato normalmente pensado pelos pais – *"na Europa pré-moderna, a maior parte dos casamentos era negociada não com base na atracção sexual mútua, mas em circunstâncias económicas"*[34] – (*"e era tão verdade ser a economia mais do que a emoção a ligar o casal camponês que, quando a mulher caía doente, o marido geralmente poupava a despesa de um médico, embora preparado para «derramar ouro» sobre o veterinário que ia tratar de uma vaca ou de um boi doentes."*[35]), "torna-se cada vez mais uma relação iniciada, e mantida pelo maior tempo possível, para o fornecimento da satisfação emocional derivada do contacto íntimo com outrem".[36]

Torna-se, assim, mais clara a leitura de Shorter quando argumenta que *"o casamento popular nos séculos passados era geralmente desprovido de afecto, mantendo-se por razões que se prendiam com a propriedade e a linhagem; que as disposições tomadas pela família para levar a cabo a tarefa de viver consagravam*

[31] Idem, *Ibidem*, p. 9.
[32] Idem, *Ibidem*, p. 25.
[33] Giddens define *relação pura* como "relação social que é internamente referencial, isto é, que depende fundamentalmente de satisfações ou recompensas específicas dessa mesma relação", vd. Anthony Giddens, *op.cit.*, p. 215.
[34] Vd. Anthony Giddens, Transformações da Intimidade Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas, Oeiras, Celta, p. 26.
[35] Vd. Edward Shorter, *A Formação..., op. cit.*, p. 66.
[36] Vd. Anthony Giddens, *Modernidade..., op. cit.*, p. 83.

esta frieza, reduzindo a um mínimo absoluto o risco de trocas cara a cara espontâneas entre marido e mulher; e que este isolamento emocional era realizado através da rigorosa demarcação de atribuições de tarefas e papéis desempenhados pelos sexos."[37] O namoro, tal como o casamento, ao serem "combinados" tendo em consideração o que mais convinha às ambições dos pais e da comunidade e ignorando os desejos dos jovens envolvidos, resultava necessariamente numa relação isenta de emoção, de afecto, de sentimento e, mesmo, de romantismo.

As famílias de trabalhadores agrícolas e as da aristocracia agrícola, para progredirem, necessitavam de "escolher" mulheres que suportassem o cansativo trabalho rural e, ainda, que mantivessem o seu domínio a funcionar devidamente para o equilíbrio da família e, de forma mais global, a estabilidade da comunidade em que estava inserida. As motivações da burguesia comercial na "escolha" da esposa não eram, como é óbvio, especificamente as mesmas, embora o casamento não deixasse de constituir uma transacção comercial, em que os dotes eram tidos como uma utilidade e o *status* como algo convertível em dinheiro.

É no final do século XVIII que os jovens começam a deixar de ter em conta as considerações exteriores como a propriedade e a preferência dos pais, optando por ter em consideração os seus sentimentos na escolha dos parceiros conjugais. Shorter explica, "*um surto de sentimento varreu a formação de casais, substituindo as considerações relacionadas com a família e com a noção de prudência pelas de «inclinação», «afecto» e, finalmente, «romantismo».*[38]

A escolha do parceiro em função da propriedade só foi possível enquanto a comunidade intervinha activamente na formação dos casais. A aceitação desta situação, por parte dos membros do casal, prende-se com a necessidade de não contrariar os pais, dado que fazê-lo implicaria correr o risco de ser deserdado e, numa sociedade em que o capital é herdado, essa exclusão do património familiar condenava qualquer pessoa à marginalidade, para além de que era extremamente difícil suportar as pressões da comunidade quando se optava por uma escolha que não fosse considerada a mais adequada para essa mesma comunidade. Deste

[37] Vd. Edward Shorter, *A Formação..., op. cit.*, pp. 63 e 64.
[38] *Idem*, ibidem, p. 133.

modo, o próprio casal reconhece a importância dos assuntos de família deverem serem preponderantes relativamente aos assuntos de interesse individual, conferindo a cada acto um carácter acentuadamente ritualista.

Shorter considera que *"a mudança mais importante no namoro nos séculos XIX e XX foi o surto do sentimento. Aconteceram duas coisas. As pessoas começaram a colocar o afecto e a compatibilidade pessoal ao alto da lista de critérios de escolha de parceiros conjugais (...) E, em segundo lugar, mesmo os que continuaram a empregar os critérios tradicionais de prudência e riqueza na selecção de parceiros começaram a ter um comportamento romântico dentro destes limites".*[39]

Com o passar do tempo, os jovens tendem a valorizar a simpatia mútua, a atracção física e mesmo o desejo sexual, em detrimento dos interesses e controlos por parte da comunidade circundante. Nos séculos XIX e XX, verifica-se uma valorização crescente do afecto e da compatibilidade pessoal na escolha do seu parceiro e um comportamento romântico (mesmo aqueles que continuaram a adoptar comportamentos tradicionais no que tocava à escolha do cônjuge). Estamos na presença de grandes transformações, pois este surto de sentimento e de romantismo implica espontaneidade e empatia, o que não é compatível com a forma de viver tradicional. Os roteiros tradicionais são trocados pela capacidade do casal criar as suas próprias formas de ternura e afecto e os seus diálogos improvisados; a divisão sexual do trabalho é substituída pela capacidade de cada um se colocar no lugar do outro. Para tal, o casal teve que criar um certo distanciamento da comunidade circundante – a grande impositora da tradição – e criar um espaço de alguma privacidade. Dois diferentes níveis de relacionamento passaram a existir: o dos membros do casal, em si mesmo, e o do casal com a ordem social em que se inseria. *"A transformação do namoro de um modo de comportamento instrumental para um expressivo viria a incorporar duas características. Uma foi a decisão dos próprios jovens de substituir um sistema de valores que dava ênfase à fidelidade, à cadeia de gerações e à responsabilidade perante a comunidade por um sistema de valores que exaltava a felicidade pessoal e o autodesenvolvimento. A outra característica foi o golpe nos fios por meio dos quais a sociedade mais ampla fizera*

[39] *Idem*, ibidem, p. 162.

anteriormente os casais dançar as suas pequenas danças de namoro, o cessar dos controlos da comunidade sobre os jovens dos dois sexos que tentavam encontrar-se."[40]

Este romantismo não vinha só pôr em causa os critérios não sentimentais (como por exemplo a propriedade) na escolha do parceiro, implicava também o enfrentar toda a pressão social da ordem existente. A rejeição da endogamia (social ou territorial) – altamente valorizada pela opinião pública, pelo facto de concentrar a riqueza – implicava não colaborar na prossecução dos objectivos da colectividade que consistiam na manutenção dos dotes na própria aldeia. Este passo representa a escolha da felicidade e realização pessoais, em detrimento da aprovação da comunidade. A endogamia profissional (muito forte na Europa tradicional) também veio a declinar devido às mudanças sociais que se estavam a viver, as quais passavam pela diminuição da importância da "ocupação" de cada um na forma como as pessoas se definiam a elas mesmas. Quanto à endogamia de classe e *status* (ainda bastante alta, actualmente) é provável que tenha também começado a declinar, naquela época. Neste sentido, retomamos as palavras de Edward Shorter*: "O século XIX estava a retirar a selecção de parceiros das mãos dos grupos e a afrouxar as pressões colectivas sobre as escolhas individuais."*[41]

Nas décadas de 1950 e 1960, verifica-se uma valorização geral – mas sobretudo por parte dos adolescentes – do sentimento e da experiência romântica, tornando-se o erotismo algo de extremamente importante nas relações humanas.

Actualmente, e, nas palavras de Anália Torres, *"no plano relacional e amoroso verifica-se um sobreinvestimento conduzindo inclusivamente a que, nos sectores sociais em que isso é possível, a relação conjugal se mantenha apenas enquanto dá garantias de recompensa e satisfação."*[42] Os principais traços caracterizadores do casamento a partir dos anos 50 e 60, segundo esta autora, são *"livre escolha do cônjuge como critério necessário de êxito do casamento, acentuada conjugalização*

[40] *Idem*, ibidem, p. 133.
[41] *Idem*, ibidem, p. 175.
[42] Vd. Anália Cardoso Torres, *op. cit.*, p. 21.

da família, democratização das relações familiares entre pais e filhos, igualdade entre cônjuges".[43]

Os laços de parentesco (apesar de hoje em dia não serem sinónimo de grandes direitos ou obrigações) não se mantêm devido, unicamente, às relações de sangue; as *relações puras* são mantidas se e só se as mesmas significarem o prazer da intimidade para os parceiros em causa,[44] ou seja, relações baseadas nas recompensas inerentes às próprias relações e dependente da confiança mútua[45] sendo, portanto, organizadas reflexivamente.

Os laços de parentesco, tanto as relações entre pais e filhos como as mais alargadas, tendo gradualmente passado a estar despojadas dos direitos e deveres tradicionais, para se manterem fortes, têm que, para além da ligação biológica, estarem imbuídas das características em que se baseiam as *relações puras*: a intimidade, a confiança, o compromisso e a manutenção dessa mesma relação apenas pelo sentimento de recompensa que cada um dos parceiros sente pela manutenção dessa mesma união.

No entender de Shorter, para compreendermos a família contemporânea, *"temos de ter apenas em mente dois processos simples: a retirada quase completa do casal da vida comunitária rotineira e o correspondente reforçar dos seus laços com os pais e familiares chegados. À medida que as ocasiões em que a família conjugal se reunia com vizinhos e amigos caíam em desuso, o grupo dos parentes foi ganhando uma nova importância."*[46] Os parentes são encarados como amigos e o convívio com eles deriva desse sentimento que os une, sem que a família nuclear deva recear que esse contacto ponha, de algum modo, em causa a sua desintegração. Trata-se, pois, de um relacionamento que não rivaliza com ela. Pelo contrário, amplia e complementa a estrutura exclusivista da família conjugal.

---

[43] Idem, *Ibidem*, p. 133.
[44] Giddens considera que "o que mantém a relação pura é a aceitação por parte de cada parceiro de que, "até prova em contrário", cada um tem suficiente proveito na relação para que ela valha a pena", in Transformações da..., op. cit., p. 42.
[45] Segundo Giddens "na relação pura, a confiança não tem suportes exteriores e tem de ser desenvolvida com base na intimidade. A confiança é uma forma de fé no outro e também na capacidade de estabelecerem laços mútuos para suportarem futuros traumas, o que é mais do que uma mera questão de boa-fé, por mais problemático que isso seja. Confiar no outro é também apostar na sua capacidade para agir com integridade.", in Transformações da..., op. cit., p. 96.
[46] Vd. Edward Shorter, *A Formação..., op. cit.*, p. 251.

Como Anália Torres menciona, *"cada vez mais a família é valorizada no quadro da vida individual, como fonte de gratificação e bem-estar afectivo e não tanto como prestadora de serviços ou como unidade de produção de bens económicos."*[47] Pelas palavras de Shorter, *"os esposos e os filhos passaram a ser apreciados pelo que eram e não por aquilo que representavam ou eram capazes de fazer."*[48]

Estamos, assim, em contextos de modernidade, perante a *"democratização da vida pessoal"*, a qual se estende às relações de amizade e, de forma crucial, *"às relações entre pais, filhos e outros parentes"*.[49]

Edward Shorter sugere que "*foi um surto de sentimento em três áreas diferentes que ajudou a desalojar a família tradicional":* o namoro (*"o amor romântico*[50] *destronou as considerações materiais no que se refere a reunir o casal"); a* relação mãe-filho *("conquanto sempre tenha existido um afecto residual entre mãe e filho – produto de um elo biológico – verificou-se uma mudança na prioridade que o bebé ocupava na hierarquia racional de valores da mãe"*); *e* a linha limítrofe entre a família e a comunidade circundante.[51] Ainda segundo este autor, na sociedade tradicional, o sentido de solidariedade comunitária acarretava aspectos importantes como uma preferência pela autoridade por oposição à escolha individual livre e a preferência ao costume sobre a espontaneidade e a criatividade. *"A modernização acarretou a dissolução desta ordem tradicional estruturada, imutável e compacta"*, sem que esteja *"bem definido onde e quando se elaboraram estas novas regras"*, sabe-se, no entanto, que *"tudo isto não aconteceu ao mesmo tempo em toda a parte: a Inglaterra meridional começou a afectar o mundo moderno dois séculos antes em relação ao interior da Grã-Bretanha, para citar dois casos extremos."*[52]

[47] Vd. Anália Cardoso Torres, *op. cit.*, p. 36.
[48] Vd. Edward Shorter, *A Formação..., op. cit.*, p. 11.
[49] Vd. Anthony Giddens, *Transformações da..., op. cit.*, Oeiras, Celta, p. 128.
[50] Shorter define "amor romântico como a capacidade de espontaneidade e empatia numa relação erótica" e esta "empatia, a capacidade de uma pessoa se colocar no lugar de outra, conta porque representa o rompimento dos papéis desempenhados pelos sexos.", vd. Edward Shorter, A Formação..., op. cit., pp. 22 e 23.
[51] Vd. Edward Shorter, *A Formação..., op. cit.*, p. 9 e 10.
[52] Idem, *Ibidem*, pp.25 a 28.

1.6. As novas esferas da vida pessoal e o processo de individualização na sua relação com as transformações económicas

"A experiência própria de "não se sentir isolado" ou de "não sentir-se alienado" é tão moderna quanto a experiência do isolamento e da alienação."[53]

Uma das principais dimensões institucionais da modernidade é o capitalismo, representando o processo de acumulação capitalista uma das principais forças impulsionadoras das instituições modernas.

Na opinião de Giddens, *"o capitalismo mercadoriza em vários sentidos"* ao afectar a força de trabalho que passa a surgir enquanto mercadoria e ao procurar moldar os processos de consumo; *"a mercadorização influencia o projecto do* self *e o estabelecimento de estilos de vida"*[54].

Os mercados capitalistas promovem o individualismo, começando pelo emprego e chegando à esfera do consumo. É a acção reflexiva que faz com que cada indivíduo reaja às influências mercadorizadoras, discriminando entre tipos de informação disponível e interpretando-a nos seus próprios termos.

A substituição de uma economia tradicional por uma economia de mercado influenciou significativamente os valores e os comportamentos. Esta passagem de uma economia para outra dá-se concomitantemente com o incremento do individualismo e do afecto.

No início do século XIX, na Europa ocidental, competia-se por salários e lucros num contexto de mercado livre, que tinha uma dimensão muito superior à das economias tradicionais, que se restringiam a um raio que ultrapassaria pouco o da própria comunidade. Para além disso, os expressivos aumentos de produtividade verificados fizeram subir os salários reais, melhorando, deste modo, o nível de vida material.

É, ainda, de realçar uma outra consequência do capitalismo: tornou-se imprescindível recrutar pessoas para o proletariado industrial em clara ascensão, o

[53] Vd. Zigmunt Bauman, "Modernidade e Ambivalência", in Mike Featherstone (org.), *Cultura Global. Nacionalismo, Globalização e Modernidade*, p. 181.
[54] Vd. Anthony Giddens, *Modernidade...., op. cit.*, p. 181.

qual se foi distanciando, em termos culturais e materiais, das populações tradicionais circundantes.

O mercado livre incita todos os que nele estão envolvidos a serem competitivos, a serem melhores que os outros. Este pensamento individualista acaba por não se circunscrever exclusivamente ao campo económico. Estende a sua influência a todos os domínios da vida, como é o caso da relação que o indivíduo tem com a sua comunidade. Esta apreensão de novas formas de pensar, sentir e agir no mercado capitalista são transferidas para a comunidade, para a família e para a linhagem (repartiram-se terras comuns, campos cultivados colectivamente foram fragmentados em parcelas individuais, tal como rebanhos foram repartidos). A realização pessoal toma a dianteira dos interesses individuais, relegando para segundo plano a comunidade e os seus modelos. São os desejos e prazeres pessoais que movem cada um dos indivíduos. As regras do mercado capitalista que são individualistas alastram a todos os aspectos da vida e das atitudes das pessoas, tornando a gratificação individual o mais importante para cada um, o que não é compatível com a aceitação dos valores comunitários tradicionais de altruísmo e abdicação.

Como Shorter menciona, *"a retirada da família nuclear para o agasalho do círculo do lar deu-se, não só porque noções de egoísmo e individualismo haviam dado à gratificação pessoal prioridade sobre a submissão à comunidade, mas também porque essas comunidades eram cada vez menos capazes de atrair os indivíduos para fora do lar e manter a sua submissão."*[55]

Ainda, segundo este autor: *"para a gente jovem da Europa dos finais do século XVIII, o desejo sexual e emocional de ser livre veio do mercado capitalista."*[56] O capitalismo exerceu a sua influência no amor romântico através do envolvimento na força de trabalho do mercado. É que o individualismo económico conduz a um certo egoísmo noutras esferas da vida, espelhado pela importância que é atribuída à gratificação pessoal em detrimento do bem-estar comum. O desejo de liberdade referido pode ter contribuído para o crescimento de filhos ilegítimos que as

[55] Vd. Edward Shorter, *A Formação..., op. cit.*, p. 285.
[56] Vd. Idem, *Ibidem*, p. 272.

estatísticas demonstram ter existido, nesta altura. A aspiração de ser livre parece ter sido mais notória nas mulheres, o que lhes era facilitado através do trabalho remunerado pelo qual podiam optar, tornando-se economicamente independentes e, consequentemente, ignorando as advertências e restrições por parte dos pais, do pároco e dos responsáveis municipais.

Capitalismo e amor materno também podem estar relacionados, na medida em que o crescimento económico permitiu às mães dedicarem mais tempo aos seus filhos, uma vez que a ajuda dada ao marido deixava de ser necessária a partir do momento em que havia capacidade financeira para contratar empregados. É verdade que esta realidade concorreu para uma maior definição da divisão sexual do trabalho (apesar de menos segregados). Neste período assiste-se, assim, por parte da mulher, a um afastamento da produção e a uma maior dedicação aos cuidados maternais.

Esta nova atitude maternal e consequente alteração nas práticas de puericultura começou pela classe média, a qual viu mais cedo os seus rendimentos crescerem e só posteriormente se vai alargando aos proletários.

Todas estas mudanças são realizadas com ritmos diversos consoante o território (urbano / rural) e a classe social. Há cruzamentos e coexistências.

Capítulo 2.

Processos de Recomposição das Estruturas Familiares

Um olhar pelas estruturas familiares permite ter uma noção mais clara do contexto *meso* em que vivem as mulheres escutadas nesta investigação. Olhar para a família é também olhar para a comunidade, dado que as mudanças que se vão operando na primeira implicam alterações na segunda. Enquanto na sociedade tradicional a família e a comunidade quase se confundiam, na modernidade actual a tendência é para que o fosso seja cada vez maior. A vigilância colectiva não permitia a privacidade do lar, que é, actualmente, cada vez mais, local de partilha de afectos e de tarefas.

Os laços familiares baseados na relação afectiva e, cada vez menos, na relação de subordinação unem os seus membros de um modo completamente diferente do de outrora. O aumento do divórcio é uma das consequências deste significado diferente atribuído à família, nomeadamente ao casamento. Também a descoberta que a mulher faz de outros interesses não directamente ligados ao lar, em especial o trabalho fora de casa, que lhe permite auferir uma remuneração que a torna autónoma financeiramente, torna menos difícil a sua decisão de ruptura conjugal (para além de lhe ser atribuído um papel mais influente na família).

Em Portugal, estas transformações começam a ser mais visíveis a partir da década de 60, o que se reflecte, por exemplo, em agregados domésticos cada vez menos numerosos, aumento do número de "pessoas sós" e de "casais sem filhos". Caminha-se para uma diversidade cada vez maior de estruturas familiares, em que predominam as famílias simples conjugais.

Relativamente aos outros países da União Europeia, Portugal tem, a este nível, várias especificidades: casa-se mais, nascem menos crianças fora do casamento, a coabitação é menos comum, o número de divórcios não é tão elevado, e os

indivíduos que "vivem sós" não têm grande expressão, ao contrário dos que vivem em agregados domésticos de famílias complexas ou que coabitam sem núcleo familiar.

A pluralidade das formas de organização familiar está relacionada com diversos factores como os meios territoriais, sociais e culturais em que a família se insere, embora seja inegável que o modo de encarar e de viver em família tenha mudado.

O casamento tem vindo a ser encarado como um projecto e é cada vez menos frequente, embora se verifiquem alguns contrastes entre diferentes regiões. A idade média da celebração do matrimónio é cada vez mais tardia e a dimensão institucional vai sendo desvalorizada. Esta visão diferente do casamento contribui para o aumento do divórcio, mas também para o crescimento dos casamentos de divorciados.

Também a atitude perante a criança mudou radicalmente. De seres votados à indiferença materna, como acontecia na sociedade tradicional, as crianças passam a ter um estatuto de protegidos, sendo cada vez mais valorizado o investimento na sua formação e nos seus percursos escolares.

2.1. Pluralidade de formas familiares

"A história da família é a narrativa de uma mudança na relação entre a família nuclear e a comunidade circundante"[57]

Antigamente, os lares eram estruturas complexas, onde um número muito mais significativo de pessoas acabava por perturbar a vida íntima, em quantidade bem superior à actualidade. A privacidade era, naturalmente, menor nas classes mais baixas, uma vez que a "*utilização do espaço se limitava a reflectir o facto de os ricos terem mais espaço do que os pobres – não se pode compartimentar mais ainda alojamentos que são, à partida, minúsculos.*"[58]

[57] Vd. Idem, *ibidem*, p. 52.
[58] Vd. Idem, *ibidem*, p. 46.

Aliás, como muito bem refere Edward Shorter, *"um dos aspectos históricos da estrutura do lar é a esfera que possibilitava a privacidade sexual e a intimidade emocional."*[59]

Efectivamente, na Europa tradicional, o facto dos membros da família receberem constantemente solicitações por parte dos grupos[60] da comunidade, tornava quase impossível que a família se constituísse como uma unidade emocional. Estes grupos tornavam-se exigentes em termos de disponibilidade de tempo e de prioridade concedida, o que limitava a capacidade da família se estabelecer como núcleo de privacidade e de solidariedade. Ao casar, as pessoas passavam a pertencer a outras organizações, embora fossem igualmente grupos que interferiam de forma intensa na unidade familiar, competindo mesmo com ela.

A prova de que, na comunidade tradicional, a linha que separava a família conjugal da comunidade circundante estava muito pouco definida é o conjunto dos três grandes momentos da vida de cada um: o nascimento, o casamento e a morte. Efectivamente, nestas ocasiões, a colectividade impunha a sua presença, ao afastar os indivíduos da sua família e "forçando-os" a compartilhar os momentos mais significativos das suas vidas com um grupo tão mais amplo de interacção social.

Mesmo se se comparar o tempo dispensado à família e à comunidade, facilmente se compreende que existe uma grande distância entre o que se passava na Europa tradicional e na Europa dos tempos modernos. É que cada membro da família passava, de facto, muito tempo fora de casa com os referidos grupos de iguais.

Esta presença tão forte da comunidade dava azo a que a sua interferência no que se passava "dentro de portas" das famílias fosse avassaladora. Os conceitos de privacidade e de intimidade do círculo familiar eram quase inexistentes, uma vez que o indivíduo se encontrava sob constante vigilância colectiva, podendo vir a ser penalizado se o seu comportamento não fosse concordante com o que a comunidade entendia dever ser a conduta de cada um.

---

[59] Vd. Idem, *ibidem*, p. 50.
[60] Edward Shorter refere-se a estes grupos como *"grupos de iguais"* que, segundo este autor, se encontravam organizados por idade e por sexo, sendo mais perceptíveis as organizações de jovens do sexo masculino. Vd. Idem, *ibidem*, p. 222.

Com a modernidade, ocorre a ascensão da família nuclear que, como refere Shorter, *"é mais um estado de espírito do que um género particular de estrutura ou conjunto de disposições familiares. (...) Os seus membros acham que têm muito mais em comum uns com os outros do que com qualquer outra pessoa de fora – que gozam de um clima emocional privilegiado que têm de proteger a intrusão do exterior, através da privacidade e do isolamento."*[61]

A família contemporânea constitui uma unidade que liga o marido e a mulher e, cada vez mais, os filhos. O lar passa a ser o local onde se encontra a partilha de afecto e de tarefas, sendo o companheirismo o substituto da relação de subordinação. Edward Shorter é de opinião que a fronteira entre a família tradicional e a família moderna é a *"domesticidade"* que não é mais que a consciência que a própria família tem de si mesma, enquanto unidade que deve ser preservada em privacidade e isolamento das influências do exterior. Deste modo, o "amor romântico" teria levado ao afecto e deixado de autorizar o controlo sexual, o "amor materno" teria distanciado a mulher do excessivo envolvimento com a vida comunitária e, finalmente, a "domesticidade" teria sido o último "passo" no sentido do afastamento da família relativamente à comunidade.

Este autor aponta para três aspectos diferentes na vida familiar que evoluem em direcções sem qualquer precedente, pelo menos nos últimos três séculos da história ocidental.[62]

O primeiro diz respeito ao corte das linhas que conduzem da geração mais jovem à mais velha (a indiferença dos adolescentes em relação à identidade da família e àquilo que ela representa, o que se percebe pela falta de continuidade de valores de uma geração para outra). De facto, a socialização dos jovens (que cada vez se afastam mais do círculo familiar) é, em grande parte, efectuada pelos grupos com que estes convivem, remetendo frequentemente os valores transmitidos pelos seus pais para segundo plano, perante os quais adoptam uma postura que não é tanto de rejeição mas mais de indiferença. Assim, o papel de educadores, anteriormente assumido pelos pais, encontra-se cada vez menos marcante, sendo transferido para

[61] Vd. Idem, *ibidem*, p. 220.
[62] Vd. Idem, *ibidem*, p. 287.

os grupos a que as crianças e jovens se vão ligando. Esta realidade tem repercussões no sentido atribuído à família: os pais começam a ser vistos como amigos, com os quais os filhos mantêm uma relação afectiva e não funcional, dado deixarem de ser os representantes de uma linhagem.

Um segundo aspecto refere-se à instabilidade do casal, o que se revela pela subida significativa das taxas de divórcio, sobretudo desde a década de 60. O casamento já não assegura que o casal passe a vida inteira ao lado do seu parceiro. No entanto, esta situação não representa o acabar desta instituição, o seu significado é que é muito diferente daquele que lhe era atribuído tradicionalmente.

Por último, o aspecto da demolição da *"noção de ninho"* da vida familiar nuclear, uma vez que a mulher começa a descobrir outros interesses que não estão definitivamente associados ao lar, ao se dar conta de que a total dedicação aos seus filhos, sem qualquer outra forma de realização pessoal, não é suficientemente gratificante, sobretudo quando toma consciência de que rapidamente estes, quando atingem a adolescência, afastam-se do "ninho" para se aproximarem de outros grupos, com os quais se sentem mais identificados. A independência económica alcançada pela mulher, através da remuneração auferida ao trabalhar fora de casa permite-lhe, por um lado, ser mais influente no círculo familiar e ter um maior sentido de autonomia pessoal, e, por outro lado, rejeitar com menos dificuldade a manutenção de uma união indesejada.

Em Portugal, especialmente desde a década de 70 a família regista alterações profundas. Segundo a leitura de Ana Nunes de Almeida *et al*, e comparando os anos 60 com os 90, ressaltam cinco traços na caracterização dos agregados domésticos: *"queda acentuada e recente das famílias numerosas com mais de cinco pessoas, descida acentuada mas não brutal da dimensão média do agregado doméstico, ligeira subida da proporção das «pessoas sós» e dos «casais sem filhos», predomínio tanto no passado como no presente das famílias simples (casais sem e com filhos, núcleos de mãe/pai com filhos), descida muito pequena das famílias*

complexas (famílias simples alargadas por outras pessoas ou várias famílias simples).[63]

Ainda segundo estas autoras, a família portuguesa, da década de 60 até aos nossos dias, teve um duplo movimento. Um primeiro que denominam como *"familialismo renovado"*, de níveis elevados de nupcialidade, menor número de celibato definitivo, rejuvenescimento da idade média no casamento, menos crianças nascidas fora do casamento e, consequentemente, nas famílias simples, menor número de mães sozinhas com filhos ilegítimos e um aumento dos casais com ou sem filhos. Esta mudança no cenário da vida tradicional, caracterizada pela *"conjugalização"* da vida familiar, foi possível dada a melhoria das condições de vida e de oportunidades de emprego para além da agricultura. O segundo movimento que designam por *"modernização"* para valores e práticas diferentes (por exemplo, o valor da igualdade entre os elementos do casal, novos valores da educação, incremento dos métodos contraceptivos, maior valorização do indivíduo e menor subordinação do casal à família mais alargada) variou segundo os contextos, tendo sido para uns mais tardios ou / e mais intensos que para outros. Os agregados familiares, inseridos neste novo cenário têm um significado diferente, ainda que possam ter uma estrutura semelhante à tradicional. O caso das famílias monoparentais é bem ilustrativo do que se acaba de afirmar: ser mãe ou pai sozinho com filhos significa, normalmente, ser divorciada/o e não viúva/o ou solteira/o.

Estas sociólogas portuguesas referem, em resumo, que *"verifica-se uma pluralidade de formas familiares tanto no passado como presente. Constata-se também (...) o predomínio das famílias simples conjugais com ou sem filhos e uma proporção pouco elevada mas significativa, nos dois contextos, de famílias monoparentais e de famílias complexas. Os significados e as estratégias que levam à construção destes cenários domésticos não são, no entanto, sempre os mesmos. No palco estão hoje pessoas a viver mais tempo, a casar e a recasar, a ter menos filhos e a tentar*

[63] Vd. Ana Nunes de Almeida *et al.*, «Relações Familiares: Mudança e Diversidade» *in Portugal, que Modernidade*, Oeiras, Celta Editora, 1998, p. 50.

planeá-los, a optar por uma vida doméstica a sós ou com pessoas aparentadas de outra geração, sem que isso signifique abdicar do seu projecto conjugal."[64]

Apesar de se verificarem algumas disparidades em diferentes regiões, nos modos de encarar e de estar da família, a realidade actual é definitivamente diferente daquela que se vislumbrava há três décadas atrás.

O processo português de mudanças na família mantém, no entanto, alguma distância relativamente aos restantes países da União Europeia. Efectivamente, também nesta dinâmica, o nosso país apresenta especificidades que nos distinguem, não só pelo facto de termos "evoluído" mais tardiamente, como pelos resultados dessa transformação. Concretizando, a percentagem de casamentos é mais elevada e é mais baixa a dos nascimentos fora do casamento, a coabitação está menos vulgarizada, a taxa de divórcios encontra-se entre os valores das taxas da Europa do Norte a as da Europa do Sul, é modesto o número de indivíduos que vivem como "pessoas sós" e significativo o de pessoas que habitam em agregados domésticos de famílias complexas ou que coabitam sem núcleo familiar. Ana Nunes de Almeida *et al* são de opinião que *"estes dados mostram que a especificidade das estruturas familiares portuguesas, no contexto europeu, se define, ainda hoje, por uma maior aproximação à instituição familiar nas suas facetas formal e familialista"*.[65]

A diversidade das formas familiares está, também, muito relacionada com os meios sociais em que esta se insere, motivo pelo qual é importante fazer alusão a alguns dos estudos efectuados pelos fundadores da sociologia da família em Portugal. É que, como refere Ana Nunes de Almeida *et al*, *"o estudo das relações entre famílias e* meios sociais, estratégias familiares e contextos sociais de pertença *do grupo doméstico desempenhou e desempenha, na produção científica da sociologia da família portuguesa, um lugar crucial."* Esta perspectiva *"privilegia um olhar de fora e na direcção das formas e estruturas, das posições e estratégias encaixadas no tecido social envolvente"* e, ainda *"a atenção prestada à especificidade deste tecido*

[64] Vd. Ana Nunes de Almeida *et al.*, «Relações Familiares...» *art. cit.*, p.54.
[65] Vd. Idem, *ibidem*, p. 57.

e ao tempo histórico em que a família se situa beneficia também a visibilidade da sua diversidade".[66]

Assim, encontramos, por exemplo, no estudo de famílias e mulheres de classes populares de origem rural residentes em *bairros de barracas* (em Oeiras), efectuado por Ana Nunes de Almeida, uma realidade que aponta para a manutenção do modelo normativo tradicional de divisão das tarefas conjugais e para a assimetria de distribuição de poderes que nem as mudanças consideráveis nas suas vidas, devido à migração para um meio urbano e ao ingresso em profissões desqualificadas dos sectores secundário e terciário, fazem alterar. As formas de poder, no interior do casal, coexistem mas são distintas: no caso do homem, o poder é reconhecido, no caso da mulher, trata-se de um poder adquirido.

Maria da Dores Guerreiro efectuou um estudo em Alfama, meio intimamente marcado por práticas sociais e culturais ligadas às actividades do porto lisboeta, que igualmente se justifica destacar. Também, neste caso, a autora deparou-se com cenários familiares de grande rigidez ao nível do sistema de autoridade e de enorme demarcação de papéis conjugais. Esta socióloga verificou que, apesar disso, a par desta situação, encontra-se na mulher alguém que contribui de forma significativa para o orçamento familiar e que (para conseguir ultrapassar as suas dificuldades do quotidiano) cria fortes redes de entreajuda com as outras mulheres da mesma família, o que resulta num expressivo *"poder de influência"*.

Num estudo realizado por Karin Wall, na sociedade rural do Baixo Minho, também é destacada a diversidade das formas de organização familiar e das trajectórias de vida, desmistificando a ideia da família rural, alargada, patriarcal e auto-suficiente. Os *camponeses pobres*, por exemplo, demonstram uma estrutura doméstica onde é sobrevalorizado o casal e uma nova residência com o acto do casamento. É, igualmente, interessante o caso dos *proletários agrícolas* uma vez que se encontram sobrerrepresentadas as famílias monoparentais maternas e as pessoas sós.

[66] Vd. Idem, *ibidem*, p. 66.

2.2. O casamento como projecto

"Sendo o amor o único cimento que mantém o casal unido, a família dissolver-se-á logo que ele desapareça." [67]

Na sociedade tradicional, embora pudessem existir variantes em termos de ausência de amor conjugal, ao nível do estrato social e, talvez mesmo, diferenças entre o meio urbano e o meio rural, *"os rituais da vida quotidiana santificavam a subordinação da mulher ao marido. Ficamos a saber alguma coisa de modelos de interacção mais profundos observando como se comportam as pessoas à mesa, por exemplo. Entre os camponeses da França tradicional, a mulher não se reunia ao marido às refeições."*[68]

Em Portugal, a taxa de nupcialidade que subiu regularmente desde a década de 60 até meados da década de 70, desce acentuadamente até à actualidade. Apesar de uma muito ligeira subida entre 1997 e 1999, verifica-se que em 2003 a taxa era de 5,1‰ para uma taxa de 7,2‰ em 1990, ou seja em apenas 13 anos desceu quase dois por mil. É também desde as décadas de 60 e 70 (sobretudo desde a década de 70) que os casamentos civis têm aumentado em grande escala, bem como as crianças nascidas fora dos casamentos – pais que não estão casados (normalmente aqueles que adoptam modos alternativos de conjugalidade: as "uniões de facto", relações temporárias com habitação ou uma relação sem coabitação).

Verificam-se, entretanto, alguns contrastes entre diferentes regiões do mesmo país. Assim, encontramos no Norte, taxas elevadas de casamentos católicos (73,7% para uma média nacional de 62,3%), de famílias com uma dimensão média mais elevada e taxas mais baixas de nascimentos fora do casamento (16,2% para uma média nacional de 25,5%), enquanto no Sul as estatísticas apontam para taxas elevadas de casamentos civis e de divórcios (3,5% em Lisboa; 3,2% no Algarve para uma média portuguesa de 2,7%), dimensão média das famílias mais baixa e uma percentagem mais alta de nascimentos fora do casamento (38% em Lisboa, 31% no Alentejo e 42,4% no Algarve). As disparidades são, também, visíveis quando

[67] Vd. Edward Shorter, *A Formação..., op. cit.*, p. 13.
[68] Vd. Idem, *ibidem*, p. 68.

comparamos a Grande Lisboa com o restante país, os meios urbanos do litoral com os meios rurais do interior.

Também a idade média do primeiro casamento (sempre mais elevada para os homens), que havia baixado nas décadas de 70 e de 80, torna a subir até à actualidade, o que se explica, sobretudo, com o período mais prolongado de formação escolar e o ingresso mais tardio na vida activa.

A variação destes indicadores demográficos, referentes ao casamento (devendo a estes juntar-se-lhes os alusivos ao divórcio), espelha bem as mudanças de valores e de práticas relativas à vida familiar, tanto em Portugal como nos outros países do Ocidente.

De acordo com *Ana Nunes de Almeida et al,*[69] quanto à temática do casamento, várias conclusões devem ser retiradas. Assim, ao nível das representações, identificam-se alguns traços dominantes, destacando-se, genericamente, (i) uma imagem do casamento *laica*, (ii) uma visão *fusional*; e, uma (iii) representação *institucional*.

A imagem *laica* do casamento realça os aspectos *intrínsecos* da relação conjugal em detrimento da perspectiva sacramental (associada à indissolubilidade do laço) e institucional, prevendo a igualdade e a *simetria de estatutos* para os membros do casal.[70] Esta visão do casamento não tem uma correlação directa com a prática da escolha do casamento religioso. Na realidade, mesmo quem tem esta visão do casamento, acaba por optar (ou pretende) celebrar um matrimónio religioso, por motivos, essencialmente, ritualistas. Esta situação denota uma descoincidência entre representações e práticas.

As diferentes formas de encarar o casamento correlacionam-se com o modo como é visto o divórcio. No tipo de conjugalidade *associativa*, que corresponde a uma forma moderna de casamento, pode vir a acontecer um divórcio do tipo *desencontro*. O facto de um ou os dois membros do casal não sentirem que a relação conjugal lhes permite viver bem, é motivo para dissolver o casamento, o que é mais frequente

[69] Vd. Ana Nunes de Almeida *et al.*, «Relações Familiares...» *art. cit.*, pp. 67-71.
[70] É a forma como decorre a vida do casal que define a sua manutenção ou dissolução. Os factores externos, tradicionalmente valorizados deixam de pesar na decisão.

acontecer entre quadros superiores e médios, profissionais liberais e empregados, com idades inferiores a 45 anos.

Entre as mulheres jovens de profissões menos qualificadas, como por exemplo as operárias, o modelo conjugal mais frequente é o *fusional.* O casamento implica um conjunto de deveres e obrigações, o que frequentemente, significa "sacrifícios". O divórcio pode justificar-se quando um dos elementos não cumpre as suas responsabilidades, pelo que é explicado como *culpa do outro.*

Por fim, a conjugalidade institucional é aquela que mais se verifica entre as mulheres com cerca de 50 anos, cuja identidade pessoal e social é indistinta de serem esposas e mães. Aqui o divórcio é uma *fatalidade* que só o destino pode explicar.

Assim, o divórcio para além de estar correlacionado com o modo como é encarado o casamento, não é praticado com a mesma frequência nas diferentes regiões portuguesas, nem pelos diferentes estratos socioprofissionais e nem por aqueles que detêm os mesmos níveis de instrução. Na realidade, o que se verifica, é que o divórcio é mais frequente nos meios de maior urbanidade e que são os profissionais liberais, os quadros superiores e médios e quem tem mais elevados níveis de instrução, os que mais optam pela dissolução do casamento.

Mesmo desvalorizando a dimensão institucional do casamento, os jovens portugueses vivem menos situações de *união de facto* do que os casais da maior parte dos restantes países ocidentais. A persistência da formalização do casamento parece, então, não se explicar por uma questão de *princípio*, mas poder ser parcialmente justificada pela associação da união de facto à falta de protecção, reconhecimento e dignificação, pela pressão familiar, pela necessidade da aceitação por parte dos outros, enfim, pela cedência às pressões sociais.

Uma forma crescente de casamento começa a ser o matrimónio entre divorciados. Frequentemente, os membros deste novo matrimónio já têm filhos do anterior casamento, pelo que constituem, com o novo enlace, uma família recomposta, tornando-se quer padrastos quer madrastas dos filhos dos novos cônjuges.

Só muito tardiamente os analistas sociais começaram a interessar-se por esta temática. Foi necessário chegar às décadas de 60 e de 70, quando se verificou um aumento muito significativo destas relações conjugais, para que o tema começasse a ter o destaque que lhe era devido. No entanto, nesta altura, ainda era tido como uma união *desviante* que prejudicava as crianças, de uma forma geral, no seu comportamento e, em particular, no seu sucesso escolar.

Nas décadas seguintes (80 e 90), com a vulgarização cada vez mais significativa do divórcio, a visão do impacto da coabitação de padrastos e enteados é revista e percebe-se que não influencia necessariamente o comportamento das crianças. Começam a ser designadas como *famílias reconstituídas* ou *famílias recompostas*, o que lhes confere visibilidade jurídica e mesmo social.

O divórcio deixa de representar um *fim* e passa, muitas vezes, a ser encarado como uma *transição* num processo que é dinâmico, pois, muitas vezes, é uma *etapa* para o recasamento. O espaço das crianças é diferente do espaço em que viviam tradicionalmente. É que, deste modo, é habitual a sua *deslocação* por mais de uma casa (as casas da rede familiar alargada): a do pai e a da mãe... e quantas vezes, a do pai do irmã(o), a da mãe do irmã(o)...

As dinâmicas de recomposição nestas famílias dependem, em grande medida, do relacionamento que os ex-cônjuges mantêm. Ana Nunes de Almeida *et* al, referem um estudo efectuado em Portugal, em que se tinha como ponto de partida a identificação de duas lógicas: a da perenidade e a da substituição. A estratégia da perenidade manifestava-se segundo três subestratégias: a conflitual, a formal e a informal.

A estratégia conflitual é aquela em que, embora os conflitos possam vir a esmorecer com o crescimento dos filhos, a discórdia e o choque são uma constante entre os ex-cônjuges, quer antes, quer depois da constituição da nova família. É frequente entre a pequena burguesia e a burguesia empresarial e proprietária com um nível de escolaridade que, no máximo, corresponde a um curso médio e é a que mais se assemelha à lógica de substituição.

Com a estratégia de perenidade formal procura-se manter o relacionamento entre pais e filhos biológicos, tendo como pano de fundo o que está definido em relação

ao poder paternal. Estes grupos domésticos situam-se na burguesia empresarial e proprietária (sem habilitações académicas superiores) e na pequena burguesia de execução. Regra geral, estes primeiros casamentos tiveram uma duração curta ou média (de seis a onze anos), ou seja inferior aos que adoptam a estratégia conflitual.

Por último, a estratégia de perenidade informal corresponde a um modelo em que as relações pós-divórcio são definidas pelos seus intervenientes (independentemente do que está definido por lei), as quais procuram, mesmo depois do segundo casamento, manter laços de amizade, sendo frequente as crianças estarem numa e noutra casa, consoante for mais conveniente para todos. Este tipo de estratégia está subjacente à burguesia dirigente, intelectual e científica.

2.3. A nova atitude perante a criança

"Ser uma boa mãe é uma invenção da modernização"[71]

A sociedade tradicional era caracterizada pela indiferença materna para com os bebés. Philippe Ariès, grande historiador da infância e da adolescência, conclui que as crianças eram consideradas, na Idade Média, criaturas aparte das outras pessoas.

Até ao início do século XIX, a indiferença dos pais pelos seus filhos continuava implantada em todas as comunidades e em todos os estratos sociais. As crianças eram mal tratadas nas rotinas diárias e brutalizadas por acessos violentos por parte dos pais. Eram negligenciadas, sofriam e, muitas acabavam, mesmo, por não sobreviver.

Se pensarmos na frequência com que os pais abandonavam os próprios filhos, mesmo os legítimos, à porta de uma instituição de caridade, a qual acabaria por entregar as crianças a uma ama mercenária para as criar, temos um retrato muito claro do que representavam os bebés naquela época. A probabilidade destes meninos falecerem, era elevadíssima. No entanto, as crianças que mais sofriam

[71] Vd. Edward Shorter, *A Formação...*, *op. cit.*, p. 183.

eram aquelas que eram filhas de mães divorciadas que, uma grande parte das vezes, pura e simplesmente, os abandonavam à sua sorte.

Esta prática de entrega dos bebés a amas mercenárias, acto que era cumprido imediatamente após o baptismo, não é um hábito das classes pobres, mas é algo de transversal a todos os segmentos de classes. Normalmente estas amas viviam em lugares muito distantes, pelo que se a criança sobrevivesse a esta viagem até à cabana aldeã (onde se encontraria a ama) lá viveria os dois anos seguintes. É importante referir, como chama a atenção Shorter, que *"este costume de alojar bebés legítimos não deve ser confundido com o arranjar uma ama para ficar no lar e amamentar o bebé sob o olhar vigilante da mãe. É preciso igualmente distingui-lo da alimentação a biberão – dar ao bebé papa, leite animal ou uma mistura em lugar de um regime puro de leite materno".*[72]

Estas amas eram trabalhadoras agrícolas, camponesas marginais e, por vezes, mães solteiras (por opção, por forma a terem leite para poderem oferecer os seus serviços) que viviam em casebres rurais, sem quaisquer condições de higiene, para acolher crianças. As más condições de habitação e a sujidade destas habitações explicam muitas das mortes dos bebés que, nestas circunstâncias, não resistiam. Outra das causas da elevada taxa de morte destes bebés era a sua alimentação. Frequentemente, acontecia que mesmo as amas que amamentavam não tinham leite suficiente para todas as crianças que tinham a seu cargo. Assim, só depois de darem de mamar aos seus próprios filhos (quando não os tinham abandonado), alimentavam os outros bebés. No entanto, como o leite já não era suficiente, complementavam a alimentação com comida que nuns casos era leite de vaca ou de cabra, mas noutros, tratava-se de uma papa feita de farinha, água e açúcar. Evidentemente, estas crianças ficavam mal nutridas (com excesso de amidos e com deficiências de proteínas e vitaminas) e privadas de imunidades.

"É, pois, claro (e por certo o era para as pessoas da época) que entregar um filho a uma ama mercenária aumentava apreciavelmente as probabilidades de os pais o não voltarem a ver".[73] No século XVIII, estas mulheres que se encarregavam de

[72] Vd Idem, *Ibidem*, p. 190
[73] Vd Idem, *Ibidem*, p. 197.

tomar conta dos filhos de outros seriam, habitualmente, indiferentes ao conforto dos bebés. As crianças não se distinguiam de qualquer outro tipo de mercadoria. À semelhança de qualquer comerciante, a ideia era a de maximizar os lucros.

Como interpretar esta atitude das mulheres em relação aos seus filhos? Evidentemente, que é necessário analisar o seu comportamento à luz daquela época. Assim, esta falta de sentido maternal devia-se às pressões comunitárias e às circunstanciais materiais que levavam a que o bem-estar dos bebés fosse legado para segundo plano, perante as prioritárias tarefas da herdade ou da tecelagem.

Como Shorter menciona, *"pelos finais do século XVIII, os pais sabiam, pelo menos de uma maneira abstracta, que deixar os recém-nascidos a cozer no meio dos próprios excrementos ou dar-lhes papa a partir do segundo mês eram práticas nocivas. Pois a rede de pessoal médico da Europa tinha-se já ampliado o bastante para ter as mães interessadas ao alcance de conselhos avisados. A questão é que essas mães não se* preocupavam *e era por isso que os seus filhos desapareciam na pavorosa matança dos inocentes que era a puericultura tradicional. O costume e a tradição e a emotividade imobilizada da vida no* Ancient-Régime *aferravam-se com força mortal. Quando o surto de sentimento despedaçou esta mão férrea, a mortalidade infantil caiu e a ternura maternal tornou-se parte do mundo que tão bem conhecemos."*[74]

Os pais passaram a ser capazes de se colocar no lugar das crianças, de tornar a sua vida tão agradável quanto possível. Este amor maternal[75] permitiu à família uma nova base emocional e, de algum modo, contribuiu para que esta se afastasse da vida comunitária e respectivas pressões.

Curiosamente, as únicas mães que nunca recorreram de forma significativa às amas tradicionais nem aceitaram amamentar outras crianças que não os próprios filhos, foram as trabalhadoras fabris. Neste aspecto, estas mulheres demonstram ser as percursoras da modernização. Ainda que pudessem contratar amas durante o período em que se encontravam nas fábricas ou alimentassem os seus bebés a biberão, não permitiam que os seus filhos se afastassem por períodos longos.

[74] Vd Idem, *Ibidem*, p. 220.
[75] Nas palavras de Edward Shorter: "amor no sentido de espontaneidade e empatia" in Idem, Ibidem.

Sendo proletárias que viviam em condições de pobreza, a escolha de manter os filhos consigo, é uma atitude que deve ser considerada "moderna".

A evolução do sentimento maternal pode ser analisado à luz da amamentação ao peito pela própria mãe, já que este factor era muitas vezes decisivo quanto à sobrevivência do bebé. Referimo-nos, obviamente, àquelas mães que optam por amamentar os seus bebés, mas apenas esses, já que dar o peito a outros reduziria o leite disponível para os seus próprios filhos (pondo-os em risco) e representaria uma intrusão na privacidade do lar e da família. Esta opção de amamentar os filhos (e, somente, estes) representava uma "perda" em termos de rendimento, pelo que um maior investimento nos cuidados prestados pela mãe equivale a um maior valor atribuído aos filhos.

Foi depois de 1800 que se verificou o declínio da procura de amas mercenárias, o que é ilustrativo da transformação que se estava a verificar ao nível do amor maternal.

Como refere Ana Nunes de Almeida *et al, "a função instrumental da criança, de contribuição para o trabalho e para o rendimento da família e, durante a velhice dos pais, de amparo e protecção recua e dilui-se nesse outro ideal de uma infância protegida."*[76]

Presentemente, mesmo nas famílias rurais, o estatuto da criança mudou. O seu percurso escolar é aceite a valorizado, não deixando de procurar mantê-la ligada à propriedade familiar. É verdade que quando olhamos para o campesinato mais pobre e pluriactivo ainda nos deparamos com situações em que os pais se debatem com a dificuldade de escolher entre um de dois fortes apelos: o da escola e o da fábrica..., mas agora não aos 11-12 anos, mas aos 15 -16.

A propósito dos operários do Barreiro dos anos 80, Ana Nunes de Almeida refere que as "estratégias de fecundidade eficazmente controladas e uma descendência muito limitada, sugerem-nos um padrão de socialização que passa por um fortíssimo

[76] Vd. Ana Nunes de Almeida *et al.*, «Relações Familiares...» *art. cit.*, p. 47.

investimento dos pais no processo de escolarização dos filhos."[77]. Esta realidade é, actualmente, extensiva à maioria da população.

[77] Vd. Ana Nunes de Almeida, *A Fábrica...*, op. cit., p. 245.

Capítulo 3.

Opções de Vida do Género Feminino

Depois de uma visão *macro* e *meso*, circunscreve-se a observação aos aspectos *micro* do contexto em que vivem as mulheres, partindo do olhar das mulheres escutadas neste estudo.

As mulheres começam a abandonar a atitude altruísta e de sacrifício pela família e deixam de ser vistas como seres intelectualmente inferiores. Ainda assim, em termos de identidade, a mulher acaba por recorrer ao universo simbólico masculino que está associado a um modelo socialmente valorizado, embora viva contraditoriamente o receio de perder a sua feminilidade. O estereótipo feminino continua ligado ao papel tradicional de mãe e dona de casa, enquanto os outros traços são vistos como recolha de papéis masculinos.

A esfera profissional faz parte integrante da identidade feminina, embora paradoxalmente seja importante como meio de alcançar a autonomia e criticado como área de interesse. O "eu familiar" da mulher continua a pesar muito na construção da sua identidade (aspecto em que continua muito distanciada da identidade masculina).

Para um número significativo de mulheres, a subsistência ou a manutenção de um nível de vida que consideram ter um mínimo de dignidade é conseguido através da actividade profissional, o que pesa mais que a realização em termos pessoais.

As mulheres continuam a ser vítimas de discriminação sexual no acesso ao emprego e na promoção na carreira, o que se constata facilmente quando se comparam, por exemplo, os lugares que ocupam em termos profissionais e as diferenças salariais, relativamente aos homens. As explicações apresentadas para este fenómeno relacionam-se, quase sempre, com a possibilidade de existência de filhos e com a dificuldade de conciliação da vida profissional com a doméstica. Esta situação torna-se difícil de compreender, principalmente quando a força de trabalho

feminina tem aumentado de forma significativa e se está a tornar mais escolarizada que a masculina. Acresce que a extensão massiva do papel feminino ao mundo do trabalho não implicou grande alteração em termos da divisão dos papéis sexuais na família.

3.1. Identidade feminina

Na sociedade tradicional, *"a abnegação e o auto-sacrifício pela família representavam um segundo papel especificamente feminino. As mulheres da pequena burguesia tinham o dever de pôr de lado o embelezamento dos seus próprios corpos, a busca de roupas da moda ou de quaisquer outras distracções fúteis e «egotistas» que as pudessem impedir de servir a* Maison *com uma dedicação menos que total."*[78]

Importa referir que ainda no final do século XIX e no início do século XX, até o tamanho da cabeça da mulher servia como indicador da sua inferioridade intelectual. O desenvolvimento da psicometria ajudou a que se percebesse que a variação entre os indivíduos do mesmo sexo se revelava maior do que a variação entre os sexos. Lígia Amâncio sublinha que *"na perspectiva dominante deste período do pensamento das ciências sociais as características físicas e biológicas eram a determinante, necessária e suficiente, da sua própria condição social".*[79]

É a partir da década de 1960, no âmbito da psicologia social americana, que o modelo de socialização e de diferenciação dos papéis sexuais marca um período de investigação sobre as diferenças entre os sexos. De qualquer forma, segundo Lígia Amâncio, *"é no quadro da antropologia que a articulação entre a diferenciação subjectiva e objectiva dos dois sexos tem mostrado que a diferenciação subjectiva não é neutra, não tem as mesmas consequências para os homens e para as*

[78] Vd. Edward Shorter, *A Formação..., op. cit.*, p. 83.
[79] Vd. Lígia Amâncio, *Masculino e Feminino. A construção social da diferença*, Porto, Edições Afrontamento, 1998, p.19.

mulheres e constitui um suporte simbólico de uma relação de desigualdade social entre eles".[80]

Na década seguinte, a psicologia social americana, influenciada pelo feminismo, faz um esforço de articulação entre os processos cognitivos e as variáveis de contexto e, no plano da investigação empírica, pelo aumento dos estudos sobre estereótipos sexuais.

Lígia Amâncio refere que *"a diferenciação entre o masculino e o feminino é, de facto, um resultado mais consistente para os homens, enquanto que para as mulheres é a diferenciação entre o Eu e o(a)s outro(a)s que emerge com mais consistência".*[81] Quando comparado o estudo da referida autora com outros sobre estereótipos (apesar das diferentes opções em termos de técnica de recolhia de dados), o masculino aparece também associado à dominância e à instrumentalidade, assim como o feminino permanece caracterizado pela submissão e a expressividade.

Segundo a referida investigação, Lígia Amâncio conclui que as mulheres têm *"dificuldade, em particular as mulheres-trabalhadoras, em construírem uma imagem de si próprias que não traduza nem a imagem feminina erotizada que os homens têm delas, nem a imagem feminina masculinizada que elas têm das outras mulheres".*[82] Esta situação é reveladora do receio da masculinização e da procura da ruptura com a imagem tradicional da mulher, mas também de alguma insegurança.

Através de outra investigação, feita no âmbito do mesmo estudo, a mesma autora chega a várias conclusões. Assim, *"a definição da categoria feminina apresenta um âmbito de competência social que se limita ao contexto privado das relações afectivas"* e *"o estereótipo feminino traduz um modelo de pessoa condicionada às fronteiras de uma função social específica e orientada para contextos de interdependência afectiva ou sexual".*[83]

Para que se entenda a identidade feminina é essencial não esquecer que o universo simbólico masculino está associado a um modelo que é socialmente valorizado, o que coloca os dois sexos em situações diferentes quanto à possibilidade de

[80] Idem, *ibidem*, p. 28.
[81] Idem, *ibidem*, p. 60.
[82] Idem, ibidem, p. 62.
[83] Idem, ibidem, p. 68.

expressão da sua originalidade. Se, por um lado, a mulher precisa de se socorrer do universo simbólico masculino para favorecer o seu grupo de pertença, por outro lado, receia fazê-lo para poder distinguir-se das outras mulheres e manter a sua feminilidade.

Segundo Lígia Amâncio, *"o grupo dominado não está só sujeito à contradição entre as normas universais de competição e solidariedade, mas também à contradição entre a norma universal de pessoa e a norma de pessoa «feminina». São estas contradições normativas que produzem a externalidade da determinação do comportamento dos membros dos grupos dominados e os colocam numa posição de permanente condicionamento pelos contextos".*[84]

O estereótipo feminino é o de um indivíduo relacional e dependente, só valorizado quando associado a uma determinada função social. Os conteúdos deste estereótipo só são específicos deste género e consensuais, no que respeita ao papel tradicionalmente atribuído à mulher (mãe e dona de casa). Quaisquer outros traços são tidos como assimilações de papéis masculinos.

Actualmente, o trabalho é, por um lado, considerado importante como modo de alcançar autonomia e, por outro lado, é criticado como área de interesse. É por isso que, segundo Singly, *"o indivíduo não deve escolher um registo em detrimento de outro, e se deve exprimir nos dois planos, no da concorrência no mercado, quadro da luta de todos contra todos, e no da afectividade, quadro da confiança recíproca."*[85]

De facto, actualmente, a maioria das mulheres exercerem uma profissão não implica que essa dimensão da vida tenha o mesmo significado que tem para os homens. Como refere Singly, *"uma série de indicadores demonstra que a vida profissional das mulheres, das mães, ocupa muitas vezes um lugar secundário, contrariamente à dos homens que é prioritária."*[86] A esfera profissional estrutura menos a identidade feminina que a masculina (sobretudo quando quem está em questão são a mulher-mãe e o homem-pai).

---

[84] Idem, *ibidem*, p. 168.
[85] Vd. François de Singly, *O Eu, O Casal e a Família*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000, p. 42.
[86] Idem, *ibidem*, p. 232.

Ainda segundo este autor, o «eu familiar» da mulher é muito diferente do «eu familiar do homem», uma vez que este último está autorizado a ser concomitantemente um «eu pessoal». Como afirma, *é, sem dúvida aqui a grande clivagem entre os géneros, do ponto de vista da construção da identidade".*[87]

3.2. Inserção da mulher no mundo do trabalho

Segundo o estudo comparativo sobre as classes e desigualdades sociais em Portugal, realizado por Elísio Estanque e José Manuel Mendes[88], as *"diferenças sexuais na estrutura das classes em Portugal (...) aponta para a existência de uma situação em que as mulheres são* globalmente *pouco segregadas no mercado de trabalho."*

Alguns dados são de destacar. Assim, é visível que as mulheres estão mais representadas nas posições mais desapossadas de recursos e menos nas categorias detentoras de propriedade ou de autoridade. No caso dos gestores qualificados os homens têm um peso praticamente idêntico ao das mulheres (2,8 para 2,5%), o que significa que, ao nível dos postos de direcção das organizações em que os níveis educacionais e as exigências de formação/qualificação são mais elevados, a discrepância entre ambos os sexos é pouco relevante embora favoreça os homens. Os supervisores qualificados são igualmente distribuídos por ambos os sexos, o que deixa transparecer, em sua opinião, *"a ausência de discriminação da força de trabalho feminina numa posição com algum grau de autoridade".* No caso dos técnicos não gestores, a distribuição é igualmente favorável aos homens, mas uma vez mais com uma diferença mínima (3,9 para 3,3% das mulheres). Além da categoria «burguesia», onde não existem mulheres, o peso relativo dos homens é apenas de 1,5% e também as localizações intermédias dos gestores e supervisores semiqualificados têm uma representação muito fraca para qualquer das situações. Na categoria dos gestores não qualificados a representação dos homens é já

[87] Idem, ibidem, p. 234
[88] Vd. Elísio Estanque *et al*, *Classes e Desigualdades Sociais em Portugal*, Porto, Edições Afrontamento, 1997, pp. 76-79

claramente superior (3,3%, para apenas 1,8% das mulheres). No caso dos trabalhadores semiqualificados, o peso relativo das mulheres é mais do dobro do dos homens (8,6 para 3,6%); entre os supervisores não qualificados, a vantagem é dos homens (5,7 para 4,7%). Entre os proletários, as diferenças são pouco significativas para ambos os sexos (47,7% de homens e 45% de mulheres).

Esta questão é retomada noutro estudo, também realizado por Elísio Estanque, onde afirma claramente que *"a força de trabalho feminina tende a apresentar-se em posição vantajosa nas situações em que estão em jogo recursos intermédios ou elevados em qualificações mas sem o controlo de recursos organizacionais, ou, dito de outro modo, possuem credenciais mas não autoridade (o caso dos técnicos e trabalhadores semiqualificados), enquanto nas posições de supervisão e de gestão – com ou sem credenciais mas sempre com recursos de poder – são em geral os homens que aparecem favorecidos."* [89]

Os resultados portugueses que mais contrastam com os da Suécia e dos Estados Unidos (os países que serviram como comparação), no que se refere à distribuição dos homens e das mulheres, surgem na categoria dos empregadores, em que as o género feminino ocupa pouco mais de metade que o género masculino (5,3% para 10%). Outra categoria em que Portugal se distingue em termos de distribuição por género, relativamente aos outros dois países, é a dos trabalhadores semiqualificados, em que o peso da mão-de-obra feminina é muito mais elevado que o masculino, com percentagens de 8,6 e 3,6, respectivamente. Também o sector feminino tem, em Portugal, um peso bastante elevado em ocupações laborais com algum grau de exigência em qualificações – nomeadamente no caso dos gestores, supervisores e trabalhadores semiqualificados. Já no caso dos técnicos não gestores, supervisores e gestores, apesar das mulheres estarem sub representadas em relação ao sector masculino, a diferença é muito menos acentuada que na Suécia ou nos Estados Unidos. Por último, os homens portugueses estão muito mais representados na categoria dos proletários do que as mulheres, o que não acontece nos outros dois países.

[89] Vd. Elísio Estanque, Entre a Fábrica e a Comunidade. Subjectividades e Práticas de Classe no Operariado do Calçado., Porto, Edições Afrontamento, 2000, pp. 215-216.

Elísio Estanque *et al* refere-se ao peso significativo da mulheres, em especial nas posições intermédias, com mais recursos em qualificações como uma situação que *"espelha directamente a importância de sectores profissionais como o ensino e a saúde onde tradicionalmente a presença feminina se tornou marcante."*[90]

Para uma parte, ainda significativa, das mulheres que trabalham, as dificuldades económicas estão na origem dessa opção, ou seja, o emprego é mais uma forma de subsistência que um campo de realização pessoal. É, no entanto, de realçar que, independentemente de poder ser esta uma das razões do trabalho feminino, as consequências ao nível socioeconómico têm um impacto relevante.

3.2.1. Discriminação no acesso ao emprego e na promoção na carreira profissional

> *"De facto, as estatísticas mostram que em Portugal, a participação das mulheres na vida activa se poderia considerar um invejável indicador de igualdade de oportunidades relativamente a outros países, mas os cientistas sociais também começam a mostrar que a realidade que se esconde por detrás da aparência."*[91]

Do estudo realizado por Elísio Estanque, já referido, ainda se conclui que, em Portugal, não existe diferença na distribuição relativa por sexos na estrutura hierárquica das empresas e organizações. Assim, é referido que a probabilidade relativa de uma mulher ser empregada, supervisora ou gestora é igual à dos homens. Já Lígia Amâncio não apresenta uma visão tão optimista e refere que os estudos sobre o emprego e o mercado de trabalho em Portugal mostram que as mulheres não apresentam a mesma distribuição que os homens nos diversos sectores de actividade, profissões ou níveis hierárquicos.[92] Laura Fonseca parece estar mais de acordo com Lígia Amâncio, ao afirmar que *"trabalham pouco em empregos considerados masculinos e ocupam os considerados femininos. São secretárias, enfermeiras, professoras, administrativas, educadoras, trabalhadoras sociais, operárias de vestuário, mulheres a dias, cozinheiras. Não são gestoras, técnicas, carpinteiras..."*

---

[90] Vd. Idem, *ibidem*, p. 100
[91] Vd. Lígia Amâncio, *Masculino e Feminino. A construção social da diferença*, Porto, Edições Afrontamento, 1998, p. 14.
[92] Idem, *ibidem*, p. 26.

Onde, na realidade, ainda segundo Elísio Estanque, existe discriminação sexual, embora menor em Portugal que nos outros países industrializados, é quanto à autoridade no local de trabalho. Daí poder concluir-se ironicamente que *"o acesso das mulheres ao exercício da autoridade é uma corrida de obstáculos, visto que os recursos objectivos acumulados parecem nunca ser suficientes para o reconhecimento da legitimidade da sua autoridade".*[93] Já no que se refere à autoridade de sanções, as mulheres têm pouco mais de metade do poder dos homens, aproximando-se neste aspecto dos referidos países. Pelo que se conclui que *"o aspecto mais saliente na discriminação sexual poderá passar pelo poder directo sobre as pessoas e não pelas responsabilidades organizacionais mais vastas."*[94]

Outra evidência da discriminação de que a mulher portuguesa é vítima, refere-se à diferença de níveis salariais, sendo as políticas de classificação e a possível discriminação sexual, das mulheres empregadas, na estrutura ocupacional, o factor que melhor explica tal situação[95]. De facto, nas últimas décadas, ao período de crescimento do trabalho assalariado feminino (não só em Portugal mas em toda a Europa), não correspondeu uma alteração ao nível do rendimento do diploma dos homens e do das mulheres no mercado de trabalho. A justificação é a da presença dos filhos em casa. Tal como refere Singly, *"o trabalho profissional do pai* (...) *põe-se muito menos em termos de conciliação com a vida familiar do que o da mãe".*[96] A este propósito Laura Fonseca realça a desvantagem das mulheres no local de trabalho. Segundo afirma com base em estudos realizados (sobretudo depois da década de 80) *"elas ganham cerca de 70% do salário dos homens"*[97]

Lígia Amâncio, por seu lado, defende que *"tanto as formas objectivas da discriminação como a sua expressão subjectiva têm a sua origem numa forma de*

[93] Ragins e Sundstrom citados por Lígia Amâncio, *Masculino e..., op. cit.* p. 75.
[94] Vd. Elísio Estanque, Entre a Fábrica e a Comunidade. Subjectividades e Práticas de Classe no Operariado do Calçado., Porto, Edições Afrontamento, 2000, p. 138.
[95] Segundo um estudo realizado por Margarida Lopes, citado por Elísio Estanque *et al*, *Classes e..., op. cit.*, p. 142
[96] Vd. François de Singly, *O Eu, O Casal e a Família*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000, p. 233.
[97] Vd. Laura Pereira da Fonseca, Culturas Juvenis, Percursos Femininos. Experiências e Subjectividades na Educação de Raparigas, Oeiras, Celta, 2001, p. 32.

pensamento social que diferencia valorativamente os modelos de pessoa masculina e feminina e as funções sociais dos dois sexos na sociedade".[98]

3.2.2. Investimento em capital escolar e carreira profissional

Até meados do século XX, a educação não foi a mesma para homens e mulheres. Enquanto os primeiros eram educados para o trabalho, as segundas eram ensinadas a cuidar dos homens e das crianças com o maior conforto possível. Os currículos não eram os mesmos, bem como os edifícios. Correspondendo à ordem característica de uma sociedade patriarcal, a verdadeira escolarização destina-se aos estudantes do sexo masculino.

A situação começa a alterar-se a partir da segunda metade do século XX, nos países ocidentais, *"a uniformização formal dos modelos escolares femininos e masculinos é um facto generalizado".*[99]

Em Portugal, a evolução dos níveis de escolaridade feminina é vertiginosa. De um género tradicionalmente menos escolarizado que o masculino, em 2001, na população entre os 15-17 e os 18-23 anos, registavam valores já claramente superiores aos atingidos pelos homens, ao nível do Continente e de todas as NUTS II, sobretudo no segundo nível etário. Actualmente, se nas camadas mais idosas, as mulheres são claramente menos escolarizadas que os homens, já nas camadas mais jovens a situação é inversa. Se se atentar ao grupo etário dos 20-24 anos, vê-se o sexo feminino com maior representatividade a nível do ensino secundário.

Nos países industrializados, a força de trabalho feminina é mais escolarizada que a masculina, tornando mais difícil a compreensão das dificuldades acrescidas com que as mulheres se debatem para aceder a determinadas profissões ou ascender em termos de carreira.

Esta situação contribui, com certeza, para facilitar a compreensão do que se passa em termos da participação maciça feminina no mercado de emprego. A entrada

[98] Vd. Lígia Amâncio, *Masculino e Feminino. A construção social da diferença*, Porto, Edições Afrontamento, 1998, p.15.
[99] Vd. Laura Pereira da Fonseca, *Culturas Juvenis..., op. cit.*, p. 39.

significativa das mulheres na vida profissional, sobretudo a partir da década de 60 (em números absolutos e relativos), nos mais diversos sectores e subsectores de actividade representa e reflecte mudanças profundas na sociedade. Concomitantemente ocorrem outros processos de recomposição social como o estatuto social das mulheres, alterações das relações familiares e dos estilos de vida.

Efectivamente, no nosso país, desde o início da década de 60, o volume de mulheres activas tem vindo sempre a aumentar. Se, nessa altura, representavam 13,1%, actualmente 63% das mulheres entre os 15 e os 64 anos exercem uma actividade profissional. Há ainda a ter em conta que a idade em que as mulheres trabalham de forma mais intensa também sofreu profundas mudanças. Assim, enquanto em 1960 a taxa mais elevada de actividade feminina se verificava na faixa etária dos 15 aos 19 anos (muitas vezes antes de casarem e de terem filhos), passa para os 25-34 anos com uma taxa de 84,1% em 2003 (sem que pareça que o casamento, a maternidade e a falta de estruturas de apoio à família, faça com que esta situação possa ter tendência para ser alterada) e mantendo-se com elevadas taxas até uma idade relativamente avançada.

Quando comparada a taxa de actividade feminina no nosso país com a dos restantes países da União Europeia, verificamos que nos afastamos da realidade do países da Europa do Sul, para nos aproximarmos dos países em que a actividade feminina tem um peso significativo. Como refere António Firmino da Costa *et al "vale a pena destacar, neste contexto, a «excepcionalidade portuguesa», onde a taxa de actividade feminina era, já em 1986, mais elevada do que os valores médios europeus, muito acima das dos outros países da Europa do Sul, em princípio mais próximos em termos socioeconómicos e socioculturais."*[100] Os processos de emigração e mobilização militar dos homens, ao longo dos anos 60 e 70, bem como os constrangimentos financeiros e a importância que a mulher cada vez mais dá à sua autonomia e emancipação, terão contribuído em larga escala para este fenómeno.

[100] Vd. António Firmino da Costa *et al.*, «Classes Sociais na Europa» *in Sociologia. Problemas e Práticas*, nº34, 2000, p.19

Em Portugal, não é comum o trabalho em *part-time* (18,6% na Europa dos 15; 17,1% na Europa dos 25; e apenas, 11,7% em Portugal). A explicação para esta especificidade portuguesa é, em parte, segundo Ana Nunes de Almeida *et al*, *"uma pluralidade integrada de factores e aos quais não são alheias as solidariedades mobilizadas através dos laços familiares, em que as avós têm um papel importante tanto na guarda das crianças, como a nível de outros apoios à vida doméstica"*.[101]

À semelhança de outras realidades sociais, estas taxas de actividade feminina (sem dúvida mais altas e generalizadas do que há duas ou três décadas) apresentam assimetrias regionais. Para além das habituais disparidades Norte / Sul e litoral urbano / interior rural (e da NUT II Lisboa como uma das que apresenta das mais altas percentagens de actividade feminina (46%)), deparamo-nos com o Ave como sendo uma das NUT III com um dos índices mais elevados (44,4%), o que não deixa de ser curioso, uma vez que é também uma sub-região onde a taxa de fecundidade é das mais altas (41,6‰). Como refere Ana Nunes de Almeida *et al*, *"são certamente factores diversificados que se agregam para dar esta resultante, nomeadamente o carácter dual da sociedade portuguesa, onde coexistem dimensões tradicionais com dinâmicas de modernidade"*.[102]

Ainda que algumas mulheres mais jovens possam, a partir do casamento ou do nascimento dos filhos, abandonar, temporária ou definitivamente, a carreira profissional, a tendência é para que *"esse segmento da população feminina seja cada vez mais diminuto, tornando-se norma a coexistência duradoura de papéis profissionais e familiares"*[103]

O crescimento da taxa de actividade feminina acontece nos três sectores de actividade. Assim, as mulheres passaram a ultrapassar o número de homens que trabalham no sector terciário, equiparam-se (ou ultrapassam ligeiramente) aos que trabalham no primário e são, ainda, minoritárias no sector secundário. Foi o progressivo abandono do sector agrícola, por parte dos homens (os quais emigram

[101] Vd. Ana Nunes de Almeida *et al.*, «Relações Familiares...» *art. cit.*, p. 57.
[102] Vd Idem, *Ibid*em, pp. 56 e 57.
[103] Vd. Fernando Luís Machado *et al.*, «Processos de uma Modernidade Inacabada. Mudanças estruturais e mobilidade social» *in Portugal, que Modernidade*, Oeiras, Celta Editora, 1998, p. 29.

ou migram), que deixa obriga as mulheres a ocuparem esses lugares que ficam vagos.

No que respeita aos lugares de classe e recomposições socioprofissionais, verifica-se que estamos perante algumas diferenças de género que tendem a modificar-se. Assim, embora se verifique um aumento muito rápido da percentagem de mulheres entre empresários e dirigentes, esta classe ainda se mantém claramente de maioria masculina (os com os homens a apresentar uma qualificação ainda menos baixa que a feminina). *"Confirma-se assim que o processo de feminização da população activa não ocorre na mesma proporção em toda a esfera profissional, confirmação que é tanto mais importante quando se trata da categoria detentora de maiores recursos económicos."*[104]. Já no caso dos profissionais técnicos e de enquadramento, regista-se uma maioria feminina, para o que muito contribuem as dinâmicas de escolarização das mulheres. A taxa de feminização é mais elevada entre os trabalhadores executantes, ao contrário do que acontece entre os trabalhadores industriais, embora haja algum acréscimo do número de mulheres. Outra categoria em que se nota a progressiva feminização é a dos trabalhadores independentes.

3.3 Casamento, Celibato e Maternidade

A forma de encarar o casamento tem tendência para ir mudando, passando, deste modo, a ser entendido como um assunto do foro pessoal, deixando o carácter religioso e colectivo de ter grande importância. Aliás, como refere Anália Torres, *"sabe-se que muitos dos casamentos efectuados pela igreja correspondem mais a uma atitude conformista – fazer o que todos fazem – ou tradicionalista e ritualista do que a pura convicção religiosa."* [105]

[104] Vd Idem, *Ibidem*, p. 35.
[105] Vd. Anália Cardoso Torres, *Divórcio em Portugal. Ditos e Interditos.*, Oeiras, Celta, 1996, p.51.

A grande distância entre o casamento de outrora e aquele para o qual se avança é que deixa de ser importante a legitimidade exterior, a conformidade social ou moral. Como refere François de Singly, a forma de vida privada *"estrutura-se antes de mais nada no reconhecimento mútuo das pessoas que vivem juntas, no respeito que têm uma pela outra."*[106]

A vida "a solo" parece também não parar de aumentar, no conjunto dos países europeus e com uma regularidade notável. O número de lares constituídos por apenas uma pessoa é cada vez mais elevado, já não apenas por pessoas idosas – sobretudo viúvas, devido ao diferencial de mortalidade – (o que se verificou, de forma mais acentuada, desde há cinco ou seis décadas atrás), mas também entre os mais jovens (dos 25 aos 30 anos).

O adiamento dos compromissos familiares e do estabelecimento das relações conjugais são as explicações adiantadas por Kaufmann para este fenómeno, que varia a sua frequência conforme os meios (urbanos ou rurais), os diferentes países (menos frequente nos países do sul), e, ainda, as idades e o género (são as mulheres que mais cedo deixam o lar dos progenitores, mas também as mais precoces na formação do casal).

Quem não vive em casal, não se distribui de modo idêntico segundo a escala social. Estão, maioritariamente, entre os mais ricos e os mais pobres. Extremos opostos ao nível das classes e das condições em que vivem o celibato. Enquanto os primeiros habitam uma casa independente, os segundos não têm condições económicas para tal, vendo-se obrigados a optar por outro tipo de residência. A distinção é também muito acentuada no que respeita ao sucesso social (pelo efeito multiplicador de laços sociais) e profissional (sobretudo no caso das mulheres).

Assim, e segundo Kaufmann, *"o lugar social dos solitários-autónomos também está em mudança. Relegados, no passado, para as margens, eles inserem-se doravante no centro das entidades mais inovadoras: as grandes cidades, a juventude, os grupos cultos. No entanto, a lógica deste desenvolvimento continua a ser invisível,*

[106] Vd. François de Singly, *O Eu, O Casal e a Família*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000, pp. 15 e 16.

não pensada, inclusive (o que não é o menos paradoxal), pelos próprios promotores."[107]

O que o estudo realizado por Kaufmann também demonstra é que o celibato não é uma realidade estática. De facto, a *"vida a solo"* acontece sob a forma de uma série de sequências de duração variável. Primeiro, dá-se com a entrada na vida adulta que muitas vezes é marcada pela autonomia de residência. Depois desta fase, é frequente a coabitação como *"tentativa de formação de casal"* que, frequentemente, é seguida por uma ruptura (estas experiências, habitualmente, repetem-se e as rupturas também). Nesta primeira fase, os períodos de vida a só são, então, de curta duração, até porque a seguir à separação alguns destes jovens regressam a casa dos progenitores. São sequências breves e repetidas, ao contrário do que se passa na geração seguinte, depois dos 50 anos, em que *"sobretudo no caso das mulheres, estas sequências são cada vez mais longas. No entanto, tanto num caso como no outro, o tempo médio passado a solo aumenta. Do interior, a sequência nem sempre é vista como tal pela pessoa que a vive, pois a autonomia desenvolve, com efeito, uma dinâmica de trajectória que pode impor-se progressivamente (quer seja voluntariamente ou não) como enquadramento durável, ou seja, como projecto de vida."*[108]

Kaufmann defende a teoria de que a vida a só divide a existência pessoal em dois e que a *"«lógica» da carapaça leva as mulheres sós a apresentarem-se sob a sua aparência positiva, e a construir a sua identidade a partir do olhar dos outros, que legitima essa metade de si mesmas."*[109] A outra "metade" é a vida privada que se revela de uma forma cruel quando sentem o *"dedo acusador"* que corresponde ao que a mulher só entende que a opinião pública pensa de si e da sua forma de estar na vida. Classifica e sanciona o *"desrespeito pelas regras"*. A crítica existe mas ganha novas proporções cada vez que a celibatária o imagina a acusá-la, causando-lhe incerteza e instabilidade.

---

[107] Vd. Jean-Claude Kaufmann, *A mulher Só e o Príncipe Encantado. Inquérito sobre a Vida a Solo*, Lisboa, Editorial Notícias, 2000, p. 169.
[108] Idem, *ibidem*, p.195.
[109] Idem, *ibidem*, p. 9.

A crítica é mais sentida em determinados locais e momentos, aqueles em que a vida privada é mais exposta, como as reuniões de família, os casamentos e os baptizados.

Outro paradoxo da existência da mulher só é uma certa ligeireza da vida (pela quase inexistência de entraves para tomar decisões) e no sofrimento que toda essa leveza inflige, pela sensação de vazio a que a remete.

Esta forma de estar na vida tem a particularidade de deixar o futuro constantemente em aberto. Como muito bem refere Kaufmann, *"o sistema de existência e o modo de gerir o quotidiano, embora bem definidos, são hipoteticamente provisórios e, a cada dia, um encontro pode fazer com que se entre numa outra história. A expectativa desse acontecimento superior tem uma intensidade variável: fraca quando a vida a solo é dinâmica e assumida, forte quando ela é vivida à falta de outra, ou quando é mal vivida."*[110]

No que respeita à fecundidade existem também, nomeadamente em Portugal, sinais radicais de mudança nas últimas duas décadas. Aos anos 60 com elevadas taxas de fecundidade e de natalidade[111], segue-se um período de baixa acentuadíssima até aos nossos dias (respectivamente, 43,7‰ e 11,6‰). Como refere Ana Nunes de Almeida *e al "a queda de fecundidade evidencia como as práticas de controlo dos nascimentos se generalizaram maciçamente na sociedade portuguesa e, com elas, novas formas de encarar o casamento e o lugar dos filhos (...), por outro lado, a criança ocupa um lugar privilegiado e mais protegido, com investimentos elevados no plano dos afectos, do bem-estar material que as gerações anteriores não tiveram, de percursos escolares longos tendo em vista a inserção e a promoção socioprofissional."*[112]

[110] Idem, *ibidem*, p. 114.
[111] Mesmo nos anos 70, estas taxas ainda se mantinham relativamente elevadas.
[112] Vd. Ana Nunes de Almeida *et al.*, «Relações Familiares...», *art. cit.*, p. 47.

3.3.1. Gestão e conciliação de diferentes tarefas

O grande contraste existente, em termos de desempenho de tarefas, entre a sociedade tradicional e o mundo moderno reside, sobretudo, na passagem de uma rigorosa segregação de papéis laborais desempenhados em função do género, para uma situação em que cada membro do casal vai sendo capaz de se colocar no papel do outro aumentando, assim, a sua predisposição para a partilha dessas mesmas tarefas.

Como refere Shorter, *"uma divisão estanque de papéis desempenhados pelos sexos e tarefas queria dizer que a dona de casa governava o seu pequeno reino como bem entendia; mesmo que optasse por não repreender o marido metediço, outros amigos e vizinhos o fariam. Hoje, por outro lado, o «poder» individual das mulheres é consideravelmente menor porque elas são obrigadas a partilhar todas as suas esferas tradicionais de controlo com os homens. Na união livre, marido e mulher consultam-se um ao outro e cooperam em tudo o que possamos imaginar, reduzindo completamente os seus respectivos domínios de autonomia absoluta. Claro que isso não quer necessariamente dizer que o controlo das mulheres sobre os recursos societários, familiares ou pessoais tenha diminuído com a modernização".*[113] Antes pelo contrário, só com o acesso directo à economia de mercado, altura em que deixaram de estar isoladas, as mulheres vão largando a situação de subordinação. É esta nova economia (inicialmente por meio da indústria caseira e depois através do trabalho fabril) que vai permitindo a sua libertação dos anteriores papéis de subserviência.

Um exemplo apresentado por Shorter, no que concerne às relações externas é demonstrativo do rigor de papéis a desempenhar por cada um dos membros do casal. Assim, *"o marido devia assumir o papel activo, a mulher, o passivo. Em todos os pontos em que vida do lar aflorava a do mundo circundante (com as excepções costumeiras como a compra e venda de ovos), a mulher não devia tomar a iniciativa."*[114]

---

[113] Vd. Edward Shorter, *A Formação..., op. cit.*, p. 75.
[114] Vd Idem, *Ibidem*, p. 81

A distância sentimental e, mesmo, emocional entre o casal é, de facto, mais facilmente perceptível neste quadro de segregação completa de tarefas. Na relação conjugal em que, "por norma", os homens deviam ser dominadores na sua autoridade, egoístas e nada sentimentais e as esposas apagadas e submissas estávamos, de um modo geral, perante um casamento desprovido de afecto.

Actualmente, em Portugal, estes papéis masculinos e femininos, na esfera doméstica, são em tudo idênticos aos generalizados nos restantes países da Europa do Sul. Os homens portugueses são dos que menos colaboram na realização dos trabalhos domésticas.

A situação constatada por Ana Nunes de Almeida entre os grupos domésticos corticeiros, em que *"o modelo da divisão do trabalho entre os sexos (...) recorre, assim, a dois princípios de natureza oposta: um primeiro que consagra a reciprocidade e a indiferenciação de tarefas fora da esfera doméstica, e outro que, dentro dela, produz diferença e separação entre os cônjuges."*[115], acaba por não ser muito distinta da que se verifica, ainda, numa parte bastante significativa da população portuguesa. Também Jean-Claude Kaufmann conclui o mesmo, referindo que *"os papéis sexuais continuam fortemente marcados nos meios modestos, sobretudo operários."* [116]

À excepção dos meios populares e das gerações idosas, ainda muito marcados por essa predefinição social dos papéis domésticos, os jovens dos outros meios constituem-se em casal sem ideias predefinidas. Assim, improvisam e constroem aos poucos o universo conjugal sem saberem bem como irá decorrer. *"Os hábitos constroem, em parte, as regras de interacção, enquanto os papéis são (...) a resultante."*[117] A execução das tarefas é facilitada pela constituição dos hábitos regulares.

Com frequência lamenta-se que o progresso da igualdade entre homens e mulheres no domínio doméstico seja tão lento. No entanto, é importante não desvalorizar a evolução que já se vai verificando, na Europa, como em Portugal, em particular, no

[115] Vd. Ana Nunes de Almeida, in *A fábrica e a Família. Famílias Operárias no Barreiro*, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro, 1993, p. 99.
[116] Vd. Jean-Claude Kaufmann, *O Labirinto Conjugal. O Casal e o seu Guarda-roupa*, Lisboa, Editorial Notícias, 2002, p. 42.
[117] Idem, *ibidem*, p. 77.

que respeita ao modelo conjugal mais generalizado que é aquele em que tanto o marido como a mulher têm uma profissão que os absorve de modo idêntico e em que as tarefas domésticas são partilhadas.

O grande problema reside na enorme discordância entre representação (cada vez mais dominada pela ideia de igualdade) e prática (que muito deve ao peso conservador das formas de fazer) originando aquilo a que Kaufmann se referiu como *"armadilha"* que se constrói em torno da mulher *"dividida por uma imposição contraditória: de um lado, o que a impele a agir, levada pelo desvio positivo de formas de fazer, por outro, a pressão social que a incita a inclinar-se para a igualdade."*[118]

Também Lígia Amâncio estuda esta matéria concluindo que *"a entrada das mulheres em actividades públicas (...) foi acompanhada por alguns ajustamentos na definição dos papéis sexuais (...) mas esses ajustamentos são mais notórios na esfera pública do que na esfera privada, onde continua a não existir uma partilha generalizada das tarefas domésticas e dos cuidados com as crianças"*.[119] A extensão do papel sexual feminino a várias esferas da actividade social não envolveu uma mudança em termos de comportamentos nem no plano subjectivo. Por conseguinte, a entrada das mulheres no mundo do trabalho não implicou, também, alterações nas representações relativas aos sexos, porque os seus significados englobam não só os valores do trabalho assalariado e as expectativas dos comportamentos segundo o género, como a divisão dos papéis sexuais na família e as expectativas do desempenho da parentalidade de diferentes modos, consoante se trate do pai ou da mãe.

Apesar dos avanços conseguidos depois da segunda guerra mundial e sobretudo nos anos 70, em muitos países (nos quais se inclui Portugal), a vida das mulheres mantém-se numa posição de segregação no trabalho, na família, na maternidade e no lazer. Assim, e como refere Laura Fonseca, *"são as mulheres (avós, mães ou crianças) que cuidam das crianças, dos idosos, dos maridos e dos irmãos"*.[120]

---

[118] Idem, *ibidem*, p. 179.
[119] Vd. Lígia Amâncio, *Masculino e Feminino. A construção social da diferença*, Porto, Edições Afrontamento, 1998, p. 72.
[120] Vd. Laura Pereira da Fonseca, Culturas Juvenis, Percursos Femininos. Experiências e Subjectividades na Educação de Raparigas, Oeiras, Celta, 2001, p. 4.

Parte II

– Entre Palavras e Silêncios

– *Tudo é de Ouro*

Capítulo 4.

Opções Metodológicas. Do Quadro Teórico e da Pesquisa à Análise de Conteúdo

A escolha da metodologia necessita de ser explicitada, para ser possível uma percepção clara do valor da informação recolhida e analisada. É esse, então, o objectivo deste capítulo: dar a conhecer as estratégias por que se optou e destacar os aspectos mais importantes do caminho percorrido no trabalho de campo.

A abordagem da problemática em questão é estimulante mas também ambiciosa por tratar questões que exigem uma proximidade muito grande ao sujeito / objecto de estudo, por pretender apreender a riqueza e diversidade de informação que o tema "a vida das mulheres, entre o trabalho e a família, em dois mundos sociais diferentes" abarca. Assim, a sistematização e posterior aplicação de instrumentos de recolha e análise muito bem afinados foram imprescindíveis para que se tornasse num trabalho científico dotado das possíveis objectividade e precisão.

Neste estudo, considerou-se que o meio mais adequado para a recolha da informação sobre a vida das mulheres e a possível conciliação entre o trabalho e a família seria um conjunto de técnicas essencialmente qualitativas, designadamente, a entrevista semi-directiva e a análise de conteúdo.

Tendo sempre presente o quadro teórico de partida que norteou este estudo, procurou-se a articulação entre este e a pesquisa empírica. Não esquecendo, como refere João Teixeira Lopes, que *"a pesquisa empírica só tem sentido se admitirmos de antemão que a realidade é sem dúvida mais complexa que a teoria, o que implica necessariamente que o trabalho de campo faça surgir novas questões não contempladas no corpus abstracto inicial."*[121]

[121] Vd. João Teixeira Lopes, Tristes Escolas. Práticas Culturais Estudantis no Espaço Escolar Urbano, Porto, Edições Afrontamento, 1996, p. 91.

Numa tentativa de reter a realidade com um elevado grau de intensidade e de encontrar respostas às questões levantadas, decidiu-se recorrer a técnicas essencialmente qualitativas. Fazendo aproximações sucessivas da análise analíticos, tentou-se *"uma interpretação do real social capaz de preservar a especificidade da pessoa."*[122]

De facto, *"As técnicas qualitativas são particularmente justificadas nesta conjuntura social e científica como meios mais adequados, embora não exclusivas, ao estudo da produção e circulação de sentido".*[123]

4.1 A Pesquisa Empírica

Constituição da Amostra

Definiu-se uma amostra formada por dois grupos de mulheres a quem foram feitas as entrevistas, distribuídas de acordo com o nível de escolaridade atingido. Um primeiro grupo, a que se chamou Grupo 1, formado por mulheres com elevados níveis de escolaridade, e um segundo grupo, que se refere ao longo do trabalho como Grupo 2, constituído por mulheres com um nível baixo ou muito baixo de habilitações literárias. Em ambos os casos, procurou-se diversificar ao nível da actividade profissional exercida, evitando algum envesamento que poderia ocorrer ao escolher uma só categoria ou situação profissional (cfr. Quadros nº 2 e nº 3, em Anexo).

Aqui optou-se por uma amostragem do tipo "bola de neve", com o intuito de atingir um nível de conhecimento profundo de determinadas realidades De facto, *"as amostragens geralmente consideradas como menos rigorosas do ponto de vista*

[122] Vd. Jean Poirier, Simone Clapier-Valladon e Paul Rybaut, *Histórias de Vida. Teoria e Prática*, Oeiras, Celta, 1999.
[123] Vd. António Joaquim Esteves, «Metodologias Qualitativas. Perspectivas Gerais», in António Esteves *et al* ((eds.), *Metodologias Qualitativas para as Ciências Sociais*, Porto, Instituto de Sociologia da faculdade de Letras, 1998, p. 2.

estatístico, tais como as intencionais, as de "bola de neve" ou as acidentais, tornam-se indispensáveis na constituição da população a estudar.".[124]

Este tipo de amostragem é não probabilística, intencional ou teórica, cuja dimensão não era possível prever, pois dependeria de como decorressem as entrevistas. Considerou-se que tinha a dimensão devida, quando se começou a verificar haver redundância de conteúdos, em cada um dos grupos.

Conforme se previa, de uma maneira geral, houve uma maior receptividade à entrevista por parte da mulheres mais escolarizadas. Facilmente percebiam o que se pretendia com o trabalho, pelo que dentro da sua disponibilidade, marcavam um dia e um local para a sua realização. No caso das mulheres com menos habilitações manifestou-se, por parte de algumas, uma certa resistência em serem "escolhidas", o que exigiu um esforço maior no sentido de tentar explicar qual era o interesse e o que, na realidade, se pretendia com este tipo de trabalho.

As Entrevistas Semidirectivas

Recorreu-se a processos de obtenção de informação de natureza mais qualitativa – as entrevistas – por se saber que esta técnica possibilita que se opere a um nível de profundidade que melhor possibilita captar, de forma clara e objectiva, realidades de forma intensiva, averiguar percepções e imagens e relacionar diferentes elementos entre si.

A realização das entrevistas em profundidade, semi-directivas (ver Guião de entrevista, em Anexo), dirigiu-se a dois grupos de mulheres, como já se referiu, abrangendo dezasseis entrevistas às mais escolarizadas e dez às menos escolarizadas. Os números estabilizaram no momento em que se verificou começar a existir redundância nos discursos das entrevistadas de um e de outro grupo.

Com esta técnica, as entrevistadas tiveram a oportunidade de criar a sua narratividade, tendo sido abordadas como sujeitos que possuem determinados

[124] Vd. António Joaquim Esteves, «Metodologias Qualitativas... in *op cit.*, p. 2.

quadros de referência que se querem conhecer para, também assim, interpretar as suas práticas e representações.

As limitações associadas ao uso de técnicas mais qualitativas, pela dificuldade de verificação dos dados, uma vez que não é possível a repetição dos procedimentos usados, são sobejamente conhecidas e debatidas. Ainda assim, considerou-se que seria a melhor escolha tendo em conta a natureza e o tema de estudo.

Procurou-se o discurso na primeira pessoa por parte das mulheres, entre 2003 e 2004, na Área Metropolitana do Porto (à excepção de uma das primeiras que foi feita em Guimarães). A preocupação em tentar ir apreendendo os sistemas de representações, de valores, de normas veiculadas por cada uma das mulheres começou, desde logo, na condução das entrevistas. Sem esquecer que acabam sempre por existir algumas influências recíprocas entre interlocutores, sabia-se que o discurso correspondia a um meio de apreender práticas e fornecia uma imagem do real que correspondia à percepção que a entrevistada tinha dele.

As maiores dificuldades sentidas deram-se com as entrevistadas do Grupo 2, mulheres com menos escolaridade e, na sua grande maioria, com uma muito maior dificuldade em exprimir com exactidão o que realmente pensam, pela menor capacidade discursiva. Na análise, não foi esquecido este factor, pelo que se procurou interpretar a comunicação como um processo de elaboração de um pensamento em que a linguagem, embora seja o melhor meio de o conhecer, não constitui um reflexo da realidade – neste estudo: as diversas dimensões das suas próprias vidas.

Guião da Entrevista

A entrevista semi-directiva implica a elaboração de um guião de entrevista estruturado de forma flexível e de baixa directividade (cfr. em Anexo). Do mesmo constam os aspectos-chave a abordar, embora tenha sido gerido e ajustado, aquando da sua aplicação, em conformidade com o contexto em que decorreram as entrevistas e tenha sido usada alguma liberdade, prevista nestas situações, para alterar, por exemplo, a ordem pela qual os vários aspectos foram focados.

De igual modo, em relação às entrevistadas, procurou-se que as suas respostas fossem dadas de forma exaustiva, mas com a tolerância imprescindível para aceitar que não quisessem aprofundar uma ou outra questão, o que também acaba por servir como elemento de análise, desde que compreendidas as razões desta atitude.

Grelha de Análise

Elaborou-se uma grelha de análise para interpretar as entrevistas, em função dos objectivos da investigação, concebida com base em determinadas categorias predeterminadas, em função das quais os relatos são estudados. Todo o contexto envolvente não foi, entretanto, preterido ao longo da análise, pelo que os resultados obtidos puderam ser traduzidos em frequência numérica. A unidade de texto utilizada foi a página e a unidade de registo a frase.

A construção das referidas categorias fundamentou-se nas áreas temáticas que estruturavam o guião da entrevista, bem como no quadro teórico de referência (cfr. Anexos).

4.2 A Análise de Conteúdo

Na análise de conteúdo das entrevistas de pendor biográfico, depois de transcritas na sua integralidade, procurou-se a classificação sistemática do material recolhido, que se revelou rico e complexo, de modo a ordenar as regularidades encontradas e a determinar as relações entre esses dados, procurando conciliar o rigor da objectividade, regulado por uma postura de "suspeita" metódica pela subjectividade.

Procedeu-se, assim, ao cruzamento entre o individual e o conjunto, através de uma análise vertical dos testemunhos e de uma outra do grupo, esta transversal. Mediante procedimentos de uma certa abertura, realizou-se uma análise de conteúdo temática, atingindo-se dois patamares de conhecimento: o individual e o de grupo, o que permitiu verificar as semelhanças e diferenças dentro de cada um e também entre os dois grupos.

De facto, este tipo de análise não se deve considerar puramente qualitativo, dado que as interpretações só são possíveis tendo em conta a percepção da frequência dos aspectos em estudo. Assim, a análise qualitativa acaba por também ser complementada pela quantitativa. O número de determinadas ocorrências na transcrições das entrevistas permite criar uma ponte entre a análise de conteúdo e a observação, ao isolar os aspectos-chave que lhe dão o verdadeiro sentido.

É ainda de realçar que a análise de conteúdo foi efectuada tendo como base uma grelha de categorias construída tendo em consideração a teoria de referência.

Finalmente, ao longo de toda a investigação, também se recorreu a análise estatística secundária, o que permitiu ter uma visão global, com base em informação actualizada e numa óptica comparativa, tanto a nível regional, como de Portugal e restantes países europeus, das variadas dimensões da vida da mulher, desde o trabalho à família.

Como refere João Teixeira Lopes a propósito de um dos seus estudos, *"o bom senso e algum pragmatismo levaram-nos a dar por concluído o que, na realidade, apenas ao de leve começava a desvendar-se. Por muito que nos agrade a imagem do trabalho de campo como a descoberta de alguns fios infinitos de um novelo sempre inacabado..."* [125]

4.3 A Investigadora / Entrevistadora e as Entrevistadas

A escolha do objecto de estudo, por parte da investigadora, deveu-se em grande medida à curiosidade suscitada pelo facto de ter tomado consciência, no decorrer da disciplina "Processos de Recomposição Social", leccionada pelo Prof. Doutor João Teixeira Lopes, no âmbito do Mestrado em Sociologia: Construção Europeia e Mudança Social em Portugal", da *excepcionalidade* portuguesa em termos sociais, país em que se cruzam processos reveladores da persistência de um elevado grau

[125] Vd. João Teixeira Lopes, *Tristes Escolas...*, p. 95.

de tradicionalidade com outros manifestamente modernos. Assim, a feminização da população activa, os níveis de escolaridade atingidos pelas mulheres, quando analisados conjuntamente com os números da natalidade, da fecundidade, do casamento, do divórcio e da vida *a solo* em Portugal, fazem com que se levantem várias perguntas, que começam por incidir sobre o modo como a mulher portuguesa vive esta realidade e, se essa visão será homogénea ou matizada em função dos seus capitais.

Para tentar responder a estas questões, houve necessidade de começar por proceder a conversas, leituras, reflexões e escolhas, de modo a ir delimitando e clarificando o objecto, os objectivos e a sua operacionalização (passos mencionados anteriormente com algum detalhe, pelo que se entende não se justificar a sua repetição).

Uma vez feitas essas opções, iniciaram-se contactos junto de pessoas amigas e colegas, para começar a realizar as entrevistas. Decidiu-se começar pelas mulheres do Grupo 1 (aquelas que deveriam ter elevados níveis de qualificação), apenas por uma questão de organização. Não foi difícil, ao contrário do que se admitia que pudesse vir a suceder, a anuência por parte da quase totalidade deste grupo de mulheres. As reacções, a um primeiro contacto, embora com alguns matizes diferentes, foram de um acordo imediato (ou quase imediato) e de uma relativa facilidade na marcação do dia, local e hora a realizar a entrevista, quase sempre em casa ou no local de trabalho (quando este reunia as condições necessárias para a sua realização). Como já foi referido, foi através da técnica de "bola de neve" que se foram escolhendo outras mulheres a entrevistar, pelo que se pediu a cada uma das entrevistadas para sugerir outra mulher com um elevado ou muito elevado nível de capitais.

Assim que se considerou que os conteúdos das entrevistas feitas às mulheres deste grupo começavam a ser redundantes, iniciaram-se as entrevistas às mulheres com baixos ou muito baixos capitais, que se veio a designar como Grupo 2. Aqui, foi menos fácil conseguir a anuência por parte das mulheres, que tinham dificuldade em compreender a razão pela qual eram "escolhidas", já que consideravam que a sua vida era *"normal"* e, como tal, não deveria ter qualquer interesse para o estudo... O

trabalho, por parte da investigadora / entrevistadora, mostrava-se, assim, muito mais exigente, mesmo antes de iniciar as entrevistas. Da postura quase espontânea, sem grandes exigências no modo como se dirigia às mulheres do Grupo 1, depressa se apercebeu que eram imprescindíveis muitos outros cuidados, ao nível da abordagem, da linguagem e, até da própria indumentária. Todos estes factores passaram, rapidamente, a ser estudados e preparados para evitar, principalmente, a distância que estas entrevistadas sentiam da pessoa que as pretendia entrevistar. Os pontos de contacto e interesse comuns, as entrevistadas adivinhavam-no, eram muito poucos ou nenhuns, pelo que a distância que as separava seria, sem dúvida, um factor de perturbação, se não se envidassem esforços, então, de forma a que a apresentação e a abordagem, ao invés de constituir uma barreira cultural a interpor-se entre ambas, servisse de aproximação. Foi pensada, repensada e melhorada a forma de conseguir que as entrevistadas deste grupo não se sentissem inferiorizadas perante o estatuto social da investigadora. Alguns pontos existiam, com certeza, pelo que houve que os descobrir e explorar: antes de qualquer outro aspecto, ambas eram mulheres. Começou-se por aqui, deixando que outros fossem surgindo, até aspectos que poderiam parecer irrelevantes, mas que se revelaram muito úteis como elos de aproximação, como o gostar de gatos, apreciar chá ou café que, embora sendo verdade, serviram de *pretexto* para conseguir que a distância diminuísse. Nas entrevistas mais bem sucedidas, o gravador ficava esquecido num canto da mesa, parecendo mais tratar-se de duas amigas que se haviam encontrado, para conversar, o que fazia lembrar a expressão de Poirier *et al*, *"narrador e narratário são parceiros"*[126] A grande diferença residia mais no facto de não se tratar de um diálogo, mas de uma pessoa que *lançava* os assuntos e outra que ia falando sobre eles.

Reconhece-se que esta fase do trabalho foi, de todas, a que mais prazer deu e mais enriqueceu a investigadora, tanto do ponto de vista do conhecimento da realidade como humano. Para captar e compreender maneiras de olhar, maneiras de viver, maneiras de sentir, não parece que pudessem ter sido usadas outras técnicas que não as qualitativas. O manancial de informação recolhido foi vastíssimo, desde os

[126] Vd. Jean Poirier, Simone Clapier-Valladon e Paul Rybaut, *Histórias de Vida*..., p. 26.

silêncios, os risos e as lágrimas até, evidentemente, aos conteúdos, seus significantes e significados. Tudo se revelou de uma riqueza tão abundante que se admite não ter sido possível analisar toda essa informação, pelo menos com o detalhe que a mesma merecia. Pensa-se, entretanto, que o mesmo poderá servir para trabalhos futuros, em que se pretenda aprofundar qualquer um dos temas abordados, já que todas as entrevistas foram gravadas e transcritas.

Foi a própria investigadora que fez as transcrições das vinte e seis entrevistas, uma vez que, embora se trate de *"um trabalho longo, fastidioso e minucioso"*[127], permite relembrar e escrever determinadas reacções não verbais, como movimentos corporais, olhos que se inundam de lágrimas ou sorrisos mais ou menos enigmáticos, o que não pode ser captado por quem não presenciou a entrevista e tem um valor tão grande ou maior que o verbalizado, quando contextualizado. Como lembra Poirier *et al, "deverá reproduzir-se o conteúdo da banda magnética, ou da cassete, «tal e qual» – todos estes acidentes e modulações da história constituindo, eles próprios, parte integrante do discurso ("os silêncios falam")"*[128].

Explicitados os procedimentos metodológicos adoptados para o desenvolvimento da pesquisa e as notas pessoais da investigadora / entrevistadora, importa agora iniciar a apresentação dos resultados obtidos.

[127] Idem, *ibidem*, p. 56.
[128] Idem, *ibidem*, p. 15.

Parte III

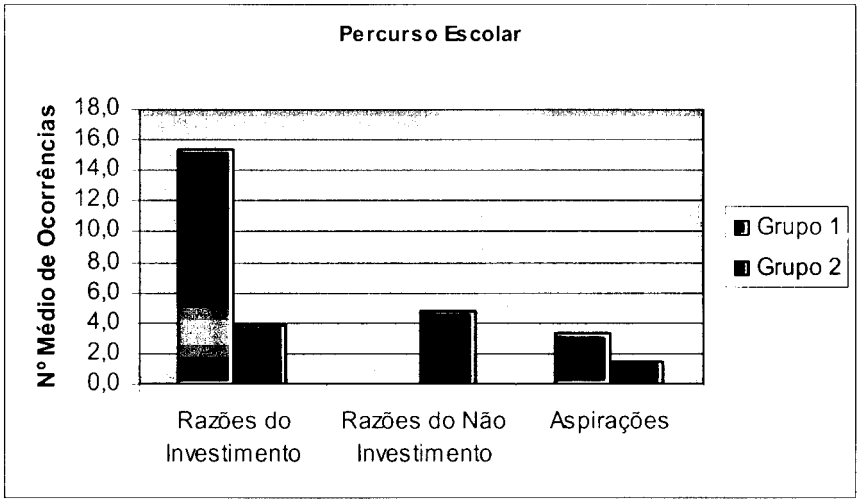
– Confidenciando a Vida

– *Do Sentido ao Verbalizado*

1. O Percurso Escolar

As habilitações literárias das mulheres constituem o critério que distingue cada um dos grupos. Mesmo assim, é interessante aferir das razões apresentadas para explicar os diferentes percursos escolares, bem como para expressar as suas aspirações (quando as têm), no que respeita ao aumento das suas qualificações.

Gráfico 1 – Percurso Escolar



1.1. O investimento

Começando pelas mulheres que apresentam um mais elevado nível de habilitações e pelas razões desse investimento em capital escolar, verifica-se que o incentivo familiar é um dos motivos mais enunciados. Em muitos casos este apoio é dado pelo pai ou pela mãe, sendo também, por vezes referidos os irmãos (e, quando são casadas, o próprio marido). Algumas entrevistadas referem-se, mesmo, uma certa influência familiar. É provável que este incentivo tenha por base alguma consciência de que a *"reprodução social das mulheres passará necessariamente pelas*

credenciais. Esta consciência, e consequente aposta na escola, conduzirá a uma maior vantagem das mulheres no mercado de trabalho"[129]

> *"se calhar foi um bocado por influência da minha mãe"* (entrevista 1.1; quadro superior, solteira, não tem filhos, 25 anos)
>
> *"Sempre quiseram que a gente estudasse (...) um bocado pressionados pelos meus pais para estudar"* (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)
>
> *"O meu pai (...) sempre me incentivou e disse que gostava (...) que fizesse a faculdade (...) sempre me motivou, portanto... nunca me condicionou negativamente. (...) Os meus (...) irmãos (...) também acharam que essa era a única via... via possível"* (entrevista 1.3; empresária e professora, a viver em união de facto, não tem filhos, 37 anos)
>
> *"senti sempre muito apoio da parte dos meus pais"* (entrevista 1.6; pintora e ilustradora, casada, tem dois filhos, 38 anos)
>
> *"tive uns pais que (...) me foram encaminhando para... para o curso"* (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos)
>
> *"tive bastante apoio dos meus pais"* (entrevistada 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos).

Um determinado grau académico (o que corresponde, no Grupo 1, à licenciatura, na grande maioria dos casos) constitui para algumas das entrevistadas algo que nunca chegaram a questionar, sendo ou não este o padrão ou quadro familiar ao nível das habilitações literárias atingidas.

> *"fazer uma licenciatura foi sempre um objectivo. Nunca questionei (...) porque acho que havia um padrão... sei lá... de exigência, por parte da família (...) Nunca me passou pela cabeça chegar ao 12º ano e não seguir os estudos... É como se fosse um percurso normal (...) uma aprendizagem normal."* (entrevistada 1.1; quadro superior, solteira, não tem filhos, 25 anos)
>
> *"para mim, foi sempre uma questão natural eu ir para a faculdade"* (entrevistada 1.3; empresária e professora, a viver em união de facto, não tem filhos, 37 anos)

[129] Vd. Vd. Elísio Estanque *et al*, *Classes e..., op. cit.*, p. 119

> *"Nunca me passou pela cabeça não* tirar *um curso superior!"* (entrevistada 1.7; empresária, casada, tem uma filha, 38 anos)
>
> *"era o normal no quadro familiar e no contexto que tinha era o normal fazer... fazer-se uma licenciatura"* (entrevistada 1.15, administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

Noutras entrevistas, verifica-se que atingir um nível elevado de qualificações era um objectivo pensado e uma meta bem definida. Esta vontade de alcançar um grau elevado de habilitações constitui um meio de conseguir ter um nível de vida melhor que o dos seus progenitores, acreditando assim que o capital escolar se iria converter em capital económico. O que, de facto, parece corresponder ao que se passa em Portugal, no caso das mulheres. Assim, e segundo Elísio Estanque, *"as qualificações aparecem como relativamente permeáveis, sendo as probabilidades de mobilidade* [através das localizações de classe] *nesta dimensão de 62%"*[130]

> *"Foi uma* coisa *que eu sempre quis. (...) nunca me passou pela cabeça não tirar uma licenciatura! (...) sempre desejei!"* (entrevistada 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)
>
> "*sempre pensei em licenciar-me (...) nunca me passou pela cabeça não me licenciar!"* (entrevista 1.4, magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos)
>
> *"sempre achei que iria ser importante, para mim, para o meu futuro, para ter mais qualquer coisa (...) para conseguir ter uma vida melhor do que aquela vida que era a vida que os meus pais tinham"* (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos)
>
> *"ir para a universidade, era a nossa meta"* (entrevista 1.9; recém aposentada, foi professora, casada, tem três filhos, 58 anos).

Depreende-se das entrevistas que o gosto pelo estudo constitui, de igual modo, uma explicação para que estas mulheres permanecessem na escola até concluírem os seus cursos superiores, ainda que, por vezes, essa vocação as "obrigasse" a adiar o projecto de casamento e de maternidade.

---

[130] Vd. Elísio Estanque *et al*, *Classes e..., op. cit.*, p. 115

"eu sempre gostei imenso de estudar" (entrevista 1.1; quadro superior, solteira, não tem filhos, 25 anos)

"a licenciatura, acho que foi uma decisão que tomei extremamente cedo! Sempre disse que ia para a faculdade (...) sentia-me realizada a estudar, gostava do que... do que fazia" (entrevista 1.3; empresária e professora, a viver em união de facto, não tem filhos, 37 anos)

"Sempre gostei muito da escola" (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos).

Se o prazer pelo estudo e o interesse em adquirir uma certa bagagem cultural são fundamentos mencionados para explicar o investimento escolar feito antes e ao longo da actividade profissional, a necessidade de aprender e mesmo uma forma de ocupar o tempo legitimam o investimento feito já estando a trabalhar.

"O prazer... e por uma grande necessidade também de tentar compreender..." (entrevista 1.5; auditora e professora, casada, teve dois filhos, mas morreram ainda bebés, ajuda a educar vários adolescentes sem os ter adoptado, 49 anos)

"aquilo que eu tinha aprendido não era nada para aquilo que eu... que eu precisava de saber (...) necessidade de saber mais alguma coisa" (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos)

"foi uma decisão tipo quase para me ocupar, porque entretanto também tinha tomado algumas decisões que me desocuparam (...) decidi fazer a pós-graduação (...) senti-me, assim, um bocado perdida" (entrevista 1.3; empresária e professora, a viver em união de facto, não tem filhos, 37 anos; referindo-se ao facto de ter terminado uma relação amorosa de vários anos).

O grupo de entrevistadas com menos habilitações apresenta explicações muito diferentes das anteriores para estudar já na idade adulta. Aqui, já não se encontram motivos como o gosto pelos estudos ou a necessidade de aprender, mas razões de ordem mais prática, para essa tomada de decisão. Assim, essa motivação vai desde o receber um subsídio (no casos de cursos financiados), a ter necessidade de um determinado nível de qualificação para poder concorrer a um emprego.

"pagavam-me o subsídio (...) e a alimentação e o dinheiro do passe... e como eu não trabalhava (...) não ganhava nenhum... aproveitei esse curso!" (entrevista 2.1; recém desempregada, solteira, não tem filhos, 46 anos)

"queria concorrer para as escolas (...) eu disse: «Então eu vou estudar! Eu vou fazer a preparatória»!" (entrevista 2.5, auxiliar educativa, casada, tem três filhos, 64 anos).

1.2. O não investimento

A forma díspar de ver e *viver* a escola é compreendida pelo discurso das entrevistadas. De facto, trata-se de realidades bem distintas, as vividas por cada um dos grupos de mulheres.

Assim, o modo como as mulheres do grupo 2 (que têm como habilitações desde o 3º ao 8º ano de escolaridade) se referem ao período em que frequentavam a escola é completamente diferente do grupo anterior. Para estas mulheres que abandonaram o sistema de ensino ainda crianças ou pré-adolescentes, a escola representava, na sua grande maioria, uma obrigação, algo de que não gostavam, não queriam e para o que não se sentiam motivadas, fazendo lembrar o que Laura Fonseca refere *"muitos jovens percepcionam o currículo escolar como irrelevante para as suas necessidades. Consequentemente, muitos alunos/as da classe trabalhadora abandonam cedo a escola, limitando oportunidades de sucesso escolar e de emprego."*[131]

"Foi como uma obrigação (...) Eu é que não quis!" (entrevista 2.7; repositora de um hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos)

"Eu não consegui! Não quis, não gostei... " (entrevista 2.8, empregada comercial, casada, tem dois filhos, 54 anos)

"não gostava de andar na escola. (...) Achava que já não... que a escola já não era para mim... e... e cheguei ao 6º ano e... e, pronto! E desisti! Pedi ao meu pai (...) e disse que não queria... não queria estudar e ele não me obrigou!" (entrevista 2.9; tarefeira, a dar apoio numa sala de ensino especial, casada, tem um filho, 35 anos).

[131] Vd. Laura Pereira da Fonseca, Culturas Juvenis, Percursos Femininos. Experiências e Subjectividades na Educação de Raparigas, Oeiras, Celta, 2001, p. 161.

No discurso de uma parte significativa destas entrevistadas está patente, de igual modo, a necessidade de ajudar financeiramente os pais, pelo que se viam impossibilitadas (ou debatiam-se com grandes dificuldades) de continuar os seus estudos. O que refere Ana Nunes de Almeida a propósito das famílias de corticeiros do Barreiro, a *"escola surge como um capricho ou um luxo a que os pais, não a tendo em geral frequentado, raramente podem ceder. A valorização profissional ou a obtenção de um diploma escolar são duas opções que implicam um tempo de espera que não se compadece com a impressionante incerteza «do dia de amanhã»"*[132], corresponde, também, ao que se passou com este grupo de entrevistadas.

> *"os meus pais também precisavam de quem trabalhasse com eles... que eles trabalhavam os dois e precisavam que trabalhassem com eles."* (entrevista 2.2; desempregada, casada, tem dois filhos, 49 anos)
>
> *"acho que aquela vida não dava para ter os filhos a estudar e a minha mãe optou ou punha todas ou não punha nenhuma."* (entrevista 2.3; auxiliar educativa, casada, tem um filho, 41 anos)
>
> *"Eu ajudava os meus pais!"* (entrevista 2.6; empregada doméstica, casada, tem um filho, 38 anos)
>
> *"os meus pais precisavam e eu fui obrigada a vir trabalhar."* (entrevista 2.10, empregada de café, casada, tem duas filhas, 49 anos).

Outras situações dificultavam a continuidade do percurso escolar, quase sempre curto e fugaz, como é o caso da distância física entre a casa e a escola onde era leccionado o actual 2º ciclo. Assim, o terminar o 1º ciclo acabava, muitas vezes, por representar o abandono escolar.

> "*Criada numa aldeia (...) Não havia lá escolas!"* (entrevista 2.5, auxiliar educativa, casada, tem três filhos, 64 anos).

Ao desagrado com que era encarada a escola por parte destas mulheres (quando eram crianças), também é de realçar o modo como os seus pais encaravam o

[132] Vd. Ana Nunes de Almeida, *A Fábrica..., op. cit.*, p. 106.

interesse (ou desinteresse) por que os filhos, e mais ainda as filhas, dessem continuidade aos seus estudos. De facto, como faz notar Laura Fonseca, *"alguns autores argumentam que os pais das classes trabalhadoras não investem na escolarização dos filhos, por reconhecerem que não é relevante para a natureza das ocupações que irão desempenhar no futuro"*[133]

> *"antigamente, era só até à 4ª classe"* (entrevista 2.1, recém desempregada, solteira, não tem filhos, 46 anos).

Mesmo aquelas que gostariam de ter permanecido na escola viam-se impelidas ao abandono por exigência paterna.

> *"o meu pai tirou-me. (...) as filhas para ele eram para estar em casa! (...) a minha professora pediu tanto ao meu pai. Eu ouvi... até chorei! (...) ele disse que não (...) que não ia continuar... Eu gostava muito, mas... mas... não éramos nós que mandávamos naquele tempo..."* (entrevista 2.4; cozinheira, separada, a viver em união de facto, tem três filhos, 42 anos).

A outras não era imposto o abandono, mas eram forçadas a seguir uma determinada área independentemente de se sentirem vocacionadas para a mesma, o que acabava por resultar no desinteresse e consequente desistência.

> *"acho que me impuseram um bocado... o curso que eu havia de tirar! (...) o meu pai queria que eu fizesse o 5º ano para o Comércio, porque ele tinha os estabelecimentos. E eu não gostava daquilo!"* (entrevista 2.2; desempregada, foi empregada num minimercado, casada, tem dois filhos, 49 anos).

1.3. Aspirações

São em muito maior número as mulheres entrevistadas pertencentes ao Grupo 1 entre as que aspiram dar continuidade aos seus estudos. Os seus discursos

[133] Vd. Laura Pereira da Fonseca, Culturas Juvenis, Percursos Femininos. Experiências e Subjectividades na Educação de Raparigas, Oeiras, Celta, 2001, p. 79.

apontam para a realização de outros cursos e licenciaturas, mestrados e doutoramentos.

Depreende-se do que dizem que a vida familiar constitui se não um entrave, pelo menos algo que as leva a antecipar ou adiar a concretização destas aspirações. Assim, procuram que o investimento seja feito antes de se casarem e serem mães ou (quando já o são) adiam o projecto até que os filhos cresçam e não necessitem tanto da sua presença.

> *"tenho muito essa vontade, mas nesta altura (...) sinto (...) que os meus filhos (...) ainda precisam muito do meu apoio (...) Portanto, não vejo, nesta altura, uma possibilidade de fazer uma coisa dessas. Mas gostava. Gostava bastante de, de, de ir ao estrangeiro fazer qualquer coisa."* (entrevista 1.6; pintora e ilustradora, casada, tem dois filhos, 38 anos)
>
> *"estou a ver se o mais pequenino cresce, para depois, então, me aventurar, se calhar, num mestrado."* (entrevista 1.8, advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos)
>
> *"os filhos vão crescendo e vão tendo maior autonomia. Neste momento, ainda..."* (entrevista 1.15, administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

O interesse em aprofundar conhecimentos e em se valorizar profissionalmente é referido pelas mulheres dos dois grupos (logo, independentemente das habilitações que possuem e do tipo de actividade profissional que exercem). A aspiração de obter mais qualificações académicas tem, nestes casos, uma finalidade semelhante.

> *"quando for fazer o mestrado (...) vou aprofundar os conhecimentos na área do trabalho"* (entrevista 1.1; quadro superior, solteira, não tem filhos, 25 anos)
>
> *"penso ir fazer um curso de pastelaria! Eu gosto muito de pastelaria! Gosto! É assim: tem que ser mais, mais e mais e mais!"* (entrevista 2.4, cozinheira, separada a viver em união de facto, tem três filhos, 42 anos).

O desejo de dar continuidade aos estudos exclusivamente pela valorização pessoal é também qualquer coisa de comum a mulheres menos ou mais qualificadas.

"*também uma questão de gosto por certas matérias (...) Não vou ser promovida por estudar mais!*" (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos)

"agora quero fazer um (curso) *de primeiros socorros! Quero! Eu gosto... eu gosto muito. Não ando a estudar mas, estas coisas de... gosto!"* (entrevista 2.3; auxiliar educativa, casada, tem um filho, 42 anos).

É nas entrevistadas com menos habilitações que, com maior frequência, é dito explicitamente que não tencionam dar continuidade aos seus estudos. No entanto, as justificações dadas por umas e por outras nem sempre são idênticas. O que se tornará facilmente compreensível quando, mais adiante, observarmos o quotidiano de umas e de outras... são, claramente, mundos distintos.

"*não era que não gostasse de... de fazer alguma coisa (...) mas, tenho vergonha... (...) Porque... devia ser a mais velha que lá estava*" (entrevista 2.4; cozinheira, separada a viver em união de facto, tem duas filhas, 42 anos)

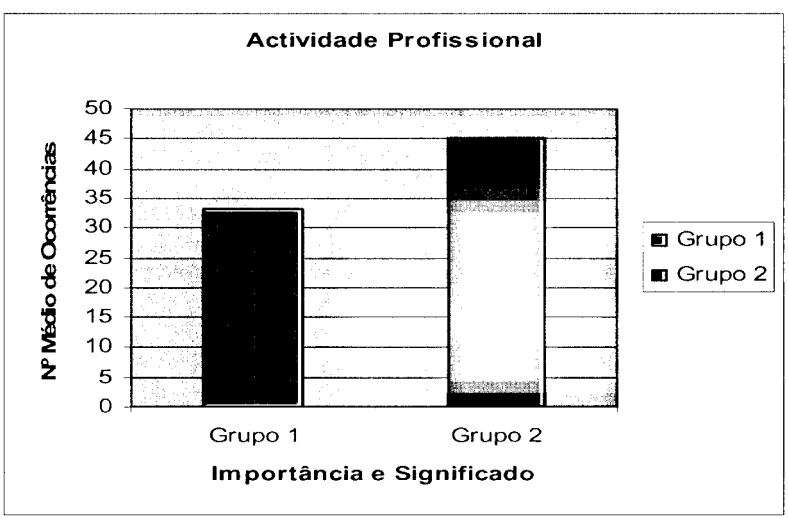
"tinha que estudar de noite era muito difícil continuar" (entrevista 2.5; auxiliar educativa, casada, tem três filhos, 64 anos).

2. A Actividade Profissional

As mulheres entrevistadas pertencentes ao Grupo 1 exercem diferentes profissões, mas todas elas podem ser consideradas actividades intelectuais. Já as diversas profissões exercidas pelas entrevistadas do Grupo 2 têm em comum o facto de serem essencialmente trabalhos manuais, *"são tarefas que, de alguma maneira, surgem como um prolongamento dos tradicionais saber-fazer femininos aprendidos na gestão do universo doméstico"*[134]. O que se começa por analisar é a relevância e o valor que o exercício dessa actividade tem para cada um dos grupos. Procura-se saber o que existe de comum e o que distancia umas e outras.

2.1. Importância e Significado

Gráfico 2 – Importância e Significado da Actividade Profissional



[134] Vd. Ana Nunes de Almeida, *op. cit.*, p. 99. Referindo-se aos operários corticeiros do Barreiro e da própria Companhia União Fabril.

Pelo gráfico apresentado verifica-se, desde logo, que o número de vezes que as entrevistadas do Grupo 1 se referem à importância e significado que a actividade profissional tem nas suas vidas é menor que o das mulheres do outro grupo. Todas as entrevistadas, sem excepção, referiram que a actividade profissional é importante nas suas vidas.

No que diz respeito às mulheres mais qualificadas, as menções feitas ao longo das entrevistas revelam que o trabalho é algo de essencial no modo como se constrói a sua identidade. O trabalhar é algo de muito importante, como refere Anália Torres, *"crescem os sectores mais escolarizados da população feminina que afirmam explicitamente o seu desejo de trabalhar no exterior como forma de realização pessoal e no sentido da valorização, desenvolvimento e reconhecimento das suas competências profissionais."*[135]

Constitui um factor de realização que leva, algumas delas, a preterir outras propostas financeiramente mais compensadoras, pelo facto de ser fundamental que o exercício das suas funções as satisfaça. Os depoimentos mostram, então, que, *"diferentemente dos homens, as mulheres dizem, muitas vezes, estar menos preocupadas com o salário do que com os aspectos sociais e relacionais do lugar de trabalho. Parecem desejar mais variedade, realização e interesse do trabalho".*[136]

> *"vejo o meu trabalho como um factor de realização. (...) não conseguia trabalhar numa empresa ou num organismo qualquer que não me motivasse e que... só pelo dinheiro em si (...) vejo o trabalho muito como uma realização profissional e parte da minha vida, daquilo que são os meus objectivos (...) não consigo trabalhar pelo lucro"* (entrevista 1.1; quadro superior, solteira, não tem filhos, 25 anos)
>
> *"sinto que... que é isto que eu quero continuar a fazer. (...) estou a fazer aquilo de que eu gosto"* (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)
>
> *"é, sobretudo, um factor de realização."* (entrevista 1.3; empresária e professora, a viver em união de facto, não tem filhos, 37 anos)

[135] Vd. Anália Cardoso Torres, *Divórcio em Portugal. Ditos e Interditos.*, Oeiras, Celta, 1996, p. 45
[136] Vd. Laura Pereira da Fonseca, Culturas Juvenis, Percursos Femininos. Experiências e Subjectividades na Educação de Raparigas, Oeiras, Celta, 2001, p. 168.

"não me sentiria realizada se não estivesse a trabalhar, se não tivesse uma actividade profissional que me satisfizesse. (...) gosto imenso do que faço" (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos)

"estou feliz (...) por ter a oportunidade de fazer uma coisa de que gosto imenso." (entrevista 1.5; auditora e professora, casada, teve dois filhos, mas morreram ainda bebés, ajuda a educar vários adolescentes sem os ter adoptado, 49 anos)

"É muito importante mesmo!" (entrevista 1.7; empresária, casada, tem uma filha, 38 anos)

"A minha actividade profissional é... é essencial. (...) sentir-me realizada. (...) Eu gosto... gosto" (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos)

"Eu gostei da profissão, realmente. (...) Sempre, realmente, me senti motivada" (entrevista 1.9, recém aposentada, foi professora, casada, tem três filhos, 58 anos)

"muito importante! (...) vida profissional, é (...) 50% dos meus objectivos de vida. (...) constituição de família, que também era, para mim, um objectivo bem delineado. (...) primeiro optei por consolidar a minha actividade profissional" (entrevista 1.10; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos)

"eu sempre adorei trabalhar" (entrevista 1.11; empresária, casada, tem três filhos, 41 anos)

"gosto muito (...) Eu gosto imenso do que faço, por isso... procuro sempre mais..." (entrevista 1.12; pintora e professora, separada de uma união de facto, não tem filhos, 33 anos)

"o trabalho tem que me dar prazer (...) acho que faz parte da minha pessoa, o trabalhar. Eu gosto de trabalhar! (...) perspectivar a minha vida sem trabalho, não." (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos)

"construir algo... que... que seja bonito de se ver! E... e é tão importante quanto isso. (...) dar um exemplo (...) pode ser uma coisa muito bonita e muito... se é levada com o coração." (entrevista 1.14, administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas, 44 anos)

"não me sentiria bem sem me realizar profissionalmente. (...) o trabalhar é qualquer coisa que faz parte da minha vida!... E... e, sobretudo, trabalhar conseguindo estar motivada e realizada com o que faço" (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos)

"gosto imenso (...) profissionalmente, eu realizo-me a 100%! (...) gosto imenso do que faço" (entrevista 1.16; professora, a iniciar o processo de divórcio, tem três filhos, 42 anos).

É curioso verificar como algumas das celibatárias mais escolarizadas quando se referem à importância que atribuem à actividade profissional fazem alusão, com frequência, a outras esferas da vida que considera tão ou mais importantes que esta, fazendo com que se pense se não se está em presença do que Kaufmann refere, *"sendo uma hierarquia perturbadora e inconfessável, contrária à ordem dos valores da época, em que a família está no topo e o trabalho na base: nas sondagens de opinião, todos se sentem levados (por um enquadramento moral invisível) a declarar-se, se não contra o trabalho em si mesmo, pelo menos contra o facto de se lhe dedicar um interesse demasiado grande e demasiado exclusivo."*[137]

> *"há outras coisas que também são muito importantes e que eu não abdico delas. E que espero não vir a abdicar no futuro (...) Ao espaço para estar com os outros e à minha vida pessoal e... porque acho que também é importante e, se calhar, nalgumas coisas acho que acaba até por ser mais importante do que o emprego"* (entrevista 1.1, quadro superior, solteira, não tem filhos, 25 anos)

> *"se não precisasse de trabalhar em termos económicos, eu não trabalhava. Agora não vou dizer que se não tivesse que trabalhar que não faria nada, do género de tipo de vida de* dondoca *não faz muito o meu género... mas, pensaria noutras coisas. Aliás, estou a pensar em tirar uma nova licenciatura (...) se pudesse dedicava-me a outras coisas. E... e largava a profissão. Ou outra licenciatura ou outra coisa qualquer. Se não* entrar *na licenciatura penso, provavelmente, em fazer outro curso qualquer".* (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos).

Como é evidente, a contrapartida financeira do exercício da profissão é essencial, mas são vários os casos em que estas mulheres têm como preocupação fazer realçar que este não é o seu critério fundamental quando optam por uma determinada actividade.

> *"não acho que seja só pelo dinheiro que se trabalhe... porque acho que... não ganho mal mas provavelmente acho que se estivesse a trabalhar noutro organismo poderia estar a ganhar melhor ou numa empresa a fazer outro tipo de... com outro tipo de*

[137] Vd. Jean-Claude Kaufmann, *A mulher só e o príncipe encantado. Inquérito sobre a vida a solo,* Lisboa, Editorial Notícias, 2000, p. 106.

funções, mas é exactamente porque gosto daquilo que faço tenho e porque tenho prazer nisso" (entrevista 1.1; quadro superior, solteira, não tem filhos, 25 anos)

"prefiro trabalhar sozinha, sou senhora do meu nariz, *tenho o meu tempo, atendo quem quero, quem não quero... trabalho o que quero. Obviamente que a trabalhar para outras pessoas a história é totalmente diferente. Provavelmente ganhava muito mais do que aquilo que ganho, mas não tinha a liberdade que eu tenho e isso, para mim, é muito importante e fundamental"* (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)

"opção (...) por ter autonomia total de movimentos a todos os níveis" (entrevista 1.3; empresária e professora, a viver em união de facto, não tem filhos, 37 anos)

"para ter uma vida com mais conforto, mas... mas não só. (...) se saísse a lotaria (...) Não deixava de trabalhar" (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos)

"se me saísse uma bolada de um jackpot *no totoloto, eu nunca deixaria de trabalhar. (...) trabalhar como voluntária (...) a maior chatice de uma pessoa trabalhar é precisar do dinheiro! (...) detesto precisar de... do dinheiro que ganho"* (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos)

"não é só um meio de subsistência, porque não estamos a falar a esse nível. Poderia ser, mas não é! (...) desafio (entrevista 1.14; administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas, 44 anos).

Algumas das mulheres deste grupo (3 em 14) chegam a abdicar da sua independência económica, optando por ficar (durante um determinado período) a depender financeiramente dos maridos (ou, pelo menos, a não ganhar o suficiente para manterem o mesmo nível de vida que estes lhes proporcionam com os seus vencimentos) para garantir que a aposta na carreira pela qual sentem vocação não é necessariamente posta de lado[138].

"Seguir a carreira, a certa altura, pôs em causa o factor de subsistência (...) só com a ajuda dele é que foi possível, porque eu não... conseguia escoar, assim, tanto trabalho para poder subsistir." (entrevista 1.6; pintora e ilustradora, casada, tem dois filhos, 38 anos).

[138] Num dos casos a opção foi tomada para que a mulher não tivesse necessidade de se afastar da família.

A tentativa de exercer, o melhor possível, as funções profissionais, é uma constante. O empenho é, de facto, algo facilmente perceptível nestas entrevistas. Os discursos são testemunhos do que afirma Anália Torres, quando se refere às mulheres com um nível de instrução elevado e maior grau de autonomia financeira, *"a profissão tende a ser avaliada de forma mais positiva e a constituir-se também como factor de identificação social."*[139]

> *"O tentar fazer sempre o melhor possível e isso tem muito a ver comigo! (...) quando faço gosto de fazer o melhor possível"* (entrevista 1.2, advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)
>
> *"os problemas desaparecem, porque acabo por... estar muito empenhada naquilo que faço."* (entrevista 1.12; pintora e professora, separada de uma união de facto, não tem filhos, 33 anos)
>
> *"envolvo-me muito nas funções e levo um bocado a sério as funções e os projectos e sou... de alguma forma, exigente com... com o cumprimento daquilo que me proponho fazer e que as funções não exigem."* (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

É relativamente frequente a mulher que pertence a este grupo das que exercem profissões intelectuais mencionar alguns aspectos que lhes desagradam.

> *"acaba por limitar um bocado"* (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)
>
> *"é um bocado trabalho de escravo. (...) sempre trabalho atrasado. (...) sempre com o* coração nas mãos *(...) acaba por ser frustrante é um* poço sem fundo*! (...) tive, até, alguns problemas de saúde, devido ao stress e à ansiedade"* (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos)
>
> *"traduz sempre uma... uma grande ocupação... e, por uma... alguma ansiedade"* (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

A decisão de acumular uma actividade profissional paralela sucede muitas vezes entre as mulheres deste grupo. As motivações parecem dever-se a pretenderem diversificar o trabalho e estudar outras matérias.

---

[139] Vd. Anália Cardoso Torres, *Divórcio em Portugal. Ditos e Interditos.*, Oeiras, Celta, 1996, p. 91.

"dou formação na área do Direito que é óptimo para quebrar *a monotonia da Advocacia (...) e eu gosto imenso (...) também, vou tendo que estudar algumas coisas (...) convidaram-me para dar uma formação (...) foi engraçado (...) se vier outra vez provavelmente aceitarei! (...) de vez em quando, também* abrem assim umas portas *(...) Tem sido um bocado assim!"* (entrevista 1.2, advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)

"Dou (...) aulas... Muito sinceramente, por prazer (...) Financeiramente não dá (...) A minha base... eu estou a fazer um... um trabalho de auditoria que, em si, também é criativo" (entrevista 1.5; auditora e professora, casada, teve dois filhos, mas morreram ainda bebés, ajuda a educar vários adolescentes sem que os tenha adoptado, 49 anos)

"foi uma coisa muito interessante! Gostei imenso (...) é fantástico!" (entrevista 1.16; professora, separada, a iniciar o processo de divórcio, tem três filhos, 42 anos).

No entanto, nem sempre é fácil compatibilizar mais do que uma actividade. A satisfação que pode proporcionar nem sempre compensa o esforço que é exigido.

"saí, sobretudo, por razões pessoais, por estar a esgotar, um bocado, as minhas... Estava... estava a ficar muito cansada." (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos; a justificar o abandono das aulas que estava a leccionar paralelamente à sua actividade profissional de base).

O exercício de uma dada profissão parece ser mais o resultado de oportunidades que vão surgindo e que estas mulheres vão aproveitando desde que se sintam preparadas para as assumir e que as considerem propostas interessantes.

"as minhas opções profissionais não são assim tão convictas quanto isso...vão surgindo (...) continuo a gostar e continuo a achar que, para já, que me satisfaz, mas é engraçado que sempre tive a ideia de que a advocacia não era uma profissão para a... para o resto da vida (...) passo (...) algumas fases que... que acho que, se calhar, fazer outra coisa, seria melhor. Mas, depois, vem o meu consciente dizer assim: «mas, o que é que tu sabes fazer?»" (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)

"fui mudando (...) não é assim (...) uma recta direitinha... (...) Muitos interesses, muitas coisas..." (entrevista 1.5; auditora e professora, casada, teve dois filhos, mas

morreram ainda bebés, ajuda a educar vários adolescentes sem os ter adoptado, 49 anos)

"foi uma aposta que eu fiz e ainda bem!" (entrevista 1.16, professora, a iniciar o processo de divórcio, tem três filhos, 42 anos; sempre pensou que não queria leccionar, mas quando lhe surgiu a oportunidade decidiu experimentar e sente-se completamente realizada em termos profissionais).

A forma como uma das entrevistadas do Grupo 1 descreve qual considera ser a grande vantagem de ser mulher no mundo do trabalho é descrita de forma curiosa:

"o nosso contributo mais positivo, entendendo-se o mais entre aspas, *em relação aos homens é, precisamente, o sermos mulheres. (...) a mulher (...) traz um valor acrescentado enorme, é precisamente, por ser mulher e por encarar as coisas e ver as coisas em outro prisma que o homem não vê... e pela subtileza com que muitas vezes trata os assuntos (...) não há nada que toque mais... um homem, com quem se vai trabalhar, do que alguém que é muito feminino que está na sua frente! (...) facilmente, saltamos da mulher para a mãe, para a irmã, para a amiga... Para nós é fácil, mover-nos nesses planos. Eu acho que é, aí, o nosso grande trunfo."* (entrevista 1.14, administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas, 44 anos).

O significado e a importância que a actividade profissional têm para as mulheres menos qualificadas não são o mesmo que têm para as mulheres com mais habilitações escolares.

Sem dúvida que qualquer destas mulheres valoriza muito esta componente da sua vida.

"Adorei este (...) o último. Eu adorava (...) Gostava imenso" (entrevista 2.1; recém desempregada, solteira, não tem filhos, 46 anos)

"gosto do que faço! (...) É óbvio que tenho que ganhar dinheiro, porque uma pessoa não pode trabalhar de graça, não é?! Tenho amor ao que eu faço! Gosto! (...) é a minha vocação" (entrevista 2.3; auxiliar educativa, casada, tem um filho, 41 anos).

Sabe-se que a necessidade de as mulheres trabalharem no exterior baseia-se, em muitos casos, na precariedade económica, ou na vontade de manter estilos de vida

incomportáveis apenas com um ordenado.[140] O que se depreende das observações feitas pelas entrevistadas é que o emprego é apreciado não tanto pelas funções que são exercidas, mas pelo que este proporciona, sendo aqui de destacar como elemento mais citado a contrapartida financeira – o ordenado recebido – a qual proporciona uma independência económica considerada fundamental, bem como um determinado nível de vida para as próprias e para os filhos cuja educação é entendida como financeiramente exigente.

> *"Tem de se trabalhar! Para se poder dar aos filhos aquilo que eles precisam e nós termos o mínimo (...) os meus filhos andaram os dois no (...) colégio (...) também se paga bem. (...) depois, pôs-se aqueles problemas não queremos faltar com nada, porque depois há explicações e, depois, há mais isto e depois há mais aquilo, pronto! Continua-se!"* (entrevista 2.2; desempregada há 6 anos, trabalhava num minimercado, casada, tem dois filhos, 49 anos)
>
> *"o meu filho estava no infantário (...) já pagava muito dinheiro! (...) muitas vezes, saía às 6 horas de trabalhar, ia buscar o meu filho, ia para casa e ia trabalhar até às 3, 4 da manhã (...) para não andar a pedir... não queria sustento... não queria depender de ninguém (...) e, ainda hoje... ainda hoje, sou muito independente (...) Gosto de ter o meu dinheiro... eu sou assim, prontos! Sempre fui assim... nunca gostei de depender, cá de homem, cá de nada!"* (entrevista 2.4; cozinheira, separada a viver em união de facto, tem três filhos, 42 anos)
>
> *"Era o que eu tinha... tinha que gostar! Ao fim do mês ganhava alguma coisa."* (entrevista 2.5; auxiliar educativa, casada, tem três filhos, 64 anos)
>
> *"Gosto muito daquilo que faço. (...) Gosto e monetariamente, também, preciso!"* (entrevista 2.7; repositora num hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos)
>
> *"o trabalho tem muita importância. Em todos os aspectos! Desde a importância monetária, não é?!"* (entrevista 2.9; tarefeira numa escola, a dar apoio numa sala de ensino especial, casada, tem um filho, 35 anos)
>
> *"gosto e, além disso, também preciso"* (entrevista 2.10; empregada de café, casada, tem duas filhas, 49 anos).

[140] Vd. Anália Cardoso Torres, *Divórcio em Portugal. Ditos e Interditos.*, Oeiras, Celta, 1996, p. 45

Só uma das entrevistadas deste grupo realça aspectos favoráveis da sua actividade que não passam pelo vencimento nem pelo convívio que lhe é proporcionado mas, antes o próprio exercício das funções que desempenha e a satisfarão pessoal que daí advém:

> *"gosto imenso, porque eu acho que me sinto útil, no trabalho que faço. (...) faz-me sentir muito bem..."* (entrevista 2.9, tarefeira numa escola, a dar apoio numa sala de ensino especial, casada, tem um filho, 35 anos).

Os maridos de algumas das entrevistadas pressionaram as mulheres a abandonar os seus empregos, quando ficavam noivos ou numa fase posterior, nesta *"decisão de «ficar em casa» pesa também uma certa concepção cultural dos papéis femininos adultos e, mesmo, das relações de autoridade entre homem e mulher"*[141]. Não querendo desagradar ao respectivo cônjuge, acabam por ceder (pelo menos durante um determinado período) optando por, além de desempenhar o conjunto das tarefas (arrumar, limpar, lavar, passar a ferro, cozinhar, fazer as compras) sem a ajuda de ninguém, fazer alguns trabalhos manuais por conta própria, nas suas casas, *"num prolongamento das suas «aptidões» domésticas"*[142] (o que lhes permite contribuir para o orçamento familiar). O que auferem com a venda destes produtos é pouco, embora já lhes dê a sensação de não estarem completamente dependentes do marido, em termos financeiros.

> *"o meu marido queria que eu casasse (já namorava) (...) Que eu tinha de deixar e eu nunca queria depender do meu marido. Então, o que é que eu fiz?! Comecei a fazer tapetes de Arraiolos, em casa, uma vez que ele não me deixava trabalhar fora (...) dizia que mulher dele... aquelas coisas... Eu teimei muito para chegar onde cheguei! Porque eu acho que uma mulher tem que ter uma certa independência!"* (entrevista 2.3, auxiliar educativa, casada, tem um filho, 41 anos)
>
> *"o meu marido (...) cismou que queria que eu estivesse em casa. (...) E eu acabei por ficar em casa mas, arrependi-me muito. (...) Arrependi-me tanto, tanto, tanto... (...) Arrependi-me, porque eu tinha o meu emprego. Chegava ao fim do mês, tinha o meu dinheiro (...) É um gosto ter dinheiro nosso. (...) chegar ao fim do mês, ter... ter*

[141] Vd. Ana Nunes de Almeida, *op. cit.*, p. 99. Referindo-se a alguns operários da CUF.
[142] Vd. Idem, *ibidem.*

o nosso ordenadinho, ter o nosso dinheiro" (entrevista 2.5; auxiliar educativa, casada, tem três filhos, 64 anos).

Enquanto algumas das mulheres do grupo das mais escolarizadas afirmavam que rejeitavam propostas de outros empregos ainda que financeiramente fossem mais compensadoras, entrevistadas do grupo 2 revelam que mudaram de uma actividade para outra que apreciavam menos para terem a oportunidade de receber um salário mais elevado.

"eu fiz 25 anos tapetes de Arraiolos (...) e saí, porque... ganhava-se menos" (entrevista 2.5; cozinheira, separada, a viver em união de facto, tem três filhos, 42 anos).

Constata-se que a participação no mercado de trabalho, por parte das mulheres, mesmo em circunstâncias difíceis, *"também é alimentada pelo desejo feminino de fuga ao fechamento doméstico, ao universo circunscrito e tantas vezes limitador da esfera doméstica."*[143] O trabalhar fora de casa proporciona, por outro lado, o contacto com pessoas diferentes que torna mais interessante a vida destas mulheres (na sua perspectiva). Consideram que esta convivência e a troca de opiniões e de experiências as modifica, enriquecendo-as. Em casa, esta componente parece ser inexistente:

"Gostava. (...) a gente trabalhando fora de casa, sempre conhece este conhece aquele. (...) conhecia muita gente, porque estava a trabalhar." (entrevista 2.2; desempregada, casada, tem dois filhos, 49 anos; referindo-se ao período em que estava empregada)

"a trabalhar, mudei completamente, a maneira de ser, porque também, eu acho que a pessoa vai crescendo e vai amadurecendo (...) além de termos a nossa independência, nós temos contacto com outras pessoas e, às vezes, a opinião... talvez isso mudasse a minha personalidade. A opinião de uma professora... de uma colega, dos miúdos (mesmo, até a conversar com eles)... acho que tudo isso, nos faz um bocadinho a cabeça! E em casa uma pessoa não aprende nada!" (entrevista 2.3; auxiliar educativa, casada, tem um filho, 41 anos).

[143] Vd. Anália Cardoso Torres, *Divórcio em Portugal. Ditos e Interditos.*, Oeiras, Celta, 1996, p. 45.

São em número significativo as mulheres com poucas habilitações que começam a trabalhar muitos jovens, algumas delas ainda crianças, independentemente de ainda estarem ou não a frequentar a escola. As famílias eram numerosas (embora muitos dos seus irmãos fossem falecendo) e o rendimento do pai (ou, eventualmente, dos pais) não era suficiente para sustentar todos. Para assegurar necessidades básicas tornava-se necessário mais familiares a auferir vencimentos. Como refere Laura Fonseca *"embora a ideologia da domesticidade faça crer que o lugar primeiro da mulher são as responsabilidades familiares, e que estão poucos comprometidas com o trabalho, o que é certo é que a maioria das mulheres destes grupos sociais sempre trabalhou".*[144]

> *"Para ganhar para comer e vestir-nos... vestir-nos, calçar-nos, porque nós éramos muitos e o dinheiro só de um homem era pouco. A minha mãe fazia o* campito *que tinha e... o bocado do meu pai (não era muito) para oito filhos..."* (entrevista 2.5; auxiliar educativa, casada, tem três filhos, 64 anos)
>
> *"Eu comecei a trabalhar aos 9 anos! (...) o que ganhava era todo para casa!"* (entrevista 2.6; empregada doméstica, casada, tem uma filha, 38 anos).

Nem todas as entrevistadas do grupo das mulheres menos escolarizadas falam do seu trabalho com grande entusiasmo, o que também se pode explicar (pelo menos, em parte) pelo facto das actividades que exercem não corresponderem àquilo que ambicionariam se tivessem tido outras oportunidades. Uma das entrevistadas gostaria de ter podido estudar de modo a ser educadora de infância. No entanto, viu-se obrigada a abandonar a escola aos 14 anos sem ter terminado com êxito o 4º ano (altura em que os pais deixaram de receber o abono) pelo que sempre foi empregada doméstica. O sonho de outra das entrevistadas era ser cabeleireira, mas como os seus pais não concordaram, desistiu da ideia.

> *"não desgosto (...) gosto"* (entrevista 2.6; empregada doméstica, casada, tem uma filha, 38 anos)
>
> *"gostava de ser cabeleireira mas, a minha mãe e o meu pai é que nunca gostaram. Portanto, nunca gostaram, nunca fui! (...) Gosto... Mais ou menos (...) nem gosto*

[144] Vd. Laura Pereira da Fonseca, *Culturas Juvenis*..., p. 67.

nem... não é gostar nem deixar de gostar! É... é um trabalho muito preso. Não tenho horas nem... nem nada!" (entrevista 2.8; empregada comercial, casada, tem dois filhos, 54 anos).

O reconhecimento por parte dos outros parece ser algo de muito importante na afirmação da identidade destas mulheres com menos habilitações escolares. Esta realidade vem infirmar, parcialmente, a afirmação de Singly sobre o que se passa *"hoje em dia, a forma de vida privada que cada um escolhe não tem de modo algum necessidade de uma legitimidade do exterior, conformidade social com uma instituição, ou ainda moral. Ela estrutura-se antes de mais nada no reconhecimento mútuo das pessoas que vivem juntas. Ela estrutura-se antes de mais nada no reconhecimento mútuo das pessoas que vivem juntas, no respeito que têm uma pela outra."*[145]

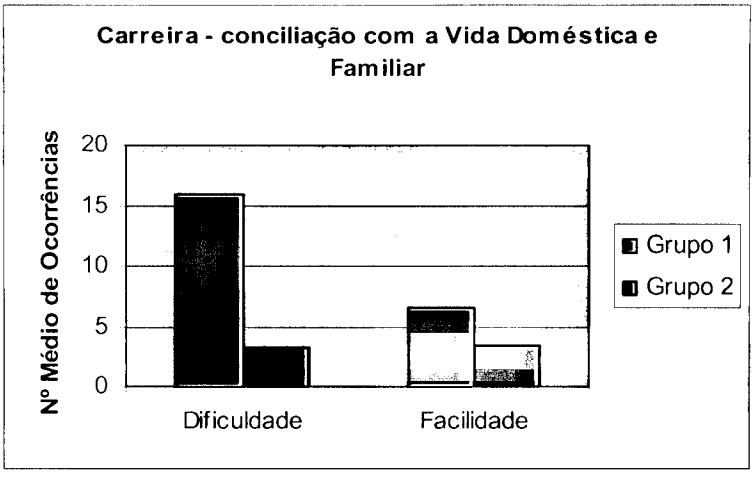
"uma mulher em casa, todo o dia, passa o dia a fazer a mesma coisa. É todo o dia... arruma, faz as refeições... volta a arrumar, trata da roupa... e, depois, não é... valorizada! Acho que uma mulher em casa, não é... as pessoas... as pessoas, o marido (!) não dá o valor... que eu acho que a mulher merece!" (entrevista 2.9; tarefeira, a dar apoio a uma sala de ensino especial, casada, tem um filho, 35 anos).

[145] Vd. François de Singly, *O Eu, O Casal e a Família*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000, pp. 16 e 17.

2.2. Conciliação entre a Carreira Profissional e a Vida Familiar

"Inúmeros trabalhos (em particular os da corrente feminista) mostraram que era impossível separar vida de trabalho e vida familiar."[146]

Gráfico 3 – Carreira – Conciliação com a Vida Doméstica e Familiar



Os relatos das mulheres com mais habilitações são aqueles em que com mais frequência são apresentadas dificuldades na conciliação da carreira profissional com a vida doméstica. Deste modo, apesar de serem também aquelas que mais referem as facilidades (os seus relatos são bastante mais longos sobre esta matéria), o peso das dificuldades com que se debatem representa, nas suas opiniões, (em média) quase cinco vezes mais que o peso dos factores facilitadores dessa conciliação.

As exposições feitas pelas mulheres menos escolarizadas apresentam um equilíbrio muito grande entre os factores que dificultam e os que facilitam a harmonia entre as esferas doméstica e profissional.

É muito interessante constatar, através da análise das narrativas de umas mulheres e de outras, como é tão díspar a maneira como é sentida esta necessidade de conjugação de esferas (profissional e familiar) tão importantes nas suas vidas.

[146] Vd. Jean-Claude Kaufmann, *O Labirinto...*, *op. cit.*, p. 114.

Procura-se também investigar quais as estratégias que são escolhidas para melhor ultrapassar as barreiras e os apoios com que umas e outras podem contar.

As mulheres entrevistadas que exercem profissões intelectuais consideram, globalmente, que se houver uma grande dedicação ao trabalho a conciliação com a vida doméstica torna-se difícil.

Anália Torres explica como os investimentos das mulheres com um nível de instrução mais elevado se partilham entre a esfera familiar e a profissional. *"E se isto tende a traduzir-se numa menor dependência face ao casamento e na menor interdependência entre os cônjuges, é também susceptível de produzir tensão e conflitualidade. Tensões estas que podem aparecer por via da dificuldade em conciliar tarefas domésticas e dos cuidados com os filhos. No caso das mulheres das classes populares, estas assimetrias também existem e provavelmente ainda mais se acentuam, mas a verdade é que elas podem ser entendidas de outra forma, ou seja, como destino, como situação incontornável."*[147]

> *"se as pessoas se dedicarem muito ao trabalho, eu acho que é difícil conciliar".* (entrevista 1.1; quadro superior, solteira, não tem filhos, 25 anos).

A dificuldade sentida pelas diversas mulheres do grupo das entrevistadas mais escolarizadas é variável. É, pelo menos, o que se deduz da forma como a qualificam, embora as maiores lamentações venham das que são mães.

> *"Acho um bocado complicado"* (entrevista 1.7, empresária, casada, tem uma filha, 38 anos)
>
> *"gerir isso, a actividade profissional com a actividade familiar, não é fácil."* (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos ainda crianças, 36 anos).
>
> *"é um esforço bastante grande, para tentar conseguir compatibilizar algumas coisas"* (entrevista 1.10, presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos).
>
> *"Se quisermos ter uma carreira e uma família, eu diria que são quase incompatíveis. (...) é muito esforço (...) É titânico! (...) é um stress! (...) É horrível, há fases muito*

[147] Idem, *ibidem*, p. 91

difíceis (...) É uma canseira horrível!" (entrevista 1.11; empresária, casada, tem três filhos, 41 anos)

"é evidente que (...) não é fácil" (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos).

A conciliação destas duas dimensões da vida das entrevistadas é, muitas vezes, geradora de ansiedade e desespero:

"Às vezes, choro que me farto, não é?! (entrevistada e entrevistadora riem-se pela sinceridade demonstrada) *(...) Entro quase em pânico, mas ao longo dos anos fui aprendendo a controlar os pânicos e é isso que eu vou fazendo. (...) vivo, também, neste... neste drama que é de não... não poder* perder o comboio" (entrevista 1.8; advogada, casada, mãe de dois filhos, 36 anos; o "comboio" a que se refere significa a sua carreira).

"muitas horas sem dormir, porque (...) é (...) difícil (...) assegurar tudo (...) Há alturas que dá vontade de emigrar... uma ilha, sem ninguém, abandoná-los a todos e dizer: «Agora vou me ausentar um mês para vocês darem valor ao trabalho oculto, ao trabalho invisível...» (...) nós temos que ser super mulheres! (...) Temos que ser ultra sexys *e bem cheirosas... quando não há tempo sequer para pôr perfume (...) há alturas em que uma pessoa encara isto com algum desportivismo, mas há outros em que é muito difícil de encarar"* (entrevista 1.11; empresária, casada, tem três filhos, 41 anos)

"Houve alturas, realmente, que eu me desesperei um bocado (...) Uma pessoa chega a alturas em que apetece desaparecer, porque realmente, já não consegue estar em todo o lado ao mesmo tempo." (entrevista 1.14; administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas, 44 anos)

"alguma ansiedade, exactamente, para gerir, depois, as outras componentes (...) sobretudo, componentes familiares e até pessoais (...) como tenho dificuldade de estar numa profissão sem estar em pleno, é um conflito! Eu tenho dificuldade de trabalhar aqui e... e... e não estar 100% disponível. E tenho dificuldade de gerir a minha... a minha ocupação profissional, porque não tenho 100% de disponibilidade para eles. E, portanto isto é sempre um conflito nos dois sítios. (...) tenho uma gestão complicada, disto tudo! Que se reflecte em dores no estômago, em dores na cabeça, em dores na ponta dos pés... (...) uma vez (...) um amigo (...) dizia assim:

> *«Mas tu queres ser: o teu pai profissional e a tua mãe doméstica...» (...) tenho um quadro mental da casa arrumada como a minha mãe tinha!"* (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

É interessante verificar, pelos discursos das entrevistadas, que existe a preocupação de tentar não prejudicar nem a família nem o trabalho. Ainda que este esforço acabe por se reflectir num grande desgaste para elas e numa perda de tempo de lazer, o empenho é sentido com uma certa satisfação (sobretudo por aquelas que se sentem realizadas nas diversas vertentes das suas vidas). Singly afirma que *"o care já não é sentido (ou não apenas) pela mulher como uma carga, é também realização do eu ao mesmo tempo que dá a sensação de utilidade pessoal".*[148]

> *"Eu não me importo! Não acho isso muito grave. (...) há alturas em que eu me sinto mais cansada (...) fica mais prejudicado é o meu descanso (...) tempos livres"* (entrevista 1.7; empresária, casada, mãe de uma menina, 38 anos).
>
> *"como eu me sinto bem, com as várias coisas em que eu estou envolvida, acabo por (...) não ter o peso que, de facto, poderia ter"* (entrevista 1.10; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos).
>
> *"é um abdicar permanente do nosso tempo livre (...) o nosso tempo é gerido em função deles (...) Mas é com gosto (...) claro que faz falta, nós termos um tempinho para ir a um cinema com uma amiga, ir ao cabeleireiro, pintar o cabelo... ir à depilação, ir arranjar as unhas..."* (entrevista 1.11; empresária, casada, tem três filhos, 41 anos).

A dificuldade também é sentida pelas mulheres que vivem sós. As solicitações familiares não são apenas dos que coabitam com as nossas entrevistadas.

> *"tenho família, tenho irmãos e tenho sobrinho, tenho tia, sempre tudo um bocadinho a abafar-me"* (entrevistada 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos; apesar de viver sozinha também se debate com esta situação).

[148] Vd. François de Singly, *O Eu, O Casal e a Família*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000, p. 246.

São diversas as estratégias encontradas por este grupo de mulheres para minimizar as dificuldades em conciliar estes dois domínios tão importantes das suas vias (o familiar e o profissional).

Um dos meios encontrados, em todos os casos, é a colaboração por parte de uma ou mais empregadas (internas ou externas). Aliás, constitui quase uma constante dos discursos das entrevistadas do Grupo 1, como forma de diminuir essa dificuldade. O apoio dado por esta pessoa parece ser imprescindível, embora nem todas as tarefas domésticas (normalmente, pouco apreciadas pelas mulheres mais qualificadas) sejam executadas por ela.

> *"Tenho uma empregada uma vez por semana que não faz metade das coisas. Portanto, de vez em quando, tenho...* (riso) *normalmente, aproveito os dias em que estou, mesmo, chateada. Portanto, como já estou, chateada, fazer aquilo de que não gosto, já não me estraga o dia!"* (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos).
>
> *"tenho (...) empregada"* (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos).
>
> *"posso ter uma empregada interna (...) Tenho os mínimos assegurados mas, é difícil.(...) uma empregada não nos substitui"* (entrevista 1.11; empresária, casada, tem três filhos, 41 anos).
>
> *"houve uma altura em que eu tinha empregada e ela saía-me às 5 da tarde e eu andava, absolutamente, exausta."* (entrevista 1.14; administradora de empresa, divorciada, mãe duas raparigas, 44 anos; optou por contratar duas empregadas domésticas).

O apoio, por vezes, também pode ser encontrado junto da família (pais, irmãos ou marido):

> *"minha mãe (...) se precisar de trabalhar à noite (...) tenho que pensar como é que vou fazer, como é que vou conciliar, com o meu marido, com a família"* (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos)
>
> *"pais (...) irmãos (...) apoio familiar"* (entrevista 1.10; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos).

As entrevistas feitas a este grupo de mulheres revelam que outra das estratégias para tentar resolver este "conflito" é a de tentar fazer uma gestão equilibrada do tempo e uma definição eficiente das prioridades.

> *"nunca me senti muito condicionada. Porque fui fazendo sempre as opções com algum equilíbrio."* (entrevista 1.10; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos)

> *"li um artigo (...) que dizia que enquanto a mulher não entendesse que no trabalho, tal como em tudo na vida, se faz através de um equilíbrio (...) Umas vezes sofre, entre aspas, a família em detrimento da empresa, outras vezes sofre a empresa em detrimento da família. (...) tenho que parar de tentar ser* super mulher *e eu tenho que fazer aquilo que eu consigo fazer! (...) prioridades que eu, mesma, tenho que definir e até hoje, penso ter tido algum bom senso nisso e ter definido as prioridades mais ou menos correctas."* (sorri... parece sentir orgulho de si própria) (entrevista 1.14; administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas, 44 anos).

Outra estratégia para ultrapassar as dificuldades passa por levar trabalho do emprego para casa. É um modo de estar presente (por vezes um pouco fictício) sem que o trabalho profissional fique prejudicado. Trabalho doméstico e profissional vão-se intercalando...

> *"ando sempre com trabalho... para casa e tento fazer à noite, faço ao sábado, faço ao domingo (...) ando sempre numa corrida a conciliar, digamos, as tarefas da casa com as tarefas que levo para casa e que têm a ver com a empresa! (...) Tenho 15 dias de férias por ano e... e fins-de-semana, realmente, completos (...) são muito raros."* (entrevista 1.7; empresária, casada, tem uma filha, 38 anos).

A consciência de que a existência de filhos aumenta os constrangimentos em termos de carreira faz com que estas mulheres, por vezes, retardem a concretização desse projecto como outra estratégia de defesa. Como refere Singly, *"o tempo subjectivo de mãe, invisível, roubado de certo modo ao patrão, traduz a extensão do seu trabalho de* care*"*[149]

[149] Vd. François de Singly, *O Eu, O Casal e a Família*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000, pp. 229.

> *"a minha actividade profissional é condicionada pela... pelo tipo de família que eu tenho. (...) estive 7 ou 8 anos sem ter filhos (...) Porque senti necessidade (...) de desenvolver a actividade profissional, de ganhar uma base de sustentação, em termos financeiros e de me instalar minimamente na actividade (...) tive que fazer algumas pausas, quando nasceram os meninos (...) não trabalho da mesma forma que trabalhava antes de ter as crianças"* (entrevista 1.8; advogada, casada, mãe de duas crianças, 36 anos).

Outra entrevistada tem consciência de que se encontra num momento da sua vida profissional que não se compadece com o nascimento de outro filho que o marido ao fim de muitos anos de recusa (agora) gostaria de ter:

> *"nesta altura, ou aposto na carreira ou aposto noutro filho"* (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos).

Uma das preocupações apresentadas, no caso das mulheres que são mães, é o tempo dedicado aos filhos. Exemplo disso é o que é afirmado por outra entrevistada, quando se refere à sua filha:

> *"penso que a devia acompanhar mais um bocadito"* (Entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos).

Para algumas destas mães, o tempo que dedicam aos filhos leva a que sintam que essa passou a ser sua actividade principal. Percebem que o crescimento dos filhos ajudará a que a sua dependência diminua. Esta experiência está a ser vivida de um modo quase angustiado por parte de uma das entrevistadas que receia pela actividade profissional:

> *"a minha profissão, hoje, é, mesmo, eu, eu sou uma autêntica (...)* chaufeur*! (...) Não quer dizer que mais tarde, quando eles tiverem mais independência e... e... e eu tenha tempo... mas, aí, também já é difícil, porque quando há um intervalo grande, há muita coisa posta em causa e recomeçar, outra vez, é... é complicado!"* (entrevista 1.6; pintora e ilustradora, casada, tem dois filhos, 38 anos).

Para outra entrevistada, a ocupação com os filhos não é vivida do mesmo modo, mas a situação é diferente; o que está em causa não é a carreira, trata-se do adiamento dos estudos que gostaria de prosseguir...

> *"Há uns anos atrás, eu costumava dizer que o meu doutoramento são três filhos..."* (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

Outro factor parece contribuir para a dificuldade de conciliação entre a profissão e a vida familiar: as tarefas domésticas são pouco ou nada repartidas entre marido e mulher.[150] No entanto, por um lado, algumas mulheres consideram que a responsabilidade por esta falta de partilha é, também, delas próprias, por outro desculpabilizam os maridos por considerarem que exercem profissões ainda mais desgastantes:

> *"ainda vivemos numa sociedade em que essa* história *da igualdade entre homens e mulheres não é verdade! Pelo menos, em minha casa não é! E, se calhar, eu própria também favoreço a que não seja. (...) o meu marido não sabe fazer um sem número de coisas e eu acho, isso, natural. Faço-as eu. (...) compreendo que a culpa não é dele. (...) trazemos isso incutido (...) habituamo-nos a fazer um certo número de tarefas, porque nós achamos, achamos que o homem não as faz bem. Achamos que nós é que as fazemos bem e queremos fazê-las nós. (...) somos igualmente responsáveis por esse facto."* (entrevista 1.7; empresária, casada, mãe de uma menina, 38 anos)
>
> *"temos que nos desdobrar e... e... e nós é que sentimos esse peso diário. (...) O meu marido (...) tem uma vida pior que a minha (...) ele, provavelmente... tem uma vida ainda mais* stressante *que a minha (...) provavelmente, dá um stress mental pior... sempre lhe dei esse desconto"* (entrevista 1.11; empresária, casada, tem três filhos, 41 anos)
>
> *"é muito difícil... num casal de uma forma equilibrada e se quiser ter uma... uma relação próxima com... com os filhos, que os dois estejam a investir com o mesmo esforço e o mesmo nível de ocupação na... na profissão. Sobretudo, quando os miúdos são mais... mais novos, eu acho que tem que haver, da parte de um, mais disponibilidade (...) ele passou fases em que não a podia ter e, portanto foi,*

[150] Esta matéria será desenvolvida com maior detalhe mais adiante.

necessariamente, assumido por mim mais disponibilidade" (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

Decorre das entrevistas feitas e este grupo de mulheres que a escolha de uma determinada profissão e outras opções importantes relacionadas com a sua actividade laboral são condicionadas (de forma consciente) pela vontade de conciliação com um certo tipo de vida familiar que representa a sua escolha, confirmando-se o que afirma Kaufmann, *"quando uma mulher se compromete com a vida familiar, prejudica as suas hipóteses de sucesso profissional (devido à manutenção da divisão sexual dos papéis)"*[151]

"equacionava a possibilidade de (...) seguir a carreira diplomática (...) acabei por não o fazer, porque equacionei que um dia que eu tivesse filhos (...) este tipo de carreira, era muito penalizadora para a noção de família" (entrevista 1.10; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos)

"várias ofertas de trabalho, mas isso não era compatível com a minha vida familiar." (entrevista 1.11; empresária, casada, tem três filhos, 41 anos; aceitar alguma das propostas de trabalho que lhe foram feitas obrigá-la-ia a viver noutra cidade)

"quando nasceu a segunda (...) rescindi o contrato, porque não me davam licença de amamentação (...) embora seja obrigatório... podem colocar problemas (...) E colocaram bastantes problemas (...) optei pela vida familiar, na altura de estágio, não é?! Porque eu podia ter insistido, podia ter concorrido para mais longe" (entrevista 1.16; professora, a iniciar o processo de divórcio, tem três filhos, 42 anos).

A principal consequência da necessidade de conciliação da actividade profissional e a vida doméstica e familiar citada pelas mulheres do Grupo 2 parece ser a mesma das mulheres pertencentes ao primeiro grupo: o cansaço, a tensão e a falta de tempo para si mesmas.

"chego estourada! (...) é muita tensão. A gente, eu, por exemplo, não me posso sentar a ver televisão, agora, porque o cansaço é tanto que adormeço logo!" (entrevista 2.6; empregada doméstica, casada, tem uma filha, 38 anos)

[151] Vd. Jean-Claude Kaufmann, *A Mulher só e o príncipe encantado. Inquérito sobre a vida a solo,* Lisboa, Editorial Notícias, 2000, p. 107.

"que remédio! Eu ao sábado (...) não saio de casa. Tenho que fazer a minha vida de casa (...) saio (...) um bocadinho cansada" (entrevista 2.10; empregada de café, casada, tem duas filhas, 49 anos).

O que distancia muito um grupo do outro são as dificuldades apresentadas na conciliação destas duas esferas: profissional e familiar. De facto, o que decorre dos relatos das mulheres mais desfavorecidas é que o mais penoso é a lida da casa e as crianças. Singly afirma que *"medir um tempo «maternal» é quase impossível, visto que, por definição (ao mesmo tempo socialmente construída e pessoalmente interiorizada) ser mãe é estar disponível"*.[152] Enquanto este tipo de tarefas domésticas no caso das outras mulheres fica exclusiva ou parcialmente entregue às suas empregadas, aqui é feito na sua totalidade pelas próprias (antes de irem para os seus empregos, quando regressam a casa e aos fins-de-semana).

"chegava a casa, havia roupas para tratar e havia os filhos...e... e havia isto e havia aquilo... e mais não sei o quê... havia a casa..." (entrevista 2.2; desempregada, casada, tem dois filhos, 49 anos; referindo-se ao que sentia até ter ficado desempregada)

"é um bocadinho difícil (...) Para a limpeza da casa" (entrevista 2.7; repositora num hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos).

A questão da dificuldade causada pela existência de filhos (sobretudo quando são crianças) também referida pelas outras mulheres é aqui abordada de modo diferente. De facto, não se trata do acompanhamento no sentido em que é referido pelo grupo anterior (conversar, brincar, orientar no estudo...) mas, da necessidade de os lavar, vestir, dar de comer... tarefas que, de uma maneira geral, não são exercidas pelas mães dos outros grupos, mas pelas suas empregadas.

"complicado porque tinha duas crianças pequeninas" (entrevista 2.5; auxiliar educativa, casada, tem três filhos, 64 anos)

"estou habituada entre as 6 e meia e as 7 horas acordar (...) Deixo logo, camas, tudo feito! (...) e preparar a miúda para o pai levá-la e depois saio eu... Quer dizer, é... o

[152] Vd. François de Singly, *O Eu, O Casal e a Família*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000, p. 229.

stress, começo logo de manhã. E é de manhã à noite." (entrevista 2.6; empregada doméstica, casada, tem uma filha, 38 anos).

De facto, a contratação de uma (ou mais) empregadas domésticas parece ser, para a mulher com mais habilitações, o elemento mais facilitador da resolução do conflito de gestão da vida profissional e vida doméstica. Ainda que (como se viu) o apoio por parte destas funcionárias não permita ultrapassar todas as dificuldades, elas constituem um grande auxílio (sobretudo pelo facto das lides domésticas ocuparem muito tempo mas, também, porque se trata de um tipo de tarefas que as mulheres que exercem profissões intelectuais não apreciam).

"A minha empregada limpa e eu faço por manter (...) tenho uma empregada para tratar das limpezas (...) Gosto muito da cozinha (...) mas, também é a única coisa "de casa" que eu gosto mesmo de fazer., porque o resto ...não gosto nada de limpar nem de arrumar..." (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)

"Em relação às tarefas domésticas (...) tenho empregada para aí duas manhãs por semana." (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos)

"tenho quem me ajude (...) Tenho empregada. (...) E sempre tive." (entrevista 1.5; auditora e professora, casada, teve dois filhos que morreram ainda bebés, ajudou a educar vários adolescentes que não adoptou, 49 anos)

"uma empregada, duas vezes por semana, porque não me estou a imaginar a passar a ferro ou a fazer limpezas durante... no pouco tempo que eu tenho livre." (entrevista 1.12; pintora e professora, separada de uma união de facto, não tem filhos, 33 anos)

"tenho uma senhora (...) que me passa a ferro e que me vai limpar a casa" (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos)

"o meu trabalho está muito facilitado, porque na realidade, eu tive que me munir de um conjunto de coisas e de circunstâncias que me permitem... eu se ficar aqui até às... se for preciso ficar até às 9 fico. (...) Tenho que ter duas empregadas" (entrevista 1.14; administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas, 44 anos)

"temos um esquema montado que (...) hoje nos cria muita facilidade em termos de deslocação (...) tudo isto... se gere com muito pouca... conflitualidade e muito pouca... ansiedade, porque temos uma empregada interna que entra 2ª feira às 10

da manhã e sai à 6ª feira à hora de almoço." (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

"tenho uma vida muito sossegada, porque eu tenho uma empregada interna. Eu não mexo uma palha em casa. A não ser ao fim-de-semana em que cozinho e limpo" (entrevista 1.16; professora, separada, a iniciar processo de divórcio, tem três filhos, 42 anos).

Outros dos apoios sentidos pelas mulheres do Grupo 1 é o da família, fazendo com que vejam a sua vida facilitada. Os maridos, os pais (e sogros, quando se trata de dar auxílio no acompanhamento aos netos) e, mesmo, os irmãos são citados como elementos de grande ajuda que permitem que este grupo nos afirme que é não é difícil conjugar a esfera profissional com a familiar.

"Há (...) coisas que eu não consigo fazer e peço a alguém que me faça, nomeadamente o meu irmão" (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)

"não me condiciona os movimentos, antes pelo contrário. (...) Ajudamo-nos... durante a fase em que ele esteve a fazer o mestrado, eu ajudei-o imenso, prontos, e se calhar ele noutras fases ajudou-me ele a mim. Portanto, conseguimos conciliar bem as coisas" (entrevista 1.3; vive em união de facto, não tem filhos, 37 anos; referindo-se ao companheiro com quem vive)

"Tive o apoio da família e, especialmente, da minha mãe e do meu pai" (entrevista 1.9; recém aposentada, foi professora, casada, tem três filhos, 58 anos)

"recorremos, quando precisamos, aos avós, mas (...) a organização familiar... está muito, também, assente numa terceira pessoa e sempre tivemos, praticamente sempre tivemos. (...) Sogro (...) vai todos os dias buscar a minha filha (...) eventualmente, a empregada (...) já não está (...) os avós resolvem sempre o problema. E... e com muita facilidade. Os meus sogros até são mais novos que os meus pais, mas os meus pais vivem no mesmo prédio" (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos; a "terceira pessoa" a que se refere é uma empregada interna)

"tinha um marido que suportava (...) Sempre tive muito tempo para os filhos... e... e, para mim! Nunca... o trabalho me impediu do que quer que fosse. (...) consigo conciliar muito bem. (...) Claro que a minha vida vai mudar, a partir de agora, não é?! Agora é que eu vou ver se vou conseguir conciliar tudo. Não é?! Quer dizer, eu acho

que é assim: não há super mulheres, *uma pessoa falha em alguma coisa"* (entrevista 1.16; professora, separada, tem três filhos; o "suporte" do marido é financeiro, mas encontram-se a iniciar o processo de divórcio, o que explica a mudança que se avista).

Tal como quando se referem às dificuldades sentidas, falando de uma forma mais positiva, isto é, quando afirmam que é fácil conciliar o trabalho fora de portas e a família, a referência às estratégias postas em prática é idêntica. Já se viu como o "munirem-se" de empregadas domésticas e o solicitarem o apoio de familiares se torna fundamental. Observe-se, agora, outros meios que colocam aos seu dispor no sentido de ultrapassar aquilo que podem constituir barreiras a esta conciliação entre tempo de trabalho e tempo familiar. A proximidade entre a residência e o local de trabalho é uma das escolhas.

"vivo a cinco minutos daqui... nem sequer tenho esse stress de ter que pegar no carro e ir ao supermercado e chegar a casa... não tenho nada disso!" (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)

"tenho escritório aqui, a dois passos de casa, moro aqui a 200 metros, não é por acaso. É para estar muito perto de casa, mesmo! Para se for preciso, eu ir lá... ir lá a correr" (entrevista 1.8, advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos).

Outras formas de organização e outros meios são procuradas para que tudo se torne o mais fácil possível: o uso dos telefones e telemóveis, uma boa gestão do tempo, o levar trabalho para fazer em casa (ou, o contrário, levar os filhos para o local de trabalho), o confeccionar refeições mais rápidas (ou, então, jantar fora)

"sou uma pessoa muito organizada" (ri-se, talvez por se estar a auto-elogiar...) (entrevista 1.2, advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)

"não tenho grandes dificuldades (...) com os telefones, os telemóveis, estamos sempre em contacto (...) procuro não sair muito tarde... não sair muito tarde é sair antes da hora do jantar, (riso) *conseguir estar à hora do jantar. (...) estamos um bocadinho à noite! Aos fins-de-semana estou sempre com ela, férias estou sempre com ela. Se precisar, ao fim-de-semana, de trabalhar ou trabalho em casa ou levo-a comigo. (...) Se estiver muito cansada (...) como fora. Não há problemas se não fizer*

uma refeição mais elaborada, faço uma mais simples." (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos).

A mulher que vive só faz questão de afirmar que a situação de independência em que vive lhe facilita este modo de organizar e orientar o tempo e o espaço de trabalho e família. É o que se observa no discurso de algumas entrevistadas:

"eu só dependia de mim própria. Não tinha ninguém em casa à espera." (entrevista 1.1; quadro superior, solteira, não tem filhos, 25 anos; referindo-se ao período em que vivia só)

"não tenho problemas nenhuns, porque vivo sozinha, portanto... não tenho que conciliar coisa *nenhuma (...) Não me sinto nada presa."* (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos).

É curioso verificar que o relato de uma das entrevistadas que já vive em união de facto há algum tempo é idêntico:

"nunca senti muito isso, porque a questão da família, para mim, praticamente nunca se colocou" (entrevista 1.3; empresária e professora, vive em união de facto, não tem filhos, 37 anos).

Apesar das descrições feitas sobre o seu quotidiano deixarem transparecer um estilo de vida que parece muito desgastante (sobretudo ao nível físico), nas entrevistas às mulheres do Grupo 2 o número médio de vezes em que é referido que existe facilidade na conciliação entre a actividade profissional e a vida doméstica e familiar é muito próximo (ligeiramente superior) às vezes em que são mencionadas dificuldades. Singly salienta o facto de *"se a mãe assegura a maior parte do trabalho doméstico, ela fá-lo, hoje em dia, em condições onde afirma ao mesmo tempo o seu poder"*.[153]

"saía de casa às 7 e um quarto da manhã e chegava às 8 da noite! (...) Conciliava bem! (...) à noite, também, fazia o jantar (...) Arrumava a minha casa de manhã (...)

[153] Vd. François de Singly, *O Eu, O Casal e a Família*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000, p. 240.

Deixava o almoço do meu marido feito, ele vinha almoçar a casa, deixava-o prontinho, que ainda é o caso!" (entrevista 2.3; auxiliar educativa, casada, tem um filho, 41 anos)

"consigo acompanhar o T.[154] *(...) não parava para almoçar. Fazia directo e depois, ia buscar o T., por exemplo, às duas horas... às três, já ele tinha almoçado lá no Instituto e... já íamos directos para casa! Nunca chegava muito tarde a casa, também! Como repositora. Por isso, sempre consegui conciliar o horário com o trabalho de casa. Isso nunca foi... muito difícil!"* (entrevista 2.7; repositora de um hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos).

O apoio familiar é menos vezes citado. Apenas uma das entrevistadas parece contar com a ajuda de uma das filhas e outra com o auxílio da sua mãe com quem sempre viveu:

"Tenho uma filha (...) Chega a casa faz tudo." (entrevista 2.4; cozinheira, separada, a viver em união de facto, tem duas filhas, 42 anos)

"a minha mãe... ainda me ajuda muito." (entrevista 2.8; empregada comercial, casada, tem dois filhos, 54 anos).

É curioso verificar que duas das entrevistadas que realçam, nos seus discursos, a facilidade que sentem em conciliar a actividade profissional com as tarefas domésticas, frisam que só tratam das lides de casa quando têm vontade:

"quando me apetece fazer eu faço, quando não me apetece, não faço! É o que eu tenho de bom comigo!" (entrevista 2.1; recém desempregada, solteira, não tem filhos, 46 anos).

O caso de uma destas entrevistadas ainda se torna mais interessante, uma vez que é feita uma comparação entre o tempo em que era casada e o actual em que se encontra divorciada. O seu estilo de vida mudou muito e esta mulher (em todos os assuntos abordados ao longo da entrevista) vinca muito esse corte radical que fez com o passado:

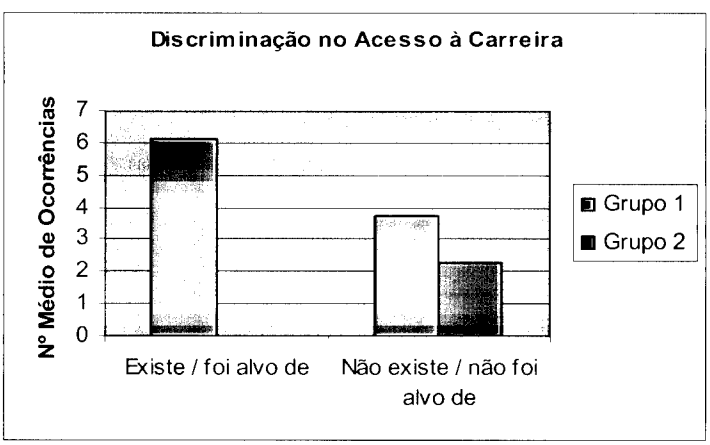
[154] Refere-se ao filho

"É quando tenho folga e não só. É quando me apetece! Se não me apetecer não faço. (...) tinha folgas fixas, ao fim-de-semana e vivia muito para a minha casa." (entrevista 2.7, repositora de um hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos).

2.3. Discriminação no Acesso ao Emprego e na Promoção na Carreira

"As mulheres têm hoje a oportunidade nominal de prosseguir toda uma variedade de possibilidades e hipóteses: porém, numa cultura masculinista, muitas destas avenidas permanecem efectivamente fechadas."[155]

Gráfico 4 – Discriminação no Acesso à Carreira



Apesar dos níveis de segregação sexual no emprego serem menos elevados em Portugal que na maior parte dos países da União Europeia[156], as entrevistadas do Grupo 1 afirmam com clareza que existe, na nossa sociedade, discriminação no acesso ao emprego e na promoção na carreira. As situações em que consideram que essa realidade é mais notória é no recrutamento e selecção para grandes empresas (sobretudo bancos e seguradoras) e no acesso a cargos de chefia quer no sector público, quer no privado.

[155] Vd. Anthony Giddens, *Modernidade e..., op. cit.*, p. 99
[156] Referência a um estudo realizado por Virgínia Ferreira citado por Elísio Estanque *et al*, *Classes e..., op. cit.*, p.

"no recrutamento para as grandes empresas, eu acho que ainda há um bocado de discriminação. Eu na altura em que (...) comecei a procurar emprego (...) havia bancos, que por exemplo que, pura e simplesmente, não aceitavam mulheres, que as excluíam e... e sei que conheço pessoas que tiveram processos de selecção e que foram preteridas só pelo facto de serem mulheres." (entrevista 1.1; quadro superior, solteira, não tem filhos, 25 anos)

"senti mais foi quando se me colocou a hipótese de eu ter que arranjar emprego, quando estava a acabar o curso. (...) Os bancos, as seguradoras (...) com muita frequência, se sentia que logo a priori, *em muitos casos, só aceitavam homens como candidatos! E, muitas vezes, estamos a falar de empresas já (...) alguma reputação no mercado, com alguma dimensão (...) só aceitavam candidatos homens. (...) Em termos de pré-selecção, senti algumas vezes"* (entrevista 1.3; empresária e professora, a viver em união de facto, não tem filhos, 37 anos)

"a primeira vez que tentei arranjar emprego, eu tenho um tio que está numa posição boa numa seguradora, que me disse «se fosses sobrinho, metia-te cá dentro, assim nem pensar». Foi para uma seguradora e, também para um emprego, para um banco, que me disseram a mesma coisa." (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos).

Outro dos aspectos referidos é o da promoção na carreira e do acesso a cargos de chefia. Efectivamente, este conhecimento vem espelhar o que se verifica na realidade, em geral: em muitas organizações aplica-se uma política explícita de discriminação em relação às mulheres quanto à promoção na carreira[157]

"as mulheres tinham muito mais competência que os homens, em vários aspectos: no aspecto de formação literária, como capacidade de trabalho e de decisão e nunca havia... nunca houve chefes (...) femininos!" (entrevista 1.11; empresária, casada, tem três filhos, 41 anos)

"a acessibilidade da mulher a cargos de chefia, a acessibilidade da mulher a cargos políticos... Eu muito, francamente, acho que há muita (...) Resistência!" (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

[157] Estudo realizado por Lopes e Perista e citado por Elísio Estanque *et al*, *Classes e...*, *op. cit.*, p.143.

O sentimento que melhor define o modo como as mulheres encaram esta situação é a injustiça. A consciência de que, apesar de se notar que algo está a mudar, ainda é frequente as mulheres serem preteridas (em relação aos homens), mesmo quando têm tantas ou mais qualificações que os homens, é algo frequente nos seus discursos. No entanto, a forma como reagem não é a mesma: encontramos casos em que as mulheres optam por uma atitude bastante mais passiva que noutros, em que até a atitude da mulher é alterada por considerarem fundamental credibilizarem o seu trabalho:

> *"acho um bocado injusto que se tenha que provar ser muito melhor para ter o mesmo tipo de promoção"* (entrevista 1.1; quadro superior, solteira, não tem filhos, 25 anos)

> *"sempre me recusei, um bocado, a discutir essa parte e a aborrecer-me com isso. (...) Em termos de selecção (...) quando eu* a priori *sabia que não aceitavam candidaturas de mulheres, eu própria era a primeira a dizer «então, se é assim, também não... prontos, também não me interessa estar-me a aborrecer com isto» (...) continua a haver. (...) em muitos casos (...) continuam a preferir o homem"* (entrevista 1.3; empresária e professora, a viver em união de facto, não tem filhos, 37 anos)

> *"Senti que era injusto. (...) foi (...) na inserção na vida activa que me apercebi que... que, realmente, ainda... ainda há alguma discriminação!"* (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos)

> *"os colegas homens, não acreditavam muito... na nossa capacidade... de trabalho. (...) tive que tornar o meu semblante mais cinzento (...) para que... me ouvissem (...) não é uma discriminação declarada, mas ainda existem alguns resquícios de... de machismo (...) temos que fazer dois trabalhos: um, é o trabalho de estudar para conseguirmos singrar na profissão, como boas técnicas; outro, é o trabalho de credibilizar a nossa... a nossa actividade, porque (...) os cargos de maior relevo, sempre, foram exercidos por homens. (...) há 10 ou há 15 anos atrás, associava-se muito... por exemplo, aquela senhora que chegou a um cargo de chefia, se não terá dormido com...* (ri-se...) *com o dono da empresa, ou se não terá dormido com... com o chefe?!"* (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos)

> *"O problema é que, muitas vezes, nem sequer é um desafio, porque não há... não há armas para lutar, não é?! Há... há... há situações em que, de facto, o preconceito é tão grande que... que, à partida, não há armas (...) nunca me senti... nunca senti*

isso! Felizmente! No mínimo, ia assanhar-me muito mesmo!" (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos)

"a sociedade continua a estar um bocado mais facilitada para... para percursos profissionais para os homens (...) embora (...) tanto a mulher como o homem tentem (...) não ser tradicionais (...) respeitarem novas oportunidades, eu acho que... que há coisas que são inconscientes (...) que são mais culturais do que, propriamente, conscientes e estratégicas das pessoas e (...) há uma construção da sociedade que dá mais oportunidades ao homem." (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

Tal como se verificou relativamente à dificuldade de conciliação entre a actividade profissional e a vida doméstica, algumas mulheres do Grupo 1 consideram que a responsabilidade da discriminação sexual no acesso ao emprego e na promoção na carreira não é só dos homens. As mulheres são co-responsáveis por esta situação devido ao excessivo investimento feito na casa e nos filhos.

"as mulheres têm uma grande quota-parte de culpa nisto (...) quer se queira, quer não, nós continuamos a ter, as mulheres continuam a ter uma mentalidade machista e, portanto, continuam a achar que elas é que sabem cuidar dos filhos, elas é que sabem... fazer o jantar e elas é que sabem não sei o quê e portanto, não dão espaço ao homem... Por outro lado, é evidente que, para os homens, é muito mais cómodo quando a mulher sabe e não questiona, não é?! Portanto, há uma falta... há uma consulta médica, a mulher falta (...) ao trabalho para ir ao médico. Há uma... uma doença e é a mulher que fica em casa para cuidar da criança." (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos).

A consciência generalizada de que existe discriminação sexual não implica que todas as mulheres sejam vítimas dessa injustiça. Várias entrevistadas do Grupo 1 reconhecem-no de forma evidente:

"acho que nunca senti, pessoalmente" (entrevista 1.1; quadro superior, solteira, não tem filhos, 25 anos)

"quando fui (...) seleccionada (...) essa questão não se colocou! Em termos de contexto de trabalho, também, não senti isso (...) por onde passei." (entrevista 1.3; empresária e professora, a viver em união de facto, não tem filhos, 37 anos)

"nunca tive qualquer dificuldade" (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos)

"nunca senti que (...) pudesse ter havido um qualquer entrave" (entrevista 1.10; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos).

A explicação adiantada com mais frequência, pelas entrevistadas do Grupo 1, para não terem sido alvo de discriminação sexual tem a ver com as áreas em que trabalham que consideram ser maioritariamente femininas:

(demora a dar a resposta) *"Não, nem por isso. Não".* (hesita) *"Nem por isso, porque também a minha área nem é uma área onde haja muito... muito esse problema (...) se eu tivesse seguido economia, eventualmente, iria encontrar mais esse... Mas, realmente na minha área, não, não. Nunca me senti preterida... não..."* (entrevista 1.5; auditora e professora, casada, teve dois filhos, mas morreram ainda bebés, ajuda a educar vários adolescentes que não adoptou, 49 anos)

"é uma função dominada por mulheres (...) Portanto, nunca sentia." (entrevista 1.9; recém aposentada, foi professora, casada, tem três filhos, 58 anos)

"são áreas de mulheres, essencialmente!" (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos)

"No meio em que eu estou não se sente isso (...) há muitas mulheres" (entrevista 1.16, professora, a iniciar o processo de divórcio, tem três filhos, 42 anos).

Existe a noção, por parte deste grupo de mulheres, que a discriminação sexual existe, embora a situação se venha a desagravar. Algo está a mudar relativamente ao panorama a que se assistia há uns anos.

"evoluímos bastante em 10 anos" (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos).

Algumas das entrevistadas do Grupo 1 são empresárias e responsáveis pelo gestão do pessoal, o que permite analisar a sua postura relativamente à discriminação sexual no acesso ao emprego e à promoção na carreira, não só enquanto trabalhadoras mas, também, na qualidade de quem decide quem deve ser admitido e quem deve ser promovido. A maternidade das trabalhadoras parece ser o maior problema com o qual se debatem estas gestoras, sobretudo pelo período "longo" em que se ausentam das empresas após o parto, mas também pela falta de assiduidade para apoio aos filhos quando adoecem.

> *"já passamos, aqui, experiências, aqui de colegas que vão ter filhos e isso é muito complicado, é dramático, mesmo!"* (entrevista 1.7; empresária, casada, tem uma filha, 38 anos)
>
> *"em termos de entidade patronal, e agora estou a falar do outro lado (...) é muito complicado (...) as mulheres continuam a ser muito* galinhas*!"* (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos)
>
> *"a partir de determinados cargos, realmente, é muito complicado. (...) são cargos que não se substituem assim (estala os dedos...) do dia para a noite (...) mesmo que eu ponha alguém para a substituir, aquilo é para manter mas, em 6 meses, passa-se muita coisa."* (entrevista 1.14; administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas, 44 anos).

As mulheres do Grupo 2 não consideram ser alvo de discriminação sexual. Todas as entrevistadas, sem excepção, afirmam que não sentem qualquer distinção.

> *"Não! (...) Não tenho esses problemas, isso não tenho!"* (entrevista 2.3; auxiliar educativa, casada, tem um filho, 41 anos)
>
> *"Que eu achasse mesmo, não!"* (entrevista 2.4; cozinheira, separada, a viver em união de facto, tem três filhos, 42 anos)
>
> *"Nunca tive nada, não, não. Nunca... nunca vi, realmente, diferença nenhuma"* (entrevista 2.5; auxiliar educativa, casada, tem três filhos, 64 anos)
>
> *"Nunca senti isso!"* (entrevista 2.9; tarefeira, dá apoio numa sala de ensino especial, casada, tem um filho, 35 anos).

O facto da quase totalidade das entrevistadas do Grupo 2 exercer (ou/e ter exercido) actividades tradicionalmente executadas por mulheres (empregadas de

minimercados, operárias têxteis, empregadas domésticas, repositoras, auxiliares educativas...) pode ajudar a perceber a unanimidade das respostas negativas à questão colocada. Algumas das entrevistadas têm essa percepção:

> *"Não, neste tipo de emprego, não. (...) Eles procuram as mulheres. (...) nunca tive discriminação em trabalho, em coisa nenhuma. O meu tipo de trabalho é mais as mulheres que as pessoas procuram. (...) Onde eu estou a trabalhar, poucos homens lá trabalham."* (entrevista 2.7; repositora num hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos).

O trabalhar numa empresa familiar pode, também, contribuir para explicar esta diferença relativamente às mulheres do Grupo 1, como foi, por exemplo, o caso de uma das entrevistadas:

> *"Não, nesse aspecto não, porque trabalhámos sempre com a família, com os irmãos ou com os pais (...) Não trabalhei fora com pessoas... que não conhecia, que não eram da família, portanto nunca senti isso!"* (entrevista 2.2; desempregada, trabalhou num minimercado, casada, tem dois filhos, 49 anos).

Algo curiosa é a reacção das entrevistadas do Grupo 2 quando questionadas sobre se alguma vez foram alvo de discriminação sexual em termos profissionais. De facto, nota-se que para além de responderem peremptoriamente de forma negativa, se preocupam em frisar que têm um bom ambiente de trabalho:

> *"Não, nós lá dávamo-nos todas bem"* (entrevista 2.5; auxiliar educativa, casada, tem três filhos, 64 anos).

Dos discursos fica também a impressão de que determinadas situações que podem indiciar formas de discriminação sexual como, por exemplo, o facto de num determinado sector trabalharem só mulheres e as chefias serem homens, não são interpretadas por estas entrevistadas desse modo:

> *"A maior parte é mulheres. Havia o chefe da secção... depois, havia a seguir, o encarregado... havia dois empregados no escritório que não tinham nada a ver com nós, eram do escritório... mas, lá onde estávamos, através das máquinas, víamos os homens no escritório! Tudo dentro da mesma secção! E, depois, havia... as mulheres*

a trabalhar nas máquinas." (entrevista 2.5; auxiliar educativa, casada, tem três filhos, 64 anos).

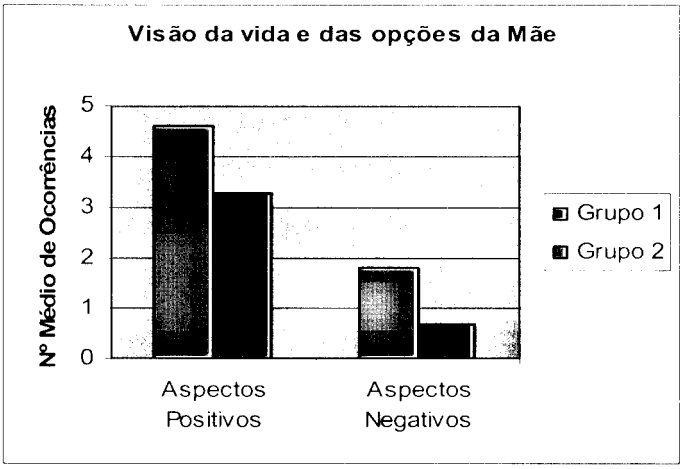
Em suma, resulta da análise que a questão da percepção é fundamental. Assim, enquanto as mulheres do Grupo 1 sentem mais a questão da discriminação sexual no acesso e na promoção na carreira ainda que sejam menos discriminadas que as mulheres do Grupo 2 que não se apercebem que são vítimas dessa situação.

3. Família

3.1. Relacionamento com os Pais

3.1.1. Visão da Vida da Mãe e das suas Opções

Gráfico 5 – Visão da Vida e das opções da Mãe



A minha mãe é extraordinária

A mulher que faz parte do Grupo 1 é mais lisonjeira em relação à sua mãe e às opções desta que a mulher do Grupo 2.

De facto, os elogios tecidos à maneira de ser da mãe são muitos:

> *"um exemplo para toda a gente"* (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)
>
> *"óptima mãe"* (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos)

"uma pessoa que me marcou muito, portanto... que eu adoro e por quem tenho uma eterna saudade." (entrevista 1.9; recém aposentada, foi professora, casada, tem três filhos, 58 anos)

"a minha mãe é extraordinária." (entrevista 1.16; professora, a iniciar o processo de divórcio, tem três filhos, 42 anos).

Um dos elogios feitos relativamente à postura da mãe é a sua sociabilidade e a sua maneira de ser liberal e extrovertida:

"não tinha preconceitos.(...) alguma visão diferente, uma outra abertura. (...) gostava muito de se cultivar e de... de ter outro tipo de... de viver todas as abordagens. Primeiro via tudo e depois é que sabia. Era um bocado assim! Era um bocado assim! (nota-se cada vez mais a saudade) *(...) uma pessoa muito (...) aberta, muito mais direccionada para as outras pessoas"* (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)

"maneira de pensar muito liberal." (entrevista 1.6; pintora e ilustradora; casada, tem dois filhos, 38 anos)

"muito sociável (...) É uma pessoa muito extrovertida" (entrevista 1.12; pintora e professora, separada de uma união de facto, não tem filhos, 33 anos)

"sempre foi uma pessoa com uma facilidade de relacionamento grande" (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

Inteligência, perspicácia, assertividade, força e talento constituem outro conjunto de características apreciadas e reconhecidas por uma grande parte das mulheres do Grupo 1 ao olharem as suas mães:

"bastante afirmativa" (entrevista 1.7, empresária, casada, tem uma filha, 38 anos)

"É uma senhora muito inteligente, muito perspicaz" (entrevista 1.8, advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos)

"cresci admirando-a imenso (...) era a âncora *da casa,* (tornou-se mais séria) *em todos os aspectos.(...) Acho que é um talento perdido."* (entrevista 1.11; empresária, casada, tem três filhos, 41 anos)

"uma mulher extremamente inteligente (...) com uma capacidade fora de série! E... e, pronto! Alguém muito forte... muita força, muita, muita vontade de lutar (...) muito activa (...) muito inteligente (...) lê tudo, ela absorve tudo (...) tem necessidade de estar constantemente a estimular... a capacidade enorme que tem!" (entrevista 1.14; administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas, 44 anos)

"é uma pessoa com uma grande capacidade de racionalização das coisas. (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

O reconhecimento da mãe enquanto alguém carinhoso e afectuoso que por altruísmo dá (ou deu) apoio em casa, aos filhos e até aos netos, uma pessoa com quem se pode contar (sobretudo a família) é, de igual modo, algo que se pode perceber pelos discursos das entrevistadas do Grupo 1:

"Tenho um apoio grande da parte dela (...) no acompanhamento que faz à minha filha e... e é bastante bom (...) sempre foi uma boa dona de casa. Fez um bom planeamento, digamos, das contas!" (entrevista 1.7; empresária, casada, tem uma filha, 38 anos)

"foi o elo de ligação fundamental, enquanto o meu pai ia (...) trabalhar (...) acompanhou-nos bastante. Hoje, valorizo muito mais do que valorizava há uns anos, a atitude que ela teve, porque permitiu acompanhar-nos" (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos)

"altruísta, que é uma pessoa que eu acho extremamente dada aos outros" (entrevista 1.12; pintora e professora, separada de uma união de facto, não tem filhos)

"é uma pessoa muito especial! É uma mulher muito forte." (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos)

"a minha melhor amiga... sempre um relacionamento fantástico! (...) Muito bondosa, muito dócil" (entrevista 1.16; professora, a iniciar o processo de divórcio, tem três filhos, 42 anos).

O dinamismo da mãe é outra das características apreciadas e confirmadas por várias das entrevistadas do Grupo 1:

"é extremamente despachada..." (entrevista 1.14; administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas, 44 anos)

"A minha mãe é muito activa." (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos)

"é uma mulher activa" (entrevista 1.16; professora, a iniciar o processo de divórcio, tem três filhos, 42 anos).

Por vezes, a entrevistada estabelece uma comparação entre a mãe e o pai, ou faz alguma alusão à relação que existe(ia) entre os pais, deixando transparecer uma admiração pela primeira que não parece tão clara em relação ao segundo.

"sempre foi uma pessoa com uma visão muito mais aberta que o meu pai." (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)

"mais forte do que o meu pai, mais determinada" (entrevista 1.11; empresária, casada, tem três filhos, 41 anos)

"deu sempre foi muita força! Quer dizer, eu estou convencida que o meu pai não tinha conseguido metade... se não fosse a força dela!" (entrevista 1.14; administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas, 44 anos).

Como já foi referido, segundo os relatos analisados, a mulher do Grupo 2 não parece ter uma perspectiva tão favorável da vida e das opções da sua mãe. Pese embora alguns elogios que foram feitos e que se considera que devem ser realçados:

"adoro a minha mãe (...) soube ser uma grande mulher." (entrevista 2.3; auxiliar educativa, casada, tem um filho, 41 anos)

"Gostava muito da minha mãe." (entrevista 2.5; auxiliar educativa, casada, tem três filhos, 64 anos)

"boa mãe, minha amiga. Foi sempre..." (entrevista 2.8; empregada comercial, casada, tem dois filhos, 54 anos)

"Era amiga!" (entrevista 2.10, empregada de café, casada, tem duas filhas, 49 anos).

O que parece ser mais apreciado na mãe da entrevistada do Grupo 2 é algo que se relaciona muito com a visão tradicional da mulher. É, então, a mulher que se

empenha a educa os seus filhos (ainda que com dificuldades); que sabe e transmite às filhas os lavores; que frequentemente cuida do campo sem descurar a casa:

> *"já se dedicou mais a ensinar... os pequenos lavores, às filhas, que a minha mãe tinha umas mãos muito boas"* (entrevista 2.2; desempregada, casada, tem dois filhos, 49 anos)
>
> *"soube criar 3 filhos, deu o melhor que pode, nunca passamos mal"* (entrevista 2.3; auxiliar educativa, casada, tem um filho, 41 anos)
>
> *"uma mulher da aldeia, mas como mulher da aldeia, eu acho que a minha mãe que era... não era por ser minha mãe... mas, era uma mãe cuidadosa."* (entrevista 2.5; auxiliar educativa, casada, tem três filhos, 64 anos)
>
> *"sinto-me orgulhosa dela estar em casa. (...) Sinto orgulho."* (entrevista 2.9; tarefeira, a dar apoio numa sala de ensino especial, casada, tem um filho, 35 anos)
>
> *"Ela trabalhadeira foi sempre!"* (entrevista 2.10; empregada de café, casada, tem duas filhas, 49 anos).

Das limitações em termos de interesses à dificuldade de adaptação à mudança

As críticas observadas nos discursos das mulheres do Grupo 1, quando pensam na vida e nas opções das suas mães levam a que se conclua que existe alguma unidade relativamente ao que é mais ou menos apreciado. Assim, muitas vezes, os aspectos que se verificou serem apresentados como positivos correspondem às críticas feitas quando se verifica a sua ausência ou negação.

Como se verificou um dos motivos de orgulho na mãe é o reconhecimento da sua inteligência e força. A verificação da inexistência dessas características é, alvo de crítica ou lamento e entendida como eventual consequência de não ser exercida uma actividade profissional. Algumas entrevistadas referem-se às suas mães de um modo que reflecte este entendimento – o emprego como estímulo:

> *"uma pessoa com algumas limitações a nível de interesses, sobretudo. E acho que... acho que foi por ficar em casa (...) o facto de estar em casa (...) limita as pessoas! (...) a falta de estímulo, nomeadamente a nível profissional, a fez ficar preguiçosa*

para usar as capacidades que tem..." (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos)

"não sei se é por tendência (que não terá nada a ver com o facto de... de não ser ocupar...ou se... ou seja não sei se ela seria, assim, se... se tivesse um trabalho, na mesma!...), pronto, tem.... tem alguma tendência a deprimir e, depois, é muito preocupada" (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos).

Outro conjunto de críticas é mais de ordem afectiva, o carinho tão apreciado por este grupo de mulheres nem sempre é visível nas atitudes das suas mães:

"*não era tão afectiva, era assim mais... ela é que parecia que era militar.* (riso) *Ela é que era a* mãe do não *(...) muito rígida, era assim muito... "católica, apostólica, romana" no sentido negativo do termo...* (riso) *das prescrições."* (entrevista 1.5; auditora e professora, casada, teve dois filhos, mas morreram ainda bebés, ajuda a educar vários adolescentes que não adoptou, 49 anos).

A mulher do Grupo 1 valoriza as atitudes que demonstram tolerância e abertura, pelo que quando verifica que a postura da mãe é a de preconceito e de grande dificuldade de adaptação à mudança, isso constitui motivo de crítica:

"foi uma pessoa de outra época. (...) teve muita dificuldade em se adaptar às mudanças (...)muito antiga, a sua forma de estar (...) (hesita muito) *ela não discutia muito a vida* (está como que a pensar alto!) *(...) teve dificuldade em adaptar-se, a coisas modernas (...) como por exemplo, divórcio (...) tinha um certo preconceito em relação às mulheres divorciadas. (...) viveu muito o "parece bem e o parece mal".* (entrevista 1.5, auditora e professora, casada, teve dois filhos mas morreram ainda bebés, ajuda a educar vários adolescentes que não adoptou, 49 anos).

Conforme já foi referido a mulher do Grupo 2 não nomeia tantos aspectos favoráveis à postura da sua mãe como a mulher do Grupo 1. No entanto, o mesmo se passa relativamente às críticas. A análise daquilo que é depreciado é menos frequente e feita de um modo mais tolerante, como se pode verificar em alguns casos, mesmo

quando a mãe era alcoólica e infligia maus-tratos tanto à entrevistada como à sua irmã:

> *"tinha um problema... que era um bocado de... do, do álcool. Só por isso, por mais nada... Prontos! Às vezes... tinha momentos que estava muito bem, outros momentos que não estava. Tinha momentos que estava... que se dava muito bem comigo... e espancava a minha irmã. Outros momentos, dava-se bem com a minha irmã e espancava-me a mim (...) foi esse problema, só... Ela tinha essas... coisas (...) só ao partir da tarde, das 3 horas da tarde é que era pior! (...) era só o vinho! Sem vinho era, era uma santa de uma mãe!"* (entrevista 2.10, empregada de café, casada, tem duas filhas, 49 anos).

Realização profissional e habilitações literárias

A mulher do Grupo 1 fala bastante sobre a vida e as opções da sua mãe, o que nem sempre é feito de um modo avaliativo. Uma das questões muitas vezes abordadas é a da actividade profissional. Embora não sejam as situações mais frequentes, verificam-se casos em que mãe, segundo as filhas, se dedica(va) intensamente ao seu trabalho. Alguns exemplos são muito evidentes disso:

> *"era mesmo viciada no trabalho, porque para ela era mesmo uma coisa que lhe dava prazer e gosto"* (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)
>
> *"Trabalhou toda a vida e ainda trabalha."* (entrevista 1.11; empresária, casada, tem três filhos, 41 anos)
>
> *"nunca ficou parada, porque eu lembro-me da minha mãe sempre a fazer coisas. A minha mãe sempre cozinhou para fora, sempre... teve uma loja"* (entrevista 1.16; professora, a iniciar o processo de divórcio, tem três filhos, 42 anos).

O mais frequente, em termos de trabalho da mãe das entrevistadas do Grupo 1, é nunca ter exercido uma actividade profissional ou tê-la abandonado aquando do casamento ou do nascimento dos filhos, o que para as filhas (na maioria dos casos não é interpretado tanto como uma opção de vida mas mais como uma necessidade):

"foi sempre doméstica (...) as opções da minha mãe, provavelmente, na altura não foram opções (...) passou aquela fase toda da guerra, da fome, da ditadura! E, prontos, e quando cresceu, casou e teve filhos e viveu um bocado esta lógica! (...) A lógica da família! Reagiu muito mal quando saímos todos de casa. Para ela, significava ficar sem referências." (entrevista 1.3; empresária e professora, a viver em união de facto, não tem filhos, 37 anos)

"não sei se foi quando engravidou se foi quando eu nasci que deixou de trabalhar. (...) as pessoas perdem um bocadinho!" (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos)

"até casar era empregada de serviço doméstico quando casou deixou de trabalhar (...) penso que ela se viu na necessidade de... de ficar em casa" (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos)

"o meu pai trabalhava. A minha mãe não." (entrevista 1.9; recém aposentada, foi professora, tem três filhos, 58 anos).

"quando nós nascemos (...) deixou de trabalhar. (...) Uma opção perfeitamente consciente, de que ela assumidamente não se... não se arrepende, possivelmente, deixou de fazer algumas coisas que gostaria de ter feito, mas penso que se identificou perfeitamente com o crescimento dos filhos, com, eventualmente, o sucesso escolar que eles tiveram" (entrevista 1.10; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos)

"foi dona de casa, toda a vida... dona de casa e mãe! (...) nunca seria a vida que eu escolheria para mim, nem pensar. Nunca!... Mas, mas, pronto, respeito (...) Visto... pela minha perspectiva... incomoda-me. Aceito mas, não compreendo." (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos)

"às tantas, ela se teria realizado mais, se tivesse tido uma carreira (...) foi uma opção que ela fez. Realmente, de ficar ao lado dele[158] *e ao nosso lado quando ele não estava (...) penso, mesmo assim, que ela que se sentiria muito mais realizada se tivesse tido uma carreira. (...) apesar de ela não estar arrependida. Não está! Mas, noto, aliás, porque quando nós saímos de casa, por exemplo, a minha mãe deprimiu!"* (entrevista 1.14; administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas, 44 anos)

"foi pena (...) O facto de não ter uma carreira! (...) nesse aspecto, talvez ela não se sinta tão realizada! Acho que aí, pronto, perdeu-se uma pessoa que de facto, devia

[158] Refere-se ao marido (pai da entrevistada)

ter muito jeito para... Aliás, eu acho que qualquer coisa que ela fizesse tinha jeito!" (entrevista 1.16; professora, separada, a iniciar o processo de divórcio, tem três filhos, 42 anos).

A profissão exercida pelas mães não corresponde, em vários casos, ao que teria sido a sua verdadeira vocação, o que as entrevistadas do Grupo 1 lamentam:

"acho que se perdeu, aqui, uma belíssima... até professora, até porque a minha mãe tem todo o jeito para isso! Foi pena! (...) uma pena incrível, percebe?! Como é que é possível viver numa sociedade, onde uma senhora não pode ir para Belas Artes, está a ver?! (...) podia ter sido uma grande pintora, uma grande escultora." (entrevista 1.11; empresária, casada, tem três filhos, 41 anos)

"não sei se a minha mãe não gostaria de ter tido... uma carreira artística (...) adora aquilo que faz (...) não sei se... se poderá ter algum... sentimento de frustração, relativamente à actividade." (entrevista 1.12; pintora e professora; separada de uma união de facto, não tem filhos, 33 anos)

"Depois de casar deixou de dar aulas. Acho que foi uma opção... Prontos! Acordada... julgo que por vontade, também, do meu pai que ela deixasse de dar aulas. (...) foi pena, para ela. (...) porque acho que devia-se realizar." (entrevista 1.15, administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

O nível de habilitações das mães é muito diverso (encontra-se desde a analfabeta à que é pós-graduada), vindo a exemplificar aquilo que refere Fernando Luís Machado *et al*: *"fluxos muito consideráveis de mobilidade ascendente, de alcance variado, a par de taxas também elevadas de reprodução intergeracional de condições sociais."*[159], ou Elísio Estanque *et al* *"a mobilidade ascendente mostra-se significativa, para isso contribuindo o rápido aumento dos níveis de escolaridade."*[160] As entrevistadas do Grupo 1, quase sem excepção, referem-se a esta situação sem qualquer tipo de constrangimento:

"a minha mãe é analfabeta! (...) Embora seja extremamente informada" (entrevista 1.3; empresária e professora, a viver em união de facto, não tem filhos, 37 anos)

[159] Vd. Fernando Luís Machado *et al.*, «Processos de uma Modernidade...» *in art. cit.*, p. 43.
[160] Vd. Elísio Estanque et al., Classes e..., op. cit., p. 104

"não pôde continuar o liceu, porque na altura o liceu era misto e o meu avô não deixou! Eram essas coisas, não é?! que havia na altura..." (entrevista 1.16; professora, separada, a iniciar o processo de divórcio, tem três filhos, 42 anos).

O que parece distanciar mais as entrevistadas do Grupo 1 das suas mães é a sua postura moderna, em contraste com a forma de estar mais tradicional, em que a dedicação à casa e à família é o que mais pesa na realização pessoal:

"para ela, uma mulher era uma pessoa que fazia a 4ª classe ou o ciclo preparatório, depois casava, não é?! Preparava-se para casar, era pouco mais que isso, portanto, para ela era uma violência admitir que a filha ia para a faculdade! (...) sempre entendeu que as mulheres nasceram para trabalhar e os homens para descansar em casa (riso) (...) quem geria a casa era ela" (entrevista 1.3; empresária e professora, a viver em união de facto, não tem filhos, 37 anos)

"só pelo facto de ter uma neta já se sentia mais realizada e acho que a realização dela passa por aí, mas pela profissão nunca passou... criou a minha filha" (entrevista 1.7; empresária, casada, tem uma filha, 38 anos)

"Acho que... que se realiza completamente e... e, neste momento, continua-se a realizar com... com os netos" (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos)

"apareceram os netos, também, já... já equilibrou um bocadinho mais! (...) uma mulher que se devotou à família, que se dedicou, de corpo e alma, a apoiar o marido a apoiar os filhos" (entrevista 1.14; administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas, 44 anos)

"Foi sempre uma pessoa que adorou a casa, que cultivou... Ah! Que eu sentia que se preenchia com a casa (...) uma pessoa que eu senti, sempre, que... que tinha tido uma profissão que a tinha largado mas, que não... não tinha ficado... frustrada (...) muito doméstica e acho (...) que viveu para a casa e viveu para os filhos." (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

Uma parte significativa das mulheres do Grupo 2, ao falarem sobre as suas mães, demonstra ter consciência de que estas vive(ra)m em condições muito difíceis (trabalho árduo no campo, em casa e, frequentemente, fora de casa) e de uma certa

infelicidade. Problemas como o do alcoolismo dos maridos, violência doméstica de que eram vítimas e fome não são raros.

> *"voltou a casar (...) coitada, nunca havia de ter casado! (...) nunca foi assim... muito feliz! (...) ele também bebe! (...) a minha mãe não é assim muito feliz"* (entrevista 2.4; cozinheira, separada, a viver em união de facto, tem três filhos, 42 anos)

> *"A vida da minha mãe, também, foi muito complicada, desde nova (...) casou cedo... a ver se tinha uma vida melhor! Mas, complicou! (...) O meu pai, pronto... coisas que não lhe corriam à maneira dele ou andava nervoso... descarregava na minha mãe. (...) fez a vida negra à minha mãe! (...) batia e não era de mão, era de sachola, era de cinto! (...) se lhe falasse, prontos! Já sabia que ia apanhar! Ela tinha que ouvir e calar e não dizer nada! (...) Tinha uma vida difícil, porque ia para os campos... era ela que fazia tudo (...) passou muita fome."* (entrevista 2.6; empregada doméstica, casada, tem uma filha, 38 anos)

> *"foi uma vida muito difícil para ela. (...) uma vida tão ocupada..."* (entrevista 2.7; repositora num hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos)

As mães das entrevistadas do Grupo 2 têm uma baixíssima escolarização ou mesmo nenhuma, como referem expressamente algumas entrevistadas:

> *"a minha mãe não sabia ler"* (entrevista 2.5; auxiliar educativa, casada, tem três filhos, 64 anos)

> *"nem sabe ler, nem escrever, nem nada... A minha mãe nunca foi para a escola."* (entrevista 2.6; empregada doméstica, casada, tem uma filha, 38 anos).

Esta situação de analfabetismo ou de muito poucas habilitações conjuntamente com as dificuldades económicas vividas deve explicar o facto da mãe da entrevistada do Grupo 2 exercer um tipo de actividade profissional que quase não exige escolarização (peixeiras, empregadas domésticas, cozinheiras, auxiliares...) e de, normalmente, não deixarem de trabalhar nem aquando do casamento nem do nascimento dos filhos (para além de fazerem o trabalho doméstico e de cultivo da terra – no caso das que possuíam alguma terra).

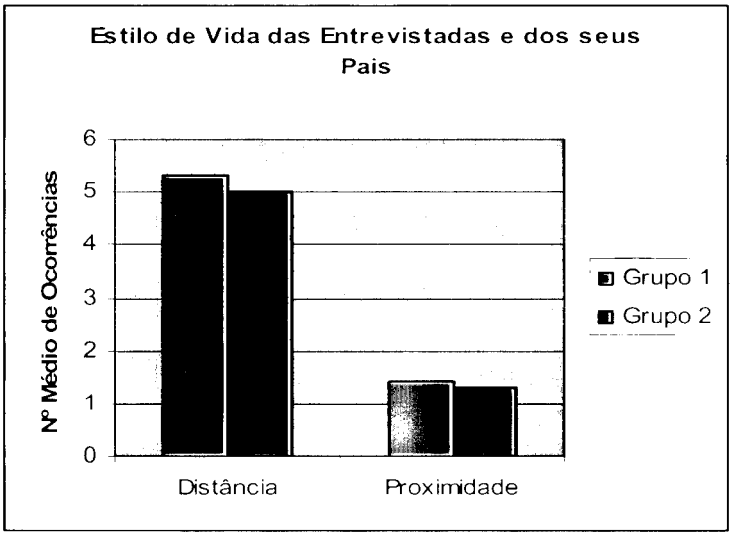
> *"foi empregada doméstica..."* (entrevista 2.6; empregada doméstica, casada, tem uma filha, 38 anos)

"A minha mãe trabalhou (...) a apanhar umas malhazinhas *em meias e tudo..."* (entrevista 2.8; empregada comercial, casada, tem dois filhos, 54 anos).

3.1.2. Estilos de Vida das Entrevistadas e dos seus Pais

"Dado o colapso da tradição, a questão «quem serei eu?» está intrinsecamente ligada com a questão «como viverei eu?» [161]

Gráfico 6 – Estilos de Vida das Entrevistadas e dos Pais



Diferentes estilos de vida

"Nos contextos tradicionais, o ciclo de vida comporta fortes conotações de renovação, uma vez que cada geração redescobre e revive substancialmente os modos de vida dos seus antecessores. A renovação perde a maior parte do seu significado nos cenários da modernidade tardia, onde as práticas são repetidas apenas na medida em que sejam justificáveis."[162]

Da análise das entrevistas feitas ao Grupo 1 verifica-se que existe uma distância em termos de estilo de vida das entrevistadas e dos seus pais. Essa diferença é mais

[161] Vd. Anthony Giddens, Transformações da Intimidade. Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas, Oeiras, Celta, 2001, p. 138.
[162] John Kotre, citado por Anthony Giddens, *Modernidade e.... op. cit.*, p. 135.

notória nuns casos que noutros, conforme é possível verificar pelos extractos que se apresentam:

> *"em termos de atitude, perante a vida, obviamente não tem nada a ver com os meus pais (...) eu sou uma pessoa completamente diferente dos meus pais!"* (entrevista 1.3; empresária e professora, vive em união de facto, não tem filhos, 37 anos)
>
> *"Era completamente diferente! (...) em todos os aspectos. (...) posturas completamente opostas perante toda uma série de... de uma série de situações."* (entrevista 1.7; empresária, casada, tem uma filha, 38 anos)
>
> *"no fundo, sou muito diferente da minha família."* (entrevista 1.12; pintora e professora, separada de uma união de facto, não tem filhos, 33 anos)
>
> *"têm um estilo de vida muito diferente do meu... "* (entrevista 1.14; administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas, 44 anos)
>
> *"Acho que... que é diferente!"* (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos)
>
> *"Completamente! Nada, nada, mesmo!* Anos-luz*!"* (entrevista 1.16; professora, a iniciar o processo de divórcio, tem três filhos, 42 anos).

A diferença mais notada entre um estilo de vida e outro é, sem dúvida, o facto dos pais terem uma vida mais caseira (em alguns casos "rural"), sendo pouco vulgares as viagens e as ausências de casa durante os fins-de-semana, em contraste com um estilo muito mais virado para o exterior e num ritmo muito mais acelerado. A possibilidade e, sobretudo, o gosto por viajar também mereceram um destaque considerável por parte das entrevistadas quando *comparavam* o seu estilo de vida ao dos seus progenitores:

> *"sempre fizeram uma vida muito, muito caseira nunca se fez grandes viagens (...) sempre foi assim uma vida muito caseira."* (entrevista 1.4, magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos)
>
> *"pais tinham uma postura, sei lá, nunca fazer férias, nunca fazer fins-de-semana"* (entrevista 1.7; empresária, casada, tem uma filha, 38 anos)
>
> *"Não têm, obviamente, nem tiveram o ritmo de vida que eu tenho hoje. (...) mais caseiros (...) têm uma vivência rural muito com a terra (...) sou mais cosmopolita"* (entrevista 1.10; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos).

"era um estilo... simples, caseiro" (entrevista 1.11; empresária, casada, tem três filhos, 41 anos)

"sempre gostei muito de viajar e de conhecer coisas novas, os meus pais são muito caseiros, têm assim um estilo de vida muito rotineiro" (entrevista 1.12; pintora e professora, separada de uma união de facto, não tem filhos).

A condição económica dos pais das entrevistadas do Grupo 1 é bastante variada. Se algumas destas mulheres não sentem qualquer diferença quando iniciam a sua vida activa e se tornam independentes, outras referem os constrangimentos financeiros sentidos pelos seus progenitores quando, ainda, coabitavam com eles. Algumas entrevistadas deixam transparecer nos seus discursos situações de menor ou maior pobreza:

"termos vivido um período completamente diferente do deles! Não é? O contexto envolvente económico e social..." (entrevista 1.3; empresária e professora, vive em união de facto, não tem filhos, 37 anos)

"eram aquele género de pobre e honrados" (entrevista 1.7; empresária, casada, tem uma filha, 38 anos)

"era um quotidiano muito difícil (...) com alguns exemplos, do género de em determinada altura a minha mãe andar à procura na gaveta a ver se encontrava alguma moeda para comprar pão. (...) o meu pai teve o primeiro carro já eu tinha... já eu estava quase a acabar o curso (...) era, assim, uma vida... muito esforçada..." (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos).

A distância que existe entre o estilo de vida das mulheres que fazem parte do Grupo 2 e o estilo de vida dos seus pais é um pouco menos referida nas entrevistas do que é nas das mulheres do Grupo 1. É, ainda, de referir que o afastamento é, sobretudo, notado pela existência de violência doméstica (do pai em relação à mãe) na casa dos progenitores e da inexistência de condições de vida mínimas demonstrativas de uma situação de pobreza muito vincada:

"O meu pai era muito mau para a minha mãe! Batia-lhe! Batia-lhe e tudo! (...) A minha mãe só gritava, mesmo, por nós, quando não podia mais de tanto levar é que gritava pelos filhos!" (entrevista 2.1; recém desempregada, solteira, não tem filhos, 46 anos)

"O meu pai (...) tinha uma vida muito boémia e não lhe dava o dinheiro (...) o meu pai é... portanto, ele quando era novo, teve uma vida boémia... foi uma vida... gostava das meninas. Não dava dinheiro à minha mãe e a minha mãe sofreu muito! Batia-lhe..." (entrevista 2.3; auxiliar educativa, casada, tem um filho, 41 anos)

"Nem tínhamos luz (...) não tinham dinheiro nenhum... era só da terra. (...) ele fez a vida negra à minha mãe! (...) batia e não era de mão, era de sachola, era de cinto! (...) Ela tinha que ouvir e calar!" (entrevista 2.6; empregada doméstica, casada, tem uma filha, 38 anos).

Proximidade de Estilos de Vida

São poucos os aspectos da vida das entrevistadas dos dois grupos que, de algum modo, aproximam os seus estilos de vida aos dos seus progenitores. Ainda assim, justifica-se realçar no caso do Grupo 1 o espírito e o ambiente de família, como destacam algumas entrevistadas:

"grande entreajuda. Há muito... isso, isso mantenho, que é muito o espírito de família... presente! (...) Aquela família em que todas as semanas... almoçamos juntos ou jantamos juntos..." (entrevista 1.14; administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas, 44 anos)

"a forma como nós construímos o ambiente familiar... eu acho que é muito idêntico. É muito idêntico..." (entrevistada 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

No que concerne ao Grupo 2, os pontos comuns em termos de estilos de vida entre estas mulheres e os seus pais são ainda mais diminutos. No entanto, alguns relatos demonstram como é recordada com tanta satisfação (e como se procura transferir) o empenho por parte dos pais em facultar aos filhos tudo o que lhes era possível (mesmo num contexto económico difícil), desde o afecto às questões de ordem material mas que são, de igual modo, manifestações de carinho reconhecidamente apreciadas pelas crianças:

"nunca nos faltou nada!... Desde carinho a... a... coisas que os miúdos gostam... que, na altura (...) por exemplo, nem qualquer criança levava uma sandes de queijo

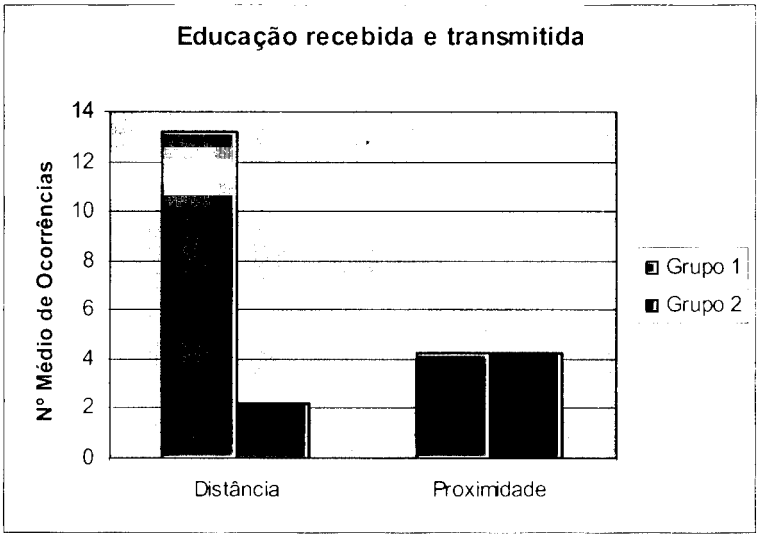
para a escola... e nós já levávamos (...) no dia do aniversário (...) ele[163] *trazia sempre uma prenda, trazia uma caixa de pastéis (...) coisas que não esquecem...*" (entrevista 2.9; tarefeira, a dar apoio numa sala de ensino especial, casada, tem um filho,, 35 anos).

3.2. Educação

"O pai e a mãe têm um objectivo: ajudar a criança a desenvolver o que existe dentro dela, e não acrescentar um verniz educativo."[164]

3.2.1. Educação recebida e transmitida ou a transmitir

Gráfico 7 – Educação recebida e transmitida



[163] Refere-se ao pai.
[164] Vd. François de Singly, *O Eu, O Casal e a Família*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000, p. 143.

Distância entre a Educação recebida e a que é dada (ou se pretende dar)

As mulheres do Grupo 1 educam (ou tencionam educar) os seus filhos de um modo diferente do que fizeram os seus pais.

Ainda que admitam alguns pontos em comum na educação recebida e dada, quando confrontadas com a questão da distância entre uma e outra, utilizam expressões bastante esclarecedoras quanto à sua opinião, confirmando o que propõe Anália Torres, *"às concepções sobre a educação e socialização das crianças no contexto das relações familiares, torna-se dominante uma visão que se afasta da lógica autoritária de obediência cega dos filhos ao chefe de família, a qual cede o lugar a perspectivas mais democráticas e negociadas na relação entre pais e filhos."* [165]

> *"Muito grande."* (entrevista 1.5; auditora e professora, casada, teve dois filhos, mas morreram ainda bebés, ajuda a educar vários adolescentes sem os ter adoptado, 49 anos)
>
> *"É completamente diferente"* (entrevista 1.7; empresária, casada, tem uma filha, 38 anos).

Muito menos peremptória é a resposta dada pelas entrevistadas do Grupo 2 quando colocada a mesma questão. Veja-se, por exemplo como uma das entrevistadas compara a forma como educa e o modo como foi educada pelos seus pais:

> *"É um bocadinho diferente."* (entrevista 2.7; repositora num hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos).

A necessidade de educar de uma forma mais "moderna", o que, no fundo, parece querer dizer educar de um modo mais compatível com a realidade actual que rodeia as crianças e jovens e que é, indubitavelmente, distinta daquela que foi vivida pelas entrevistadas do Grupo 1, é indicada por algumas delas como factor de algum sucesso.[166] Vejam-se alguns exemplos dessa maneira de pensar:

---

[165] Vd. Anália Cardoso Torres, *Divórcio em Portugal. Ditos e Interditos.*, Oeiras, Celta, 1996, p. 12

[166] Singly fala mesmo de "mais ou menos secretamente, esperarem que o filho ou a filha se irá desenvolver seguindo os critérios dominantes da sociedade, isto é vencendo", vd. François de Singly, O Eu, O Casal e a Família. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000, p. 193.

"os pais têm que acompanhar a evolução dos tempos, porque os tempos mudaram. Não dá para tentar educar os filhos da mesma maneira que nós fomos educados, porque eu acho que há um fosso tão grande, tão grande, tão grande, porque efectivamente se assim for nós vamos falhar redondamente" (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)

"obviamente, maior modernidade" (entrevista 1.10; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos).

A proximidade sentida entre pais e filhos e a abertura em termos de relacionamento (e, consequentemente, a importância atribuída ao diálogo) são os aspectos em que se verifica uma diferença mais vincada entre esta forma de educar e aquela de que as entrevistadas do Grupo 1 foram alvo e à qual se referem como tendo sido mais distante, rígida e de alguma inibição. Como diz Singly, *"na família as crianças mudaram de estatuto. Tornaram-se interlocutores dos pais."*[167]

"a minha mãe (...) ficou um bocado parada no tempo (...) Nós fomos tomando contacto com realidades lá fora (...) E era complicado ter conversas com ela (...) se eu tivesse que educar crianças, é assim, seria necessariamente, diferente daquilo que os meus pais fizeram comigo nessa matérias" (entrevista 1.3; empresária e professora, vive em união de facto, não tem filhos, 37 anos)

"não víamos os pais como amigos, quer dizer, não os víamos como inimigos eram família mas não eram, propriamente, pessoas com quem nos abríssemos. (...) o que eu sempre procurei fazer foi, desde que a minha filha era pequenina, ir respondendo às questões à medida que elas aparecem, sempre!" (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha com quem vive, 37 anos)

"eu penso que (...) no meu caso, que era uma educação do silêncio..." (entrevista 1.5; auditora e professora, casada, teve dois filhos que morreram ainda bebés, ajuda a criar alguns adolescentes sem os ter adoptado, 49 anos)

"tive uma educação (...) que foi demasiado rígida (...) se fazia uma asneira e não dizia quem foi, ficávamos todos virados contra a parede de joelhos, se a minha mãe dissesse que era meia hora, era meia hora! (...) nalguns pontos, que... que eram muito ríspidos, eram... eram!" (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos)

[167] Vd. François de Singly, *O Eu, O Casal e a Família*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000, p. 151.

> *"Não há tabus. Falamos... falo de coisas com as minhas crianças (...) que os meus pais nunca falaram comigo (...) partilhamos muito mais coisas (...) apesar de... de... da falta de tempo, do stress, da... da... muitas vezes da... do cansaço físico, nós conseguimos ter um tempo de qualidade muito superior ao que os nossos pais e avós tinham (...) Essa proximidade que existe entre pais e filhos é muito mais saudável"* (entrevista 1.11; empresária, casada, tem três filhos, 41 anos)
>
> *"Preocupação de abertura, de discutirmos as coisas, haver abertura suficiente (...) nunca houve... propriamente tabus. (...) os assuntos... as questões são... são todas abordadas"* (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos)
>
> *"há diferenças no relacionamento. (...) conjugar programas, actividades, conversas de uma forma mais fácil, porque acho que nós também estamos mais próximos"* (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 42 anos).

Pese embora com menor frequência que as entrevistadas do Grupo 1, algumas das entrevistadas do grupo das mulheres menos escolarizadas também fazem alusão à inexistência de abertura e de diálogo entre si e os seus pais em contraste com a atitude que têm com os seus filhos. São aquelas que procuram criar um clima liberal em que a franqueza é valorizada e *"a criança deve comunicar as coisas importantes da sua vida."*, tornando possível que a escuta *"possa desembocar num conhecimento dos filhos"*.[168]

> *"não falo abertamente com a minha mãe e antigamente, também, não falava!"* (entrevista 2.4, cozinheira, separada a viver em união de facto, tem três filhos, 42 anos)
>
> *"tento ensiná-la tudo o que... que sei... dentro dos possíveis... faço-lhe compreender coisas que os meus pais... nunca me fizeram..."* (entrevista 2.6; empregada doméstica, casada, tem uma filha, 38 anos).

Os exemplos mais citados, pelas entrevistadas do Grupo 1, como sendo aqueles em que se notam maiores diferenças no diálogo entre pais e filhos são os assuntos relacionados com sexo e drogas. E é, sobretudo, com as mães (não com os pais)

[168] Idem, *ibidem*, p. 155.

que os assuntos são conversados e as confidências feitas, provavelmente, decorrente de uma maior aprendizagem da competência relacional.[169]

> *"nunca falei de drogas com os meus pais, por exemplo. Com o meu filho sempre (...) falei muito com ele acerca disso"* (entrevista 1.13; empresária, psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos)
>
> *"em termos de... mesmo, da... da educação sexual, etc. que eu acho que... que havia maior dificuldade de abordar as questões (...) não eram abordadas, não é?! E... e, hoje, são mais... são mais fáceis e abordam-se com mais facilidade e com mais naturalidade."* (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

A questão da falta de liberdade que implicava a impossibilidade ou, no mínimo, os muitos entraves colocados pelos pais de algumas das entrevistadas do Grupo 1 a saírem à noite e a viajarem quando ainda eram dependentes é mencionado nestas entrevistas como algo que não repetem com os seus filhos... nem filhas. Singly corrobora, de certa maneira esta ideia, afirmando que se trata de uma situação em que *"o autoritarismo já não se usa e em que o liberalismo, sobretudo na família, é o único modo concebível de gestão das relações".*[170]

> *"A questão das saídas à noite, por exemplo, de ir para discotecas, os meus pais não aceitavam muito bem... como menina não vai para esses sítios..."* (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos)
>
> *"deixo-as viajar para onde elas quiserem e, e ter os seus desafios, ir tendo os seus* desafiozinhos, *para que possam crescer... com o máximo de segurança possível."* (entrevista 1.14; administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas, 44 anos).

Algumas entrevistadas do grupo das menos escolarizadas também demonstram que a educação que dão aos seus filhos permite-lhes mais liberdade do que aquela que receberam.

---

[169] Idem, *ibidem*, p. 235.
[170] Idem, *ibidem*, p. 178.

"há muito mais liberdade." (entrevista 2.7; repositora num hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos)

"No tempo dos meus falecidos pais era uma maneira mais... esganada..." (entrevista 2.10; empregada de café, casada, tem duas filhas, 49 anos).

Proximidade entre a Educação recebida e a que é dada (ou se pretende dar)

É curioso verificar como para as mulheres do Grupo 1 a abertura e o diálogo com os filhos é fundamental na educação. Se para algumas delas esse constitui o factor de maior distanciamento entre a educação recebida e dada, para outras é algo de que já beneficiaram com os seus pais e que mantêm (ou tencionam manter) com os seus filhos.

"muito importante, mesmo muito importante, que é... é o diálogo. (...) o mais difícil (...) que possa parecer, eu acho que deve ser sempre falado. (...) acima de tudo, é... é conversar! (...) torna tudo muito mais fácil. (...) é extremamente importante para... para criar laços" (entrevista 1.5; recém aposentada, foi professora, casada, tem três filhos, 49 anos)

"sempre teve uma abertura óptima e sempre conversei com a minha mãe de tudo." (entrevista 1.16; professora, separada, a iniciar o processo de divórcio, tem três filhos, 42 anos).

Outra questão realçada nos relatos das mulheres do Grupo 1 quando comparam o que de próximo existe entre a educação que receberam e aquela que dão (ou tencionam dar aos seus filhos) é o investimento feito na educação e na formação cultural. A tal *"percepção materna"* em que *"aparece quase sempre a preocupação escolar"* de que fala Singly.[171]

"uma coisa que os meus pais fizeram e que eu acho que foi muito importante para a nossa educação: nós sempre fizemos outras coisas para além da escola (e do que era normal). Fizemos sempre ginástica, andei no ballet (...), música... sempre muitas

[171] Idem, *ibidem*, p. 169.

coisas! E, nesse aspecto, também acho que os meus pais, se calhar, investiram, gastaram até muito dinheiro, na altura." (entrevista 1.1; quadro superior, solteira, não tem filhos, 25 anos)

"culturalmente, acho muito importante, eles terem uma formação cultural muito boa. (...) a leitura, por exemplo" (entrevista 1.16; professora, a iniciar o processo de divórcio, tem três filhos, 42 anos).

O entendimento por parte das mulheres do Grupo 2 relativamente a darem uma educação parecida com aquela que receberam é quase unânime, uma vez que, grosso modo, concordam com a forma como foram educadas pelos seus pais.

"foi uma educação boa. Eu nunca fui malcriada para ninguém, a não ser que sejam para mim (...) Mais de resto, eu sou uma pessoa que não trato mal as pessoas nem nada! Para mim, foi uma educação boa." (entrevista 2.1; recém desempregada, solteira, não tem filhos, 46 anos)

"A educação é a mesma!" (entrevista 2.4; cozinheira, separada, a viver em união de facto, tem três filhos, 42 anos)

"Foi a que tentei dar (...) Eu tentei... o que os meus pais me deram a mim, eu tentei dar aos meus filhos! Tentei!" (entrevista 2.5; auxiliar educativa, casada, tem três filhos, 64 anos)

"é um bocadinho parecida" (entrevista 2.7; repositora de um hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos; inicialmente tinha referido que era "um bocadinho diferente")

"Acho que dei um bocadinho a educação igual" (entrevista 2.8; empregada comercial, casada, tem dois filhos, 54 anos)

"Não acho que seja muito diferente. (...) tento-lhe dar uma educação, assim dentro do que recebi!" (entrevista 2.9; tarefeira, a dar apoio numa sala de ensino especial, casada, tem um filho, 35 anos)

"Dei igual (...) Ensinei a fazer tudo! Elas sabem fazer tudo como a minha mãe me ensinou a mim, ensinei-lhes a elas. Tudo! (...) sabem fazer as coisas como eu sei fazer... fiz tudo... eduquei-as como... no tempo dos meus falecidos pais" (entrevista 2.10; empregada de café, casada, tem duas filhas, 49 anos).

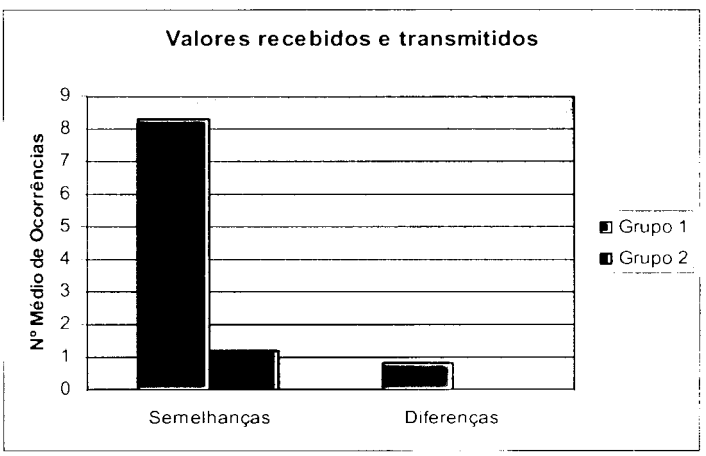
Algumas entrevistadas apresentam exemplos interessantes do modo como foram educadas com o qual concordam e razão pela qual fazem questão de manter, agora que são elas as responsáveis pela educação: o pudor da nudez entre pais e filhos e a existência de assuntos tabu – em nítido contraste com o discurso das mulheres do Grupo 1.

> *"a minha mãe nunca se despiu à minha frente... eu também nunca me despi à frente do meu filho! Nem pensar! (...) nem o meu filho se despe à minha frente."* (entrevista 2.7; repositora de um hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos)

> *"pais que falam com os filhos... de certas coisas que eu nunca falei com os meus (...) os meus pais nunca me falaram e eu, também, nunca falei aos meus filhos. (...) nunca me abri, assim, com os meus filhos, porque eu acho que não é preciso (...) A minha mãe, também, nunca me ensinou..."* (entrevista 2.8; empregada comercial, casada, tem dois filhos, 54 anos).

3.2.2. Valores recebidos e transmitidos (ou a transmitir)

Gráfico 8 – Valores recebidos e transmitidos



Semelhanças

As entrevistadas do Grupo 1 reconhecem muito poucas diferenças entre os valores que receberam dos seus pais e aqueles que transmitem (ou pretendem vir a

transmitir) aos seus filhos, os quais são por algumas delas qualificados como "valores tradicionais cristãos". Apenas em alguns casos é admitida uma disparidade quanto à forma como estes são transmitidos (mais aberta e adaptada à actualidade).

> *"Em relação à solidez dos valores e das referências... dos princípios, acho que tentaria manter, porque acho que são excelentes!"* (entrevista 1.3; empresária e professora, vive em união de facto, não tem filhos, 37 anos)
>
> *"sou um bocado conservadora, em termos de valores (...) os valores que me foram transmitidos são, basicamente, com diferenças de forma, os mesmos. (...) basicamente, esses valores tradicionais, cristãos"* (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos)
>
> *"princípios da... do Cristianismo, da Religião Católica pretendo transmiti-los ao meu filho. Claro que com uma visão, já, que eu considero que é mais aberta e mais adequada aos tempos de hoje, do que aquela que recebi. Mas, no essencial, os valores dos meus pais, eu mantenho-os."* (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos)
>
> *"Privilegiamos muito os valores (...) do humanismo cristão"* (entrevista 1.9; recém aposentada; foi professora; casada, tem três filhos, 58 anos)
>
> *"valores católicos. São... são os valores que eu recebi e os que eu tento incutir aos meus filhos"* (entrevista 1.11; empresária; casada; tem três filhos, 41 anos)
>
> *"alguns valores são os mesmos."* (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

Os valores considerados mais importantes para as mulheres que fazem parte do Grupo 1 são o respeito (por nós próprios e pelos outros). Como acentua Singly, *"o valor «respeito» reúne o consenso (...) remetendo tanto par a o respeito da autoridade como para o respeito de si próprio".*[172] Também a amizade e a igualdade (independentemente do género ou da raças) são nomeadas.

> *"o respeito que deve aos outros e que deve exigir para ela (...) no fundo, o respeito mútuo"* (entrevista 1.7, empresária, casada, tem uma filha, 38 anos)

[172] Idem, *ibidem*, p. 186.

"respeito... na forma como uma pessoa se relaciona com os outros, independentemente das... da situação... social e humana em que as pessoas estão." (entrevista 1.15; administradora de empresa; casada, tem três filhos, 46 anos)

"igualdade (...) entre o homem e a mulher. (...) É um dos princípios que eu quero transmitir aos meus filhos" (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos)

"Detesto preconceitos e o meu filho sabe. (....) Aquela história do racismo, do... de achar que qualquer raça possa ser inferior ou que o género feminino pode ser inferior... todo... este tipo de coisas sempre me... me incomodou muito. E... e, pronto, e acho que foi, totalmente, transmitido com sucesso" (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos)

"Sempre me incutiram e foi muito bom, isso, que as pessoas são todas iguais (...) tratar bem as pessoas, tratar bem os outros, achar que somos todos iguais, isso, também me incutiram a mim e são esses valores que eu... tento transmitir." (entrevista 1.16; professora, separada, a iniciar o processo de divórcio, tem três filhos, 42 anos).

Valores como a união da família, a solidariedade, a humildade, a seriedade, a honestidade, o trabalho, a responsabilidade e a justiça, apesar de não serem mencionados tantas vezes como os valores anteriormente referidos, são também citados pelas entrevistadas do Grupo 1 como fundamentais na educação que receberam e como fazendo parte dos que consideram imprescindíveis transmitir aos seus filhos.

"sobretudo o meu pai era uma pessoa que tinha a ideia presente da família unida que era uma coisa muito importante (...) ele conseguiu incutir, que é uma coisa que nós continuamos a manter" (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)

"sentido de responsabilidade, de querer conquistar as coisas e fazer por elas (...) justiça" (entrevista 1.12; pintora e professora, separada de uma união de facto, não tem filhos, 33 anos)

"incutiram-nos muito o sentido da responsabilidade...e... do... de pelo menos, tentarmos fazer, sempre, o melhor que pudermos! (...) é muito semelhante no sentido de lhes incutir a responsabilidade e o valor que tudo tem. (...) Mostro-lhes as contas de tudo, isto para as responsabilizar" (entrevista 1.14; administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas, 44 anos)

> *"sempre me incutiram no espírito de que as pessoas têm que trabalhar para terem... para ganharem, não herdam!"* (entrevista 1.16; professora, separada, a iniciar o processo de divórcio, tem três filhos, 42 anos).

As mulheres pertencentes ao Grupo 2 desenvolvem muito pouco o tema dos valores. Dos seus discursos decorre que não existem diferenças entre os valores recebidos dos seus progenitores e aqueles que procuram incutir nos filhos. O único matiz, referido por uma ou outra entrevistada, pode ser a questão de procurar incutir um pouco de "modernidade" aos valores recebidos.

> *"mantenho os mesmos valores que trouxe"* (entrevista 2.2; desempregada, casada, tem dois filhos, 49 anos)

> *"Os mesmos, mas um bocadinho mais moderno."* (entrevista 2.7; repositora num hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos).

Os valores que mais se destacam de entre os que consideram ser importantes são o respeito, a honestidade e a amizade.

> *"a amizade e a honestidade foi o que eu sempre lhes disse, que é o principal... foi isso que os meus pais me ensinaram a mim..."* (entrevista 2.2; desempregada, casada, tem dois filhos, 49 anos).

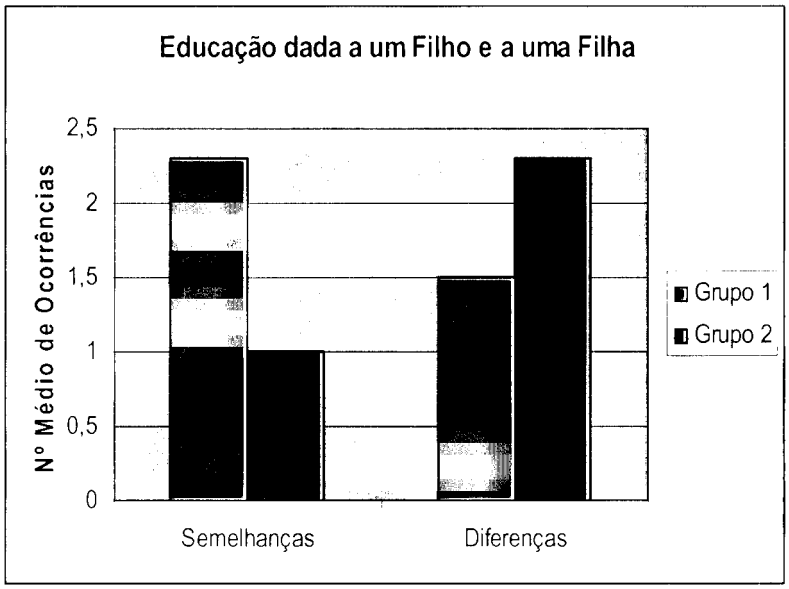
Diferenças

Como já se referiu, apenas as mulheres do Grupo 1 mencionam diferenças entre os valores recebidos e os transmitidos. Mas mesmo dentro deste grupo são muito poucas as entrevistadas que referem esse distanciamento.

> *"muito diferentes dos valores da minha mãe. (...) auto-estima... alguma teimosia perante as coisas, alguma determinação, também! (...) E... da afirmação que ela deve ter"* (entrevista 1.7; empresária, casada, tem uma filha, 38 anos).

3.2.3. Educação dada a um Filho e a uma Filha

Gráfico 9 – Educação dada a um Filho e a uma Filha



Semelhante

Existem mais semelhanças entre a educação dada a um filho rapaz e a uma filha rapariga quando a mãe pertence ao Grupo 1 do que quando pertence ao Grupo 2.

Algumas das entrevistadas, quando questionadas sobre se a educação dada aos filhos dos diferentes sexos é ou não a mesma, não deixam margem para dúvidas. Sem hesitarem, respondem:

> *"Completamente!"* (entrevista 1.7; empresária, casada, tem uma filha, 38 anos).

Outras das entrevistadas deste grupo, apesar de não serem tão peremptórias na resposta, assumem que educam (ou educariam) filhos de diferentes sexos da mesma forma e fazendo as mesmas exigências. Como sustenta Singly, *"este valor*

da igualdade foi-se inscrevendo progressivamente nas relações familiares, enquanto marca da afeição dos pais em relação aos filhos".[173]

> *"acho que se tivesse um filho que o educaria da mesma forma e, pronto, com as mesmas exigências."* (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separa de facto, tem uma filha, 37 anos).

Esta mãe entende, entretanto, que devem ser tidas em linha de conta as apetências de cada um. Assim, o pedido para que sejam desempenhadas determinadas tarefas (tal como no casal) deve ser feito, tendo em consideração esse aspecto:

> *"é como num casal e acho que em relação aos miúdos deve ser a mesma coisa: se houver mais apetência por um tipo de trabalhos, embora eles tenham que fazer tudo, porque não?! Distribuir isso dessa forma..."* (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos).

Outras das entrevistadas do Grupo 1 que educam os filhos de forma idêntica reconhecem que o fazem com alguma dificuldade. Os receios provocados pela consciência de que as mulheres correm mais riscos torna-se um factor de ansiedade, sobretudo quando as filhas, atingindo a adolescência, querem sair (tal como os seus irmãos). Assim, algumas entrevistadas apresentam estes receios:

> *"a mulher continua a ter um risco muito grande perante o homem. E, portanto, eu (...) faço esforço por dar uma educação muito... idêntica ou igual aos meus filhos mas, vou ter sempre muito mais medo do que a J.*[174] *vai fazer. (...) pelos perigos que tem que eu continuo a achar que são muito mais para a mulher. A partir do momento em que uma mulher pode estar sujeita a ser violada e um homem não, acho que isso... diferencia-a na sociedade (...) sinto que vou ter (...) que travar um bocado... esta consciência, quando for com a J., quando a J. começar a sair, etc., porque vou ficar um bocado mais... mais ansiosa"* (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem dois filhos e uma filha, 46 anos)

[173] Idem, *ibidem*, p. 195.
[174] Referindo-se à filha que ainda é uma criança

São em menor número as mulheres do Grupo 2 que educam os filhos (dos diferentes sexos) de forma semelhante. No entanto, algumas também o fazem.

> *"O que digo a um dizia-lhe ao outro!"* (entrevista 2.6; empregada doméstica, casada, tem uma filha, 38 anos)

> *"Acho que procedia da mesma maneira. (...) gostava que ele fosse... que ajudasse, assim... a pôr a mesa... que me ajudasse, às vezes... certas tarefas que eu acho que são... tão fáceis de fazer, tanto para a mulher como para o homem..."* (entrevista 2.9; tarefeira, a dar apoio numa sala de ensino especial, casada, tem uma filha, 35 anos).

É curioso verificar que a intenção das mães do Grupo 2 ao ensinar determinadas lides domésticas aos filhos (rapazes), não tem tanto como fundamento a importância da repartição das tarefas em casa ou a sua autonomia, mas antes o estarem preparados para mais tarde "ajudar".

> *"digo-lhe: «Olha! Aprendes umas coisinhas para ajudares a tua mulher...». (...) tenho uma máquina de limpeza, ele sabe lidar com a máquina... ele sabe! (...) Limpa que eu não sei lidar com a máquina! (...) Se tiver que apanhar uma roupa (...) Ele apesar de ser rapaz, eu tento fazer como se fosse rapariga."* (entrevista 2.3; auxiliar educativa, casada, mãe de um rapaz, 41 anos).

Diferente

O receio apresentado por algumas entrevistadas do Grupo 1 relativamente aos maiores riscos que correm as mulheres, que serviram de explicação para o esforço que têm que fazer para conseguir dar a mesma educação aos filhos de ambos os sexos, é a justificação para outras entrevistadas reconhecerem que não educariam do mesmo modo:

> *"iria ter outros receios (...) se tivesse uma menina (...) o drama iria ser muito maior. (...) Ia ficar, no íntimo, mais preocupada (...) acho que... que as meninas que potencialmente estão expostas a mais... a mais riscos."* (entrevistada 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos).

Por esta razão, outra entrevistada que começa por se referir ao sacrifício que teria que fazer para dar a mesma educação, acaba (ao longo da entrevista) por reconhecer que irá estar mais atenta às companhias da sua filha quando esta se tornar adolescente, o que irá reflectir-se num comportamento distinto daquele que tem com os seus filhos:

> *"vou ter mais medo que ela ande sozinha na rua. Vou ter mais medo que ela... que ela... vou ter mais, com certeza, atenção a ver com quem é que ela vai (...) acho que continua a haver mais riscos para uma mulher andar sozinha do que para um homem."* (entrevistada 1.15; administradora de empresa, casada, mãe de dois rapazes e de uma rapariga, 46 anos).

A grande diferença que se nota no modo como a maioria das entrevistadas do Grupo 2 educa os filhos e as filhas (ou educaria se os tivesse) relaciona-se com as tarefas domésticas. Tanto o ensinamento destas lides como o pedido / exigência do seu desempenho é absolutamente discriminatório em função do género. Às filhas tudo o que se refere aos trabalhos de casa é ensinado; aos filhos depende mais da sua vontade de aprender e apenas é ensinado aquilo que parece a estas mulheres ser mais importante, como se vê pelos seguintes exemplos:

> *"Se ele me pedisse (...) se ele tivesse boa vontade... que lhe ensinava a fazer coisas na cozinha. (...) À minha filha ensino. Vou-lhe ensinar tudo (...) é rapaz, mas era capaz de lhe ensinar... por exemplo, a fazer um estrugido... a fazer um arroz, porque convinha... Agora, não digo tudo, tudo! (...) não digo que ensinasse tudo, tudo, tudo, tudo, mas fazer a cama... que acho é necessário, lavar a louça (...) fazer um arroz"* (entrevista 2.6; empregada doméstica, casada, mãe de uma rapariga, 38 anos)
>
> *"podia dizer para limpar o quarto, tudo bem mas, de resto, não fazia mais nada."* (entrevista 2.7; repositora num hipermercado, divorciada, mãe de um rapaz, 43 anos).

Para além das entrevistadas do Grupo 2, de uma maneira geral, entenderem que nem todas as tarefas devem ser ensinadas aos filhos (rapazes), mais uma vez demonstram que consideram importante que eles aprendam determinadas lides para que um dia seja possível "ajudarem" a mulher... "se ela estiver doente".

> *"certas coisas não ensinava, não é?! (...) Lavar roupa não ensinava, porque* Pelo Amor de Deus, *não é?! Agora, a fazer o comer... lavar uma loucinha e assim... se um dia mais tarde casasse, se a esposa estivesse doente, ele ajudar... prontos... passar... também não! Mas... arrumar a cozinha, fazer um comerzinho ou assim..."* (entrevista 2.10; empregada de café, casada, tem duas filhas, 49 anos).

A colaboração dos rapazes é considerada dispensável quando as irmãs estão presentes, segundo uma parte significativa das entrevistadas do Grupo 2.

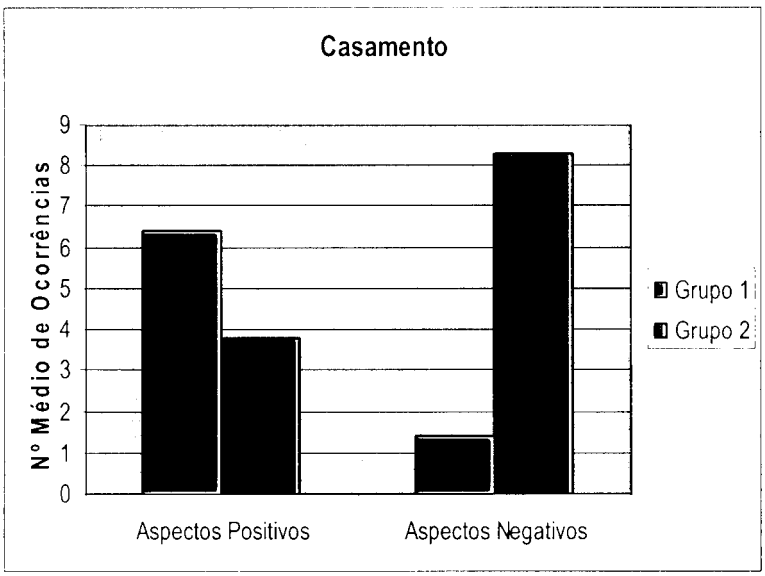
> *"quer dizer... (hesita muito) que não ia pedir tanto, se estivesse a irmã... mas, acho que se fosse filho único que... pedia!"* (entrevista 2.6; empregada doméstica, casada, tem uma filha, 38 anos)

> *"Não era preciso, porque... também não era preciso, ajudava a minha mãe e a minha filha, quando podia, quando não tinha aulas (...) Nem lhe pedia...porque não era preciso"* (entrevista 2.8; empregada comercial, casada, tem dois filhos, 54 anos; referindo-se à falta de necessidade do filho desempenhar tarefas domésticas, uma vez que a sua mãe e a sua filha já a ajudavam a fazê-las).

3.3. Casamento, Divórcio, Celibato e Maternidade

3.3.1. Casamento e União de Facto

Gráfico 10 – Casamento / Aspectos Positivos e Aspectos Negativos



As mulheres do Grupo 1, ao contrário das entrevistadas do outro grupo, fazem uma avaliação positiva do casamento. Para além de mais frequentemente fazerem alusão ao que consideram ser aspectos favoráveis, referem muito poucos factores negativos (que, curiosamente, são quase sempre referentes ao casamento em geral e não especificamente ao seu casamento).

O Desejo da Partilha

O aspecto entendido como mais positivo pela maioria das mulheres do Grupo 1 no que concerne ao casamento é a intensa partilha. Os discursos deixam transparecer que *"os cônjuges dão um ao outro um conforto psicológico"*.[175]

[175] Vd. François de Singly, *O Eu, O Casal e a Família*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000, p. 64.

"pela partilha, pela vivência das coisas (...) a nossa relação é diferente das outras. (...) uma comunhão... quase, sei lá, implícita, não era nada... não se diz! (...) uma comunhão profunda! Uma presença, sem alarido" (entrevista 1.5; auditora e professora, casada, teve dois filhos, mas morreram ainda bebés, ajuda a educar vários adolescentes se os ter adoptado, 49 anos)

"só encaro o casamento nessa perspectiva de partilha." (entrevista 1.11; empresária, casada, tem três filhos, 41 anos)

"preciso de... de estar com alguém. Tenho... tenho muita necessidade de... de... de estar próxima de alguém, de... de... com quem vou (...) Partilhando os momentos mais difíceis, os momentos mais de desmotivação ou os momentos mais de alegria" (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos)

"gosto dessa partilha, gosto de chegar a casa e... e sentir que tenho alguém à minha espera, para contar como foi o dia... gosto, acho que o bom de viajar, também, é ter... levar alguém e partilhar (...) o que é bom, mesmo, sei lá, uma coisa simples, como ver um pôr-do-sol, eu acho que é bom é partilhar isso! Ou um filme ou qualquer coisa..." (entrevista 1.16; professora, separada, a iniciar o processo de divórcio por opção do marido, tem três filhos, 42 anos).

Independentemente do estado civil da entrevistada do Grupo 1, para a grande maioria, o casamento (ou união de facto) representa um plano que gostariam de concretizar ou o modelo de vida pelo qual optaram, decisão que as deixa satisfeitas.

"Gostava de ter uma vida com outra pessoa. (...) Uma união de facto é... quer dizer, faz parte dos meus planos. (...) faz parte dos meus planos ter uma relação com outra pessoa." (entrevista 1.1; quadro superior, solteira, não tem filhos, 25 anos)

"é o espaço mais propício à estabilidade das pessoas, das crianças (...) é o modelo, digamos, de referência (...) estou muito satisfeita" (entrevista 1.10; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos; no seu entender o seu casamento foi "no momento ideal e o modelo ideal").

Mesmo quando as entrevistadas do Grupo 1 se encontram separadas de facto, ou a iniciar o processo de divórcio, o casamento não deixa de ser o seu "tipo de ideal de vida"[176]:

> *"continuo a acreditar no casamento. Acho, pelo menos... em termos ideais... seria... seria... o tipo de vida que eu... que eu idealizaria, não é?! Em família e acho que ... pronto... Eu penso na casa, no lar, nos pais, nos filhos. É mesmo... pronto, o meu tipo de ideal de vida!"* (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos)
>
> *"sempre acreditei imenso no casamento! (...) Sempre acreditei imenso que duas pessoas podiam... podiam amar-se para sempre! (ri-se...) A sério! Eu sempre acreditei nisso!"* (entrevista 1.16; professora, separada, a iniciar o processo de divórcio, tem três filhos, 42 anos).

Outro aspecto interessante realçado pelas entrevistadas deste grupo é o facto de não existir entre o casal grande planeamento ou o alimentar de demasiadas expectativas que poderiam ser goradas. São exemplos do tipo de casamento que Anália Torres designa como "casamento-associação" em que *"a relação só se justifica enquanto for compensatória para os dois parceiros"* e em que o *"bem-estar, a harmonia da relação prevalecem sobre o valor da «perenidade»".*[177] Algumas entrevistadas descrevem bem este aspecto da relação que mantêm:

> *"a gente nunca alimentou... nunca planeou muita coisa, nem criou muitas expectativas de vida, para que as coisas funcionem bem."* (entrevista 1.3; empresária e professora, a viver em união de facto, não tem filhos, 37 anos).

A referência ao amor é também frequente quando as entrevistadas são questionadas sobre o que pensam sobre o casamento. Como refere Anália Torres *"deixam de fazer sentido os casamentos de conveniência de outrora porque o que se tende a jogar na conjugalidadade, pelo menos explicitamente, é a escolha amorosa."*[178] Também neste aspecto o estado civil da mulher não parece interferir.

---

[176] Qualquer uma destas entrevistadas encontra-se separada não por vontade própria mas do respectivo marido
[177] Vd. Anália Cardoso Torres, *Divórcio em Portugal. Ditos e Interditos.*, Oeiras, Celta, 1996, p. 111.
[178] Idem, *ibidem*, p. 12.

> *"Ele é (...) de uma capacidade de aceitar... e uma capacidade de amar muito grande. (...) foi com quem mais aprendi o que era o amor. (...) ser amada... foi uma descoberta, foi uma revelação (...) Eu acho que o amor é eterno. (...) só posso achar isso com a experiência que tenho...* (ri-se) *Não posso achar de outra maneira"* (ri-se novamente) (entrevista 1.5; auditora e professora, casada, teve dois filhos, mas morreram ainda bebés, ajuda a educar vários adolescentes sem os ter adoptado em termos legais, 49 anos).

No entanto, também surgem situações em que apesar do processo de separação ou divórcio, as entrevistadas desejam voltar a casar por acreditarem poder, assim, voltar a ser amadas e sentir novamente paixão, demonstrando como valorizam a dimensão afectiva e interpessoal do matrimónio:

> *"quero ser amada, eu quero... pronto! Quero sentir isso outra vez... a paixão e isso tudo! Que eu acho que, também, é uma coisa que se consegue, mesmo, dentro de um casamento."* (entrevista 1.16; professora; separada, a iniciar o processo de divórcio que está a ser muito doloroso – até porque a decisão não foi sua –, tem três filhos, 42 anos).

A mulher casada do Grupo 1 não vê o seu estado civil como motivo de qualquer perda de autonomia ou de independência, pelo que continua a sentir-se "livre". De facto, é corroborada a ideia de que neste tipo de casamento *"as formas de regulação das interacções conjugais se aproximam mais das perspectivas de autonomia e de independência dos cônjuges".*[179]

> *"Casar não me custou! Nada! Porque continuava a... com a minha independência"* (entrevista 1.6; pintora e ilustradora, casada, tem dois filhos, 38 anos).

O casamento para uma grande parte das mulheres menos escolarizadas correspondia a um sonho. A esta expectativa estava associado não só o dia do casamento e o tradicional vestido branco, mas também o ideal de ser mãe e de constituir uma família. Para algumas das entrevistadas o casamento não constituiu uma desilusão:

---

[179] Idem, *ibidem*, p. 113.

"Gostava de fazer uma família. E, esse sonho aconteceu... Não estou arrependida. (...) não estou arrependida. Não estou nada!" (entrevista 2.6; empregada doméstica, casada, tem uma filha, 38 anos)

"pensei sempre em casar! Um dia casar e casei... com o homem que gostei! O primeiro e o último! (entrevistada e entrevistadora riem-se...) *eu me sinto bem com o meu casamento!"* (entrevista 2.8; empregada comercial, casada, tem dois filhos, 54 anos)

"sonhava com o dia do casamento. Com... o vestido branco... com a festa... era... era um dia que eu sonhava. Era o dia do casamento! E... e foi! Foi o dia que... eu idealizei, durante anos" (entrevista 2.9; tarefeira, a dar apoio numa sala de ensino especial, casada, tem um filho, 35 anos).

O casamento é adjectivado por várias das entrevistadas como "feliz". No entanto, não são muito claros os factores que levam estas mulheres a classificar o casamento desse modo. Talvez se trate daquilo a que Anália Torres se refere como sendo a ideia de casamento para as mulheres das classes populares *"um bem em si mesmo, que oferece garantias, segurança"*[180]

"sou feliz! Prontos! Há sempre aquelas coisas, não é?! A vida não é sempre um mar de rosas, *não é?! Há sempre ralhos e tudo mas, posso-me considerar que sou uma mulher feliz! Prontos... tenho um bom marido..."* (entrevista 2.8; empregada comercial; casada, tem dois filhos, 54 anos).

"temos... uma vida... em conjunto, bonita. (...) considero o meu casamento, um casamento... feliz. (...) tenho os problemazitos normais" (entrevista 2.9; tarefeira, a dar apoio numa sala de ensino especial, casada, tem um filho, 35 anos).

Apenas uma das entrevistadas refere uma razão: o apoio recíproco (entre marido e mulher) e a capacidade de entendimento através do diálogo. Na realidade, Anália Torres menciona que *"hoje há certas características da conjugalidade, como as comunicativas e as expressivas que são consideradas importantes também pelas mulheres das classes populares."*[181]:

[180] Idem, *ibidem*, p. 91.
[181] Idem, *ibidem*, p. 98.

> *"É um casamento feliz! (...) Apoia-me sempre em tudo! E eu tenho de o apoiar a ele, não é?! Também! Mas, o que um diz, para o outro está bem! E pedimos sempre a opinião um ao outro... E, pronto! É um bom casamento!"* (entrevista 2.2; desempregada, trabalhava num minimercado, casada, tem dois filhos, 49 anos).

Noutros casos, essa felicidade durou apenas uns anos.

> *"Fomos muito felizes, durante uns anos (...) Fui muito feliz... nos primeiros anos...!"* (entrevista 2.5; auxiliar educativa, casada, tem três filhos, 64 anos; relatando como foram os primeiros tempos de casada... a felicidade deixou de existir, mas o casamento manteve-se).

O casamento não é o mar de rosas de um conto de fadas

Os aspectos negativos do casamento ou da união de facto são pouco referidos pelas entrevistadas do Grupo 1. Demonstrando uma visão do casamento pouco idealista, estas mulheres demonstram que têm consciência de que se trata de uma relação que não é simples de gerir.

> *"O casamento é uma coisa muito complicada e não é, de forma alguma, o* mar de rosas *dos contos de fadas"* (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos).

O casamento, sabe-se, implica cedências. Através de algumas entrevistas percebe-se que a necessidade das mulheres que vivem sós mudarem o seu estilo de vida, no caso de casarem, leva a que algumas não se sintam motivadas para tal.

> *"implica muitos sacrifícios aos quais eu ainda não tive vontade e, se calhar, nunca vou ter vontade de os fazer"* (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos; vive só).

As mulheres mais escolarizadas consideram, de uma maneira geral, que no casamento ainda subsistem a situações de tradicionalidade em que o homem desempenha o papel de "chefe de família" o que leva à persistência de desigualdades marcantes entre as oportunidades, os direitos e os deveres dos

cônjuges. Esta opinião é sempre referida como algo que estas mulheres consideram que persiste na nossa sociedade, mas sem que entendam que é essa a sua situação em particular.

> *"Ainda há muito machismo, aqui, quer dizer... o homem casa e, necessariamente... se considera... sei lá, o "chefe da família", como era na altura do Salazar, por exemplo. Por favor..."* (entrevistada 1.5; auditora e professora, casada, teve dois filhos, mas morreram ainda bebés, ajuda a educar vários adolescentes sem os ter adoptado, 49 anos).

É de realçar que, enquanto algumas mulheres do Grupo 2 se referem aos primeiros anos de casadas como o período de maior felicidade, as entrevistadas do Grupo 1 consideram que esse período é o mais difícil. Apesar de reconhecerem uma certa beleza ao início da vida a dois, não deixam de manifestar a dificuldade sentida na adaptação de cada um ao outro. São *"situações de transição, em que se começa a vida conjugal com um certo entendimento dos papéis e se é obrigado ao longo do tempo a fazer ajustamentos".*[182] Algumas das entrevistadas fazem-no de forma interessante, uma vez que se referem a aspectos do quotidiano, aos quais frequentemente não é dada muita importância, mas que podem motivar algumas dificuldades no entendimento do casal:

> *"os primeiros tempos de casados são horríveis, uma pessoa tentar* acertar agulhas *(...) A questão da adaptação do casal, das pessoas, daquela coisa de... de... da pasta dos dentes no lavatório e... e de ter que conjugar e de... das meias ou das cuecas no chão e de... Este tipo de coisas e de estar chateada e apetecer não ouvir ninguém e ter que ter sempre... alguém para o ouvir, este tipo de coisas"* (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos).

Como já foi referido, os aspectos negativos do próprio casamento só raramente são mencionados pelas entrevistadas do Grupo 1. Entre outras explicações para o insucesso do que foram os casamentos das entrevistadas divorciadas ou separadas prendem-se com a monotonia em que ambos deixaram cair a relação e a

[182] Idem, *ibidem*, p. 174.

imaturidade do ex-marido (no caso deste último discurso não existe a partilha da responsabilidade):

> *"O meu casamento foi... caiu foi numa certa monotonia."* (entrevista 1.14; administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas, 44 anos)
>
> *"ele ser mais novo (...) Não é uma diferença grande (...) são 2 anos! Mas, acho que os homens são mais imaturos, não é?! E suponho que chegou a uma fase da vida em que se começou a questionar..."* (entrevista 1.16; professora, separada, a iniciar o processo de divórcio, tem duas filhas, 42 anos).

Os discursos das mulheres do Grupo 2 deixam perceber uma grande desilusão relativamente ao casamento. De facto, são muitas as lamentações feitas relativamente à vida conjugal e os termos usados nestas descrições não deixam dúvidas quanto às dificuldades sentidas no convívio com os respectivos maridos:

> *"eu já tive tantos sacrifícios em 25 anos"* (entrevista 2.2; desempregada, casada, tem dois filhos, 49 anos; referindo-se ao casamento)
>
> "engoli *muito! E isso magoou-me muito."* (entrevista 2.3; auxiliar educativa, casada, tem um filho, 41 anos; referindo-se ao marido)
>
> *"Sujeitei-me 4 anos (...) passei! Quando estava com ele passei um bocadinho! (...) se fosse hoje, eu nem tinha homem nem tinha filhos! E eu digo-lhe uma coisa: se fosse hoje não me tinha juntado com este homem!"* (bate, expressivamente, com o dedo na mesa...) (entrevista 2.4; cozinheira, separada, a viver em união de facto, tem três filhos, 42 anos; referindo-se às suas duas relações conjugais)
>
> *"aguentei, durante onze anos!"* (entrevista 2.7; repositora num hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos; referindo-se ao período em que foi casada)
>
> *"Passei muito! (...) se não gostasse dele... eu... era capaz de deixá-lo ficar... Eu gostava dele... Era o pai das minhas filhas e eu... sacrifiquei-me sempre até à última!"* (entrevista 2.10; empregada de café, casada, tem duas filhas, 49 anos; referindo-se ao seu casamento, até o marido adoecer).

Um dos aspectos negativos do casamento apontado com maior frequência pelas entrevistadas prende-se com a violência a que estão (ou estiveram) sujeitas – tanto verbal como física – infligida pelos respectivos maridos:

"Chamava-me nomes... batia-me" (entrevista 2.4; cozinheira, separada, a viver em união de facto, tem três filhos, 42 anos; referindo-se ao primeiro marido com quem diz que a mãe a obrigou a casar por ter sabido que tinham mantido relações sexuais)

"batia-me muito! (...) Ai! Apanhei muita porrada! (...) Nunca me virei a ele! Nunca! Apanhava, apanhava... Às vezes dava-me para os olhos, dava-me murros para os olhos... nunca... nunca me virei a ele! (...) quando ele chegava a casa, dava-me sempre porrada! (...) Andou atrás de mim de faca! Eu fugia, quando o via de faca, eu fugia porta fora, para a rua! Eu tinha muito medo dele! (...) Foi preciso uma vizinha atirar-se que ele matava-me ali! Mas, também, deixei-me estar! Ali... até quando... Olhe, se ele me matasse, matava-me! (...) tinha aquele receio era... de ele me dar alguma pancada e eu ficar! Como tinha as duas meninas, as filhas, eu tinha medo de deixar as meninas sozinhas!" (entrevista 2.10; empregada de café, casada, tem duas filhas, 49 anos; segundo a entrevistada, o marido só parou com as agressões quando ficou gravemente doente).

Outro dos aspectos negativos apontados pelas entrevistadas menos escolarizadas é o alcoolismo por parte dos respectivos maridos:

"o pai da minha filha bebia (...) muito... bêbado... fazia cada uma! (...) foi muito complicado, ele era muito bêbado" (entrevista 2.4; cozinheira, separada, a viver em união de facto, tem três filhos, 42 anos; referindo-se ao primeiro marido)

"O álcool não dava, prontos! O álcool (...) depois, com o álcool e tudo... Ele sem vinho... não, não... Deus me Livre! Mas com o vinho, Deus me Livre! (...) era o vinhito..." (entrevista 2.10; empregada de café, casada, tem duas filhas, 49 anos).

Apesar dos maridos de uma grande parte destas entrevistadas não trabalharem ou passarem longos períodos desempregados, tal não os impede de gastarem avultadas quantias de dinheiro no jogo e na prostituição, segundo as próprias mulheres referem:

"eu tinha que esconder o dinheiro que ele levava-me o dinheiro todo... Gastava o meu e o dele... (...) ele fez-me a vida infernal." (entrevista 2.4, cozinheira, separada, a viver em união de facto, tem duas filhas, 42 anos; referindo-se ao primeiro marido)

"gastava-me muito dinheiro no jogo (...) sempre, a pagar dívidas de jogo. (...) queria comprar isto ou queria comprar aquilo... e, mesmo, tipo em coisas de... mesmo para comer! Às vezes, eu não tinha dinheiro! (...) o meu marido foi... o jogo e, depois, começou a ter, também, mulheres. O meu namorado não! Sempre só o jogo mas, depois, também deixou isso!" (entrevistada 2.7; repositora num hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos; referindo-se aos comportamentos do ex-marido e do actual namorado com quem era para casar)

"Passei muito, portanto fome e... o marido não trabalhava... que a minha vida a bem dizer é quase um romance (...) nunca tive um marido que me ajudasse! Eu fui sempre homem e mulher para a casa! (...) Fui sempre uma... um homem e mulher dentro de casa! Sempre a trabalhar para isso! (...) ele podia, enquanto era novo, podia-me ajudar e nunca me ajudou! (...) Só fui infeliz no sentido de ele não fazer nada..." (entrevista 2.10; empregada de café, casada, tem duas filhas, 49 anos).

A mulher solteira do Grupo 2 parece conhecer bem esta realidade e nota-se pelo seu depoimento que tem uma visão bastante pessimista do casamento:

"são muito lindos, isto e aquilo, para levarem as mulheres e, depois, ao fim e cabo, quando casam são os estupores! Não é?! Começam a bater, começam a beber, começam-se a meter na droga" (entrevista 2.1; recém desempregada, solteira, não tem filhos, 46 anos; todos os relacionamentos amorosos que manteve foram com homens casados).

Muitas vezes é o contacto com outros meios (frequentemente proporcionado pela actividade profissional) que permite à mulher perceber que existem outras formas de viver – por exemplo o casamento – e que está, de certo modo, ao seu alcance optar por aquilo que lhes parece melhor. O "normal" deixa de ser só o que as rodeia mais proximamente:

"depois de eu ir trabalhar para onde fui é que eu vi o erro que eu estava a fazer a respeito do meu casamento. (...) à noite, ele dizia que tinha (...) de se ir distrair... prontos, eu achava... a minha mãe era assim, eu achava que era normal... o meu cunhado fazia assim, eu... prontos... Achava que era normal (...) E ele dizia que tinha de... de se distrair e eu, pronto! Está bem! Ia sair e eu ficava em casa. (...) tornou-se um hábito. Ao fim-de-semana também era (...) à noite tinha de ir de ir

tomar café com um colega e eu ficava sempre sozinha! (...) Eu ficava sempre sozinha. Sempre sozinha! Sempre sozinha..." (entrevista 2.7; repositora num hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos).

Enquanto as entrevistadas do Grupo 1 apresentam a sua autonomia e independência como um dos aspectos positivos do casamento, a mulher do Grupo 2 lamenta a falta de liberdade a que este estado civil a obriga. Algumas entrevistadas referem-no claramente:

"ter que dar satisfações disto, ter que dar satisfações daquilo... É assim! Temos que dar satisfações de tudo! De tudo... onde vamos... onde não vamos..." (entrevista 2.4; cozinheira, separada, a viver em união de facto, tem três filhos, 42 anos)

Do desejo de casar...

O desejo de casar parece ser comum a todas as mulheres solteiras do Grupo 1, pelo menos até determinada fase da vida. Esta preferência parece ter pouco a ver com os aspectos "formais", mas com a ideia de constituir família ou ter filhos, o que aliás, corresponde à tendência para o aumento da coabitação.

"enquanto instituição (riso) *... não sei se é assim tão importante."* (entrevistada 1.1; quadro superior, solteira, não tem filhos, 25 anos; na altura em que foi entrevistada mantinha uma relação amorosa e pensava viver com essa pessoa, entretanto a relação terminou, mas o desejo de um dia casar mantém-se, embora afirme não valorizar o casamento).

A questão que, por vezes, se coloca a algumas destas mulheres é que não encontraram uma pessoa com quem desejassem viver, alguém de quem gostassem o suficiente de modo a acreditarem que a relação poderia resultar. De uma maneira geral, estas entrevistadas admitem o casamento, no caso de encontrar alguém que lhes agradasse verdadeiramente o que, como explica Kaufmann, *"quanto mais tempo se passa a solo, mais difícil se torna romper com a trajectória (...) em especial para a mulher depois de uma certa idade, porque o número dos potenciais parceiros se reduziu, mas também porque os hábitos se instalam, hábitos esses que são tanto*

mais difíceis de mudar quanto estão na base da construção da identidade. Finalmente, por uma última razão, um efeito de bola de neve no capítulo das exigências, dado que a percepção da segunda hipótese se faz à luz da situação presente e, quando a vida a solo se organiza, os defeitos da vida familiar destacam-se com maior acuidade."[183]

> *"se gostasse de alguém, mesmo, o casamento não é uma coisa que me assuste."* (entrevista 1.12; pintora e professora, separada de uma união de facto, não tem filhos, 33 anos).
>
> *"nunca me passou pela cabeça chegar à situação de querer casar com alguém, percebe? Ou porque se calhar nunca gostasse suficientemente de alguém (...) só podia pôr a hipótese de me casar se, efectivamente, encontrasse alguém com quem eu quisesse passar o resto dos meus dias. Isso nunca aconteceu. (...) para mim o casamento também deixou de ter importância (...) Nunca consegui encontrar alguém que também aceitasse isso"* (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos; para além de nunca ter conhecido ninguém com quem gostasse de casar, a situação agravou-se a partir do momento em que decidiu não ser mãe, o que para além de retirar importância ao casamento – segundo a sua opinião – não é bem aceite por muitos homens).

É provavelmente por ter noção deste desejo de casar, sentido por todas estas mulheres que (ainda) não o concretizaram, que uma das entrevistadas realça, no seu discurso, num tom quase crítico, a importância atribuída ao casamento. Trata-se de uma espécie de meta, que deve ser atingida para que se possa ser bem aceite:

> *"no fundo, é assim: casar e ter filhos! Quem não cumpre isto parece que... que... que não... não é bem aceite! (...) Quer dizer, racionalmente, não há nada contra mas, também, a verdade é que (...) Há aqui contradições profundas"* (entrevista 1.5; auditora e professora, casada, teve dois filhos, mas morreram ainda bebés, ajuda a educar vários adolescentes sem os ter adoptado, 49 anos).

A maioria das entrevistadas do Grupo 1 que estão separadas ou divorciadas não admitem a hipótese, ou consideram muito pouco provável, voltar a casar. Uma das

[183] Vd. Jean-Claude Kaufmann, *A Mulher só e o príncipe encantado. Inquérito sobre a vida a solo*, Lisboa, Editorial Notícias, 2000, p.142.

entrevistadas, apesar de considerar o casamento o seu "modelo" de vida não vislumbra no seu horizonte um novo casamento, o que também se pode explicar pelo facto de nunca ter feito uma verdadeira ruptura com o marido... a vida familiar que esta mulher tanto aprecia parcialmente mantém-se:

> *"Acho complicado, se calhar, porque tive uma experiência bastante boa com uma grande intimidade e porque, no fundo, (...) nem eu nem ele temos mais ninguém, continuamos a dar-nos muito, acaba por... no fundo (...) continuamos a ter família e... no fundo, se calhar, não deixa tanta abertura para outros relacionamentos, mas não ponho completamente de parte (...) seria difícil, ao fim de tantos anos, alguém ocupar esse espaço. (...) o* príncipe encantado *ainda não me bateu à porta! Se calhar, sou exigente demais, não sei!"* (ri-se, mas nota-se alguma tristeza) *(...) as pessoas arranjarem alguém só porque estão sozinhas é um disparate."* (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos)

Outra das entrevistadas é, ainda, mais peremptória relativamente à hipótese de casar pela segunda vez.

> *"Não, não, não, não casaria!"* (entrevista 1.14; administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas, 44 anos).

Uma grande parte das mulheres casadas do Grupo 1, olhando o dia do casamento, à distância temporal de uns anos, fazem-no de uma forma um pouco crítica no que diz respeito ao ter desejado (e cumprido) as fantasias incutidas desde a infância de uma grande festa, com muitos convidados em que elas foram de vestido branco e, mesmo, em alguns casos, referem que não voltariam a optar por um casamento católico:

> *"casei pela igreja e, se fosse hoje, não fazia nada disso! Acho tudo uma fantochada (...) Talvez por aquele sonho do vestido branco e da... no fundo uma fantasia de todo o dia da festa. (...) foi o sonho do fato branco, do vestido branco e dos convidados que me fez casar pela igreja. Hoje não casava."* (entrevista 1.6; pintora e ilustradora, casada, tem dois filhos, 38 anos)

> *"aquela coisa de ser noiva, vestida de branco e tal, acho que desde criança que a gente tem essa imagem..."* (entrevista 1.10; presidente de um instituto, casada, mãe de dois filhos, 41 anos).

Ainda no que se refere às entrevistadas casadas do Grupo 1 é de salientar as preocupações manifestadas no que diz respeito à necessidade de ultrapassar uma série de problemas que vão surgindo entre o casal.

> *"todos os casamentos têm fases críticas, eu também já as tive. (...) O que é complicado é, nós superarmos essa dificuldade. (...) viver em comum não é fácil, não é?! Há situações críticas e... acho que uma pessoa, também, aprende a lidar com elas e a ultrapassar as dificuldades."* (entrevista 1.7; empresária, casada, tem uma filha, 38 anos)
>
> *"o difícil é a adequação, às vezes, do feitio de um ao feitio do outro, os interesses de um aos interesses do outro."* (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos)
>
> *"o meu casamento já teve algumas crises... que eu acho que são fruto disso mesmo. Do excesso de trabalho dos dois ...) Um desafio diário. Acho muito difícil."* (entrevista 1.11; empresária, casada, tem três filhos, 41 anos)
>
> *"as relações são qualquer coisa que se gere (...) Gerem-se os momentos maus e gerem-se os momentos bons. (...) há, no fundo, todo um projecto em comum e continua a haver um projecto em comum (...) que, cada vez mais, se constrói de momento a momento, porque eu acho que não há nada... nenhuma relação que esteja... construída (...) depois é aumentado com muito força com os filhos. Acho que faz parte saber gerir os conflitos. (...) o casamento é um projecto (...) que exige uma gestão."* (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

As inquietações parecem ser maiores quando existem filhos, sobretudo pelo tempo e atenção que estes requerem e que, muitas vezes, acabam por ser subtraídos ao cônjuge. Surge, então, na maioria dos casos, a consciência de que não se deve permitir que a rotina tome conta da vida conjugal, pelo que surge a tentativa de continuarem a manter algum tempo (e espaço) apenas para o casal, o que nem sempre é uma tarefa fácil. Como refere Kaufmann, *"a família encontra-se no cruzamento instável entre duas expectativas muito diferentes: o casal e a criança,*

constituindo esta última o elemento mais estruturante. Sobretudo para as mulheres, que se envolvem tão intensamente na carreira maternal que o seu parceiro conjugal passa frequentemente para segundo plano: o grupo mãe-filhos é a componente-chave do modelo, e o amor conjugal só ocupa a boca de cena durante algum tempo."[184].

> *"Tem que haver espaço para... para namorar, para... para sonhar, para... para tudo! Quer dizer, para que a chama continue lá! (...) precisamos de espaço para nós os dois (...) é preciso namorar e, se houver um intervalo, uma vez que se possa sair sem os filhos e... isso é uma grande ajuda, porque o casal também precisa de momentos para estar só e para se dedicar um ao outro"* (entrevista 1.6; pintora e ilustradora, casada, tem dois filhos, 38 anos)
>
> *"Neste momento, a nossa relação depende, apesar de estarmos um com o outro, depende mais das crianças. Ou seja, estamos os dois mais virados para... para as crianças (ri-se... talvez que pelo que não é dito...). Não quer dizer... que... não exista... amor e que nós nos... zangamos, não é nada disso. As nossas atenções é que estão focalizadas para... para as crianças. E, depois, todas as noites, há uma criança no meio da cama"* (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos).
>
> *"gostava de ter mais tempo para estarmos só os dois. Acho que isso é vital num casamento. Nem sempre temos conseguido, nos últimos anos."* (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada há 15 anos, tem três filhos, 46 anos).

Quando não existe consciência da importância desse espaço que deve apenas ser partilhado pelo casal ou quando não se encontra um forma de ultrapassar a dificuldade de gerir o tempo, que a partir de determinada altura tem que ser alargado aos filhos tão exigentes em termos de atenção e de cuidados, a probabilidade da ruptura conjugal aumenta. É que *"o desgaste exterior a partir de uma periferia diversificada e o deslocamento do centro de gravidade (do casal para o grupo mãe-filhos) enfraquecem indiscutivelmente o modelo na sua versão clássica (baseada no*

[184] Vd. Jean-Claude Kaufmann, *A mulher só e o príncipe encantado. Inquérito sobre a vida a solo*, Lisboa, Editorial Notícias, 2000, p. 64.

casal).[185] Foi o que sucedeu com uma das entrevistadas, segunda a qual, foi este facto um dos grandes causadores do seu divórcio:

> *"A mulher quando é mãe, a tendência que tem é a atenção voltar-se toda para a criança (...) E, às vezes, começa a haver um certo afastamento entre o casal... que não se nota, precisamente, porque a criança toma muito tempo e a gente chega a casa e só quer é dormir! E quer lá saber! E, depois, chega ao fim-de-semana e, às tantas ele quer, é capaz de querer sair e a gente só pensa: "Ai! Sair... Minha Nossa Senhora! Depois temos de levar aquela tralha toda a...mais o cesto, mais a coisa, mais os biberões, mais... quer dizer, aquela parafernália toda... e uma pessoa pensa: "Ai! Não! Prefiro não!" Quer dizer e, de repente, começa a haver um... um fosso! (...) no meu caso aconteceu muito isso! Quer dizer, e tanto um como outro, a responsabilidade é dos dois"* (entrevista 1.14; administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas, 44 anos).

Outra das entrevistadas teve esse cuidado, de não permitir que a dedicação aos três filhos interferisse negativamente na sua relação conjugal, o que obviamente nem sempre é suficiente. Outros problemas podem, entretanto, surgir e fazer com que o casamento termine, como foi o seu caso:

> *"as pessoas conseguem resolver os problemas se quiserem, mesmo, mas é preciso haver amor. (...) Acho que se pode manter e acho que, até, tinha isso (...) irem para fora, nem que seja um fim-de-semana, terem a preocupação de estarem os dois juntos. Mesmo havendo filhos, acho que as pessoas têm que fazer isso."* (entrevista 1.16; professora, a iniciar o processo de divórcio, tem três filhos, 42 anos).

Salvo uma ou outra excepção, as entrevistadas do Grupo 1 descrevem a decisão do casamento como uma opção que foi bem amadurecida ao longo de vários anos de namoro:

> *"casei ao fim de muitos anos de ter namorado e ter ponderado..."* (entrevista 1.7; empresária, casada, tem uma filha, 38 anos)

[185] Idem, *ibidem*, p. 65.

"O casamento veio no seguimento natural de 8 anos de namoro" (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos)

"Foi uma opção, perfeitamente consciente" (entrevista 1.10; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos)

"ser independente, viver sozinha, ter uma profissão. Só depois disso tudo... de conseguir isso tudo é que me casei!" (entrevista 1.11; empresária, casada há 15 anos, tem três filhos, 41 anos)

"fez parte do meu quadro de evolução o achar que ia casar e que ia ter filhos. (...) "quando estava a acabar o curso, acho que estava mais preocupada em arranjar emprego do que em casar..." (ri-se... pelas prioridades, talvez...) (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

Para além do, já mencionado, afastamento que por vezes começa a existir entre os cônjuges (muitas vezes com o nascimento dos filhos), outras razões levaram ao fim do casamento das entrevistadas do Grupo 1 que, segundas a maioria das entrevistadas casaram sem pensar que um dia se iriam divorciar.

"casei acreditando que seria, pelo menos, por um bom par de anos!" (ri-se pela expressão...) (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos)

"casei para sempre!" (ri-se, mas não está alegre...) (entrevista 1.16; professora, a iniciar o processo de divórcio, tem três filhos, 42 anos).

Segundo uma das entrevistadas, que está separada de facto, um dos principais motivos foi a dificuldade por parte do marido em voltar a viver com determinadas rotinas (depois de ter ido trabalhar para fora), enquanto outra das entrevistadas, que está divorciada, para além do problema da monotonia em que o casal acabou por se deixar envolver, aponta o facto do marido ter ido trabalhar para a empresa onde é administradora e co-proprietária como factor de desgaste da relação e consequente rotura (sobretudo motivado pela falta de diálogo):

"tenho a ideia que os homens (...) não lidam bem com as rotinas, que esse tipo de coisas lhes fazem muito mais confusão que a nós!" (entrevistada 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos)

> *"teve muito a ver com o meu ex-marido ter vindo trabalhar para a empresa. Também! (...) chegava a haver momentos em que a gente, também, pouco falava"* (entrevista 1.14; administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas, 44 anos).

A única entrevistada solteira do Grupo 2 revelou-nos a intenção que sempre teve de não casar, o que não significa que se possa fazer qualquer tipo de generalização, porque para além de poder representar um caso isolado, esta mulher, segundo o seu próprio testemunho, já teve vários relacionamentos amorosos, mas todos eles com homens casados, não dispostos a terminar os seus casamentos. A própria entrevistada refere que deseja que a sua afilhada (de quem diz gostar como se de uma filha se tratasse) venha a casar, o que contraria o que diz sentir em relação ao casamento:

> *"Nunca quis casar! (...) já amei mais que uma vez (...) O casamento é uma carta fechada. Quando ela se abre, não se sabe o que dela sai, não é?! Por isso... O casamento nunca se me meteu na cabeça."* (entrevista 2.1; recém desempregada, solteira, não tem filhos, 46 anos).

Todas as outras entrevistadas do Grupo 2 falam do casamento como algo que quiseram para si próprias:

> *"Ai! Eu sempre disse que queria casar! Pronto! Sempre disse que queria casar! Pronto! (...) Pronto, que eu via as outras e... achei que, sim senhora!"* (entrevista 2.2; desempregada, casada, tem dois filhos, 49 anos).

> *"Foi uma coisa que eu quis."* (entrevista 2.7; repositora num hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos).

As circunstâncias em que as mulheres deste grupo casaram ou passaram a viver em união de facto são muito diversas. As situações mais frequentes são aquelas em que o casamento surge como uma espécie de meta ao cabo de vários anos de namoro:

> *"namorámos 5 anos"* (entrevista 2.9; tarefeira, a dar apoio numa sala do ensino especial, casada, tem um filho, 35 anos).

No entanto, a par destas situações surgem outras menos comuns como a própria mãe "obrigar" a filha a casar por ter conhecimento que esta manteve relações sexuais com alguém.

> *"A minha mãe casou-me com (...) 16 anos (...) eu fiquei* enganada *dele, para aí com 16, também! (...) passado um... um, para aí dois meses, casou-me!"* (entrevista 2.4; cozinheira, separada a viver em união de facto, tem três filhos, 42 anos).

Ou outros casos em que a gravidez da entrevistada foi o principal motivo do casamento (ou, pelo menos, para que se antecipasse para aquela altura) como se não houvesse alternativa.

> *"tínhamos que casar, porque já estava com... quase com 7 meses (...) casei de bebé, pois! (...) Ao fim de 15 dias... tive a menina!"* (entrevista 2.10; empregada de café, casada, tem duas filhas, 49 anos).

3.3.2 Divórcio e Separação

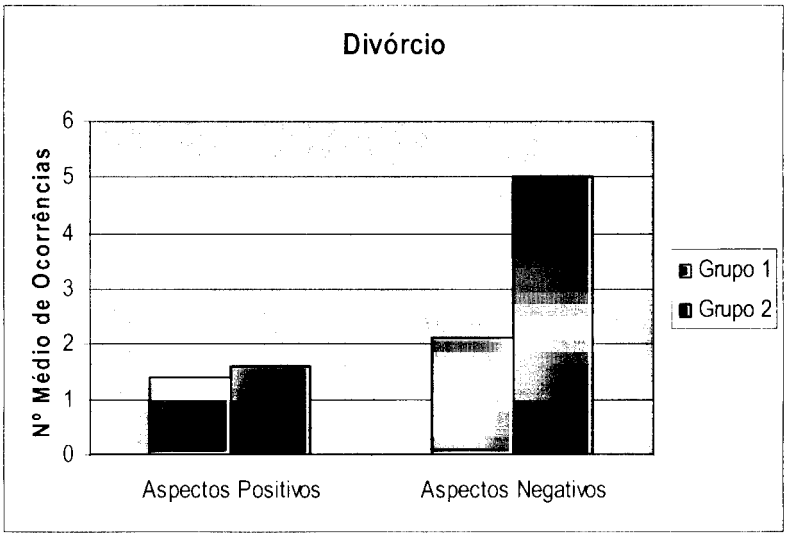
"O tema divórcio é áspero, tem arestas."[186]

O aumento do divórcio desencadeou-se de forma mais marcada, tanto na Europa como nos Estados Unidos da América, a partir da década de 60. Em Portugal, este movimento é mais tardio e tem resultados menos significativos. Os valores do divórcio em Portugal são mais baixos que os da Europa do Centro e do Norte, mas tendencialmente mais elevados que os da Europa do Sul, sendo mais frequentes nas área urbanas que nas rurais. A distribuição regional da ruptura conjugal também não é simétrica, verificando-se a mais elevada taxa em Lisboa e Vale do Tejo. Também a distribuição socioeconómica do divórcio é desigual, verificando-se a sua maior frequência entre os grupos cuja ocupação profissional supõe um nível de escolaridade elevado (profissões liberais, quadros médios e superiores e empregados executantes) seguido dos sectores intermédios. O número de homens divorciados é muito superior ao de divorciadas, para o que contribui o facto de haver

[186] Vd. Anália Cardoso Torres, *Divórcio em Portugal. Ditos e Interditos.*, Oeiras, Celta, 1996, p. 1.

muito mais mulheres que homens a partir do grupo etário 25-29 anos; os homens tendencialmente casam com mulheres mais novas (não se verificando muito o inverso); os homens recasam mais que as mulheres e fazem-nos tendencialmente com solteiras (o que não é frequente as divorciadas fazerem). Relativamente à idade do divórcio, o que se evidencia é um número mais elevado entre as mulheres mais jovens (dos 25 aos 34 anos), não se passando o mesmo com os homens (a percentagem mais alta está entre os 30 e os 44 anos), o que se explica pela diferença de idades entre uns e outros no primeiro casamento.

Gráfico 11 – Divórcio / Aspectos Positivos e Aspectos Negativos



As entrevistadas do Grupo 1 referem, ao longo da entrevista, mais vezes o que consideram ser aspectos negativos do divórcio do que os positivos. No entanto, esta diferença é muito mais significativa nas mulheres do Grupo 2 (mais do dobro). Esta situação não é, aliás, de estranhar dado que os grupos sociais de maior escolaridade, menos dependentes de constrangimentos económicos negativos, aqueles para quem o divórcio não constitui uma ameaça. São aqueles que «podem», quando for caso disso divorciar-se.[187]

[187] Idem, *ibidem*, p. 42

O que pode justificar um divórcio / separação

De uma maneira geral, tanto as mulheres do Grupo 1 como as mulheres do Grupo 2 consideram que há situações em que é preferível optar pelo divórcio, o que vem reiterar o que afirma Anália Torres, *"a aceitação generalizada do divórcio constituiu tendência forte na sociedade portuguesa contemporânea."*[188] A grande diferença entre as entrevistadas de um grupo e do outro reside nas razões que podem justificar pôr fim ao casamento.

Assim, para as mulheres do Grupo 1, a tónica parece colocar-se na questão da felicidade e do bem-estar individual. No fundo, razões de carácter afectivo e relacional:

> *"quando as pessoas não estão bem, claro que o melhor é separarem-se!"* (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos)
>
> *"é preferível (...) um divórcio em que lhes permitam ainda, numa idade relativamente interessante, refazer a sua vida e recomeçar, do que realmente perpetuarem situações de infelicidade e de grande sofrimento"* (entrevista 1.10; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos).

As entrevistadas do Grupo 2 concordam com o divórcio apenas em situações que consideram extremas de violência (física ou verbal) ou aquelas em que um dos cônjuges não cumpre o seu papel, desinteressando-se pela mulher e pelos filhos e gastando demasiado dinheiro. Anália Torres refere vários estudos empíricos pelos quais se verificou que as *"razões apresentadas para o divórcio, nas classes populares, passam pelos problemas de alcoolismo ou os financeiros, a falta de apoio, a violência física."* [189]

> *"quando um* não tem cabeça *(...) não dá o apoio devido em casa, só pensa nele, gasta o que deve e o que não deve... os filhos estão sempre à margem, não sei o quê, acho que o divórcio, nessa altura, que é a coisa mais acertada (...) Acho que só nesse aspecto, do divórcio só nesse aspecto"* (entrevista 2.2; desempregada, casada, tem dois filhos, 49 anos)

---

[188] Idem, *ibidem*, p. 43.
[189] Idem, *ibidem*, p. 93

> *"se o marido bater, se o marido... maltratar, chamar nomes, bater no filho... também é melhor ir um para cada canto."* (entrevista 2.3; auxiliar educativa, casada, tem um filho, 41 anos)
>
> *"se uma pessoa se der mal, andar sempre em barulhos, sempre em discussões, sempre a complicar por tudo e por nada (...) então, mais vale uma pessoa separar-se e viver cada um para seu lado"* (entrevista 2.6; empregada doméstica, casada, tem uma filha, 38 anos).

É de salientar que as mulheres do Grupo 1 consideram que quando as pessoas não se sentem felizes, o divórcio é a melhor solução para os filhos. Pensam deste modo, ainda que provavelmente, pelo menos a maioria, não saiba que existem investigações feitas em diferentes épocas que apontam nesse sentido – o de os conflitos conjugais nas famílias em que os dois progenitores estão presentes serem mais prejudiciais para as crianças do que estas viverem num contexto familiar pacífico só com um dos progenitores.[190] O que, como se verá, é diametralmente oposto ao que pensam as entrevistadas do Grupo 2.

> *"não há dúvida que é melhor para todos, nomeadamente para os filhos."* (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos)
>
> *"havendo crianças (...) às vezes, mais vale... o divórcio"* (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos)
>
> *"Na perspectiva dos filhos (...) acho que é muito melhor um bom... um bom divórcio do que um mau casamento..."* (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos).

Uma parte significativa das entrevistadas divorciadas / separadas do Grupo 1 considera importante manter um relacionamento bom e próximo com o ex-marido. Este é um modo de continuar a *"formar uma equipa"*, já que *"a criança tem pois direito não só aos seus pais mas também ao casal dos seus pais"*.[191]

---

[190] Idem, *ibidem*, p. 19.
[191] Vd. François de Singly, *O Eu, O Casal e a Família*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000, p. 163.

"ter um bom relacionamento é o ideal." (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos)

"Eu acho que é bom, isso, não cortar!" (entrevista 1.16; professora, separada, a iniciar o processo de divórcio, tem três filhos, 42 anos).

O divórcio como decisão leviana

À medida que a escolaridade aumenta tende, de forma genérica a diminuir a rejeição do divórcio segundo refere Anália Torres[192] e pelo que se verifica pela análise das entrevistas. O que as entrevistadas do Grupo 1 referem com mais frequência como sendo o que mais condenam no divórcio é a leviandade com que muitas vezes a decisão é tomada. Segundo uma parte significativa destas mulheres, é importante ser capaz de aceitar o cônjuge através do respeito pela diferença, como forma de ultrapassar as dificuldades do casamento pelo qual se deve lutar.

"há uma grande dificuldade de aceitação, uma falta de respeito..." (entrevista 1.5; auditora e professora, casada, teve dois filhos, mas morreram ainda bebés, ajuda a educar vários adolescentes que não adoptou, 49 anos)

"as pessoas... encaram muito levianamente o casamento e o... e a possibilidade de se divorciarem. (...) é muito mais fácil, é muito mais confortável, nós divorciarmo-nos na primeira dificuldade que nos aparece. O que é complicado é nós superarmos essa dificuldade." (entrevista 1.7; empresária, casada, tem uma filha, 38 anos)

"As pessoas com algum facilitismo *entram num processo de divórcio"* (entrevista 1.10; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos)

"uma pessoa deve... deve lutar pelo casamento. Aliás, eu acho que hoje se desiste facilmente do casamento." (entrevista 1.11; empresária, casada, tem três filhos, 41 anos).

As mulheres divorciadas / separadas quando se referem à sua experiência de divórcio revelam ter passado por um período doloroso e complexo. A separação parece não ser menos difícil que o divórcio. Desse modo e segundo o que é narrado

[192] Vd. Anália Cardoso Torres, *Divórcio em Portugal. Ditos e Interditos.*, Oeiras, Celta, 1996, pp. 43 e 44.

por uma das entrevistadas, a não obrigatoriedade da formalização do novo estado civil não diminuiu o sofrimento sentido neste período de ruptura da união:

> *"Só não tivemos que assinar papéis, porque de resto foi tão doloroso... na altura como se estivéssemos casados"* (entrevista 1.12; pintora e professora, separada de uma união de facto, não tem filhos, 33 anos).

As entrevistadas que se divorciam (ou estão a divorciar) receiam, sobretudo, pela angústia que a separação pode provocar aos seus filhos. Ser capaz de gerir toda uma série de emoções contraditórias sem deixar de dar o apoio que têm consciência que as crianças necessitam, as quais por "norma", ficam a viver com elas, não se afigura uma tarefa nada fácil. É a tentativa de procurar que a criança viva num meio estável, *"não devendo a mobilidade matrimonial dos pais afectá-la, ou devendo afectá-la o menos possível"*.[193]

> *"foi um período complicado. Complicado por tudo, principalmente, pelas miúdas, que eram pequenininhas... e que este turbilhão todo... foi complicado"* (entrevistada 1.14, administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas, 44 anos)

> *"a parte mais difícil de gerir, também, é os filhos, não é?! Os filhos perceberem que os pais estão separados..."* (entrevista 1.16; professora, separada, a iniciar o processo de divórcio, tem três filhos, 42 anos).

Já se referiu que as mulheres do Grupo 1, apesar de se preocuparem muito com os filhos no período em que decorre o divórcio, consideram que também para as crianças é preferível esta opção em alternativa a uma vida em que os pais não são felizes no casamento. Em oposição, a maioria das entrevistadas do Grupo 2 considera que a existência de filhos num casamento deve constituir um entrave ao divórcio, sendo portanto preferível as pessoas "sacrificarem-se" e manterem o casamento.

> *"Não vou dizer que os filhos não sofrem! Sei que sofrem"* (entrevista 2.2; desempregada, casada, tem dois filhos, 49 anos)

---

[193] Vd. François de Singly, *O Eu, O Casal e a Família*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000, p. 165.

"quando há filhos, eu não sou muito a favor do divórcio (...) é um trauma já para a vida de uma criança e se a pessoa puder conciliar e sacrificar-se até eles casarem" (entrevista 2.3; auxiliar educativa, casada, tem um filho, 41 anos)

"se há filhos, acho que as crianças sofrem tanto com isso!" (entrevista 2.9; tarefeira, a dar apoio numa sala de ensino especial, casada, tem um filho, 35 anos).

Como já foi referido, ao contrário do que pensa a maioria das entrevistadas do Grupo 1, as mulheres do Grupo 2 não admitem o divórcio apenas pelo facto de um dos cônjuges deixar de gostar do seu parceiro, pretender viver uma vida diferente ou por um erro (ainda que possa ser "grave"), o que, obviamente, se deve à forma diferente como encaram o casamento:

"«Ai! Eu não gosto de ti... Vou pedir o divórcio!», acho que isso que não é nada! Se... se é para toda a vida, o casamento, acho que se deve fazer, um bocado de sacrifício. (...) só porque "estou cheia!" ou porque "quero viver a vida!", não! (...) nesse aspecto, o divórcio não está correcto" (entrevista 2.4; cozinheira, separada, a viver em união de facto, tem três filhos, 42 anos)

"há casais que (...) porque ele gastou naquele mês o ordenado (...) Porque, às vezes, se pode dar uma segunda oportunidade! Não é?! Não quer dizer que não seja grave! Mas (...) acho que não é um motivo, assim, para um divórcio" (entrevista 2.9; tarefeira, a dar apoio numa sala de ensino especial, casada, tem um filho, 35 anos).

As entrevistadas divorciadas / separadas do Grupo 2 defrontam-se com uma dificuldade que parece não ser sentida pelas mulheres do Grupo 1: a vergonha sentida pela família ou por elas próprias aquando da tomada de decisão. Efectivamente, como refere Anália Torres, *"quando as mulheres divorciadas não têm independência económica, quando são menos jovens e no meio social em que vivem o divórcio é pouco frequente, as situações pós-divórcio vivem-se de forma mais difícil."*[194]

"O meu pai (...) não encarou foi eu tê-lo deixado ficar! Foi muito vergonhoso (...) disse: «Eu não quero curtas *em minha casa!»... era... foi uma vergonha muito grande*

[194] Vd. Anália Cardoso Torres, *Divórcio em Portugal. Ditos e Interditos.*, Oeiras, Celta, 1996, p. 18.

(...) não me podia ver! Que eu nem aparecesse lá! (...) Fui para casa de uma senhora (...) que era conhecida da minha patroa. (...) ele pediu... telefonou (...) para a minha patroa, para não me deixar ir para casa dela! (...) O meu pai dizia que o casamento era para se aguentar. Não era para se abandonar (...) Deus me Livre, o que passei, um inferno..." (entrevista 2.4; cozinheira, separada, a viver em união de facto, tem três filhos, 42 anos)

"Foi um bocado difícil para dizer aos meus irmãos e à minha mãe... Os meus irmãos não aceitaram muito bem! (...) porque eles pensavam que ele tinha uma vida como a deles (...) tive que começar a dizer o que eu passava" (entrevista 2.7; repositora num hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos).

Razões que levaram ao divórcio

O tipo de razões que levou ao divórcio das mulheres de um grupo e de outro são muito diferentes, poder-se-ia dizer como Anália Torres, no seu estudo sobre o divórcio em Portugal *"são testemunhos da metamorfose e da morte do amor, da surpresa e do choque, da desilusão e expectativas sobre si e sobre o outro."*[195]

No caso do Grupo 1, as mulheres divorciadas ou separadas relatam problemas no casamento devido à distância física, diferentes objectivos, cansaço, insatisfação, infelicidade e, mesmo, mudança de sentimento em relação ao cônjuge. Estes motivos, que acabaram por ser aquilo que consideram ter motivado o divórcio, foram umas vezes sentidos por ambas as partes, de outras vezes apenas por um dos cônjuges. Tudo indica tratar-se daquilo a que Anália Torres designa como "divórcio-desencontro", cujas razões apontam para *"problemas de natureza amorosa e afectiva, incompatibilidade de personalidades ou «feitios», conflitos de identidade pessoal e social de um ou dos dois parceiros, gestão difícil dos quotidianos conjugais"*[196]

"o meu marido esteve colocado vários anos fora (...) quando voltou, estávamos, naturalmente, os dois diferentes. (...) foi um bocado essa constatação que nos levou a... a separar. Estávamos os dois habituados a viver sozinhos, sobretudo ele! E

[195] Idem, *ibidem*, p. 10.
[196] Idem, *ibidem*, p. 107.

custou-lhe, um bocado, voltar às rotinas (...) mas... perdi-me... (está triste, a entrevistadora opta por desviar um pouco o assunto do seu casamento em concreto) *(...) ele já se sentia um bocado insatisfeito, com muito medo de... de voltar a viver na mesma casa"* (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos)

"A distância física, também. O M.[197] *queria ir para Lisboa e eu na altura não quis ir (...) porque é que tinha que ser eu a ir para Lisboa?! E, depois, diferenças (...) estávamos os dois muito... empenhados naquilo que estávamos a fazer e a construir. (...) tínhamos objectivos em comum e deixamos de os ter. Acho que acabaram por... evaporar!"* (entrevista 1.12; pintora e professora, separada de uma união de facto, não tem filhos, 33 anos)

"inicialmente foi uma decisão minha. (...) de separação, porque, realmente, eu estava a ficar muito esgotada... depois, (...) pensei que, passado um mês (...) que já estaria em condições e quando pensei eu, isso, entretanto, ele já tinha arranjado a vida dele de outra forma (...) apareceu outra pessoa (...) pediu o divórcio e mal eu me divorciei, ele casou-se, segunda vez." (entrevista 1.14; administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas, 44 anos)

"Disse que não era feliz... e, pronto! (...) Disse-me que, definitivamente, que não... Pronto! Que não gostava de mim! Mesmo! E... e, no final, no ano passado, quase a chegar ao Natal, disse-me mesmo que pronto, queria a separação definitiva!..." (a entrevistadora nota que lhe está a custar contar esta sucessão de factos...) (entrevista 1.16; professora, separada, a iniciar o processo de divórcio, tem três filhos, 42 anos).

As principais razões dos divórcios das entrevistadas do Grupo 2 estão ligadas aos comportamentos dos maridos que se embriagavam e, em alguns casos, agrediam física e verbalmente estas mulheres, vindo a confirmar aquilo que é considerado pelas mulheres com menos qualificações, como os únicos motivos que podem justificar uma decisão de ruptura conjugal. Esta situação lembra as conclusões dos estudos feitos por Levinger (1965) sobre 600 casais que pediram o divórcio em Cleveland e as queixas legais apresentadas por mulheres e homens e por Kitson e Sussman (em meados de 1970) também sobre as pessoas apresentadas por

[197] Referindo-se ao companheiro com quem viveu em união de facto.

pessoas que pediram o divórcio no mesmo local. No primeiro caso, o autor verificou que as queixas das mulheres *"apresentavam-se fundamentalmente em áreas como: violência física e verbal, problemas financeiros, bebida, negligência face à família ou às crianças, crueldade mental e falta de amor"*, no segundo estudo, conclui-se que as mulheres apresentavam um leque de razões que se relacionavam *"com a personalidade do ex-cônjuge, o autoritarismo, a bebida, os problemas sexuais, a falta de apoio e a infidelidade"* [198]

> *"Ele bebia muito... bebia e bebe, não é?! Passa a maior parte do tempo ali internado"* (entrevista 2.4; cozinheira, separada, a viver em união de facto, tem três filhos, 42 anos).

Como já se referiu, o contacto com diferentes pessoas com estilos de vida distintos, por vezes ajuda a encorajar estas mulheres a tomarem uma atitude que elas mesmas não se imaginavam ser capazes:

> *"achei que já não... já não valia a pena! Achei... pronto, depois o contacto com outras pessoas e a ver outro tipo de pessoas e a ver colegas (...) às vezes, via pessoas que andavam sozinhas e dizia: «Como é que conseguem?! Eu não me imagino sozinha!». Eu achava aquilo... uma coisa muito fora do normal!"* (entrevista 2.7; repositora num hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos).

O processo do divórcio e, sobretudo, o relacionamento entre os ex-cônjuges é, nos casos das entrevistadas de cada um dos grupos, muito distinto.

Sem dúvida que em qualquer caso todo este processo é complexo e penoso, embora pelos relatos feitos, a atitude dos cônjuges do Grupo 1 é demonstrativa da tentativa de tornar a separação o menos dolorosa possível bem como da preocupação em manter um bom relacionamento:

> *"não nos separamos zangados"* (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, uma filha em comum, 37 anos)
>
> *"queria, também, é que continuássemos amigos, não é?! Aliás, ele quer isso (...) acho isso, muito importante. (...) vem cá jantar uma vez por semana, é verdade!*

[198] Vd. Anália Cardoso Torres, *Divórcio em Portugal. Ditos e Interditos.*, Oeiras, Celta, 1996, p. 67.

Esqueci-me dessa parte! (ri-se... a entrevistadora fica com a sensação que não se tratou de esquecimento...) *O que também é estranho para as pessoas, mas é... para mim, não é de todo, pronto!"* (entrevista 1.16; professora, o casal já está separado, mas o processo de divórcio ainda está a decorrer, têm três filhos em comum, 42 anos).

No caso das separadas e divorciadas do Grupo 2, o processo é, na maioria das vezes, litigioso porque os seus maridos não concordam com a separação o que as impele a optarem por manter apenas o relacionamento estritamente necessário

"Estamos separados... nunca mais (...) não optei por nada. Ele dizia que não me dava o divórcio (...) Eu que se quisesse que me desenrascasse! (...) eu não tinha, assim, muito dinheiro! Tinha que pagar para... e gastei muito dinheiro para lhe tirar a minha filha! O que eu passei (...) Porque eu como não tinha casa própria, não podia ficar com ela! (...) Todo o dinheiro que tinha era para juntar para o tribunal Ah! (...) Ai! Eu... andei nisto anos." (entrevistada 2.4; cozinheira, separada do primeiro marido e a viver em união de facto com o segundo marido, uma filha do primeiro casamento e dois da actual relação, 42 anos)

"para ele, foi muito difícil. Ele não... não... nunca quis o divórcio. O meu marido não queria. Tinha uma vida muito boa... e foi para uma vida muito má, não é?! (ri-se... parece que se sente revoltada...) *(...) estive meses ou anos, sem falar com ele e, depois, entretanto, o meu filho foi operado (...) tive que falar com ele (...) Depois estive muitos anos sem falar com ele, entretanto, o T. teve que voltar a ser operado (...) aí já se falou melhor mas, contacto, assim, não temos. É pelo telefone (...) cortei radicalmente!"* (entrevista 2.7, repositora num hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos).

Após a separação, segundo revelam a maioria das entrevistadas separadas / divorciadas, não existe vontade ou intenção de criar novos relacionamentos amorosos:

"durante muito tempo não me quis envolver com ninguém..." (entrevista 1.12, pintora e professora, separada de uma união de facto, não tem filhos, 33 anos).

Por vezes, *"o facto das mulheres tenderem a ficar com a guarda dos filhos na situação pós-divórcio pode colocá-las numa posição mais defensiva perante novos relacionamentos"*[199], o que também contribui para o facto do número de divorciados ser muito menor que de divorciadas.

> *"estive separada... 4 ou 5 anos, e não quis mais homem nenhum..."* (entrevista 2.7, divorciada, tem um filho com quem vive, 43 anos).

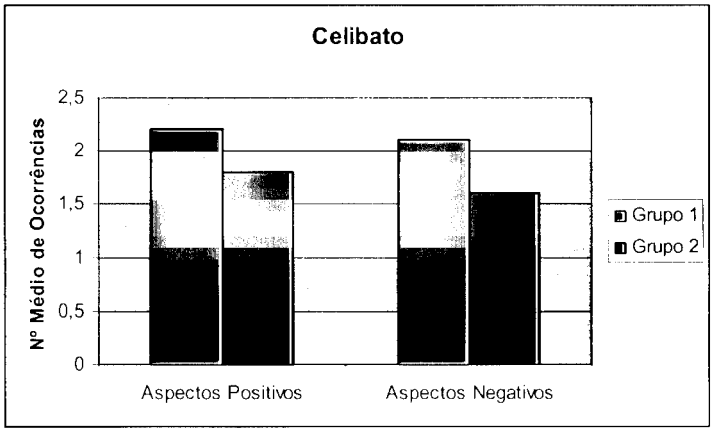
A mulher divorciada do Grupo 1, após a separação, com frequência, opta por se dedicar mais intensamente ao trabalho, como forma de se abstrair do sofrimento por que está a passar:

> *"o trabalho foi uma grande ajuda, uma grande ajuda, um grande apoio... Eu tive, estava num projecto (...) que me absorvia bastante e que eu gostava muito e isso foi uma grande ajuda para mim."* (entrevista 1.14, divorciada, administradora de empresa, tem duas filhas adolescentes, 44 anos).

3.3.3. Celibato

"Onde está o verdadeiro Eu entre a mulher que ri e a mulher que chora? Quem se é na verdade, aquela que se sente livre e forte ou aquela que se sente tão perdida como uma criança abandonada? Toda a complexidade reside na resposta a esta questão: as duas ao mesmo tempo."[200]

Gráfico 12 – Celibato / Aspectos Positivos e Aspectos Negativos



[199] Vd. Anália Cardoso Torres, *Divórcio em..., op. cit.* p. 28.
[200] Vd. Jean-Claude Kaufmann, *A mulher só..., op. cit.*, 35.

O número médio de referências a aspectos positivos e a aspectos negativos do celibato é idêntico nas entrevistas das mulheres dos dois grupos, sendo mais vezes falado o que de bom vêem no viver só e menos (mas pouco menos) aquilo que não apreciam. A este respeito Singly explica que *"o individualismo contemporâneo é pois limitado na sua extensão, visto que as pessoas que vivem sozinhas só parcialmente aprovam o seu modo de vida."*[201] No entanto, o que é referido como sendo vantagens ou inconvenientes nesta situação é muito diferente para as entrevistadas de um e de outro grupo. Os matizes também se acentuam muito quando são mulheres que vivem sós ou não, independentemente de pertencer a um ou a outro grupo.

Entre a Liberdade de Decisão e a Protecção da Família

Ainda que a maioria das mulheres do Grupo 1 que vivem sós, admita que não se trata de uma opção de vida, são as que mais demonstram apreciar o celibato. A liberdade com que vivem, o que lhes permite decidir o que fazer quase só em função da vontade própria, é um dos aspectos mais referidos, como constituindo uma das grandes vantagens. Kaufmann descreve esta situação com grande subtileza, *"Nada cinge, nada obriga, tudo é possível, a cada novo instante. A vida é conduzida pelas mudanças de orientação, com uma facilidade desconcertante: só é preciso querer. É uma espécie de liberdade em estado puro, que provoca uma sensação de embriaguez."*[202]

> *"o facto de se chegar a casa e ter liberdade de poder... de poder... saber naquele momento o que é que me apetece fazer, o que é que eu vou fazer nesse momento... Não há nada que pague isso, sinceramente. (...) estou habituada a fazer aquilo que me apetece, na hora a que me apetece"* (entrevistada 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)
>
> *"ter a minha liberdade de fazer o que eu quero, quando quero... mais ou menos!...* (ri-se... sabe que existem outros constrangimentos, nomeadamente as duas filhas) *É muito bom para mim, percebe? (...) Poder ir viajar (...) quer dizer, não... não ter que*

[201] Vd. François de Singly, *O Eu, O Casal e a Família*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000, p. 38.
[202] Vd. Jean-Claude Kaufmann, *A mulher só...*, *op. cit.*, p.97.

> *dar: "Olha! E agora apetece-me..." já não, percebe?! Não... essa parte é algo que, para mim, é muito importante"* (entrevista 1.14; administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas com quem vive, 44 anos).

As entrevistadas do Grupo 1 que vivem sós valorizam muito o facto de, apesar de não coabitarem com nenhum parceiro, terem companhia (tanto família como bons amigos) sempre que sentem vontade. Aliás, como advoga Kaufmann, "*aqueles que vivem a solo, aliás, têm em média mais contactos, mas segundo a posição social que ocupam, o registo das suas relações revela-se muito diferente*".[203]

> *"eu se precisar de companhia, tenho-a e isso é muito importante (...) estou sempre rodeada pela família. E depois também tenho muitos amigos e muitos e bons amigos!"* (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos; vive sozinha)
>
> *"nunca me senti... triste por não ter companhia, porque felizmente tenho bons amigos."* (entrevista 1.12; pintora e professora, separada de uma união de facto, não tem filhos; vive sozinha desde que se separou, 33 anos).

As celibatárias do Grupo 1 dizem gostar de estar nesta situação, pelo que não sentem vontade de mudar. O estar só não é, para estas mulheres, sinónimo de solidão mas de paz e de serenidade. Deste modo, viver só, na maioria das vezes, passa de um *acaso* ou conjunto de circunstâncias a uma opção de vida que estas mulheres estão pouco dispostas a alterar. Os seus testemunhos reflectem, afinal, o que Kaufmann concluiu sobre as mulheres que vivem a solo, *"é raro que a vida a solo seja propositadamente procurada. No entanto, um número cada vez maior daqueles que a vivem não a desejam abandonar (pelo menos durante um período), ou mostram-se exigentes relativamente às condições de saída. Em certos casos, a vida solitária torna-se a manifestação mais clara (e constitui um indicador fiável) e mais radical do movimento, difuso e multiforme, da centralização do indivíduo sobre si mesmo."*[204]

---

[203] Idem, *ibidem*, p. 199.
[204] Idem, *ibidem*, pp. 21 e 22.

"vai-se tornando cada vez mais viciante. Cada vez gosto mais de estar sozinha, eu acho que (riso). *Devia ser ao contrário, mas é verdade! (...) é bom estar sozinha. Cada vez penso mais isso. (...) é preciso fazer sacrifícios para se conviver com outra pessoa (...) E é preciso haver vontade de querer fazer esses sacrifícios e eu ainda não sinto essa vontade... Também não tenho, neste momento, ninguém por quem eu, se calhar, pense em querer fazer esses sacrifícios. Se, eventualmente, esse alguém aparecer na minha vida, poderei pensar nisso e logo decidirei. (...) ponho essas hipóteses de que amanhã possa mudar de ideias. (...) não* fecho a porta *completamente! (...) se eu me sinto bem como estou, porque* carga de água *é que eu tenho que mudar? (...) Eu não sinto vontade de mudar (...) de há muito tempo para cá, sinto-me muito bem como estou (...) chego a casa e apetece-me é estar sozinha. (...) paz e serenidade, eu cheguei à conclusão que eu facilmente consigo estando sozinha."* (entrevista 1.2; advogada; solteira, não tem filhos, 40 anos)

"às vezes, até quero estar sozinha aqui em casa e quero ter o meu espaço e nunca posso e, então quando posso... o telefone toca e «vamos jantar, vamos ao cinema, vamos...» (entrevista 1.12; pintora e professora, separada de uma união de facto, não tem filhos, 33 anos; trabalha muitas horas por dia, motivo que explica o facto de não poder passar mais tempo em casa)

"eu gosto de estar só! Eu preciso de estar só! (...) Viajo muito sozinha! É que eu preciso, mesmo... de estar só! É, mesmo, o meu alimento para o resto do ano, é estar só!" (entrevistada 1.14; administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas com quem vive, mas em breve – por opção pessoal – vai mudar-se para viver completamente só, 44 anos).

Nas entrevistas feitas às mulheres do Grupo 2, a independência é um dos aspectos favoráveis do celibato realçados. O que aliás tem sido reconhecido por vários sociólogos como Singly, *"a ausência de obrigações ou de encargos familiares surge como uma benesse, valorizada como elemento constitutivo do sentimento de autonomia".*[205] A referência é feita não só pelas mulheres que se encontram nesta situação, mas também pelas casadas, afinal aquelas que apontam a falta de liberdade como um dos aspectos negativos do casamento.

[205] Vd. François de Singly, *O Eu..., op. cit.*, p. 40.

> *"Eu gostava muito de ser sozinha! Sozinha, sozinha! (...) assim, independente (...) Eu gostava muito de ser independente"* (entrevista 2.4; cozinheira, a viver em união de facto e separada de um primeiro casamento, tem três filhos, 42 anos).

Outro aspecto que agrada às mulheres do Grupo 2 que vivem sós é a protecção sentida por parte da família mais próxima. A questão prende-se com o facto de "*o registo relacional toma, pelo contrário, uma forma que lhes é desfavorável: fechada e centrada na família.*"[206]

> *"Sentia a protecção da minha mãe e dos meus irmãos! (...) ainda hoje (...) sinto-me um bocado assim (...) eu sou muito protegida"* (entrevista 2.7; repositora num hipermercado, divorciada, 43 anos; vive com um filho numa casa ao lado da de um dos irmãos).

Alguma Solidão

Os aspectos negativos do celibato referidos pelas mulheres sós do Grupo 1 e pelas que são casadas (do mesmo grupo) têm muito pouco em comum e são muito mais realçados por estas últimas.

Algumas celibatárias do Grupo 1 acabam por reconhecer que, esporadicamente, sentem solidão. A este respeito Kaufmann refere que *"a vida a solo não se declina, necessariamente, em solidão (...) mas é verdade que a solidão é frequente"*.[207] A falta de uma relação amorosa que possibilitaria partilha e equilíbrio, é muito valorizada por algumas daquelas que já viveram nessa situação:

> *"não digo que a pessoa, às vezes, não passe por momentos de solidão e que se sinta sozinha e etc. mas não... não são assim tantos que obriguem ou impelem a mudar"* (entrevistada 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)

> *"não quer dizer que de vez em quando... não pense que gostava de ter alguém... como tinha, com uma certa cumplicidade... ou muita cumplicidade (...) com os meus amigos (...) há certas coisas que uma pessoa não partilha e, às vezes, faz-me falta*

[206] Vd. Jean-Claude Kaufmann, *A Mulher Só...*, *op. cit.*, p. 200.
[207] Idem, *ibidem*, p. 9.

ter uma relação mais estável mas... não é assim!" (entrevista 1.12; pintora e professora, separada de uma união de facto, não tem filhos, 33 anos)

"preciso para o meu equilíbrio, para mim, para a minha pessoa. (...) não vivo bem o celibato." (entrevista 1.16; professora, separada, está a começar a decorrer o processo de divórcio, tem três filhos, 42 anos; referindo-se à necessidade que sente de viver a dois).

Outros aspectos negativos referidos pelas celibatárias do Grupo 1, embora de um modo menos sistemático, são por um lado as conversas das amigas que, maioritariamente, são esposas e mães e, por outro lado a falta de companhia para viajar (no caso das que não apreciam fazê-lo sozinhas).

"É muito complicado dar-se... estar-se com o grupo de... de... de... de mulheres casadas com filhos cujo tema não seja um bocado ou as crianças ou qualquer coisa relacionada com isso! Por isso é que eu digo que, às vezes, para nós, para nós solteiras, acaba por ser um bocado, um bocado atrofiante. (...) Ao princípio era um bocado: «mas o que é que eu sei sobre isso?! Eu não sei nada sobre isto, o que é que eu vou...»" (entrevistada 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)

"viajar, tinha companhia fixa e agora é mais complicado arranjar companhia... pessoas. Lá está, porque as minhas amigas já casadas e já com filhos, não têm grande disponibilidade" (entrevista 1.12; pintora e professora; separada de uma pessoa com quem vivia em união de facto e com quem viajava muito, não tem filhos anos, 33 anos).

É significativo o número das mulheres casadas do Grupo 1 que vêem de uma forma bastante negativa o celibato. Para estas mulheres, viver sozinha acentua o individualismo e constitui um forte factor de tristeza e depressão, sendo, em alguns casos, usado um tom quase pejorativo em relação às mulheres solteiras.

"vai acentuar muito o individualismo das pessoas, a tristeza, as depressões" (entrevista 1.9; recém aposentada, casada, tem três filhos, 58 anos)

"Eu detestaria viver sozinha. (...) nem sequer equaciono (...) acho que as pessoas não gostam (...) acho que, dificilmente, as pessoas lidam bem com essa... com o celibato" (entrevista 1.10; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos)

> *"nunca perspectivei viver uma vida solteira, como solteirona (...) dava em doida se chegasse a casa, todos os dias, e não tivesse com quem desbobinar! (...) E custava-me, acho que me custava muito..."* (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada desde os 18 anos, tem um filho, 38 anos).

Os aspectos negativos do celibato referidos pelas entrevistadas do Grupo 2 consistem, sobretudo, na solidão que desencadeia estados de tristeza e de medo. Este sentimento em relação a viver só é receado, sobretudo, pelas mulheres casadas que imaginando-se enviuvar temem a necessidade de passarem a viver sozinhas.

> *"devem ter uma certa solidão (...) Acho que até vou ter medo!"* (entrevista 2.5; auxiliar educativa, casada, tem três filhos, 64 anos; referindo-se inicialmente a quem vive só e depois imaginando como será se enviuvar)
>
> *"Ai! Acho que... que é uma vida muito triste!"* (entrevista 2.6; empregada doméstica, casada, tem uma filha, 35 anos).

Curiosamente, ao contrário das mulheres do Grupo 1 que vivem sós e afirmam que, cada vez mais, apreciam viver assim, algumas das entrevistadas do Grupo 2 que se encontram na mesma situação, começam a sentir necessidade de mudar, acabando por assumir que gostariam de casar ou de viver em união de facto, uma vez que começam a sentir-se assoladas pela solidão.

> *"sinto, muitas vezes, a solidão de estar sozinha, não é?! Não ter marido (...) podia estar junta (...) nunca senti, mas, agora, sinto... Agora, estou a sentir mais, a idade vai avançando e a pessoa sente muito mais. Quando uma pessoa é mais nova não sente tanto (...) E eu sinto-me um bocado sozinha! (...) uma das coisas que eu não gostava, era ficar sozinha! Não gostava! Mas, pronto! Se tiver que ser... é... Fico com o meu cãozinho e com a minha gata..."* (ri-se mas, percebe-se que a angustia muito a ideia de não ter um companheiro...) (entrevista 2.7; repositora num hipermercado, divorciada; vive com um filho, 43 anos).

A questão da idade também é referida por mulheres casadas do Grupo 2, que entendem que a idade é um óbice a viver só. Parece, assim, persistir a ideia que a necessidade de companhia se acentua com a idade.

> *"é muito bonito sermos sozinhas, vivermos sozinhos mas, chega a uma altura, enquanto são novas é tudo muito fácil mas, chega-se a uma certa idade... acho que a pessoa precisa de alguém!"* (entrevista 2.3; auxiliar educativa, casada, tem um filho, 41 anos).

Respeito e Dificuldade de Compreensão

As entrevistadas casadas do Grupo 1 olham o celibato de um modo muito diferente das celibatárias. Maioritariamente, os seus discursos, apesar de apresentarem uma certa preocupação em demonstrar respeito por quem se encontra nessa situação (por opção ou não), deixam transparecer uma certa dificuldade de compreensão por tal situação que não desejariam para si mesmas. Esta posição que poderá ter sido, de algum modo, suavizada pelas entrevistadas para não criarem uma imagem de pouca tolerância relativamente a outras formas de estar na vida, parece ir ao encontro do que defende Singly, *"o celibato (ou a vida a sós) não constitui um modelo de referência hoje em dia, mesmo que ele seja sentido positivamente como prova da capacidade de um eu autónomo."*[208]

> *"muitas pessoas nem é por opção, são empurradas para essas situações."* (entrevistada 1.9; recém aposentada, foi professora, casada, tem três filhos, 58 anos)
>
> *"respeito, mas não é o meu modelo."* (entrevistada 1.10; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos)
>
> *"Não percebo muito bem, mas aceito."* (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos)
>
> *"Eu acho que não sou uma pessoa para viver sozinha! (...) eu tenho... eu tenho... tenho dificuldade de estar sozinha."* (entrevistada 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

[208] Vd. François de Singly, *O Eu...*, *op. cit.*, p. 41.

As mulheres do Grupo 1 falam de um modo que deixa transparecer que consideram que as outras pessoas as vêem de uma forma muito diferente daquilo que sentem que são. Parece que se confirma, então, o que Kaufmann afirma sobre a mulher só *"torna-se rapidamente suspeita de desumanidade."*[209] e que a celibatária tem consciência disso.

> *"assusto as pessoas com esta minha maneira... mania da liberdade e... e... independência (...) Acho muito engraçado... com esta de assustar as pessoas, com a mania da independência e de ter tempo para mim e devo parecer a pessoa mais individualista e egoísta à face da terra."* (entrevista 1.12; pintora e professora; separada de uma união de facto, não tem filhos, 33 anos).

Quando ao celibato está associado o não ser mãe, com frequência, os sobrinhos tornam-se o elemento familiar mais aproximado dos filhos, nomeadamente, quando o tema de conversa com as amigas (maioritariamente casadas e mães) é, sistematicamente, as crianças.

> *"agora, já contorno o problema muito bem: puxo a carteira, mostro, mostro fotografias dos meus sobrinhos, conto as peripécias dos meus sobrinhos, portanto, há sempre outro tema de conversa. Em vez de a gente se sentir de lado..."* (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos).

A noção de que o celibato é mais fácil para as mulheres que para os homens é comum às entrevistadas dos dois grupos.

> *"as mulheres vivem muito melhor sozinhas do que eles, porque partilhamos muito mais umas com as outras."* (entrevista 1.11; empresária, casada, tem três filhos, 41 anos)
>
> *"a mulher desenrasca-se. O homem..."* (entrevista 2.6; empregada doméstica, casada, tem uma filha, 38 anos).

[209] Vd. Jean-Claude Kaufmann, *A Mulher Só...*, *op. cit.*, p. 37.

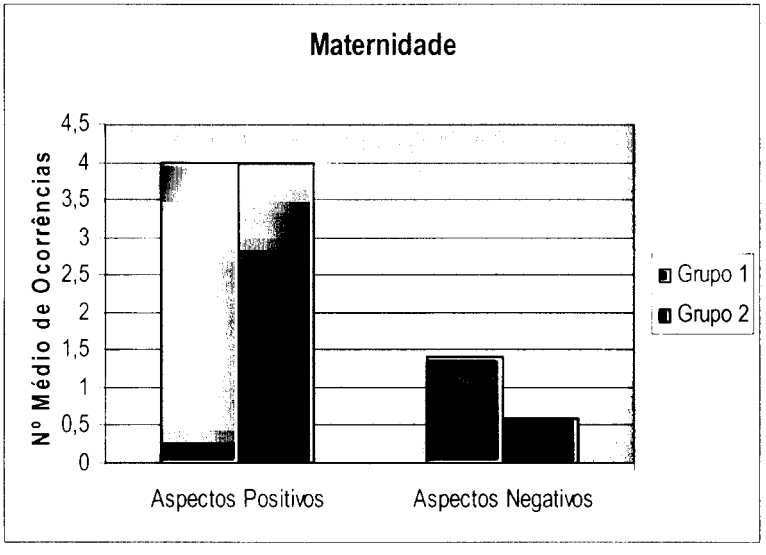
Uma parte significativa das mulheres casadas do Grupo 2, só se imaginam a viver sós quando e só se enviuvarem. A ideia é, para estas entrevistadas, assustadora, uma vez que a associam a solidão.

> *"já me imaginei a viver sozinha, mas se acontecesse alguma coisa ao meu marido! (...) O que é que vai ser de mim? Para aqui sozinha... Só assim é que eu me vejo sozinha, de outra maneira, não! Não... não me vejo... Eu para viver, assim sozinha, acho que tinha que ter muito dinheiro para andar o dia na rua!"* (entrevistada 2.2; desempregada, casada, tem dois filhos, 49 anos; o marido é uma pessoa doente)
>
> *"penso muitas das vezes, se ele morre, vou ficar sozinha, nesta casa. Vou ficar sozinha!"* (entrevista 2.5; auxiliar educativa, casada, tem três filhos, 64 anos).

3.3.4. Maternidade

"A invenção da maternidade cria uma situação em que, tanto aos olhos do rapaz como aos da rapariga, a mãe é mais concebida como toda-poderosa e toda-amorosa do que em gerações anteriores."[210]

Gráfico 13 – Maternidade / Aspectos Positivos e Aspectos Negativos



[210] Vd. Anthony Giddens, Transformações da Intimidade. Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas, Oeiras, Celta, 2001, p. 87

A Maternidade é Mais que uma Realização

Os termos mais usados para definir a maternidade, por parte das mulheres do grupo mais escolarizado, independentemente de ser mães ou não, são: muito interessante, bom e bonito.

> *"acho que ter criancinhas é uma coisa interessante"* (entrevista 1.3; empresária e professora, vive em união de facto, não tem filhos, 37 anos)
>
> *"É muito bonito."* (entrevista 1.6; pintora e ilustradora, casada, tem dois filhos, 38 anos)
>
> *"foi a coisa mais importante da minha vida. Mais do que a carreira (...) seguramente."* (entrevista 1.7; empresária, casada, tem uma filha, 38 anos)
>
> *"uma experiência muito interessante (...) é tão bom! (...) É muito bom, para mim, a sensação de ser mãe..."* (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos)
>
> *"Como eu valorizo muito a noção de família, para mim, o ter filhos, era, obviamente, importante"* (entrevista 1.10; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos)
>
> *"sempre foi ponto assente que... o filho era a coisa mais importante que cada um de nós tinha"* (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos; referindo-se a si mesma e ao marido)
>
> *"eles fazem... fazem... parte da minha vida e são muito importantes na minha vida!"* (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

É de salientar, também, que uma parte significativa das mulheres mães do Grupo 1 chama a atenção para o facto de ter mudado com o nascimento dos filhos. Esta transformação, percebe-se pelos discursos, corresponde a um amadurecimento que as torna mais ponderadas. Segundo pensam, o desenvolvimento de determinadas competências só é viável passando pela experiência da maternidade.

> *"Acho que, que amadureci imenso! Acho que é um, uma experiência que qualquer mulher deve ter... e acho que ajuda muito a mulher a amadurecer e... e a tornar-se mulher, com todas as coisas que... que vêm daí..."* (entrevista 1.6; pintora e ilustradora, casada, tem dois filhos, 38 anos; decidiu ter filhos para não privar o marido de ser pai)
>
> *"tornei-me numa pessoa mais ponderada, até. A minha personalidade acho que mudou bastante, depois de ter as crianças. Comecei a respirar fundo, a contar até 10 ou até 20 antes de gritar..."* (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos)

"acho que se desenvolvem competências e que se desenvolvem formas de estar, etc., que são diferentes, se a pessoa tiver ou não filhos. (...) estou a aprender muito com eles e a aprender até a... a conseguir... e... e acho que é... é sempre uma descoberta de nós próprios" (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

Apesar de serem reconhecidos aspectos negativos na maternidade, a maioria das mulheres do Grupo 1 considera que se trata de uma experiência compensadora e gratificante.

"Recomendo!" (riso) (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha; 37 anos)

"acho que é uma experiência muito gratificante. (...) é compensativo sempre!" (entrevista 1.6; pintora e ilustradora, casada, tem dois filhos, 38 anos)

"é muito gratificante." (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos)

"não estou nada arrependida!" (entrevista 1.9; recém aposentada, foi professora, casada, tem três filhos, 58 anos)

"Fiquei muito contente" (entrevista 1.10; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos).

Ser mãe é, pelo menos, até uma determinada altura da vida da mulher do Grupo 1, um desejo profundo, correspondendo a um desejo que as próprias têm dificuldade em definir:

"era um desejo de há muitos anos" (entrevista 1.7; empresária, casada, tem uma filha, 38 anos)

"eu seria, em qualquer circunstância, possivelmente, eu teria sido... eu seria mãe, fosse neste contexto, fosse noutro, eu seria mãe! (...) tem a ver, se calhar, com esse conceito de... de felicidade global que eu... que eu preconizo" (entrevista 1.10; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos)

"sempre quis muito ter filhos (...) sempre quis muito ser mãe" (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos).

A concretização desta ambição de ser mãe nem sempre é fácil de exprimir. Pela forma como as entrevistadas falam, pela expressão de ternura com que se referem aos filhos, pelo orgulho nelas próprias enquanto mães e nos filhos (os seus filhos!) que transmitem percebe-se o quanto é relevante esta faceta das suas vidas. Algumas destas mães conseguem verbalizá-lo de forma muito interessante:

> *"a maternidade, eu sinto muito, muito por dentro (...) não posso, também, dizer que é uma realização, porque eu acho que a maternidade é mais do que uma realização. Não é a pessoa dizer assim: "Prontos! Tenho um filho!", qualquer coisa como: "Pintei um quadro!", é mais do que isso! É... qualquer coisa que me diz muito e, ao mesmo tempo, um desafio."* (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

A sensação do parto é mencionada como um dos aspectos positivos da maternidade por algumas mulheres do Grupo 1, mas num número muito mais significativo pelas do Grupo 2:

> *"o parto, em si, (...) é um momento tão... tão intenso (...) foi uma sensação indescritível."* (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos)
>
> *"nasceu... foi um momento lindíssimo! Uma coisa inesquecível."* (entrevista 2.9; tarefeira, a dar apoio numa sala de ensino especial, casada, tem um filho, 35 anos).

A maternidade é definida, pela maioria das entrevistadas do Grupo 2 como algo de muito bom e bonito.

> *"É uma coisa muito bonita! (...) é uma coisa muito bonita! Sim senhora! Nós sabemos... que o filho que é nosso, saiu de dentro de nós, somos nós que o criamos (...) é uma coisa boa. Boa e bonita para a mulher... quando é programada"* (entrevista 2.2; desempregada, casada, tem dois filhos, 49 anos)
>
> *"durante muitos anos, criei o meu filho que isso acho que é uma coisa muito bonita... acho que o papel de mãe... é uma coisa que anda dentro de nós... acho que mãe... eu, às vezes.... Não sei, é uma coisa... É uma palavra muito (...) Para mim, é muito fundamental ser mãe!* (entrevista 2.3; auxiliar educativa, casada, tem um filho, 41 anos)

"*Ser mãe é a coisa mais linda do mundo! (...) Ser mãe é a coisa mais bonita do mundo... porque a gente... o amor que nós temos pelos nossos pais é um, o amor que temos pelos maridos é outro! O amor que temos por um filho eu acho que não tem explicação!... Não tem explicação!*" (entrevista 2.5; auxiliar educativa, casada, tem três filhos, 64 anos)

"é muito bom. (...) ser mãe, para mim, é muito bom" (entrevista 2.6; empregada doméstica, casada, tem uma filha, 38 anos)

"É a coisa melhor que pode haver! É a coisa melhor que pode haver!" (entrevista 2.8; empregada comercial, casada, tem dois filhos, 54 anos)

"É bom!" (entrevista 2.10; empregada de café, casada, tem duas filhas, 49 anos).

À excepção de uma única entrevistada do Grupo 2 que não é mãe por opção, todas as mulheres afirmam ter querido ou "sonhado" com a maternidade. O afecto com que se referem a esta questão não deixa dúvidas que se trata de algo essencial nas suas vidas, mais ainda que o próprio casamento. Muitas destas mulheres gostariam de voltar a ser mães.

"*é uma coisa que todas as mulheres gostam.*" (entrevista 2.2; desempregada, trabalhou num minimercado, casada, tem dois filhos, 49 anos)

"Eu sonhava (...) os filhos, para nós, são tudo! (...) parece que até apetecia metê-los, outra vez, cá dentro (...) dentro de nós!" (entrevista 2.5; auxiliar educativa, casada, tem três filhos, 64 anos)

"eu acho que ainda desejei mais ser mãe do que o próprio casamento." (entrevista 2.6; empregada doméstica, casada, tem uma filha, 38 anos)

"Acho que é fantástico! (...) Foi uma coisa que eu quis (...) eu gostava de ter outro filho com o... com o meu namorado, porque (...) ia ser muito bonito! Porque da maneira (...) que o meu namorado é... agora não é, como era... Acho que ia ser uma coisa extraordinária. Acho que ia ser lindo, lindo, lindo ser grávida com um namorado como o meu era (...) queria... sempre queria! Não, sempre quis, sempre quis! Sempre quis!" (entrevista 2.7, repositora num hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos).

Responsabilidade de Mãe é para Toda a Vida

São em maior número as mulheres do Grupo 1 a reconhecer aspectos negativos na maternidade que as do Grupo 2. O que desagrada às primeiras é, sobretudo, a questão da responsabilidade que implica a perda de uma certa liberdade e autonomia. A este aspecto acresce a questão do tempo (já escasso para as próprias) que deve ser dedicado aos filhos e que acaba por ser subtraído ao que tinham para si mesmas, fazendo lembrar uma citação de François de Singly: *"Esta característica do tempo feminino traduz-se na ausência de fronteiras que se faz sentir mesmo no trabalho profissional."*[211]

> *"para mim, é a coisa mais assustadora que há na vida: é ter um filho"* (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)
>
> *"é uma prisão enorme (...) Ter um filho é, pronto, é uma "corda ao pescoço" (...) Responsabilidade de mãe é, assim, um pêndulo... é para toda a vida."* (entrevista 1.6; pintora e ilustradora, casada, tem dois filhos, 38 anos)
>
> *"Foi horrível, foi (...) um choque (...) um bocado pesado. (...) um bocado um* rombo *na minha... na minha... na minha maneira de ser. Não sei, eu acho que não... como sou uma pessoa muito individualista e muito... e era muito independente, já há muito tempo (...) O casar e o ficar logo à espera de bebé foi... foi um bocado traumático"* (entrevista 1.11; empresária, casada, tem três filhos, 41 anos)
>
> *"outra coisa que eu acho que a maternidade tem, é que a gente, às vezes, esquece-se um bocado de nós mesmas. E isso não se deve fazer! De maneira nenhuma! E descuidar, a todos os níveis, sabe?! Até sob o ponto de vista físico."* (entrevista 1.14; administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas, 44 anos).

São muito poucas as mulheres do Grupo 2 a mencionar aspectos negativos da maternidade, os quais acabam por redundar todos na questão do trabalho, sobretudo quando os filhos são, ainda, bebés.

> *"dão muito trabalho"* (entrevista 2.2, desempregada, casada, tem dois filhos, 49 anos).

[211] Vd. François de Singly, *O Eu...*, *op. cit.*, p. 229.

Ser Mãe é Qualquer Coisa de Sobre-humano

A decisão da maternidade parece ser complexa. Apenas umas das mães do Grupo 1 assumiu que não sentia vontade de ter filhos e que a decisão da primeira gravidez se deveu a ter em consideração o forte desejo por parte do marido. Actualmente, reconhece que seria uma pena não ter passado pela experiência da maternidade.

> "*não queria ter filhos (...) não tinha necessidade de os ter. Tenho um marido espectacular e acho que ele ia passar ao lado de ser pai e achava que isso era muito triste para ele e a pensar nisso e... e* atirei-me *para a frente! (...) era daquelas pessoas que me contentava em ter um cão em casa* (ri-se do que acaba de dizer) *É terrível dizer isto! (...) eu ia passar pela minha vida sem ter essa experiência e sem nunca saber o que tinha perdido (...) Ainda bem que conheci a pessoa* certa *e que me fez pensar nele e... e ter os filhos..* " (entrevista 1.6; pintora e ilustradora, casada, tem dois filhos, 38 anos)

Relativamente a algumas das mulheres do Grupo 1 que não são mães, fica a ideia que já desejaram ter filhos (embora não considerem que se tratasse de um objectivo de vida), mas por um conjunto de circunstâncias que parece recair, sobretudo, na questão da falta de uma relação amorosa suficientemente estável que lhes permitisse serem mães, em condições que consideram essenciais para educar uma criança, como um pai presente. Entretanto, decidiram que já não os teriam. Os motivos apresentados para a esta tomada de decisão relacionam-se com o não querer assumir uma responsabilidade que sabem ser de tal maneira grande que as obrigaria a abdicar de um estilo de vida (com um elevado grau de liberdade) a que já se habituaram e do qual não querem abdicar.

> *"ter filhos é uma coisa que eu pus completamente de lado. (...) fiz uma introspecção muito grande e cheguei à conclusão que não queria ter filhos, que era uma responsabilidade tão grande e... e... e para o resto dos meus dias eu quero é liberdade e quero ter poucas coisas. (...) não posso dizer assim... mas de certeza absoluta (...) também se mudar de ideias terá que ser nos tempos... rápidos* (riso amargo) *mas de qualquer maneira (...) era um encargo de tal maneira forte na minha vida que depois eu tenho... tenho a responsabilidade familiar (...) acabo por ter a família um bocado em cima de mim (...) é quase como se tudo fosse meu filho. E eu*

não quero ter outra responsabilidade, percebe? Portanto, cheguei a essa conclusão de que é uma responsabilidade de tal maneira forte, e de tal maneira grande que eu não quero ter". (entrevista 1.2; advogada, solteira, 40 anos, não tem filhos; vive só)

"têm direito a ter pai, mãe, casa, referências e (...) a partir de determinada altura (...) deixei de ter vontade de ter filhos (riso, amargo?!) *(...) Gostava de ter tido filhos, (...) se tivesse tido um relacionamento suficientemente estável, que me desse condições para isso (...) a determinada altura, (...) abandonei completamente a ideia, porque (...) passei aquela fase em que teria paciência para educar uma criança, para estar acordada durante a noite... para passar todos esse processo (...) há uma fase em que a gente está (...) predisposta para (...) fazer esses sacrifícios todos! Neste momento, não! (...) gosto de ter liberdade de movimentos e, portanto neste momento, não me apetece abdicar disso. (...) a partir de determinada altura, passou a ser uma opção! (...) Não aconteceu, paciência!* (riso) *(...) não foi decepcionante na medida em que eu nunca estabeleci isso como objectivo de vida!"* (entrevista 1.3; empresária e professora, vive em união de facto, não tem filhos, 37 anos).

As outras mulheres do Grupo 1 que também não são mães e que ainda admitem a hipótese de vir a ter filhos, também consideram que a maternidade só faz sentido quando partilhada com uma outra pessoa. Mais uma vez, as entrevistadas do Grupo 1 referem a importância de ter e educar um filho com um pai presente.

"felizmente, ainda não senti essa necessidade. (...) Se calhar, também por não ter essa pessoa especial ao meu lado. (...) não afasto essa possibilidade, mas penso que teria, mesmo, de ter alguém muito especial ao meu lado... porque produção independente, *nunca!... E penso sempre num filho com... com um pai especial (...) por não ter essa parte... é que, se calhar, nunca pensei nisso de uma maneira mais séria (...) imagino, sempre, ter um filho e educá-lo (...) com alguém e ter essa ajuda e essa partilha de um filho, com outra pessoa!"* (entrevistada 1.12; pintora e professora; separada de uma união de facto durante a qual chegaram ambos a planear ter um filho, não tem filhos, 33 anos).

Das entrevistadas do Grupo 1 que são mães e que se encontram separadas (ou divorciadas), algumas gostariam de repetir a experiência da maternidade. No

entanto, também nestes casos a questão da partilha coloca-se, novamente, levando à desistência, ou à expectativa de que a situação de celibato mude.

> *"gostaria de ter tido mais filhos! (...) mas o tempo está esgotar-se! (...) a maternidade é bom a dois..."* (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos).

A decisão da maternidade, no Grupo 1, é também difícil de ser tomada quando o casal não está de acordo em relação a querer filhos, ao momento e mesmo ao número.

> *"já não estou com muita paciência de fraldas e de biberões (...) ele não queria ter filhos, inicialmente. Eu sempre quis. (...) A maternidade, para mim, era um sonho e... e, se calhar, foi... foi adiado muitas vezes, isso também fazia-me... fazia-me mal. Era complicado! Eu gostava de ter tido a minha filha alguns anos mais cedo... isso acabou por ser um bocado crítico"* (entrevista 1.7; empresária, casada, tem uma filha, 38 anos)
>
> *"fiquei só com um... porque (...) o meu marido durante os anos em que eu achei razoável ter outro filho, ele nunca quis... e a partir da altura em que ele achou que... que sim, eu disse-lhe: «Não! Tem paciência, mas agora, acabou! Não tenho pachorra, não tenho disponibilidade psicológica para ter... para ter mais filhos! Nem pensar!» (...) há uma determinada autonomia que... que me habituei a ter (...) determinado tipo de situações com que me deixei, completamente, de preocupar. Por outro lado, a questão da... das noites mal dormidas, de não poder dormir até à hora que quero ao domingo"* (entrevistada 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos).

É frequente as mulheres do Grupo 1 optarem por ter filhos mais tardiamente que as do Grupo 2. Este adiamento deve-se, essencialmente, a existirem uma série de condições que pretendem ver cumpridas e de projectos que querem ver realizados antes de serem mães e, mas também em alguns casos, ao receio da perda de independência.

> *"achava que devia ter filhos quando tivesse condições mínimas para os ter"* (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos)

"houve algum adiamento desta opção de ser mãe, houve. Mas, houve de forma consciente. (...) maternidade foi por opção... muito consciente (...) Os dois momentos de maternidade foram pensados, estruturados e equacionados." (entrevista 1.10; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos)

"fazia-me um bocado de medo (...) E eu tinha 27 anos, era independente desde os 17, já tinha aqueles vícios solitários." (entrevista 1.11; empresária, casada, tem três filhos, 41 anos).

As mães do Grupo 1 parecem estar muito cientes da grande responsabilidade que decidiram assumir. De facto, o novo estatuto de mães obrigou-as a mudar de forma significativa. É, por um lado, um diferente estilo de vida que tem de ser assumido e, por outro lado, é uma alteração na definição das prioridades.

"Só sendo mãe é que se sabe... o peso da palavra mãe! É uma coisa... às vezes... sobre-humana! (...) Ser mãe é... é qualquer coisa de sobre-humano! É... eu acho que é o pilar de tudo! De tudo mesmo!" (entrevista 1.6; pintora e ilustradora, casada, tem dois filhos, 38 anos)

"penso que... que se não tivesse tido filhos que a vida, agora, era capaz de ser, assim, muito mais cinzenta mas, é uma responsabilidade acrescida. (...) tenho uma carga às costas muito maior do que teria se não tivesse filhos. Portanto, os filhos obrigam-me... obrigaram-me a amadurecer, (...) a ter mais sentido de responsabilidade (...) tenho que pensar nas atitudes que... que vou tomar e em que medida é que elas podem condicionar (...) no futuro (...) sobretudo, a vida das crianças..." (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos)

"é a verdadeira mudança na nossa vida, não é?! É o dia em que... em que somos mães. Tudo o resto, fica muito relativizado (...) Psicológico, físico, tudo, muda tudo, não é?! acaba-se o nosso sossego. (...) Uma pessoa nunca mais está sossegada, nunca mais pensa em si, está permanentemente a pensar neles." (entrevista 1.11; empresária, casada, tem dois filhos, 41 anos)

"a mulher tem sempre os filhos à frente! (...) Se tivesse que fazer uma opção entre carreira e filho, não é?!... Se houvesse uma situação... extrema que me obrigasse a abandonar ou o trabalho por causa dele, pois, sem dúvida nenhuma!" (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos)

> *"A mulher quando é mãe, a tendência que tem é a atenção voltar-se toda para a criança... A criança está em 1º, em 2º, em 3º... é assim! (...) O meu primeiro projecto de vida foi, a partir de determinada altura, as minhas filhas. A partir do momento em que elas nasceram!"* (entrevista 1.14; administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas, 44 anos)

É, também, de realçar, como aliás já foi referido, que uma parte significativa das mulheres do Grupo 1 que são mães conta(ra)m com o apoio familiar e de empregadas para cuidar dos filhos.

> *"tive uma empregada antiga que tinha sido da minha mãe, que me ajudou bastante (...) e a minha mãe também me ajudava"* (entrevista 1.11; empresária, casada, tem dois filhos, 41 anos)

> *"em vez de ter uma mãe e um pai, ter três mães e três pais"* (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos; referindo-se ao apoio que os seus pais e sogros deram na educação do seu único filho)

Mesmo contando com esse auxílio, as mulheres do Grupo 1 que são mães reconhecem que abdicaram de muito do seu tempo para o dedicar aos filhos, embora não lamentando o facto (pelo contrário, nota-se, até, um certo orgulho nessa atitude) e demonstrando que continuam a ter a preocupação de se cuidar.

> *"a gente não pode perder a alegria de viver! A gente, precisamente porque tem filhos, temos que ser o exemplo. Em tudo! (...) é importante, nós cuidarmos de nós, também."* (entrevista 1.14; administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas, 44 anos)

> *"deixei de lado muitas coisas de mim própria para... para cuidar deles, é verdade. E... e não vejo isso como qualquer coisa que tenha sido um custo. Foi uma opção e que assumi e hoje o faria da mesma forma e eu acho que vai haver tempo (espero eu viver muitos anos para ter muito tempo) para tratar de mim e, portanto nunca me ter arrependido de deixar de ir mais vezes ao cabeleireiro, ou deixar de ir mais vezes ao cinema, como deixei quase... e outras coisas, acho que para eles foi importante estar...estar em casa."* (entrevista 1.15, administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

À excepção de uma das entrevistadas do Grupo 2 que refere nunca ter querido ter filhos (o que deixa algumas dúvidas sobre a razão para tal, uma vez que não o explica, mas poderá estar relacionado com o facto de todos os relacionamentos amorosos que teve serem com homens casados que não parece que estivessem dispostos a abandonar o casamento), todas as outras afirmam que a maternidade constituía um desejo que se realizou.

> *"... nunca quis!"* (entrevista 2.1; recém desempregada, solteira, não tem filhos, 46 anos)
>
> *"eu queria ter filhos."* (entrevista 2.2; desempregada, trabalhava num minimercado, casada, tem dois filhos, 49 anos)
>
> *"Queria ser mãe!"* (entrevista 2.3; auxiliar educativa, casada, tem um filho, 41 anos)
>
> *"Pensei sempre, sim... sempre..."* (entrevista 2.10; empregada de café, casada, tem duas filhas já adultas, 49 anos).

A decisão da maternidade é mais pacífica no Grupo 2, embora pelas entrevistas se perceba que é frequente o marido não querer ter filhos (ou não pretender ter mais de um filho).

> *"O meu marido não queria filhos. O meu marido... Ui! Nesse aspecto, filhos, ai! Meu Deus! Quando lhe falavam em filhos..."* (entrevista 2.2; desempregada, casada, tem dois filhos, 49 anos)
>
> *"O meu marido não quer. (...) O meu marido é que não quer"* (entrevista 2.6; empregada doméstica, casada, tem uma filha, 38 anos)
>
> *"conheci o meu namorado, comecei a andar com ele e ao fim de 3 anos ou 4, eu pensei sempre que poderia (ele é solteiro, não tem filhos, não é?!) que... poderia vir a ser mãe! (...) ele não queria"* (entrevista 2.7; repositora num hipermercado, divorciada, mãe de um rapaz, filho do ex-marido, 43 anos)
>
> *"Gostava de ter outro. O meu marido, não. (...) diz que estamos muito bem só com um e que chega, porque a vida está muito difícil... e, porque (...) se pensasse em ter outro filho, tínhamos que pensar, também, em mudar de casa... e... ele como acha (...) que a vida está tão má, que está tudo tão caro... que o melhor é... vai-se ficando, assim, ali no apartamento"* (entrevista 2.9, tarefeira numa escola, a dar apoio a uma sala de ensino especial, casada, tem um filho, 35 anos).

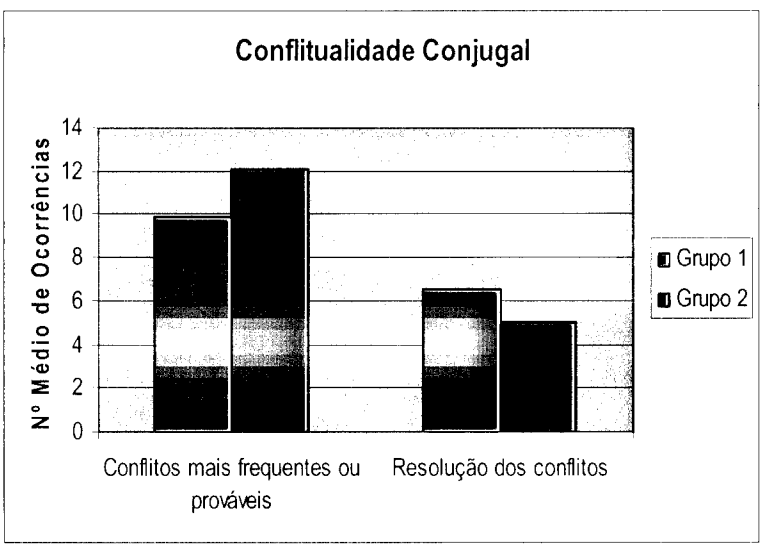
As reacções das mulheres do Grupo 2 quanto à decisão dos maridos não quererem (mais) filhos situam-se em atitudes muito diferentes. Assim, segundo afirmam, enquanto umas optam por se impor não tomando em consideração a sua opinião, outras compreendem e aceitam. Também se encontram situações em que, inicialmente, houve aceitação por parte destas mulheres, à qual se seguiu o arrependimento.

> *"sempre lhe disse: «(...) A única coisa que a mulher se quiser quer, se não quiser, não quer!» (...) «como eu quero os filhos, eu vou tê-los!»* (diz isto a bater com o dedo na mesa... como se estivesse a reviver a situação...) *(...) «Os filhos, é os que eu quiser, é a única coisa em que a mulher manda!»"* (entrevista 2.2; desempregada, casada, tem dois filhos, 49 anos)
>
> *"Estou arrependida de só ter um filho. (...) outro erro que eu fiz, se fosse agora era capaz de me impor e acho que se a pessoa não engravida é porque não quer! Nós temos tudo! Não é?! Dizia que andava a tomar antibiótico ou qualquer coisa... cortou o efeito... arranjava-se, assim, uma maneira mas, eu (...) Fiz-lhe a vontade! Agora, não fazia... Agora, não, agora, se eu tivesse menos 3 ou 4 anos... tentava engravidar"* (entrevista 2.3; auxiliar educativa, casada, tem um filho, 41 anos)
>
> *"Não quero, porque prontos... às vezes, pode calhar torto... e ele, depois, vai-me deitar as culpas"* (entrevista 2.6; empregada doméstica, casada, tem uma filha, 38 anos)
>
> *"ele não queria. Mas, isso, depois, era eu querer!"* (entrevista 2.7; repositora de um hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos; referindo-se ao namorado; no momento da entrevista já não podia ter filhos)
>
> "*eu compreendo que a vida está má... e os empregos, hoje em dia, quase que não são certos. De um momento para o outro, qualquer um fica desempregado... e, depois, não é?! É a prestação da casa... Os filhos dão muita despesa... dão muita despesa, compreendo. Mas, por outro lado gostava de ter outro... Gostava de ter (...) digo que gostava de ter outro bebé e tal mas, ele diz logo: «Não. Já sabes que é muito difícil, porque temos de mudar de casa, porque a casa é pequenina!» e, pronto! E eu reconheço que é (...) Para mudar de casa... se calhar, eu tinha que arranjar outro tipo de emprego..."* (entrevista 2.9; tarefeira numa escola onde dá apoio na sala de ensino especial, casada, tem um filho, 35 anos).

4. Conflitualidade Conjugal

"Entre o remoque e a cena doméstica, é um passo. Como a discussão conjugal, as cenas domésticas são multiformes e maioritariamente breves, direi mesmo brevíssimas."[212]

Gráfico 14 – Conflitualidade Conjugal



4.1. Conflitos mais frequentes ou prováveis / Motivos

As mulheres do Grupo 1 não fazem tantos comentários como as entrevistadas do Grupo 2 quando se referem aos conflitos conjugais. Porém, esta diferença não é tão marcante quanto ao que motiva a existência de discussões entre o casal de um e de outro grupo.

Mesmo dentro de cada grupo existe pouca uniformização de razões que despoletam um ambiente de tensão entre cônjuges.

[212] Vd. Jean-Claude Kaufmann, *O Labirinto...*, *op. cit.*, p. 161.

Relativamente ao Grupo 1, uma das discussões mais frequentes entre as entrevistadas que são mães e os seus maridos, segundo o que é mencionado durante as entrevistas, deve-se aos filhos do casal. O relacionamento (diferente) que ambos têm com os filhos é a principal causa destas discussões:

> *"com um filho há quase sempre divergências"* (entrevista 1.9; recém aposentada, foi professora, casada, tem três filhos, 58 anos)
>
> *"acha que eu... estou sempre a favor do filho, que o protejo muito e que eu é que o habituo mal, porque lhe digo que sim a tudo (...) Normalmente, os nossos conflitos são... por causa do filho. (...) tem (...) alguma dificuldade em aceitar que o filho cresceu e que já deixou de ser miúdo!"* (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos)
>
> *"eu achava, muitas vezes, que ele era injusto mas, nunca disse isso, à frente dos filhos. E, depois, dizia, portanto, às vezes, discutíamos, eventualmente, por isso. (...) A maneira como ele (...) falava com os filhos."* (entrevista 1.16; professora, separada, a iniciar o processo de divórcio, tem três filhos, 42 anos).

A educação dos filhos, embora não seja tantas vezes referida pelas mulheres do Grupo 1 que são mães, é, também, uma questão parece ser também motivo de algumas discussões entre as entrevistadas e os seus maridos.

> *"as questões da educação das crianças (...) tiveram que ser acertadas"* (entrevista 1.10; presidente um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos)
>
> *"em relação à educação, há incertezas e há pontos de vista diferentes e a pessoa não gere logo, não regula logo mas, depois, regula mais à frente e, às vezes, se não regula logo e... e... e...e, isso, é visível para os filhos é, de facto, problemático."* (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

A decisão de ter ou não filhos é também motivo de algum desconforto entre o casal quando a vontade não é comum.

> *"Também em relação a filhos que ele gostava de ter"* (entrevista 1.3; empresária e professora, a viver em união de facto, não tem filhos, 37 anos).

A imposição de determinadas rotinas (muitas vezes interpretada como interferência de familiares ou amigos) aborrece algumas mulheres do Grupo 1. Estas entrevistadas entendem que devem agir por vontade própria, até porque têm pouco tempo disponível para dedicarem aos respectivos companheiros. Como estes não têm a mesma visão desta questão, com alguma frequência, existem desentendimentos entre o casal.

> *"esta coisa do ter que ser, porque tem que ser para jantar e depois tem que ser para tomar o pequeno-almoço e depois tem que ser (...) eu tenho que fazer companhia e ir a um casamento, ou a um baptizado de uma pessoa que eu nunca vi e que* me estou simplesmente nas tintas, *mas porque* carga de água *é que eu hei-de ir, portanto esse tipo de coisas, que são coisas super banais (...) mas que a mim me tocam completamente a paciência (...) porque acho que não... não têm razão de ser, não tem que ser forçosamente e... e pronto, isto ao fim de algum tempo* enche o copo *e depois de* o copo encher *não tem solução".* (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)
>
> *"família dele que era extremamente daquelas rotinas, que se queriam estabelecer de ir jantar às quintas-feiras... Eu (...) que dizer, não me importava de ir jantar lá, quando me apetecesse ou quando... agora aquela coisa (...) começa-me a sufocar (...) a falta de tempo para estarmos juntos (...) a falta de disponibilidade de tempo e (...) do nosso espaço"* (entrevista 1.12; pintora e professora, separada de uma união de facto, não tem filhos, 33 anos).

O cansaço motivado pelo trabalho excessivo, por parte dos dois elementos do casal, explica, por vezes, certos conflitos referidos pelas mulheres do Grupo 1:

> *"também discutimos por, um bocado, de sobrecarga (...) acabamos por discutir por coisas estúpidas."* (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos)
>
> *"excesso de trabalho dos dois"* (entrevista 1.11; empresária, casada, tem três filhos, 41 anos).

Se para uns, o trabalho (em que se empenham e dedicam muito) deve ser de algum modo partilhado e discutido com o/a companheiro/a, em busca de um certo apoio; para outros, é importante que quando estão os dois juntos, os assuntos relacionados

com a actividade profissional sejam postos de lado. Uma visão diferente por parte dos dois parceiros é por vezes motivadora de alguma insatisfação de ambos e geradora de conflitos.

> *"às vezes queixava-se e ainda se queixa é que estou sempre a falar de trabalho"* (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos)
>
> *"ele não ouve tanto e ele quer contar muitas coisas do emprego..."* (entrevista 1.7; empresária, casada, tem uma filha, 38 anos)
>
> *"em algumas situações, crio mais... mais ansiedade... me sinto... sinto mais pressionada pelas coisas... e que, portanto tenho mais necessidade de... de algum apoio e... e acho que... que o meu marido, nessas coisas, resolve as coisas... mais por ele e, portanto, às vezes, a pessoa acha que não ligou o suficiente e... podia ter ligado mais e dado mais apoio."* (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos)

Algumas mulheres do Grupo 1 referem um outro problema que acaba por ser gerador de alguns desentendimentos: os diferentes gostos e preferências (relativamente a ritmos de vida e programas de férias e de fins-de-semana) de cada um dos companheiros.

> *"a nossa principal discrepância é o ritmo que temos de vida (...) gosto que as coisas aconteçam sempre muito mais devagar, enquanto o V. vive num stress constante!* (riso) *(...) Para ele fazer férias é fazer muitos quilómetros, para mim, não tem nada a ver com isso (...) alguns problemas logísticos, assim tipo o sábado! Que é o dia que ele gosta de sair de mota, porque gosta muito de motas antigas e eu como odeio o domingo, preferia partilhar com ele o sábado, mas ele acha exactamente o contrário!"* (entrevista 1.3; empresária e professora, a viver em união de facto, não tem filhos, 37 anos).
>
> *"Eu não consigo fazer férias isolada num sítio. Ele, também, gosta imenso de viajar, mas, por ele, era capaz de passar mais tempo numa... num sítio isolado"* (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

Curiosamente, e ao contrário do constatado por Kaufmann, que afirma que *"as miniguerras provocadas pelas divergências de formas de fazer e a partilha das*

tarefas são muito frequentes, constituindo o essencial dos conflitos conjugais".[213], as desavenças entre os casais de que fazem parte as mulheres do grupo mais escolarizado, devido ao desempenho (ou não desempenho) de determinadas tarefas que dizem respeito à casa são pouco mencionadas (e não são referidas por nenhuma das mulheres do Grupo 2).

> *"desatamos aos gritos quando há alguma coisa que não está tratada"* (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos)
>
> *"Aquelas coisas de: «esqueceste-te! Afinal, disseste isso e não fizeste... porque te esqueces sempre de tudo!»... «Mas não sou eu que me esqueço...»"* (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

Apesar disso, é frequente que a desarrumação do parceiro da mulher do Grupo 1 provoque discussões.

> *"alguns desentendimentos porque ele é uma pessoa extremamente desarrumada."* (entrevista" 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos)
>
> *"tem a ver com essas questões da arrumação"* (entrevista 1.7; empresária, casada, tem uma filha, 38 anos).

O que motiva os conflitos nos casais de que fazem parte as entrevistadas do Grupo 2 são ainda mais diversos que no caso dos outros casais. As querelas para além de serem muito variadas são, sobretudo pouco valorizadas. As entrevistadas relativizam muito a importância destes desentendimentos uma vez que, geralmente, consideram que são "normais":

> *"Há aquelas coisitas... de aborrecimentos que toda a gente tem!"* (entrevista 2.2; desempregada, trabalhava num minimercado, casada, tem dois filhos, 49 anos)
>
> *"Eu já aprendi a lidar melhor com ele. (...) Eu nunca tive muitos problemas"* (entrevista 2.3; auxiliar educativa, casada, tem um filho, 41 anos)
>
> *"são coisas normais!"* (entrevista 2.4; cozinheira, casada, tem três filhos, 42 anos)

[213] Idem, *ibidem*, p. 164.

"pequenas coisas... que se... que acontecem (...) Não acho muito importante! (acho que está a ser sincera...) Senão, é o que eu digo, se a gente vai por essas coisas todas pequeninas, então andava sempre chateada..." (entrevista 2.6; empregada doméstica, casada, tem uma filha, 38 anos)

"Normais! Normais (...) não é nada... Não há, assim, nada... de especial!" (entrevista 2.8; empregada comercial, casada, tem dois filhos, 54 anos)

"não temos assim grandes conflitos." (entrevista 2.9; tarefeira, a dar apoio numa sala de ensino especial, casada, tem um filho, 35 anos)

De entre a grande variedade de motivos que despoletam a discórdia entre o casal, o ciúme parece ser um dos que mais se repete. É mais frequente este sentimento nos maridos, mas também existe da parte de algumas mulheres.

"por eu ser mais ciumenta do que ele" (entrevista 2.1; recém desempregada, trabalhava na copa de um hotel, solteira, não tem filhos, 46 anos)

"dos ciúmes de eu me dar bem com a minha família... é só isso!" (entrevista 2.3; auxiliar educativa, casada, tem um filho, 41 anos)

"Ele é muito ciumento. Ele é muito ciumento. Desconfiado... não gosta que eu me pinte... " (entrevista 2.4; cozinheira, casada, tem três filhos, 42 anos).

O dinheiro é também um dos temas mais frequentes de discussões entre os casais de que as mulheres do Grupo 2 fazem parte.

As despesas feitas pelas mulheres do Grupo 2 originam discussões quando estas (ainda que por vontade de marido) deixam de trabalhar fora de casa, uma vez que cada um dos membros do casal se sente em situações diferenciadas (a primeira numa posição desfavorecida e o segundo com direito a impor-se perante a companheira)

"ele achava-se uma pessoa mais importante. Ele achou que já ganhava ele sozinho, para a casa e ficou, assim, um bocadinho, que me caiu mal..." (entrevista 2.5; auxiliar educativa, casada, tem três filhos, 64 anos).

Também quando o marido da entrevistada do Grupo 2 gasta dinheiro no jogo e na prostituição, o ambiente entre casal torna-se muito pesado. É difícil (senão impossível) para a mulher aceitar uma situação destas.

> *"gastar muito dinheiro com dívidas do jogo (...) Mais tarde com mulheres... quando, depois, já vim a saber... e, depois, achei que já era ridículo estar a perdoar mais vezes! Aí não perdoei mais...* (a entrevistadora nota que a entrevistada se sente um pouco envergonhada...) *(...) Acho que isso foi a gota de água! Mas, mesmo assim, ainda continuei... Ainda perdoei aquela... aquele perdoar e não perdoar... aquela coisa... deixa rolar!"* (entrevista 2.7; repositora de um hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos).

Algumas entrevistadas do Grupo 2 (mesmo as que têm uma actividade profissional) lamentam que os maridos as culpem de gastar demasiado dinheiro, o que se deve ao facto de serem elas que tratam dos assuntos domésticos e, logo, a pagar as respectivas despesas (como por exemplo a alimentação e a higiene)

> *"às vezes, há aqueles... que eu acho que não é, propriamente, discussão. É o começar a conversar de... de se poupar dinheiro... de não se gastar tanto... porque... porque ele acha (...) acha sempre que eu é que gasto... mais"* (entrevista 2.9; tarefeira, a dar apoio numa sala de ensino especial, casada, tem um filho, 35 anos).

As discussões entre os casais por causa dos filhos parecem ser uma realidade comum a todos. Para além das mulheres do Grupo 1 (como já foi referido), também várias das entrevistadas do Grupo 2 que são mães apresentaram essa questão como sendo frequente.

> *"às vezes, eu estou a defender o meu filho e, depois, acabo por eu ficar chateada com o meu marido (...) É só por causa dele..."* (entrevista 2.3; auxiliar educativa, casada, tem um filho, 41 anos)

> *"Às vezes, pegámo-nos a sério, é mais por causa dos filhos. É por causa do meu filho que a gente pega-se mais vezes (...) Até é mais por causa dele."* (entrevista 2.4; cozinheira, separada, a viver em união de facto, tem três filhos, 42 anos).

Os gostos não partilhados pelos dois membros do casal no que respeita às práticas de lazer também despoletam algumas discussões. Estas preferências divergentes traduzem-se, vulgarmente, na vontade que a mulher do Grupo 2 sente de "passear" (o que pressupõe que seja com o marido) e deste optar por sair com os amigos (e sem a mulher) e passar o restante tempo livre em casa.

> *"Sempre os mesmos! Eu quero ir passear e o meu marido não quer. (ri-se muito...) É sempre assim! (...) Desde que nós casamos, à sexta-feira... eu sei onde é que ele está. Eu se, de repente, precisar dele... agora há telemóveis, pronto! Mas, antes de haver telemóvel... eu se precisasse dele, eu só telefonava e a pessoa na casa que ele está, falava... e ele vinha logo para casa! (...) É... isto, ao sábado, à sexta-feira e... e ao domingo de tarde, ele gosta de ir jogar o* dominozito, *com os amigos! (diz isto com toda a compreensão...) Claro que eu de Inverno não me importo de ficar em casa, até porque está frio mas, de vez em quando também quero sair! (...) o meu marido gosta de estar em casa, sentado no sofá, a dormir... que isso é que me irrita..."* (entrevista 2.2; desempregada, trabalhava num minimercado, casada, tem dois filhos, 49 anos)
>
> *"eu resmungava, muitas vezes, antes. Quando ele ia sair: «Pois é! Vais sair... vais sair com os teus amigos e não sais comigo...», estava sempre a resmungar! Mas, depois calava-me. (...) sair e eu ficar em casa!"* (entrevista 2.7; repositora de um hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos).

A falta de apoio aos filhos e a elas próprias, por parte dos maridos das entrevistadas do Grupo 2 é, algumas vezes, referida como motivo de algum descontentamento destas e que lhes é transmitido.

> *"promete ir buscar-me e não aparece... Muita vez, está a chover... ainda (...) um dia desses, cheguei a casa toda encharcada e ele deitado no sofá (...) chegava a casa, deitava-se no sofá e adormecia. Na hora que eu estava a pôr a comida na mesa. E eu ficava furiosa, porque eu comia, a miúda comia e chamava, chamava, chamava e ele não me vem para a mesa! E, isso, é o que me enerva mais e, depois, de ele vir, que já tenho a cozinha arrumada, a miúda na cama e essas coisas todas, eu começo a mandar vir com ele: «Isso não tem jeito nenhum! Isto não é... Não dás apoio nenhum à tua filha.»"* (entrevistada 2.6; empregada doméstica, casada, tem uma filha, 38 anos)

> *"dias, que uma pessoa parece que já vai... mais nervosa, mais exausta do trabalho (...) que... qualquer coisa me... me... irrita! E... se lhe peço e ele não faz... claro! Começo logo a disparatar!"* (ri-se...) (entrevista 2.9; tarefeira, a dar apoio numa sala de ensino especial, casada, tem um filho, 35 anos).

É de realçar que muitos dos aspectos do casamento referidos como negativos, por parte das entrevistadas do Grupo 2, não são mencionados como alvo de discussões e desentendimentos entre o casal. São muito poucas as mulheres que fazem referência a questões como o facto do marido não trabalhar, ser alcoólico, ou ainda de as agredir verbal e fisicamente. É possível que tal facto se deva a considerarem-se co-responsáveis pelos conflitos ou porque tais problemas as entristecem sem que, apesar disso, os discutam com os respectivos maridos.

> *"não trabalhar, o problema era esse. Eram as maiores coisas que ele tinha, era isso! Era o álcool e era pouco de trabalhar... ter empregos e deixar os empregos. (...) O álcool era tão coiso, virava-lhe o cérebro... dizia que eu que andava metida com o patrão!"* (entrevista 2.10; empregada de café, casada, tem duas filhas, 49 anos).

4.2. Resolução dos Conflitos

Não vale a Pena Meter a Cabeça na Areia

As mulheres do Grupo 1, na sua esmagadora maioria, resolvem os problemas com os respectivos companheiros através do diálogo. Cumpre-se, deste modo, aquilo a que Giddens chama o *"imperativo da comunicação livre e aberta"* como *"condição* sine qua non *da relação pura"*. Para este sociólogo, o diálogo *"é o meio de expressão de necessidades individuais, bem como o processo através do qual a relação está reflexivamente organizada."*[214]

> *"Comunicação!"* (entrevista1.11; empresária, casada, tem três filhos, 41 anos)

[214] Idem, *ibidem*, p. 136.

"eu acho que só falando, não é?!" (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

Normalmente, os assuntos problemáticos são conversados entre o casal, não na altura em que surgem, para evitar discussões desagradáveis, mas passadas umas horas ou, mesmo, no dia seguinte:

"num primeiro momento (...) nós calávamo-nos e depois acabávamos (...) por conversar sobre isso." (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos; referindo-se ao período anterior à separação)

"passado umas horas... ou (...) no dia seguinte as coisas já... já têm... as proporções já são diferentes" (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos)

"nem sequer falo no assunto em cima do momento, porque senão, vai dar discussão (...) Espero pelo dia seguinte (...) para arrefecer*"* (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho).

É esta comunicação saudável entre o casal, só possível em relações em que exista respeito e compreensão, que ajuda, muitas vezes, a ir ultrapassando divergências, com cedências e ajustamentos mútuos:

"a gente vai ajustando (...) eu já vou perdoando (...) ele vai cedendo (...) Acabo por aceitar naturalmente." (entrevista 1.3; empresária e professora, a viver em união de facto, não tem filhos, 37 anos)

"divergências são ultrapassadas (...) porque há um sentido de respeito e de uma amizade grande..." (entrevista 1.9; recém aposentada, foi professora, casada, tem três filhos, 58 anos)

"Ceder em muitos aspectos..." (entrevista 1.11; empresária, casada, tem três filhos, 41 anos)

"ele, normalmente, aceita. Acata, concorda! (...) assume os erros e (...) também assumo." (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, casada, 38 anos)

Por vezes, as entrevistadas do Grupo 1 arranjam umas formas um tanto habilidosas para conseguir convencer os seus parceiros a agir do modo que mais lhes convém, o que parece também resultar como forma de ultrapassar algumas discórdias, nomeadamente, no que se refere às diferentes preferências em termos de lazer.

> *"Às vezes, arranjo formas... formas indirectas de os resolver, que é assim: marco coisas para o sábado (riso) e digo-lhe. (...) quando lhe transmito já está fora de questão ele sair de mota! E aceita isso, naturalmente, quase sem dar conta! (...) acaba por ceder sem reclamar"* (entrevista 1.3; empresária e professora, a viver em união de facto, não tem filhos, 37 anos)

Maioritariamente, as mulheres do Grupo 2, ao contrário das entrevistadas do outro grupo, optam por não discutir com os seus maridos sobre os conflitos. Como explicam, ao longo das entrevistas, os problemas acabam por "passar"...

> *"Aquilo são dois minutos! Passado um bocado já não é nada! É! É assim! (...) O meu marido nunca fica chateado. Nunca! Nunca! (...) ele depois, diz: "Está bem! Amanhã a gente vai!" E pronto!"* (entrevista 2.2; desempregada; trabalhou num minimercado, casada, tem dois filhos, 49 anos)

> *"ficava cá em baixo com as miúdas, com medo que, às vezes, tivesse a faca... No outro dia já não é nada! Mas, primeiro tinha que o deixar adormecer! (...) No outro dia (...) ele dizia que não podia ser! (...) Não se lembrava... com o álcool"* (entrevista 2.10; empregada de café, casada, tem duas filhas, 49 anos).

O não falar sobre os assuntos problemáticos, com frequência, serve, sobretudo, como uma forma de agredir o respectivo marido, uma vez que é adoptada a estratégia com o intuito de o aborrecer.

> *"agora, arranjei uma nova, quando ele começa a mandar vir, falar... eu nem respondo! (...) Não lhe respondo, agora! Não respondo (...) Se não responder (...) Fica furioso! Mas, ele, depois, cala-se! (...) o meu marido diz as coisas, é muito* repentinoso *e acaba..."* (entrevista 2.3; auxiliar educativa, casada, tem um filho, 41 anos).

Outras vezes, o não falar com o marido sugere um castigo infligido como forma de demonstração do desagrado por algo que as entrevistadas do Grupo 1 consideraram menos correcto, por parte do respectivo parceiro:

> *"se me der na cabeça e não falar, para ele, uma semana, não falo! (...) Bufa por todos os lados. Bufa... bufa! (...) É ele que se mete a falar. Eu não falo. (...) eu nem uma nem duas, eu se me der na cabeça não falar, não falo."* (entrevista 2.4; cozinheira, separada, a viver em união de facto, tem três filhos, 42 anos)
>
> *"Às vezes (...) andava... uma semana que (...) fazia o comer, fazia tudo que havia a fazer mas, não... não... arreganhava os dentes. Não andava, cá, a rir-me para ele (...) Não era pessoa de pedir desculpa mas, começava logo a meter-se... começava a meter-se (...) costuma-se dizer que o tempo cura tudo e aquilo, depois, lá ia indo"* (entrevista 2.5; auxiliar educativa, casada, tem três filhos, 64 anos)
>
> *"viro costas e ele vai logo ter comigo! (...) Já sei que... passado um bocado não é nada, porque tem que ser mesmo assim, porque senão, então, se for uma coisa muito grave, uma pessoa tem que se sentir mesmo, tem que estar mesmo chateada, porque de resto, não."* (entrevista 2.6, empregada doméstica, casada, tem uma filha, 38 anos).

São algo representativas as mulheres do Grupo 2 que admitem recorrer a determinadas artimanhas para resolver os conflitos com os seus marido, como por exemplo, mentindo a respeito do que gastam e omitindo determinadas coisas que fazem quando percebem que sendo conhecidas originariam problemas entre o casal

> *"eu nunca dizia o preço certo, para não refilar. A gente tem que saber viver com as pessoas."* (entrevista 2.5; auxiliar educativa, casada, tem três filhos, 64 anos).

Pelas entrevistas feitas ao Grupo 2 percebe-se que as mulheres que falam de forma sincera e aberta são uma minoria.

> *"Resolvemos logo. Fica logo tudo bem! (...) Conversamos! E acabou! Tem de ser assim..."* (entrevista 2.8; empregada comercial, casada, tem dois filhos, 54 anos)
>
> *"se há qualquer (...) Mal-entendido... fala-se e... acabou. Não se fala mais no assunto! Fala-se no assunto, naquela altura, esclarece-se e não se fala mais no*

assunto." (entrevista 2.9; tarefeira, a dar apoio numa sala de ensino especial, casada, tem um filho, 35 anos).

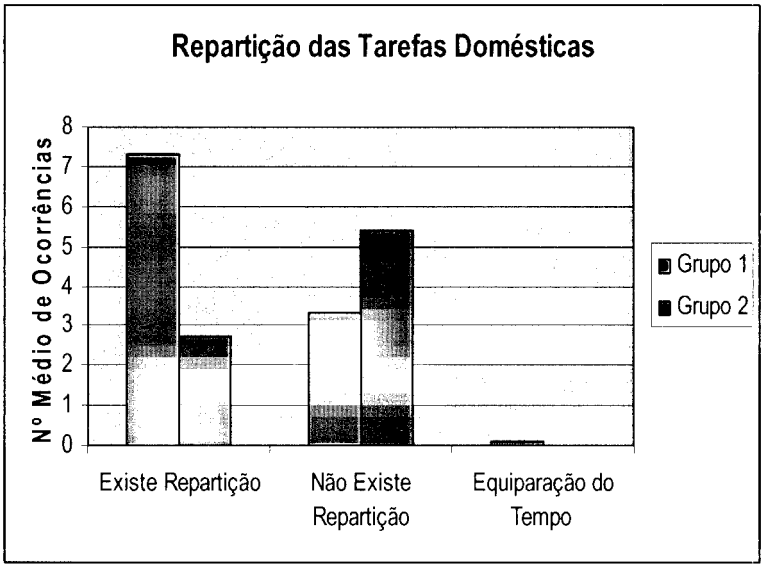
De todas as entrevistadas do Grupo 2, apenas uma delas asseverou que em relação a um ou outro conflito, confrontava o marido continuando a fazer aquilo que lhe desagradava:

"Eu pinto-me na mesma! É assim, quando tenho que me pintar, pinto-me na mesma!" (entrevista 2.4, cozinheira, separada, a viver em união de facto, tem três filhos, 42 anos).

5. Gestão das Tarefas Domésticas

"No uso quotidiano, a justificação das práticas é uma (inclusive para uma maioria de casais que se pretendem igualitários), uma tendência para um objectivo mal definido e nunca atingido"[215]

Gráfico 15 – Repartição das Tarefas Domésticas



A mulher casada, independentemente de pertencer ao grupo das mulheres mais ou menos qualificadas, desempenha um papel fundamental para a subsistência do grupo doméstico. Mas, o que refere Ana Nunes de Almeida a propósito dos grupos corticeiros *"não existe entre os papéis conjugais uma simetria perfeita: próximos e iguais perante o trabalho (...) marido e mulher separam-se completamente no domínio da produção doméstica"*[216], acaba por não se distanciar muito (em alguns casos, obviamente mais que noutros) da realidade das entrevistadas.

[215] Vd. Jean-Claude Kaufmann, *O Labirinto Conjugal. O Casal e o seu Guarda-roupa,* Lisboa, Editorial Notícias, 2002, p. 117.
[216] Vd. Ana Nunes de Almeida, *op. cit.*, p. 99.

5.1. Repartição das Tarefas entre Marido e Mulher

A opinião que se possa ter sobre a tendência para a simetria de contributos e de participação entre homens e mulheres, como afirma Anália Torres, não corresponde à prática.[217]

A maioria das mulheres do Grupo 1 considera que as tarefas domésticas são repartidas entre o casal, embora quase todas admitam que o tempo despendido entre marido e mulher, neste tipo de lides, não é equiparável e que não se trata da divisão ideal. Como advoga Kaufmann, *"uma maioria de casais encontrou (...) um compromisso entre a ideia de principio e a resistência ao concreto; a sua procura não é verdadeiramente a da igualdade, mas a da recusa das desigualdades demasiado gritantes, sendo possível concluir, pela satisfação dos dois cônjuges, que o equilíbrio foi encontrado."*[218]

> *"Não vou dizer que a divisão seja a mais... a ideal! Não! Não é a ideal, porque ainda há coisas que sou eu que faço"* (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, um filho, 38 anos).

Ter que lembrar ao marido o que é preciso fazer é o que mais aborrece a maioria destas entrevistadas. Efectivamente, parece estarmos na presença de casais em que uma pessoa (a mulher) *governa* a casa, não sendo necessariamente ela a executar todas as tarefas domésticas. Algumas delegam no marido. É de salientar que um termo muito usado pelas próprias é "pedir", o que parece pressupor que se trata de uma favor que os respectivos parceiros lhes fazem quando desempenham essas lides.

> *"não há nada que eu peça que ele não... não deixe de fazer. Mas, tenho que pedir tudo! E... e sobre isso, acho que não há mais nada a dizer (responde a rir-se) ele... ele não se nega, absolutamente a nada, mas também não se oferece."* (entrevista 1.6; pintora e ilustradora, casada, tem dois filhos, 38 anos)

---

[217] Vd. Anália Cardoso Torres, *Divórcio em..., op. cit.*, p. 16.
[218] Vd. Jean-Claude Kaufmann, *O Labirinto Conjugal. O Casal e o seu Guarda-roupa*, Lisboa, Editorial Notícias, 2002, p. 18.

"tenho que ser eu a dizer: «Olha! M. faz isto, faz aquilo» (...) anda a reboque (...) Hoje em dia, o M. é muito mais cooperante do que era quando nós casámos (...) se eu lhe disser para fazer" (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos)

"uma vez solicitado, está sempre disponível, percebe?! (...) a iniciativa (...) toma menos do que eu" (entrevista 1.10; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos)

"*é preciso... lembrar. (...) Há outras coisas que tenho que dizer: "É preciso fazer!" e há outras coisas que ele já faz. Já se habituou..."* (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos).

Dos discursos das entrevistadas do Grupo 1 sobressai a preocupação de justificar a repartição desigual do que é necessário fazer em casa. As razões apresentadas variam desde o pouco tempo que eles passam em casa até à existência de uma empregada, mas todas têm como objectivo explicar a atitude de ambos: a deles por não fazerem mais e a delas próprias por não se imporem...

"também, não há muitas tarefas para... para dividir. (...) Eu despendo mais, é evidente! (...) mas (...) também, não está muito tempo em casa..." (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos)

"empregada interna em casa, o que me facilita (...) se calhar, não participava mais, porque se calhar, eu também não lhe solicitava, percebe?! Também tem uma vida profissional muito ocupada e, portanto eu tentava até (entre aspas) aliviá-lo" (entrevista 1.10, presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos)

"tínhamos uma empregada durante o dia... A partir de uma determinada altura, tivemos uma interna" (entrevista 1.14; administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas, 44 anos; referindo-se ao período em que estava casada).

Ao longo das entrevistas, algumas das mulheres ao falarem sobre esta matéria, assumem que a repartição das tarefas, ainda que exista, não é a mais justa também por culpa das próprias. No fundo, o exercício de certas tarefas parece dar-lhes alguma satisfação, sobretudo aquelas que estão directamente relacionadas com os filhos, para além de terem dificuldade em aceitar que sejam feitas por outra pessoa (ainda que seja o marido).

"acho que em, muitas coisas, as mulheres continuam a ter culpa. Abdicam... abdicam de muita coisa... em função dos filhos, da vida da casa" (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos)

"a partir do momento em que nasceu o segundo (...) comecei a ter empregada interna, mas nunca abdiquei de determinadas coisas. (...) quando eles eram bebés... sempre que podia era eu que lhes dava banho, era eu que lhes dava de comer (...) a mulher, estruturalmente, tem... (começa-se a rir...) repara em coisas que o homem não repara (...) tenho que fazer a minha cama, porque senão, não fica bem feita... Eu acho cómico! É o que eu dizia há um bocado: «Se há machismo, também é porque as mulheres...». (...) há coisas que têm que ser feitas por mim... senão, pronto, eu chateio-me! Portanto, não posso dizer que ele não faz, não é?! (...) Ao sábado à noite, é frequente ou ir a casa de alguém ou vir alguém jantar e, prontos, aí dá-me um certo gozo receber e fazer o jantar e tudo (...) objectivamente, não posso dizer que faço tudo lá em casa. Agora, preocupo-me mais..." (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

É curioso verificar, pela análise dos discursos das entrevistadas do Grupo 1, que a participação dos maridos nas lides domésticas existe "se for preciso". Deste modo, poderia ficar a dúvida sobre o que leva à necessidade desta "ajuda"[219]. No entanto, os mesmos depoimentos levam-nos a concluir que os companheiros das entrevistadas são "capazes" de arrumar, fazer compras ou cozinhar, mas geralmente só o fazem na impossibilidade da mulher ou outra pessoa (que pode ser a empregada, os pais ou os sogros) o fazerem.

"o meu marido ajuda, ele faz, a única coisa que não faz é cozinhar (...) É capaz de arrumar a cozinha, é capaz de arrumar o quarto, é capaz de arrumar o escritório (...) O que for preciso, faz. (...) passa a ferro, se for preciso! E lavar também, pôr na máquina não é grande coisa, mas se... se eu não estou, ou... mesmo que eu esteja, se for preciso passar uma camisa, ou ajeitar... ajeita! (...) fazer compras... (apesar de não gostar) mas se for preciso ir ao supermercado, fazer compras, sabe o que é que se gasta em casa... pronto, isso faz (...) se for preciso, faz!" (entrevista 1.5; auditora e

[219] Os próprios termos que vão sendo usados levam a concluir que a responsabilidade não é sentida, pelas entrevistadas, como sendo partilhada.

professora, casada, teve dois filhos mas morreram ainda bebés, ajuda a educar vários adolescentes que não adoptou, 49 anos)

"Não quer dizer que, às vezes, o M. não... não faça o jantar, ao domingo." (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos; referindo-se ao marido).

"se for preciso o meu marido ir para o supermercado, vai (...) Eu, muitas vezes, chegava a casa e era ele que fazia uns ovinhos mexidos ou uma coisa para facilitar (...) se for preciso, ir buscar os miúdos ao colégio, porque o avô falhou, ou se for preciso ir com eles à piscina, porque... porque eu não posso (...) está 100% disponível!" (entrevista 1.10: presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos)

"se for preciso lava o carro, pode ir... nunca... ou seja, se for necessário faz coisas desse género, não é?! Ou pregar um prego ou não sei o quê, *ou até ir lá para fora, lavar o... o pátio"* (entrevista 1.16; professora, separada, a iniciar o processo de divórcio, tem três filhos, 42 anos; referindo-se ao ex-marido).

As entrevistadas do Grupo 2 referem menos a repartição das tarefas domésticas e quando o fazem é quase sempre na óptica da "ajuda" que o marido lhes dá. Neste grupo a questão de quem é responsável pela casa está ainda mais vincada que no Grupo 1: a mulher faz e o marido, eventualmente, poderá ajudar. É também curioso verificar, através da análise das entrevistas, que são diferentes as tarefas desempenhadas pelos maridos das entrevistadas do Grupo 1 e os maridos das entrevistadas do Grupo 2, o que também poderá ter a ver com o facto das primeiras terem empregadas domésticas:

"O meu marido só faz alguma coisa... quando nós estamos de férias! (...) ajudava a fazer o almoço, ou o jantar. Quando eu ia lavar a roupa, ele ia-me buscar a roupa... tomava conta dos miúdos" (entrevista 2.2; desempregada, casada, tem dois filhos, 49 anos)

"Às vezes, faz a cama..." (entrevista 2.4; cozinheira, separada, a viver em união de facto, tem três filhos, 42 anos)

"às vezes, ajudava-me! A descascar... a descascar umas batatas... escolher uma hortaliça... e eu, depois, lá ia completar, mas já me fazia jeitinho! (...) se ele vir que a roupa que está a secar e que vem chuva, se ele reparar, ele vai-ma apanhar (...) Eu, às vezes, peço-lhe..." (entrevista 2.5; auxiliar educativa, casada, tem três filhos, 64 anos)

"Ajuda, se for preciso ir a qualquer lado... ou... Assim, em casa, não é muito de ajudar, não! Não é muito! É mais depressa se eu lhe peço para ir comprar qualquer coisa, ele vai ao supermercado fazer as compras e tudo..." (entrevista 2.8; empregada comercial, casada, tem dois filhos, 54 anos)

"uma vez, por entre outra, lá vai pondo a mesa... É a única coisa que ele faz!" (entrevista 2.9; tarefeira, a dar apoio numa sala de ensino especial, casada, tem um filho, 35 anos)

"tenho um marido que me ajuda. Não é?! Ele também, durante a semana, vai-me ajudando. (...) à noite, ele faz-me o jantar (...) à noite cozinha (como vê que eu estou um bocado cansada), pega e faz o coiso... Às vezes, eu digo que vou arrumar a cozinha e ele: «Deixa estar que eu vou...» faz, ajuda, prontos... já que não pode trabalhar, ao menos ajuda-me a fazer a vida de casa..." (entrevista 2.10; empregada de café, casada, tem duas filhas, 49 anos; o marido começou a ajudá-la a partir da altura em que adoeceu e deixou de exercer uma actividade profissional).

Apenas uma das entrevistadas (que pertence ao Grupo 1) considera que o tempo despendido entre si e o seu companheiro nas tarefas domésticas é equiparável, correspondendo, desta forma, a um verdadeiro caso de excepção, mesmo no universo das mulheres mais qualificadas.

"Mais ou menos equiparado... não posso reclamar muito!" (entrevista 1.3; empresária e professora, a viver em união de facto, não tem filhos, 37 anos).

As outras mulheres, mesmo aquelas que mais firmemente mencionaram a existência de repartição das lides de casa, acaba, por admitir que, por uma ou outra razão, o tempo que os maridos disponibilizam para tratar de assuntos não é o mesmo.

"não é equiparável, por um simples motivo, porque o meu marido faz investigação e, realmente, é um serviço, é um trabalho muito absorvente. (...) Não tenho coragem, mas não é porque se recuse, é... por compreender... que realmente é um trabalho terrível..." (entrevista 1.5; auditora e professora, casada, ajuda a educar vários adolescentes sem os ter adoptado, 49 anos)

"perco o dobro do tempo, num dia só! (...) eu ocupo mais horas, porque eu, de facto, tenho estruturalmente uma cabeça que me... me leva a ocupar mais... mais horas em casa." (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

5.2. Não Repartição das Tarefas entre Marido e Mulher

Apesar das mulheres do Grupo 1 considerarem que deve haver divisão das tarefas domésticas, uma parte ainda significativa admite que, na prática, a mesma não existe.

"as tarefas domésticas devem ser divididas (...) na prática não é nada assim, em geral. Mesmo comigo não foi bem assim, e pronto e o meu marido é uma pessoa que não é, bolas, *é era incapaz de dizer alguma coisa que se o jantar não estivesse pronto a horas ou qualquer coisa"* (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos; referindo-se ao período em que vivia com o marido)

"A gestão das tarefas é: uma empregada 3 horas por dia e o resto faço-as eu! (...) Realmente, não faz nada!" (entrevista 1.7; empresária, casada, tem uma filha, 38 anos)

"o meu marido (...) em casa não fazia nada! É machista a 100%. (...) por exemplo, tarefas de cozinha, nem pensar... limpar casas de banho e fazer camas, não! Ou roupa... tratar de roupa, não. (...) sempre esteve a meu cargo, tudo o que fosse coisas domésticas, sempre foi a meu cargo." (di-lo com um certo orgulho...) (entrevista 1.16; professora, separada, a iniciar o processo de divórcio, tem três filhos, 42 anos; referindo-se ao período em que coabitaram).

Algumas mulheres fazem questão de ser elas mesmas a desempenhar determinadas tarefas domésticas. Embora reconheçam que devem contrariar essa tendência, acabam por não resistir a fazer o que consideram que só fica bem, quando é feito pelas próprias. Efectivamente, constituem bons exemplos do que Kaufmann constatou, *"as diferenças de formas de fazer produzem capital negativo*

para aquele que, de entre os dois companheiros, é o mais competente e o mais exigente."[220]

> *"tenho um defeito muito grande (...) as coisas só são bem feitas quando são feitas por mim! É terrível! Para estar bem feito tenho que ser eu a fazer. (...) mas é uma mania, eu sei que é, e que eu tenho que lutar muito para dizer «não, não pode ser, porque eu, também, não posso estar a fazer tudo!». Mas, não me importo, não... não... não sinto o trabalho doméstico... não sinto como uma obrigação, um peso, não!"* (entrevista 1.5; auditora e professora, casada, teve dois filhos, mas morreram ainda bebés, ajuda a educar vários adolescentes sem que os ter adoptado, 49 anos).

> *"há uma série de coisas, tipo, limpar a casa de banho... que eu acho que ele limpa tão mal, tão mal, tão mal que... eu é daquelas coisas que, aí, eu prefiro dizer: «Está quieto. Eu limpo!»... E, pronto e, depois, a questão das roupas... (...) sopa... sou eu sempre que faço (...) há algumas coisas que... que são minhas! Sou eu que faço."* (entrevista 1.13; psicóloga e professora, casada, tem um filho, 38 anos)

> *"há coisas que... que, de facto, sou eu, não é?! Porque... porque... porquê?! Porque se estiver o quarto desarrumado, eu chamo-os e não sei quantos... O meu marido é capaz de dizer: «Vocês têm que arrumar os quartos», não é?! E eu não... não digo só! Digo: «Vocês têm que arrumar os quartos!» e vou ver os quartos e digo: «mas isto ainda não está arrumado! Olha! Anda cá e não sei quantos...»"* (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

Algumas das entrevistadas do Grupo 1 justificam a atitude de não participação dos maridos nas tarefas domésticas com a educação que receberam e aquilo a que se habituaram.

> *"mas também (...) não foi educado de forma a encarar como tarefas próprias."* (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos)

> *"nunca foi muito habituado a fazer tarefas domésticas..."* (entrevista 1.7; empresária, casada, tem uma filha, 38 anos).

[220] Vd. Jean-Claude Kaufmann, *O Labirinto Conjugal. O Casal e o seu Guarda-roupa*, Lisboa, Editorial Notícias, 2002, p. 127.

Todas as entrevistadas casadas (ou a viver em união de facto) do Grupo 2, mesmo aquelas que anteriormente tinham feito alguma referência a uma ou outra ajuda da parte dos maridos, acabam por se referir à questão da repartição das tarefas domésticas como sendo inexistente. É de realçar que estas mulheres, sem excepção, mencionam ou que elas próprias fazem "tudo" ou que os maridos fazem "nada". O modo como expõem esta realidade deixa transparecer uma certa satisfação e até orgulho por serem elas as responsáveis e executoras de todas estas lides.

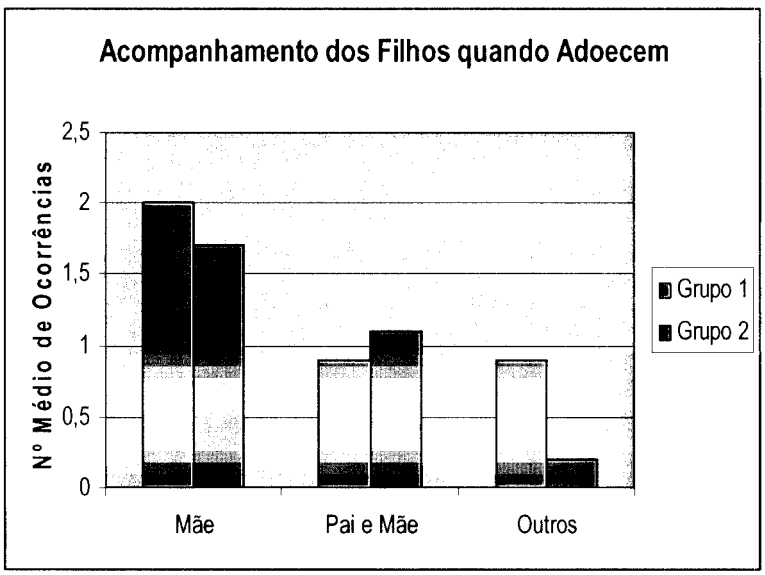
> *"É tudo comigo"!* (faz esta afirmação com muito orgulhoso...) (entrevista 2.2; desempregada, casada, tem dois filhos, 49 anos)
>
> *"Sou eu que faço tudo! (...) Porque, também, eu faço bem as coisas (...) Se eu lhe pedir, é capaz, mas eu como gosto de fazer as coisas, eu. Gosto. (...) sou eu que faço tudo!"* (entrevista 2.3; auxiliar educativa, casada, tem um filho, 41 anos)
>
> *"fica o leite para ele pôr no microondas dentro da chávena... O que é que fica?! (...) Levanto-me às 6 e meia, para fazer essas coisas todas!"* (entrevista 2.4; cozinheira, separada, a viver em união de facto, tem três filhos, 42 anos)
>
> *"agora, se for preciso, fica na cama até às tantas (porque é reformado) e...* puxa as orelhas à cama! *(...) também já tem muita idade, já não é homem para fazer assim muitas coisas! (...) Quando era mais novo, também, quando trabalhava no rio, andava sempre fora... À hora a que ele chegava não era hora de fazer nada! (...) era eu que queria! Ele se brincasse um bocadito, com os miúdos, já... já me fazia jeito"* (entrevista 2.5; auxiliar educativa, casada, tem três filhos, 64 anos)
>
> *"tenho um marido (...) não digo que ele seja mau... mas, não ajuda nada em casa! A nada, a nada, a nada! (...) Ele nem as coisas dele arruma! (...) O meu não faz nada... (...) Nada! Nada! Nada!"* (entrevista 2.6; empregada doméstica, casada, tem uma filha, 38 anos)
>
> *"Prefere comprar feito! Prefere ir comprar feito! Prefere ir comprar feito!" (ri-se... parece que considera normal o marido não desempenhar qualquer tarefa...)* (entrevista 2.8; empregada comercial, casada, tem dois filhos, 54 anos)
>
> *"Ele não faz nada em casa! Nada! É incapaz de pegar num aspirador e aspirar a casa, é incapaz"* (entrevista 2.9; tarefeira, a dar apoio numa sala de ensino especial, tem um filho, 35 anos)

"Eu era a escrava de lá de dentro! (...) Eu era a escrava ali, de todos." (entrevista 2.10; empregada de café, casada, tem duas filhas, 49 anos).

5.3. Acompanhamento dos Filhos quando Adoecem

"A mãe é muito mais tempo «mãe» do que o homem é «pai», e não apenas em tempo «objectivo»"[221]

Gráfico 16 – Acompanhamento dos Filhos quando Adoecem



O acompanhamento dos filhos é, maioritariamente, feito pelas mães ou pelos pais (leia-se: mães e pais), dependendo se se trata do Grupo 1 ou do Grupo 2. Em qualquer dos grupos de entrevistadas é menos frequente o acompanhamento ser feito por outros que não os progenitores. Ainda assim, as mulheres mais qualificadas acabam por recorrer mais a outros (que são normalmente os pais e sogros ou as empregadas) para desempenhar esta tarefa.

[221] Vd. François de Singly, *O Eu..., op. cit.*, p. 226.

Os Filhos são para as Mães…

A maior parte das mulheres do Grupo 1 opta por acompanhar os seus filhos quando estes adoecem. Segundo Singly, *"quando uma criança adoece, o que pode surpreender não é tanto o facto de as mulheres meterem baixa mais vezes do que os homens para tratarem dela (sabe-se por experiência), mas sim o facto de a maioria de uns e de outros sentirem essa decisão como «normal», como não injusta".*[222]

> *"ficou muito mais a meu cargo do que ao cargo dele. Sem dúvida!"* (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos)
>
> *"…os filhos são para as mães!"* (entrevista 1.6; pintora e ilustradora, casada, tem dois filhos, 38 anos).

As justificações apresentadas para esta atitude são muito díspares. Assim, desde o assumir que consideram ter uma sensibilidade que lhes permite cuidar melhor dos filhos, que os filhos preferem, até a questões de logística, como maior autonomia, mais liberdade, maior flexibilidade de horários servem de explicação para que os pais estejam mais ausentes. Relativamente a estas condições que as mães têm, é importante realçar que são, muitas vezes, criadas pelas próprias para que lhes seja possível estar mais facilmente disponíveis. Assim, não se podem ver como causas, mas antes como consequências…

> *"É que há coisas que… saem-nos da carne e que eles não sentem, por mais espectaculares que eles sejam, eles não têm essa sensibilidade"* (entrevista 1.6; pintora e ilustradora, casada, tem dois filhos, 38 anos)
>
> *"a primeira pessoa a faltar, sou eu. Mas, também, porque tenho… mais autonomia e mais liberdade, também, mas não é só por isso. É porque eu sou… sou a primeira a querer* estar em cima *dos filhos."* (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos)

[222] Idem, *ibidem*, p. 233.

"um horário mais flexível que nos permite isso, não é?! O meu marido estava noutro regime... noutro regime de horário..." (entrevista 1.9, recém aposentada, foi professora, tem três filhos, 59 anos)

"admito que (...) pelas crianças (...) mais, a mãe que está presente do que... do que o pai!..." (entrevista 1.1; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos)

"eu também era muito nova, não é?! Muito ingénua (...) Mas, mas acho que... não sei, talvez, também, por uma questão de... acho que as coisas nos vão sendo passadas, também! Para todos os efeitos, na altura, o filho... o cuidar do filho era muito minha responsabilidade, mesmo na minha perspectiva." (entrevista 1.13; psicóloga e professora, casada, tem um filho, 38 anos).

Os exemplos, mais vezes, apresentados são as consultas ao pediatra. Entre as mulheres do Grupo 1 que são mães, o mais vulgar, é serem elas a levar os filhos

"Portanto, nas consultas de pediatria, normalmente, era eu que ia..." (entrevista 1.10; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos)

"consultas médicas, por exemplo, fui sempre eu que fui. (...) se agora tivesse outro filho, ele pode ter a certeza que ia ele a todas as consultas do pediatra. A não ser aquelas em que o pediatra manda fazer a sopa e não sei o quê que queria ir eu, porque os homens são um bocado lerdos a perceber esse tipo de coisas, portanto aí... por uma questão de confiança, preferia ir eu!..." (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho já adulto, 38 anos).

Algumas das mulheres do Grupo 2, em menor escala, assumem ser elas a cuidar das crianças quando estas ficam doentes. Pelos discursos das entrevistadas não parece tanto, tratar-se de uma opção pessoal, embora também seja tida como "normal".

"ele sabia que eu também cuidava bem, tinha o apoio da mãe, já não era preciso ficar os dois em casa. (...) O trabalho dele, também, é mais... já complica mais faltar, não é?!" (entrevista 2.6; empregada doméstica, casada, tem uma filha, 38 anos; o marido é mecânico)

"Ele nunca... nunca fez nada!" (entrevista 2.7; repositora de um hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos; referindo-se ao período em que ainda era casada)

"Sou eu! Sou eu que falto quando ele adoece. Pronto! Se ele fica com temperatura e que precisa, mesmo, de ficar em casa, eu fico com ele." (entrevista 2.9; tarefeira, a dar apoio numa sala de ensino especial, casada, tem um filho, 35 anos)

"Para olhar por ela, para levá-la ao médico ou aqui ou acolá, ao... hospital ou... era sempre eu!" (entrevista 2.10; empregada de café, casada, tem duas filhas já adultas, 49 anos).

Mãe e Pai Presentes na Doença dos Filhos

Mesmo as entrevistadas do Grupo 1 que reconhecem a colaboração dos maridos no acompanhamento das crianças, quando estas adoecem, quase sem excepção, admitem que são elas, enquanto mães, a estar mais presentes. As justificações são, sensivelmente, as mesmas que foram apresentadas anteriormente: menor disponibilidade por parte dos maridos (devido à profissão), preferência por parte dos filhos em ter a mãe próxima...

"O meu marido, enquanto empresário, teria mais alguma dificuldade (...) mas se fosse... se... se fosse necessário (e penso que uma ou duas foi) ir ao médico, etc. ele... ele ia, mas... mas essa questão da doença sempre foi muito mais minha, até porque... os meus filhos, na doença ligam-se mais à mãe" (entrevista 1.11; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos)

"Eu acho que houve alturas em que eu fiquei mais, não é?! Porque, prontos! Foi... foi... alturas em que, profissionalmente, as coisas... as coisas se desenharam para, de facto, eu não ter as responsabilidades que o meu marido tinha, não é?!" (entrevista 1.15, administradora de empresa, casada, mãe de três filhos, 46 anos)

Também algumas mulheres do Grupo 2 reconhecem que o acompanhamento dos filhos é feito por ambos, embora a interpretação seja feita sobretudo no que respeita a ir com as crianças ao pediatra. Relativamente a esta questão há, ainda, a realçar que uma grande parte destas entrevistadas não tem carta de condução:

"Às vezes, ia ao hospital. É, quando eu estava a trabalhar... e que era em alturas de muito trabalho, no Natal que eu não podia faltar (...) Só!" (entrevista 2.2, desempregada, casada, tem dois filhos; o marido trabalha por conta própria como taxista)

"Um dia vai ele, um dia vou eu. Pronto! (...) porque eu também gosto de... que o meu marido vá, mas eu também gosto de ir! Também gosto de saber a posição dos médicos." (entrevista 2.3; auxiliar educativa, casada, tem um filho, 41 anos; não tem carta de condução).

Os Primeiros Substitutos são os Avós

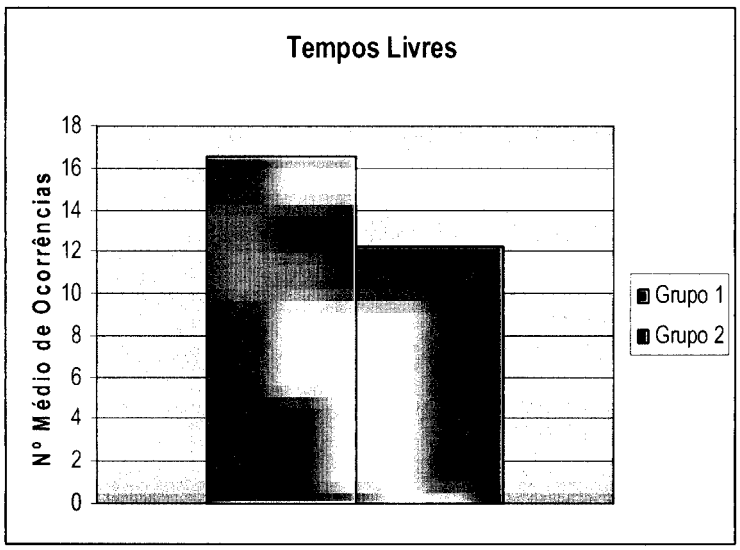
Apesar de muito mais frequente entre as mulheres que são mães do Grupo 1, também as do Grupo 2 encontram entre os pais e sogros a ajuda necessária para acompanhar os filhos quando adoecem. A colaboração dos avós permite, com frequência, a possibilidade de mãe e pai não faltarem aos respectivos empregos.

"em princípio, os primeiros substitutos são os avós..." (entrevista 1.8; advogada, casada, mãe de dois filhos, 36 anos; conta com a colaboração dos pais e dos sogros)

"Se é um problema, assim, que não tem temperatura, que pode ir para a avó, eu vou levá-lo à minha mãe e ele fica na minha mãe" (entrevista 2.9; tarefeira, a dar apoio numa sala de ensino especial, casada, tem um filho, 35 anos).

6. Tempos Livres

Gráfico 17 – Tempos Livres



Os tempos livres são usados de forma muito diferente entre as mulheres de um grupo e do outro. As preferências, bem como a disponibilidade económica são, de facto, muito distintas ao nível das práticas culturais e de lazer.

Fazer Só o que dá lhes dá Prazer... ou aos Filhos

As entrevistadas do Grupo 1, de algum modo, procuram criar condições para que nos seus tempos livres possam reger-se, o menos possível, por horários e obrigações, já que estão tão sujeitas a isso, ao longo do dia e da semana.

> *"eu nos tempos livres (...) não quero grandes programas. Calendários, nem pensar! Horários rígidos, nem pensar! Pronto! É ao momento. (...) os meus tempos livres são mesmos livres. Quer dizer, não... sem relógio, sem calendário, sem... e portanto, é um bocadinho esse ambiente que... que eu... que eu favoreço."* (entrevista 1.10; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos).

As opções das mulheres do Grupo 1 deixam transparecer alguma semelhança nas preferências. A primeira escolha, por parte destas entrevistadas, é a leitura. Quase sem excepção referiram, nos seus relatos, o seu gosto e hábito desse tempo de lazer. Curiosamente, uma prática solitária.

> *"Gosto muito de ler"* (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)
>
> *"É assim, há uma coisa que eu gosto muito de fazer que é ler."* (entrevista 1.3; empresária e professora, vive em união de facto, não tem filhos, 37 anos)
>
> *"Gosto de ler. Gosto... leio, leio imenso!"* (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos)
>
> *"Ai! Ler!* (ri-se, talvez pelo ar de satisfação com que respondeu) *Tenho, como é que eu hei-de dizer, tenho o vício da leitura! Gosto muito."* (entrevista 1.5; auditora e professora, casada, teve dois filhos, mas morreram ainda bebés, ajuda a educar vários adolescentes sem os ter adoptado, 49 anos)
>
> *"Ainda o que sinto que vou consumindo de tempo livre de prazer é ler um livro ou outro... que gosto muito de ler e que de certa maneira me faz fugir à realidade da rotina."* (entrevista 1.6; pintora e ilustradora, casada, tem dois filhos, 38 anos)
>
> *"o meu único* hobby *é ler e, muitas vezes, leio antes de ir para a cama.... antes de ir."* (entrevista 1.7; empresária, casada, tem uma filha, 38 anos)
>
> *"leitura... (...) gosto de um bom livro"* (entrevista 1.9; recém aposentada, foi professora, casada, tem três filhos, 58 anos)
>
> *"Gosto muito de ler!"* (entrevista 1.12; pintora e professora, separada de uma união de facto, não tem filhos, 33 anos)
>
> *"todas as noites leio um bocado"* (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos)
>
> *"A partir do momento em que a pessoa tem a casa, também gosta muito de estar a ler (...) com frequência."* (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos)

Relativamente às mulheres mais qualificadas, uma das preferências mais referida é a de "estar com os amigos", o que pode passar por um fim-de-semana fora ou, simplesmente, juntarem-se a jantar, numa das casas. O importante é, mesmo o

convívio. Entre conversas e, eventualmente, jogos ou filmes, é privilegiado o ambiente de familiaridade conseguido num espaço doméstico.

> *"De vez em quando, reúne-se o grupo todo e vamos um* magote *de vinte pessoas passar o fim-de-semana a uma casa de turismo (...) adoro jantar em casa das outras pessoas, ou então que venham jantar a minha casa que não tenho problemas nisso (...) ir jantar fora a restaurantes, acho que já me passou completamente (...) acabo sempre por ir e tudo, mas não muito por vontade minha."* (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)

> *"Normalmente, ao... ao sábado à noite, (...) temos amigos a jantar lá em casa ou vamos jantar a casa de amigos e (...) andámos uma fase (...) das cartas, agora andamos na fase do trivial... mas, pronto... estar a jantar, estamos, um bocado, todos na conversa, depois jogamos. (...) no dia-a-dia (...) não troco um serão entre amigos (com mais dois ou três ou quatro casais) em amena cavaqueira e a jogar qualquer coisa, não troco isso por uma ida à discoteca, não!"* (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos)

> *"receber, adoro ter a casa cheia de amigos, sejam das minhas filhas, meus... Gosto imenso, tenho sempre a casa com muita gente..."* (entrevista 1.14; administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas, 44 anos)

> *"eu, ao fim-de-semana, agora tenho... tenho alguma necessidade de encontrar pessoas (...) para sentir o fim-de-semana preenchido"* (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

Estar em casa é uma opção, independentemente, de ser com amigos. Provavelmente, pelo facto da mulher do Grupo 1 passar muito tempo (ao longo do dia e da semana) no exterior, a casa passou a ser um local onde se sente particularmente relaxada.

> *"gosto muito de estar em casa (...) Tenho (...) fases em que ao fim-de-semana desligo os telemóveis e o que quero é que não me chateiem e preciso é mesmo de estar em casa"* (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)

> *"o domingo à tarde é* sagrado. *(...) venho para casa e... mas é a única altura em que eu consigo estar relaxada, porque impus-me a regra: não tenho que fazer nada no domingo à tarde, mas é a única altura. E fico aqui, como eu costumo dizer a* pastelar *no sofá, com um livro, se calhar estou com um livro, com uma revista e com a*

televisão, com um filme... Porque é importante também termos um momento de... de relaxamento" (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem um filha, 37 anos)

"Quando estou livre o que eu gosto, mesmo, é de sentar-me no sofá e ler." (entrevista 1.5; auditora e professora, casada, teve dois filhos mas morreram ainda bebés, ajuda a educar vários adolescentes sem os ter adoptado, 49 anos)

"também temos muita vontade de... de ficar ali por casa, porque passamos muito pouco tempo em casa..." (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos)

"quando ele[223] *está, arranjamos sempre programas mais caseiros"* (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos)

"Adoro estar em casa, por incrível que pareça. (...) Adoro... estar em casa..." (entrevista 1.14; administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas, 44 anos)

"a pessoa cria um espaço seu que é comum (...) portanto, isso também nos sabe bem estar... estar em casa (...) e, portanto não sai tantas vezes" (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

O gozo de estar em casa está muitas vezes relacionado com a necessidade sentida de descansar ou, mesmo, dormir, ao fim-de-semana, depois de vários dias de trabalho intenso e desgastante física e intelectualmente.

"Há uma coisa que eu adoro fazer que é dormir e eu durante a semana durmo muito mal e aproveito, muitas vezes, ao fim-de-semana para dormir." (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)

"muito descanso" (entrevista 1.10; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos; desde que tomou posse deste cargo passa a maior parte do tempo em Lisboa, apesar de residir no Porto).

As saídas são, também, uma escolha de eleição para a maior parte das entrevistadas do Grupo 1. Férias e muitos fins-de-semana são, assim, aproveitadas para viajarem para locais mais ou menos distantes. No entanto, para algumas, colocam-se alguns obstáculos que não lhes permitem fazê-lo com a frequência que

[223] Refere-se ao marido que não gosta de sair.

desejariam: indisponibilidade financeira ou por falta de tempo ou, até, em alguns casos, de companhia. Com familiares, amigos, ou sozinhas, tudo depende das circunstâncias e das preferências.

> *"Há coisas que eu adoro fazer, mas não faço com tanta frequência como gostaria que é viajar! (...) porque não tenho tempo ou porque não tenho dinheiro ou porque... por qualquer outra razão (...) Há sempre alguma coisa que me impede... Por mim, eu... eu se tivesse disponibilidade monetária eu não passava nenhum fim-de-semana em Portugal. Adorava chegar à 2ª feira de manhã! Independentemente de ter que ir sozinha ou não! Não tenho problemas nenhuns nesse aspecto."* (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)
>
> *"Sozinha, não! Nunca fui! Em geral, vou... vou com a minha filha ou com amigos. (...) eu, ela e a minha irmã para o Algarve, vamos sempre uma semana. E pronto, normalmente, uma vez por ano viajámos os três*[224]*..."* (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos)
>
> *"Sempre gostei muito de viajar (...) sempre com a minha filha, claro! (...) sem a minha família isso não consigo. (...) Quer dizer, não me passa pela cabeça, ausentar-me de casa sem a minha filha."* (entrevista 1.7; empresária, casada, tem uma filha, 38 anos)
>
> *"neve, no Inverno."* (entrevista 1.11; empresária, casada, tem três filhos, 41 anos)
>
> *"Viajar, também, quando posso, depende da disponibilidade de tempo e financeira e também de companhia (...) para os Estados Unidos (...) porque fiz lá muitos amigos e... e vou lá de vez em quando passar umas temporadas e vou sozinha e destinos culturais, por exemplo, ir a Londres e saber que vou ver estas exposições e ir a Paris. Agora, viagens que me apetecia imenso fazer e que, ainda, não fiz, se calhar, também por falta de... companhia. Gostava de ir, por exemplo, à Índia, esse tipo de viagens que não me imagino sozinha. Mas, sempre que arranjo um grupo ou pessoas que eu acho que... que seria agradável viajar com elas... lá estou eu!"* (entrevista 1.12; pintora e professora, separada de uma união de facto, não tem filhos, 33 anos)
>
> *"Viajo muito, sozinha! É que eu preciso, mesmo... de estar só! É, mesmo, o meu alimento para o resto do ano, é estar só!... E... e gosto muito de viajar e de ir para sítios onde não tenho referência nenhuma, não é?! Nada! Onde é tudo novo, para*

[224] Os "três" são: a entrevistada, a filha e o marido de quem está separada de facto.

mim. (...) Adoro viajar (...) Férias de neve, vamos sempre juntos![225] *(...) as viagens podem ser com as minhas filhas ou sem elas..."* (entrevista 1.14; administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas, 44 anos)

"houve uma quebra nas... nas saídas, claro, férias... para fora, não! (...) eu sozinha não vou, não me vou meter num avião e ir para as Caraíbas, sozinha..." (entrevista 1.16; professora, separada, a iniciar o processo de divórcio – o que explica, também, esta "quebra" a que se refere –, tem três filhos, 42 anos).

Sair, como se vê, é uma forma de ocupação do tempo livre muito apreciada pela grande maioria das mulheres mais escolarizadas. No entanto, nem só viajar é importante, para estas entrevistadas, também os passeios o são, ao longo do ano. Estes passeios podem ser tão simples como andar a pé, ir até à praia ou tomar um café numa esplanada. Alguns destes programas são mais onerosos e, por vezes, impeditivos de ser realizados com a frequência desejada, à semelhança do que se verifica com as viagens.

"passear, dentro do possível, principalmente depende se há dinheiro para isso!" (entrevista 1.1; quadro superior, solteira, não tem filhos, 25 anos)

"saio muitas vezes só pelo prazer de sair e estar numa esplanada." (entrevista 1.3; empresária e professora, a viver em união de facto, não tem filhos, 37 anos)

"Damos... quando damos, uns passeios" (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos)

"gosto de um bom passeio na praia" (entrevista 1.10; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos)

"ao longo do ano, passeios (...) gosto da praia" (entrevista 1.11; empresária, casada, tem três filhos, 41 anos)

"Gosto muito de andar a pé. Muito!..." (entrevista 1.14; administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas, 44 anos).

[225] Refere-se à família alargada (filhas, irmão, sobrinhos...).

Jantar fora é menos referido pelas mulheres do Grupo 1, mas percebe-se que também é frequente fazerem-no e é do seu agrado, sobretudo quando é só o casal a ir.

> *"Volta e meia, jantamos... jantamos fora, também! Isso, isso é um hábito. Inclusivamente, de vez em quando, vamos jantar só nós os dois, sem amigos! Só nós os dois!"* (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos)
>
> *"la mais vezes jantar fora, mas pronto..."* (entrevista 1.16; professora, separada, a iniciar o processo de divórcio, tem três filhos, 42 anos; referindo-se ao período em que o marido ainda estava a viver com ela).

As saídas à noite, para beber um copo, ouvir música ou dançar, a uma discoteca ou um bar, embora não sejam frequentes, parecem ser muito apreciadas como um bom programa para levar a cabo de longe a longe.

> *"beber um copo onde quiser."* (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)
>
> *"música e discoteca (de vez em quando) para arejar... arejar..."* (entrevista 1.11; empresária, casada, tem três filhos, 41 anos)
>
> *"De longe a longe, ir até...ir a um bar, mas isso é quando vou sozinha, porque... o meu marido detesta! E, portanto, nunca vai. (...) adoro dançar (...) e ele detesta dançar! Aliás, não sabe dançar, sequer. E, portanto, eu nesse tipo de coisas, é... é tipo, sei lá, jantares de fim de ano ou jantares de Natal do infantário em que depois... ou despedidas de solteiro, ou coisas do género que, entretanto, depois vamos... para a noite e aí, eu estou para aí umas 5 horas a dançar! (...) aproveito essas alturas"* (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos).

As saídas de casa para práticas culturais, por parte das entrevistadas mais qualificadas, são com muita frequência para ir ao cinema. Trata-se, na realidade, de um tempo de lazer muito apreciado, pela maioria das entrevistadas (sobretudo aquelas que vivem sós), fazem-no na companhia de amigos ou sozinhas. Como

refere Kaufmann, *"o cinema faz parte dos mil e um prazeres da vida a solo: as mulheres sós vão ao cinema três vezes mais do que as casadas."*[226]

> *"gosto muito de ir ao cinema"* (entrevista 1.1; quadro superior, solteira, não tem filhos, 25 anos)
>
> *"passo a vida a ir ao cinema, vou muito ao cinema! Vou muito ao cinema"* (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)
>
> *"não deixo de ir ao cinema"* (entrevista 1.3; empresária e professora, a viver em união de facto, não tem filhos, 37 anos)
>
> *"Vou muito com uma... uma amiga minha (...) ao cinema (...) Por exemplo, às vezes, calha de ela já ter visto o filme, eu quero ir e, portanto, durante a semana, também é raro as pessoas terem grande disponibilidade, muitas vezes apetece-me e vou, sozinha, também. Não tenho problema nenhum!"* (entrevista 1.12; pintora e professora, separada de uma união de facto, não tem filhos, 33 anos)
>
> *"não deixo de ir ao cinema."* (entrevista 1.16; professora, separada, a iniciar o processo de divórcio, tem três filhos).

Estas mulheres apreciam o cinema, embora, algumas delas, actualmente optem por vê-lo nas suas casas ou, eventualmente, em casa de amigos. A rapidez com que os filmes mais recentes estão disponíveis na televisão por cabo e em DVD é uma das razões para não se deslocarem a uma sala de cinema.

> *"Vejo muitos filmes, pronto,* DVD, *a* telecine, *ando na "onda" do cinema!"* (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos)
>
> *"Também posso estar em casa a ver um bom filme com eles, sentados no sofá."* (entrevista 1.10; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos)
>
> "*Vemos muito cinema, mas é em casa de amigos. Vai-se alugar um DVD, portanto o que não nos permite estar em cima do que mais, do que de mais recente."* (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos).

O teatro não é tantas vezes referido pelas mulheres do Grupo 1, como actividade de lazer de eleição, embora sejam em número significativo aquelas que o referem como

[226] Vd. Jean-Claude Kaufmann, *A mulher só..., op. cit.*, p.39.

sendo apreciado e uma prática habitual. Por vezes, a falta de oferta existente no Porto, leva as entrevistadas a deslocarem-se a Lisboa.

> *"Vou ao teatro bastante, sempre que posso, sempre que tenho oportunidade, outras vezes crio-as. (...) por exemplo, fui, quando foi a "Dama do Lago", queria mesmo ver, fui a Lisboa ver a peça."* (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos).

Os concertos e os espectáculos de dança são outros dos programas que agradam, particularmente, às entrevistadas do Grupo 1. Sempre que possível, uma parte delas, relativamente significativa, opta por uma destas diversões. Nem sempre aqueles que mais apreciam são apresentados no Porto, o que as motiva, algumas vezes as faz deslocarem-se a Lisboa.

> *"Gosto muito de ver espectáculos de música, dança... esse tipo de coisas que me apaixonam"* (entrevista 1.1; quadro superior, 25 anos, solteira, não tem filhos)
>
> *"gosto muito de ouvir música ao vivo (...) sobretudo de música clássica. (...) Quase todas as semanas em que há concerto, eu vou... A outro tipo de concertos de música sem ser clássica, vou muito pouco, até porque ao Porto vem muito pouca coisa. De vez em quando, vou a Lisboa..."* (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)
>
> "*não deixo de ir a um concerto (e às vezes vou aos que gosto menos como o de hoje!). Mas, prontos, a malta até quer ir, tudo bem!"* (entrevista 1.3; empresária e professora, a viver em união de facto, não tem filhos, 37 anos).

Outra das actividades culturais mais citadas é a ida a exposições, independentemente das entrevistadas mais escolarizadas estarem ou não ligadas, em termos profissionais, ao mundo artístico.

> *"vou muito a exposições"* (entrevista 1.10; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos)
>
> *"Gosto muito de ir a exposições..."* (entrevista 1.12; pintora e professora, separada de uma união de facto, não tem filhos, 33 anos)

"Gostávamos muito de ir, mas isso ainda faço, com uma amiga ou assim. Ir correr as *capelinhas*, como eu dizia, para a Miguel Bombarda e ver as galerias todas... Pronto! Claro, havia coisas... convites que... vinham para ele e que eu ia e deixei de ir, não é?!" (entrevista 1.16; professora, separada, a iniciar o processo de divórcio, tem três filhos, 42 anos; referindo-se aos períodos em que ainda vivia com a marido e ao actual).

Uma grande parte das entrevistadas do Grupo 1 é apreciadora da prática desportiva. O exercício físico faz parte das suas formas de ocupação dos tempos livres.

"sempre que posso vou ao ginásio, perto do atelier" (entrevista 1.12; pintora e professora, separada de uma união de facto, não tem filhos, 33 anos)

"eu faço três vezes ginástica por semana e acho que é uma coisa que me faz muito bem e... tanto fisicamente como psiquicamente!" (entrevista 1.16; professora, separada, a iniciar o processo de divórcio, tem três filhos, 42 anos).

O facto das mulheres terem filhos condiciona, em muito, as escolhas feitas para ocupação dos tempos livres, sobretudo quando são vários e ainda crianças. Verifica-se o reconhecimento de que houve uma perda relativamente ao tempo que o casal tinha só para os dois, que é lamentada.

"levar os miúdos a sair" (entrevista 1.6; pintora e ilustradora, casada, tem dois filhos, 38 anos)

"De vez em quando, ao sábado, quando o G. está em casa da avó e, se calhar, o M. até foi para casa da madrinha, conseguimos ir jantar fora. Mas, é muito raro... é muito raro. Temos muito poucos momentos em que estejamos... sós. (...) vamos até aos sítios que sejam mais interessantes para as crianças, não é?! Sou capaz de ir ao parque da cidade, porque o G. gosta de ir ao parque da cidade, ou sou capaz... No domingo antes de almoçar fomos tomar um café, lá abaixo à foz. (...) são muito pequenas as crianças e é uma altura muito complicada para... para o espaço exterior e para... Por exemplo, ir ao teatro que eu gosto... ou ir ao cinema..." (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos, 36 anos)

"gosto de comer gelados com os miúdos, quer dizer, pronto, coisas simples mas que sejam feitos com muito carinho, com muito amor, com muita espontaneidade e... e acho que nos tempos livres, às vezes, desço um bocadinho ao nível dos meus filhos

e participo com eles nessas... nessas brincadeiras (...) levo os miúdos, teatro, circo, portanto todo o tipo de actividades culturais e recreativas nós participamos (...) jardins públicos, jardins zoológicos, ateliers, esse tipo de coisas (...) desde pequenos estão habituados a ir a museus ou ver exposições. (...) ao fim-de-semana, faço uma actividade, com eles, diferente: ou cinema (...) acho que tem um bocado a ver com estado de espírito, seja meu, seja deles, também. Portanto, às vezes, são eles que sugerem, às vezes somos nós que sugerimos (...) Ou ir à piscina..." (entrevista 1.10; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos)

"Acho que gostava de ter mais tempo para estarmos só os dois." (entrevista 1.11; empresária, casada, tem três filhos, 41 anos)

"tento, também, fazer algumas coisas com elas, embora... normalmente, os programas delas, a mim não me agradam. Não me agradam, porque é sempre ou para o cinema ou para o shopping *e eu, só de pensar que tenho que ir a um* shopping, *ao fim-de-semana, é uma coisa... fico absolutamente* colapsada, *portanto, não dá!"* (entrevista 1.14; administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas – já adolescentes –, 44 anos)

"com os miúdos, de facto, cortámos. (...) quando eles eram muito pequeninos, deixar três, não é fácil. (...) fazer muitas coisas com os miúdos, não é?! (...) Portanto, no fundo, nós acabamos por se se pode dizer, compensar um bocado, alguma... alguma dificuldade de sair sozinhos e de fazer algumas actividades sozinhas, fazendo muitas coisas com eles, não é?! (...) acho que faço muito menos do que o que eu gostava de fazer." (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

As mulheres do Grupo 1 que não têm filhos, não têm esta preocupação, pelo que procuram, nos tempos livres, fazer aquilo que, na realidade, lhes proporciona prazer.

"Só faço, normalmente, o que me dá prazer!" (entrevista 1.3; empresária e professora, a viver em união de facto, não tem filhos, 37 anos).

A questão do estímulo para que se opte por programas culturais e de lazer parece ter, na realidade, um peso fundamental. As entrevistas ao Grupo 1 demonstram-no, de forma inequívoca, por exemplo com o caso específico da "Porto 2001":

"Quando há, assim, estímulos, acho que é mais... mais fácil. (...) de facto, eu acho, mesmo, que em 2001 fui a mais coisas do que nos últimos dez anos antes" (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos.

O "passeio dos tristes" é apreciado

As mulheres do Grupo 2 ocupam o seu tempo livre de um modo muito diferente das entrevistadas do outro grupo. No entanto, existe entre estas mulheres alguma uniformidade nas suas preferências e práticas de lazer.

De todas as formas de ocupação de tempos livres a mais vezes repetida, aliás, quase pela totalidade das mulheres do Grupo 2, é a ida ao café, à pastelaria ou ao restaurante. Esta prática varia consoante as possibilidades económicas, mas trata-se de um programa que não é oneroso (pelo menos, quando se trata apenas de um café) e possibilita estar um pouco com familiares ou gente conhecida com quem conversam um pouco. Confirma-se, assim, a tese de Elísio Estanque que refere *"para os sectores mais carenciados (...) não sobra muito mais espaço para além do que é ocupado na produção e na organização diária da vida familiar. Quando muito, os pequenos lazeres – ver a novela ou um jogo de futebol na televisão, a distracção com os amigos, uma ida ao café ou a meia hora de namoro dos mais jovens – são elementos de* escape *que ajudam a recuperar o ânimo para enfrentar o dia seguinte (...) Nestas condições, o acesso a consumos «culturais» fica fortemente condicionado".*[227]

"de manhã levanto-me vou ao cafezinho, quando tenho dinheiro, quando não tenho fico em casa." (entrevista 2.1; recém desempregada, solteira, não tem filhos, 46 anos)

"todos os dias venho tomar um café!" (entrevista 2.3; auxiliar educativa, casada, tem um filho, 41 anos)

"No domingo em que não vamos... em que ele não vai trabalhar, vamos almoçar fora..." (entrevista 2.4; cozinheira, separada, a viver em união de facto, tem três filhos, 42 anos)

[227] Vd. Elísio Estanque, *Entre a..., op. cit.*, pp. 312-314.

"apetece-me jantar fora (...) vou tomar o pequeno-almoço fora! (...) às vezes, apetece-me tomar os batidos e vou para a baixa beber os batidos (...) às vezes vou a Matosinhos, tomo café" (entrevista 2.7; repositora de um hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos)

"Vamos ao Arrábida, comer um gelado..." (entrevista 2.9; tarefeira, a dar apoio numa sala de ensino especial, casada, tem um filho, 35 anos; referindo-se a ela, ao marido e ao filho)

"Vamos num instante à padaria, vamos lanchar! (...) na padaria um bocadinho com mais pessoas a falar (...) os meus fins-de-semana é só o sábado que eu tenho (...) vamos ao cafezito tomar o pequeno-almoço (...) de longe a longe, a minha irmã vem (...) a minha casa (...) é onde paro, um bocadinho também, nesse espaço aí, é que eu fico um bocadinho... vamos lanchar" (...) Vamos lá em cima, beber o cafezinho (entrevista 2.10; empregada de café, casada, tem duas filhas, 49 anos).

Outras saídas são também apreciadas pelas entrevistadas do Grupo 2, no fim-de-semana ou nas férias. Ir até a um horto, até à beira-mar ou a um centro comercial, qualquer local que permita espairecer um pouco. Raramente vão sozinhas, optando por se fazer acompanhar quase sempre pelo marido e, raramente, por algum familiar ou amiga.

"Vou, às vezes, ao domingo de tarde (...) vou até ao horto (...) uma volta, (...) casa! (...) É só isso. É o passeio dos tristes, *como eu costumo dizer!"* (entrevista 2.2; desempregada, casada, tem dois filhos, 49 anos)

"eu tenho que vir arejar!" (entrevista 2.3; auxiliar educativa, casada, tem um filho, 41 anos)

"de verão... vou... se ele, às vezes, não for, meto-me no autocarro e vou até à foz... pronto! (...) Mesmo, para a miúda também sair de casa." (entrevista 2.6; empregada doméstica, casada, tem uma filha, 38 anos)

"Saio! Saio... Eu tenho um namorado! Saio com ele. Quando, às vezes, me chateio, se ele não for, eu vou! (...) Para centros comerciais, não é?! (...) E, às vezes, assim, na hora de jantar, faço o jantar, janto e vou dar uma volta! Dar uma volta mas, que é, lá está, é como lhe digo, não é?! Norteshopping" (entrevista 2.7; repositora num hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos)

"dar uma voltinha no carro. Vamos à beira mar ou vamos à aldeia ou... assim, a qualquer lado, passear. E é assim. Mais nada!" (entrevista 2.8; empregada comercial, tem dois filhos, 54 anos)

"às vezes, vamos... dar uma voltinha a pé, (...) vamos dar uma voltinha. (...) ou vamos até à praia, de verão (...) mais de manhã. (...) ou, então, ao sábado!" (entrevista 2.9; tarefeira, a dar apoio numa sala de ensino especial, casada, tem um filho, 35 anos)

"Só se a minha irmã, se estiver... na altura em que de férias, ela também está e ela, às vezes, diz: «Vamos ali. Queres ir comigo à praia?» mas, só de passagem. Não é?!" (entrevista 2.10; empregada de café, casada, tem duas filhas, 49 anos).

As entrevistadas do Grupo 2, por vezes, associam o prazer do passeio à necessidade de fazer compras. Assim, é frequente o destino da "voltita" ser lojas comerciais. As que são casadas fazem-se acompanhar dos maridos.

"Os dois é só: vamos às compras! Eu às vezes vou às compras e ele vai comigo!... Mas, ele não gosta muito de andar às compras. «Tu vais para ali e eu vou para aqui... depois, a gente encontra-se já!» Ele não gosta muito de andar às compras!" (entrevista 2.2; desempregada, casada, tem dois filhos, 49 anos)

"vamos dar uma voltita. Aproveita-se para ir fazer umas compritas, sempre. Uns iogurtes, assim umas coisas... e, depois, vimos embora." (entrevista 2.4; cozinheira, separada, a viver em união de facto, tem três filhos, 42 anos)

"Depois, é assim, comprar as coisas que preciso, vou ver montras" (entrevista 2.7; repositora de um hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos).

Ficar em casa é outra das práticas habituais da maioria das mulheres do Grupo 2, como forma de ocupação dos tempos livres. Na realidade, por vezes, estas mulheres quando ficam em casa, acabam por realizar tarefas domésticas que, nas entrevistas, referem como sendo os seus "tempos livres", outras vezes, procuram descansar um pouco do quotidiano cansativo (sobretudo, fisicamente) que têm. No caso das mulheres casadas do Grupo 2, percebe-se que, com alguma frequência, a decisão de ficar em casa, não é propriamente uma preferência, trata-se mais de uma iniciativa por parte dos maridos (que querem ficar em casa a descansar ou sair sem as suas respectivas mulheres), a qual a maioria destas entrevistadas segue por variadas razões: não conduzir ou, como se verá, não ter o hábito de sair sem a companhia deles.

"Em casa, deitada." (entrevista 2.1; recém desempregada, solteira, não tem filhos, 46 anos)

"gosto de dormir!" (entrevista 2.3; auxiliar educativa, casada, tem um filho, 41 anos)

"Ah! Nas férias andamos lá por casa..." (entrevista 2.4; cozinheira, separada, a viver em união de facto, tem três filhos, 42 anos)

"De Inverno, não se sai tanta vez (...) Estou entretida com a minha filha a falar com ela, a dizer-lhe as coisas, a fazer-lhe ver as coisas (...) A jogar e assim e eu, prontos... lá me entretenho um bocadinho! Pronto!" (entrevista 2.6; empregada doméstica, casada, tem uma filha, 38 anos)

"De tarde, não gosto de sair... Gosto de estar em casa! Estou sempre em casa de tarde! (...) E estou com os meus bichinhos em casa. Às vezes, quando está muito frio, estou no sofá, com um cobertor, com eles os dois, à minha beira... prontos! E estou em casa!" (entrevista 2.7; repositora num hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos)

"às vezes, vida de casa... que ... que é preciso fazer!" (entrevista 2.8; empregada comercial, casada, tem dois filhos, 54 anos)

"Não saímos muito (...) Porque o F. quando chega ao fim-de-semana, já está farto de conduzir! E, como depois de casada, eu nunca mais peguei no carro. (...) estou sempre um bocado limitada (...) ficamos em casa, como acontece muitas vezes, porque ele quer descansar (...) que, muitas vezes, não... não é isso que me... chateia, ficar em casa a descansar, porque preciso, realmente, de descansar, também, quando chega ao fim-de-semana... descansar a cabeça! Mas, às vezes, também gostava... chateia-me ficar em casa". (entrevista 2.9; tarefeira, a dar apoio numa sala de ensino especial, tem um filho, 35 anos)

"eu, nas férias (...) é dentro de casa. Não dá! Para sair... não dá (...) levanto-me de manhã, por volta das 9 horas (...) Nunca vou... passear, nem vou... Não dá! Como não dá, uma pessoa fica em casa." (entrevista 2.10; empregada de café, casada, tem duas filhas, 49 anos; tem dificuldades económicas e o marido está gravemente doente).

O ficar em casa permite ver televisão, o que às mulheres do Grupo 2, de uma maneira geral, agrada bastante.

"A ver televisão! Sempre fui assim!" (entrevista 2.1; recém desempregada, solteira, não tem filhos, 46 anos)

"Gosto de ver televisão, mas às vezes também, me canso" (entrevista 2.3; auxiliar educativa, casada, tem um filho, 41 anos)

"tendo um bocadinho de tempo livre, sento-me um bocadinho no sofá, a ver televisão" (entrevista 2.6; empregada doméstica, casada, tem uma filha, 38 anos)

"vejo televisão... muitas vezes!" (entrevista 2.7; repositora de um hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos)

"para ser franca, eu gosto de ver televisão." (entrevista 2.10; empregada de café, casada, tem duas filhas, 49 anos).

Os lavores não são tantas vezes referidos como o ver televisão. Mesmo assim, é significativo o número de entrevistadas do Grupo 2 que menciona estes trabalhos manuais como algo que lhes dá prazer... em alguns casos também dá algum rendimento complementar.

"Bordo!" (entrevista 2.2; desempregada, casada, tem dois filhos, 49 anos)

"Gosto muito de fazer ponto de cruz... faço muito ponto de cruz... (...) Ainda no outro dia, fiz muitos quadros. (...) Adoro fazer ponto cruz, fazer renda... camisolas, nem tanto" (entrevista 2.3; auxiliar educativa, casada, tem um filho, 41 anos)

"Eu gostava muito de fazer renda!" (entrevista 2.5; auxiliar educativa, casada, tem três filhos, 64 anos)

"Outras vezes, estou a bordar, porque adoro bordar! E eu bordo quadros para fora, também... também bordo quadros para fora e... e prontos!" (entrevista 2.7; repositora de um hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos).

Como já se referiu, as mulheres menos escolarizadas sentem alguma dificuldade, na sua grande maioria, em sair de casa sozinhas, ao contrário do que se verifica com as mulheres com mais qualificações. As que são solteiras, por vezes, acabam por abdicar de determinadas práticas de lazer por falta de companhia; as que são casadas saem, normalmente com os maridos (ou, eventualmente, com algum familiar ou amiga, no caso do marido não poder); as divorciadas, encontram-se num processo lento de adaptação ao novo estatuto – adaptam os programas em conformidade com o à vontade que sentem para os levarem a cabo sozinhas

(existem espaços que são mais problemáticos, porque mais incómodos). O cinema é um dos exemplos dados por Kaufmann na sua investigação sobre as mulheres sós, como um dos prazeres que as celibatárias usufruem mas é "preciso ter vencido a prova da fila da bilheteira."[228]

> *"gosto muito de baile, mas também para ir sozinha, acabo por não (...) Gosto muito de música de baile e de baile! Não é?! Mas... Como também ele não vai e, também, ir sozinha (...) Não tenho problemas nenhuns mas, para sair sozinha... sou um bocado complexada!"* (entrevista 2.1; recém desempregada, solteira, não tem filhos, 46 anos)
>
> *"Sozinha, não! Não! (...) não... não! Passear sozinha... não! Não! Não estou a ver... Passear sozinha..."* (entrevista 2.2; desempregada, casada, tem dois filhos, 49 anos)
>
> *"No domingo que ele trabalha, obriga-me a ir com ele (...) obriga-me a ir com ele... Não é obrigar a ir com ele"* (entrevista 2.4; cozinheira, separada, a viver em união de facto, tem três filhos, 42 anos)
>
> *"se eu quiser ir sair à noite, se estiver chateada com ele*[229]*, eu vou, mas já vou para centros comerciais, porque está muita gente, não é?! Não vou para um sítio sozinha, não (...) vou* na maior *sair sozinha (...) e vou sozinha jantar fora!* (está a falar sobre a sua nova postura com muito orgulho...) *Não tenho problema nenhum! (...) só que claro... vou jantar fora, vou aos centros comerciais! Porque é um sítio onde eu posso ir buscar a comida e comer numa mesa sozinha e que ninguém me incomoda! (...) quero tentar é ir ao cinema sozinha! É uma coisa que eu adoro é ir ao cinema e nunca vou. (...) porque não tenho com quem ir. Pronto... tenho muitas amigas e amigos e não sei o quê, mas são casais e eu não vou servir de vela, não é?! (...) vou tentar...conseguir ir, mas (...) de tarde, vou ter coragem de ir! (...) mulheres, não tenho problema nenhum... mas, é aquele tipo de homens, não é?! Uma mulher sozinha (...) Eu sinto-me, assim, um bocado...* para o esquisita*!"* (entrevista 2.7; repositora de um hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos)
>
> *"não temos esse hábito de... de ir passear com as minhas colegas e ele*[230] *ir com os dele... Não."* (entrevista 2.9; tarefeira, a dar apoio numa sala de ensino especial, casada, tem um filho, 35 anos)

[228] Vd. Jean-Claude Kaufmann, *A mulher só..., op. cit.*, p.39.
[229] Refere-se ao namorado com quem está, frequentemente, aborrecida.
[230] Refere-se ao marido.

As viagens, uma das ocupações dos tempos livres de eleição por parte das mulheres do Grupo 1, não têm grande adesão entre as mulheres do Grupo 2, para o que o factor económico terá, com certeza algum peso. São muito poucas as que fazem referência ao facto de apreciarem ou fazerem viagens. O facto de ter familiares emigrados facilita.

> *"vamos até Fátima, dois* diitas... *não vou assim para longe. Ele quer ir mas, eu não..."* (entrevista 2.4; cozinheira, separada, a viver em união de facto, tem três filhos, 42 anos)
>
> *"Geralmente, vou para o Algarve!"* (entrevista 2.7; repositora de um hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos)
>
> *"ainda, no ano passado, fui aos Estados Unidos, por exemplo. Tenho lá família e estive nos Estados Unidos, um mês, a passar férias..."* (entrevista 2.8; empregada comercial, casada, tem dois filhos, 54 anos).

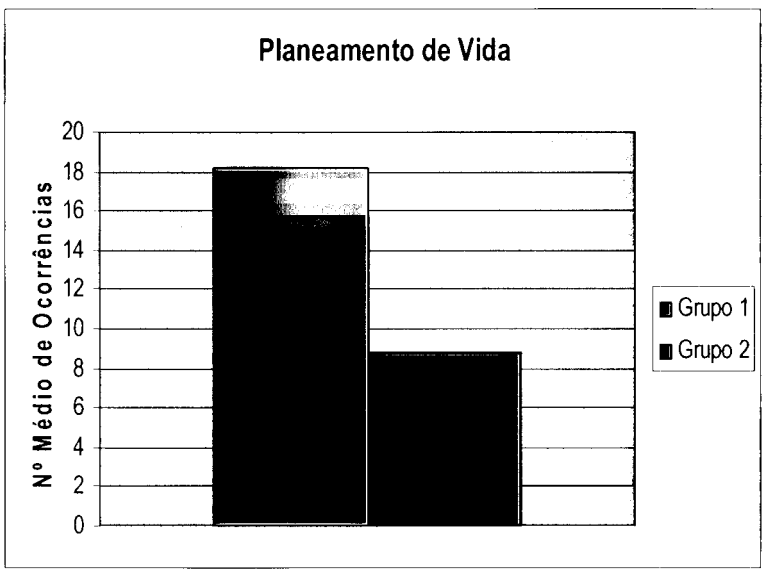
Outra das práticas culturais que afasta muito as mulheres de um grupo e de outro é a leitura. Ao invés das entrevistadas do Grupo 1, muito poucas mulheres pouco qualificadas apreciam a leitura. Na realidade, algumas até imaginam que gostariam mas fazem-no com muita dificuldade.

> *"Gosto muito de... de ler!"* (entrevista 2.3; auxiliar educativa, casada, tem um filho, 41 anos)
>
> *"Agora, já leio menos, porque os meus olhos estão a ficar muito cansados..."* (entrevista 2.5; auxiliar educativa, casada, tem três filhos)
>
> *"ler, gostava, mas há muita coisa que eu não percebo. Não leio."* (entrevista 2.6; empregada doméstica, casada, tem uma filha, 38 anos; tem apenas o 3º ano – antiga 3ª classe).

7. Planeamento de Vida

"As expectativas face ao futuro traduzem a forma como as pessoas se posicionam na sociedade e, nessa medida, exprimem a forma como encaram os seus problemas e perspectivas de vida"[231]

Gráfico 18 – Planeamento de Vida



As mulheres do grupo mais escolarizado desenvolvem bastante mais o tema do planeamento de vida, à semelhança do que se verifica com quase todos os assuntos. A forma como o futuro é encarado pelas entrevistadas de um e de outro grupo merece algum destaque, pelo facto de ser tão divergente.

Detesto Planeamentos...

Entre as mulheres do Grupo 1 verifica-se alguma uniformidade. O primeiro aspecto a realçar é o facto de a grande maioria não planear o seu futuro, pelo menos a médio ou longo prazo, o que algumas justificam com o receio da decepção, caso não consigam cumpriram com as metas que, eventualmente, estabelecessem. Explicam que aprenderam ser esta a melhor forma de estar, uma vez que o futuro é sempre

[231] Vd. Elísio Estanque, *Entre a...*, *op. cit.*, p. 229.

tão incerto. Esta postura não implica, como é óbvio que as mulheres mais qualificadas não definam objectivos nas suas vidas.

> *"não fazemos muitos planos"* (entrevista 1.3; empresária e professora, a viver em união de facto, não tem filhos, 37 anos; referindo-se a si e ao seu companheiro)
>
> *"Não tenho, assim, (...) neste momento, não tenho assim um projecto..."* (entrevista 1.5; auditora e professora, casada, teve dois filhos mas morreram ainda bebés, ajuda a educar vários adolescentes sem os ter adoptado, 49 anos)
>
> *"Eu não faço projectos, pelo menos a longo prazo, não faço. (...) nunca fiz projectos, pelo menos, a... ou de longo ou de médio. (...) porque é um bocado o receio, também, de colocarmos, se calhar, fasquias altas e não conseguirmos atingir e (...) não passarmos por essa frustração."* (entrevista 1.7; empresária, casada, tem uma filha, 38 anos)
>
> *"eu tenho objectivos bem definidos, mas os meus planos nunca são a longo prazo. São planos, relativamente, curtos."* (entrevista 1.10; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos)
>
> *"Eu detesto planeamentos."* (entrevista 1.11; empresária, casada, tem três filhos, 41 anos)
>
> *"Aprendi a nunca fazer, assim, muitos projectos a... a longo prazo, vou deixando as coisas acontecer (...) nós podemos fazer projectos até a muito longo prazo, mas nós não sabemos o que é o dia de amanhã. Portanto, eu não sei se estou cá, se não estou... Já não sou como as crianças que é preciso ser velhinho para se acreditar que é preciso ser velhinho para se morrer e, portanto, não... não gosto de perspectivar as coisas (...) Normalmente, não faço projectos, assim, a muito longo prazo, porque acho que se corre o risco, depois, de nos decepcionarmos por não conseguir concretizá-los. (...) As coisas vão surgindo e eu vou... vou agarrando, à medida que... que surgem, vou agarrando as oportunidades e, pronto!"* (entrevista 1.13; psicóloga e educadora de infância, casada, tem um filho, 38 anos).

Esta atitude leva a que as entrevistadas do Grupo mais escolarizado procurem viver, o melhor possível, o dia-a-dia. Viver o quotidiano em paz e serenidade é aquilo que pretender alcançar no seu quotidiano. Dizem não se tratar de pessimismo mas de sensatez.

"nem sequer me dou ao trabalho de pensar nisso. Viver um bocadinho o dia-a-dia com a tal paz e serenidade (riso) que eu tento conseguir (...) também não sou nada derrotista, aquele... "é tudo negro ... preciso muito que as coisas mudem", não, para mim... não sou muito optimista mas... tento ser o mais sensata possível, em relação a quase tudo" (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)

"Eu sempre tive uma lógica de viver um bocado o dia-a-dia, de muitas coisas se irem construindo aos bocadinhos." (entrevista 1.3; empresária e professora, vive em união de facto, não tem filhos, 37 anos)

"O futuro, para mim, não tem que ser, necessariamente, melhor do que o resto (...) não vejo o futuro como, como se fosse assim um vector... necessariamente, evolutivo, positivo (...) quer dizer, vejo que... o futuro existe se... se eu realmente viver o dia." (entrevista 1.5; auditora e professora, casada, teve dois filhos, mas morreram ainda bebés, ajuda a educar vários adolescentes, 49 anos)

"deixei de pensar a longo prazo. (...) prefiro viver o momento. Não me apetece muito: «o que é que vou fazer, o que é que...». (...) Não vale a pena! Nunca se sabe o que vai acontecer. Se calhar, isso foi também da... da... da relação que eu tive ter terminado e ter ficado um bocadinho descrente, em relação a variadíssimas coisas! (...) até, na altura em que eu... em que me apetecia estar... construir alguma coisa com alguém e que tinha essa pessoa (...) de repente, as coisas começaram a correr muito mal e... e aqueles valores... coisas que eu dava como certas... (...) comecei a ver que não era bem assim, que as coisas, de um momento para o outro, terminavam e... acho que, a partir daí, nunca quis... Acho que nunca mais aconteceu pensar... por isso é que, se calhar, nunca pensei em filhos" (entrevista 1.12; pintora e professora, separada de uma união de facto, não tem filhos, 33 anos).

Uma parte significativa das mulheres do Grupo 1, mesmo, preocupando-se mais com o momento presente, pensa no futuro, em termos da sua actividade profissional. Questões como a de uma eventual mudança, conquistar o mercado externo, ou simplesmente, conseguir manter a situação tal como está.

"ou continuar a trabalhar onde trabalho, ou... mas provavelmente trabalhar noutro organismo semelhante... ou também gostava de trabalhar num organismo mais... mundial, naqueles projectos na área do desenvolvimento (alguns não são cá) (...)

quando chegar é, em princípio, se tudo correr bem" (entrevista 1.1; quadro superior, solteira, não tem filhos, 25 anos)

"Em termos profissionais, não penso muito nisso. (...) Não estou a... a contar com nada de especial. (...) Quero que as coisas se mantenham, pelo menos, como têm corrido até agora. (...) já passei por aquela fase de dizer: «não! Quero abandonar isto! Quero mudar para outra coisa» (...) optei assim, e não estou nada arrependida (...) nada me garante que eu que não me venha a cansar. Eu acho que isso acontece, um bocado, a toda a gente! (...) mudanças se tiver a certeza de que vou mudar para melhor do que aquilo que estou. (...) Não podia implicar grandes riscos (...) tinha que ser muito... muito... uma coisa muito pensada muito estruturada e que me desse uma certa segurança (...) não gosto muito de aventuras (...) Não tenho essa vontade de que as coisas tenham que mudar (...) Se, inevitavelmente, alguma coisa mudar, então aí, eu aí pensarei se é uma boa mudança, se não é uma boa mudança." (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)

"A minha maior ambição, nesta altura, é poder sair para o mercado de fora. (...) era o meu maior sonho" (entrevista 1.6; pintora e ilustradora, casada, tem dois filhos, 38 anos)

"não prevejo largar as empresas, completamente, não!" (entrevista 1.14; administradora de empresa, divorciada, tem duas filhas, 44 anos)

"ainda, gostava de... de fazer algumas coisas (...) às vezes, não tenho muita facilidade de fazer roturas e de... não sou uma pessoa com grande facilidade de fazer roturas e tomar decisões... drásticas (...) em termos da... da minha situação, mesmo, a situação dentro do quadro da... da empresa, acho que é possível, um dia, mudar. Prontos! A questão das aulas (...) acho que posso vir a dar outra vez." (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

Este grupo de mulheres quando fala em futuro, mesmo sendo um assunto em que diz não pensar muito, refere-se (pelo menos uma grande parte delas) ao interesse por estudar mais: mestrado, nova licenciatura... As motivações são de vária ordem: desde o pretender aprofundar conhecimentos para poder desempenhar melhor as funções que executam em termos profissionais, até à mera satisfação pessoal. Para aquelas que não têm filhos torna-se mais fácil a realização destes planos, dado que contam com menos entraves, em termos familiares, o que se entende pelos

discursos, ao falarem de um modo mais determinado. As entrevistadas que são mães apresentam esta questão mais como um desejo e não tanto uma decisão.

> *"vou começar com o mestrado (...) está na altura de aprofundar os meus conhecimentos, mas, se calhar, o facto de eu também querer ir para fora (...) e estar a apostar nisso agora, também tem muito a ver com o facto (...) de na minha vida não haver muitas coisas que me condicionam e ter um determinado apoio nesse sentido, porque também não sei até que ponto é que... se fosse daqui por mais uns anos, casada e com filhos se faria essa opção, porque, provavelmente, havia questões familiares mais importantes."* (entrevista 1.1; quadro superior, solteira, não tem filhos, 25 anos)
>
> *"encarei agora a hipótese de tirar uma nova licenciatura. (...) é mais a tal satisfação. Apetece-me fazer uma coisa diferente, porque é, assim, eu sinto que estou* com um pé aqui, *na Advocacia, mas também não me quero sentir limitada, e é isso que eu acho. (...) não tenho entraves absolutamente nenhuns"* (entrevista 1.2; advogada, solteira, não tem filhos, 40 anos)
>
> *"em termos profissionais, gostava de ter tempo para estudar mais (...) gostava nomeadamente, de fazer o mestrado"* (entrevista 1.4; separada de facto, tem uma filha, 37 anos)
>
> *"gostava de experimentar algumas coisas, de... de... Como eu, há um bocado lhe dizia, a questão de uma pós-graduação não está posta de parte e de um investimento mais de investigação (...) mesmo que eu não consiga nunca ter um projecto de doutoramento, nunca vou deixar de... de gostar de aprofundar o conhecimento para evoluir em termos do que faço tecnicamente."* (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

O facto de ser mãe faz com que, em vários casos, o planeamento de vida seja traçado (ou esboçado) em função dos filhos. Com efeito, *"o que conta mais já não é (pelo menos conscientemente) a preocupação de melhorar a linhagem familiar, mas sim a preocupação do sucesso pessoal".*[232] Apesar de em alguns casos ser muito mais visível do que noutros.

[232] Vd. François de Singly, *O Eu..., op. cit.*, p. 194.

"Deus Queira que os meus filhos sejam felizes naquilo que forem e... e que fizerem da melhor maneira, mais consciente possível, que não pisem ninguém, que sejam correctos, que sejam felizes e, acima de tudo, já estou naquela fase que a saúde é importantíssima. (...) nem mesmo sonhando em... em grandes profissões nem nada... que sejam aquilo que eles escolherem, que sejam felizes. Eu acho que o facto de haver um filho bem, é a maior felicidade de um pai. Se isso acontecer já valeu a pena tudo! Todo o esforço! Todo o empenho do casal". (entrevista 1.6; pintora e ilustradora, casada, tem dois filhos, 38 anos)

"*planeamos a nossa vida, desde que nasceram as crianças completamente em função (...) deles. (...) tentar que as nossas crianças tenham... um bom nível de vida, vamos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance e vamos assumir os desafios para melhoramos (...) em termos de rendimentos (...) para lhes dar aquilo que for... que for possível. (...) gostava de conseguir que eles tivessem uma preparação (...) proporcionar-lhes uma boa escolaridade custa muito, muito dinheiro e nós perspectivamos a nossa vida, até as nossas opções... até as nossas opções de vida, em função daquilo que pode vir a ser o futuro... o futuro deles"* (entrevista 1.8; advogada, casada, tem dois filhos; 36 anos; os pais viviam com algumas dificuldades económicas)

"filhos (...) é uma peça fundamental de qualquer opção que eu faça na minha vida." (entrevista 1.10; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos).

Outro aspecto muito salientado nas entrevistas feitas ao Grupo 1 (sobretudo por aquelas que são mães) é a necessidade de ter mais tempo para si próprias, para os amigos, para a família, para fazerem aquilo que, efectivamente, lhes dá satisfação (ler, informar-se, descansar, passear, assistir a espectáculos...).

"ter mais tempo para mim própria (...) acontece comigo e com as minhas colegas: no início do ano judicial (...) vamos de fatinho e até nos pintamos um bocadinho, passado duas semanas estamos completamente desleixadas. Não temos tempo para nós! (...) temos que ter tempo para nós, temos que ter tempo para os amigos, temos que ter tempo para... para ler para nos informarmos, para descansarmos, para passearmos." (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos)

"a grande meta é... é... é.. é a conquista do tempo! Le temps perdu! 'tá ver?! É a partir de agora, ganhar tempo! Ganhar tranquilidade! (...) Acho que... que essa deve ser a grande meta do século XXI! Uma pessoa não se deixar enredar no excesso de stress e de competição. (...) sinto uma necessidade crescente de... de... de ter tempo!" (entrevista 1.11; empresária, casada, tem três filhos, 41 anos)

"assistir a alguns espectáculos, de... de, por exemplo (...) ler (...) gostava de ter mais tempo. O meu projecto, em termos pessoais, não é um projecto de grandes transformações... não tenho, assim, um projecto de ir viver para outro país, nem um projecto de ter mais filhos, não tenho projecto de mudar de marido... (ri-se... da sua própria piada...) *nem tenho o projecto de ter uma casa de praia...* (continua com a mesma boa disposição...) *(...) é mais gozar aquilo que eu gosto de gozar! (...) gozar aquilo que tenho, que é menos material e mais imaterial. (...) é muito mais o sentir-me bem! O conseguir gerir, às vezes, alguns conflitos que a pessoa tem sempre, em termos de motivação (...) tenho o projecto de... de manter uma... uma... uma... uma relação familiar, num núcleo familiar alargado, de alimentar isso! Sabe... sabe-me muito bem!"* (entrevista 1.15; administradora de empresa, casada, tem três filhos, 46 anos).

Associada à ideia de tempo para usufruir daquilo que mais gostam, encontra-se em diversos casos, a valorização da estabilidade e da tranquilidade.

"A determinada altura, acho que todos nós precisamos de... de estabilizar um bocado, de engordar, como eu costumo dizer!" (ri-se) (entrevista 1.3; empresária e professora, a viver em união de facto, não tem filhos, 37 anos)

"os projectos não são muito ambiciosos (ri-se) *O meu ideal de vida é mais uma vida mais pacata mais tranquila"* (entrevista 1.4; magistrada do ministério público, separada de facto, tem uma filha, 37 anos).

Algumas entrevistadas do Grupo 1 resumem o seu planeamento de vida à vontade que têm de ser felizes, o que implica realizarem-se profissional e pessoalmente.

"o meu objectivo de vida é, mesmo, ser feliz... ter... ser realizada profissionalmente e pessoalmente e, portanto isso esteve sempre presente, em qualquer circunstância e em qualquer idade." (entrevista 1.10; presidente de um instituto, casada, tem dois filhos, 41 anos)

"acredito que... acredito que ainda vou ser feliz! E ele também!" (entrevista 1.16; professora, separada, a iniciar o processo de divórcio, tem três filhos, 42 anos; referindo-se a ela própria e ao marido).

Um Emprego de Horário Normal e Ordenado Decente

Quando as mulheres do Grupo 2 falam sobre projectos de futuro a questão do trabalho está, inevitavelmente, quase sempre presente. Na realidade, o desemprego e as condições precárias em que a maioria delas exerce a sua profissão terão que constituir, para elas, uma das suas grandes preocupações. Mesmo quando é mencionado o desejo de ter saúde, este sentimento está interligado com a capacidade (ou necessidade) de continuar a trabalhar. Como refere Elísio Estanque, *"para os sectores mais carenciados, que necessitam de aceitar qualquer trabalho para assegurar a sobrevivência, «ter um emprego», seja ele qual for, é condição decisiva não só para a subsistência, mas simultaneamente para afirmar um estatuto socialmente digno".*[233]

"É um trabalho (...) eu já nem sei, olhe vou deixando passar para ver o que é que se passa e vou deixando correr as coisas... Mais de resto... O trabalho queria-o eu" (entrevista 2.1; recém desempregada, solteira, não tem filhos, 46 anos)

"era eu renovar o meu contrato (...) eu já me sinto realizada!" (entrevista 2.3; auxiliar educativa, casada, tem um filho, 41 anos)

"ficar a trabalhar na... na cozinha, não vou ficar sempre! Se eu não tiver a sorte de ficar no lugar da I... eu gostava muito de ter, assim, um restaurantezinho pequenino... (...) Não prevejo, assim, muitas coisas! Vou indo e vou vendo!" (entrevista 2.4; cozinheira, separada, a viver em união de facto, tem três filhos, 42 anos)

"tenho, assim, bastantes problemas de saúde e já não me posso atirar assim a muita coisa! Pelo menos, se eu puder ir aguentando o trabalho e a minha casa... e... da catequese e ir a estes movimentos da igreja." (entrevista 2.5; auxiliar educativa, casada, tem três filhos, 64 anos)

"que eu tenha saúde para trabalhar sempre e o meu marido, também" (entrevista 2.6; empregada doméstica, casada, tem uma filha, 38 anos)

[233] Vd. Elísio Estanque, *Entre a..., op. cit.*, p. 312.

"continuar a trabalhar onde estou, que adoro o meu trabalho..." (entrevista 2.7; repositora de um hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos)

"gostava imenso de arranjar um emprego, mas a tempo inteiro, que não fosse só as 5 horas como eu estou, a tempo inteiro... Acho que, mesmo, sentia-me muito mais realizada, ter assim um emprego de... de horário normal... ter um ordenado decente! (...) gostava imenso de, por exemplo, de ir para uma instituição onde houvesse (...) crianças pequeninas (...) Ou, então, num hospital! (...) em primeiro lugar, queria continuar a trabalhar com os meninos. Isso preferia!" (entrevista 2.9; tarefeira, a dar apoio numa sala de ensino especial, casada, tem um filho, 35 anos).

À semelhança do que se verifica com as entrevistadas do Grupo 1 que são mães, também os filhos das mulheres do Grupo 2 se encontram no centro das suas preocupações em termos de futuro. A inquietação relativamente ao destino dos filhos é, ainda, mais notória neste grupo de entrevistas. Os desejos são os de que estudem (pelo menos até ao 12º ano), casem, tenham emprego. Esta postura vai ao encontro do que refere Singly, *"o sonho do sucesso é permitido na medida em que reflecte uma preocupação legítima dos pais e em que permanece dentro dos limites razoáveis (que a criança não seja condenada a tornar-se substituto do pai ou da mãe".*[234] Quando os filhos conseguem alcançar estes desígnios, a missão destas entrevistadas parece estar cumprida.

"penso nos futuro dos meus filhos..." (entrevista 2.2; desempregada, casada, tem dois filhos, 49 anos)

"ter o meu filho formado... vê-lo bem casado, não é rico. Quero um rico filho, não um filho rico! Ter um futuro... que ele quer ser professor de Educação Física... de Desporto, ter assim o curso dele. Se não conseguir, ao menos, que faça o 12º ano e que me arranje um emprego." (entrevista 2.3; auxiliar educativa, casada, tem um filho, 41 anos)

"dar... um futuro para a minha filha... isso é que eu lhe queria dar, melhor que o que eu tive, desde pequena (...) Que arranje um bom emprego para ter as coisinhas dela!" (entrevista 2.6; empregada doméstica, casada, tem uma filha, 38 anos)

[234] Vd. François de Singly, *O Eu..., op. cit.*, p. 173.

"Tenho os meus filhos... o meu filho está... está arrumado, não é?! (...) tenho tudo feito, tenho os meus filhos criados... tenho a vida... a vida deles está organizada... portanto, a minha também está!" (entrevista 2.8; empregada comercial, casada, tem dois filhos, 54 anos)

"termos e dar ao T.[235] *(...) O essencial. Não o estragar com exageros, mas, assim, o essencial... gostava de lhe poder dar!"* (entrevista 2.9; tarefeira, a dar apoio numa sala de ensino especial, casada, tem um filho, 35 anos)

Pensar no futuro e planear a vida é algo que, como se viu, maioritariamente, as mulheres mais qualificadas afirmam não fazer. Atitude diferente têm as mulheres do Grupo 2. Pelo menos uma boa parte delas pensa e preocupa-se bastante com o que está por acontecer.

"eu penso no futuro, mas já pensei mais do que penso " (entrevista 2.4; cozinheira, separada, a viver em união de facto, tem três filhos, 42 anos)

"Eu penso muito no dia de amanhã! Penso muito no futuro!" (entrevista 2.7; repositora de um hipermercado, divorciada, tem um filho, 43 anos).

[235] Refere-se ao filho.

PROPOSTAS CONCLUSIVAS

Não existe um único modo de viver no feminino. As várias esferas da vida das mulheres são vividas de diferentes formas consoante o volume de capitais, factor decisivo para a constituição dos dois grupos de entrevistadas (Grupo 1: elevado grau de escolaridade; Grupo 2: baixo nível de escolaridade). De facto, verifica-se que o quotidiano das mulheres que foram escutadas nesta investigação tem muito pouco em comum e que o nível de escolaridade e a situação socioprofissional são factores de uma certa homogeneidade. Obviamente que não se tenta estabelecer uma relação de causa e efeito entre as duas condições. O que parece poder demonstrar-se com a análise dos resultados desta pesquisa é que as desigualdades associadas ao diferente volume de capitais, por parte das mulheres, produzem efeitos marcantes nas suas vidas, como é o caso da actividade profissional (importância e significado), a forma como se concilia o emprego e a vida doméstica, o modo como é encarada a família, a educação, as práticas culturais e de lazer e o próprio planeamento de vida.

Assim, apresentam-se, de forma resumida, as principais conclusões sobre estas diferentes vidas no feminino, identificando aspectos que as diferenciam e aspectos comuns.

De facto, é significativo o número de aspectos em que as mulheres com diferentes volumes de capitais se distanciam, mostrando como os diferentes mundos sociais em que vivem se reflectem de modo tão evidente na vida de cada uma delas:

1. Foi com satisfação que as mulheres com um elevado volume de capitais estudaram e adiaram os projectos de casamento e maternidade. Em muitos casos, esse investimento escolar prolonga-se durante a actividade profissional, pelas mesmas razões que as levaram a estudar até iniciarem a sua carreira e pelo reconhecimento da necessidade que têm de continuar a aprender. Frequentemente, esta continuidade do percurso escolar também é antecipada ou adiada em função da constituição de família ou do crescimento dos filhos.

As mulheres com um baixo volume de capitais que estudam, já adultas, fazem-no por razões de ordem mais imediata, que vão desde o auferir um subsídio (no caso de cursos financiados) à possibilidade de concorrer a determinados empregos para os quais são exigidas determinadas habilitações mínimas. Enquanto crianças e jovens, estas mulheres frequentaram a escola por obrigação, muitas delas sem qualquer motivação. Uma parte significativa dos progenitores não só olhavam para o estudo com desinteresse, como alguns exigiam mesmo o seu abandono. As condições económicas em que viviam obrigavam-nas a ajudar financeiramente os seus pais, o que também contribuía para que deixassem precocemente a escola.

2. A actividade profissional constitui um factor de realização para as mulheres com um elevado volume de capitais, o que facilmente se constata pelo número significativo das que abdicam de propostas de emprego financeiramente mais vantajosas, para optarem por realizar funções que as satisfaçam ou, até, aquelas que abdicam temporariamente da sua independência económica para apostar na carreira pela qual se sentem vocacionadas. O emprego é uma de várias esferas da vida a que dão importância, embora sublinhem que existem outras tão ou mais importantes. A entrada na vida activa é com frequência tardia.

Em contraste com esta postura, encontram-se as mulheres com um baixo volume de capitais que, sobretudo por necessidade financeira, começam a trabalhar ainda crianças ou muito jovens. A precariedade económica em que vivem as mulheres menos escolarizadas é uma motivação importante para que optem por exercer uma actividade profissional. A contrapartida financeira auferida proporciona uma independência económica que consideram fundamental e um nível de vida que julgam necessário para que elas e os filhos, quando os têm vivam com o mínimo de dignidade e conforto. É comum as tarefas que desempenham não as satisfazerem, até porque são vários os casos em que se viram obrigadas a seguir determinadas carreiras que não correspondiam ao que ambicionavam. Com alguma frequência, as mulheres deste grupo são pressionadas pelos noivos ou maridos para abandonarem a actividade profissional, o que normalmente é aceite, com alguma relutância e mais tarde arrependimento, procurando ir executando, em casa, alguns trabalhos manuais

(bordados, tricô...), de forma a evitar a completa dependência financeira. Mesmo assim, entendem que fica a faltar o reconhecimento por parte dos outros, que só existe quando a mulher trabalha fora de casa. O critério de escolha de uma determinada profissão é com frequência o salário, embora o convívio com outras pessoas seja também muito apreciado.

Para a grande maioria das mulheres com mais habilitações é difícil conciliar a carreira com a vida doméstica, embora o grau de dificuldade demonstrado seja variável. Para ultrapassar as dificuldades estas mulheres optam por várias estratégias: contratação de uma ou mais empregadas domésticas (internas ou externas); pedido de apoio à família (pais, irmãos, marido...); gestão equilibrada do tempo; definição eficiente de prioridades; escolha de uma residência próxima do local de trabalho, ou vice-versa, quando trabalham por conta própria ou são empresárias. Outros ajustamentos vão sendo feitos à medida que sentem necessidade, como, por exemplo, levar trabalho para fazer em casa, uso frequente do telefone e do telemóvel, ou confecção de refeições rápidas. A consciência de que a existência de filhos aumenta esta dificuldade, leva a que uma grande parte destas mulheres decida retardar a concretização do projecto de ser mãe. A escolha de uma determinada profissão e outras opções relativas à actividade laboral dependem fortemente da escolha de um determinado tipo de vida familiar.

Uma das grandes dificuldades que as mulheres com um baixo volume de capitais sentem na conciliação destas duas esferas das suas vidas é a lida da casa e os filhos (lavar, vestir, dar de comer...).

A discriminação sexual ainda existe, embora se esteja a desagravar, e é mais notória em sede de recrutamento e selecção para grandes empresas, bem como no acesso a cargos de chefia e promoção na carreira, o que as mulheres com um elevado volume de capitais consideram uma injustiça. Segundo entendem, a responsabilidade por esta situação é partilhada pelas próprias mulheres, uma vez que investem excessivamente na casa e nos filhos.

As mulheres com um baixo volume de capitais dizem não sentir este problema, embora seja de realçar que exercem cargos tradicionalmente femininos que, quase na sua totalidade, não são procurados por homens.

3. As mulheres mais qualificadas elogiam as suas mães, tanto em termos afectivos como intelectuais. Apreciam especialmente o serem sociáveis, liberais e extrovertidas. A maioria considera, igualmente, que a mãe é inteligente, perspicaz, assertiva, forte e talentosa. Orgulham-se de serem filhas de mulheres que acham carinhosas e dinâmicas. Quando estas características não são reconhecidas às mães, o que não é frequente, as mulheres mais escolarizadas criticam-nas por esse facto. A maioria das mães das mulheres com mais habilitações ou nunca exerceu uma actividade profissional ou abandonou-a a seguir ao casamento ou ao nascimentos dos filhos. De entre as que exerceram uma actividade profissional são várias as que não tiveram hipótese de seguir a sua vocação, por imposição paterna. Relativamente às suas habilitações literárias são extremamente variadas, desde as analfabetas às pós-graduadas. O que parece distanciá-las mais das suas filhas é a sobrevalorização da casa e da família na construção das suas identidades.

As entrevistadas menos escolarizadas consideram que os aspectos mais positivos da vida das suas mães e das opções que fizeram são o empenho na educação dos filhos, o saber e transmitir às filhas os lavores e o cuidar do campo sem descurar a casa. Esta avaliação corresponde a uma visão tradicional da mulher. O quotidiano era vivido em condições económicas difíceis, ou muito difíceis e de uma certa infelicidade, segundo a opinião das filhas. Com níveis de escolarização muito baixos ou nenhuns, exerciam profissões para as quais não precisavam de níveis mais elevados.

Viverem uma vida mais caseira é o que mais distancia o estilo de vida dos pais das mulheres mais qualificadas do estilo de vida delas. O que mais os aproxima é o culto da união da família.

Em contraste estão os aspectos que afastam o estilo de vida dos pais das entrevistadas com um baixo volume de capitais, pelo facto de viverem ou terem vivido situações de pobreza e, em muitos casos, de violência doméstica (do pai em relação à mãe). O empenho, por parte dos pais em facultar aos filhos tudo o que lhes era possível, desde o afecto às questões de ordem material, é o que estas mulheres consideram ser o aspecto que mais os aproxima.

Uma grande parte das mulheres com um elevado grau de escolaridade, ao educar os seus filhos, distancia-se bastante da educação que recebeu dos seus pais. Procura ser mais moderna, o que se reflecte numa maior proximidade entre uns e outros, cultivando a abertura e o diálogo. O investimento na educação e na formação cultural dos filhos aproxima a educação dada por estas mulheres da educação que receberam dos seus pais.

As mulheres menos qualificadas que consideram que a educação que dão aos seus filhos é parecida com a que receberam, apresentam alguns exemplos como o pudor da nudez entre pais e filhos e a existência de assuntos tabu.

Relativamente aos valores, as mulheres com um elevado volume de capitais entendem que transmitem os mesmo que receberam. Os "valores tradicionais cristãos" estiveram e continuam a ser a base de sustentação da educação recebida e dada, entre os quais são destacados: o respeito, a amizade e a igualdade. A união da família, a solidariedade, a humildade, a seriedade, o trabalho, a responsabilidade e a justiça também são considerados fundamentais.

A mulher menos escolarizada considera que os valores recebidos são os mesmos, devendo procurar incutir-lhes um pouco de "modernidade".

São em maior número as mulheres mais qualificadas que educam ou educariam um filho e uma filha de modo semelhante, do que as que o fazem de uma maneira diferente. Ainda assim, algumas admitem que sentem uma certa dificuldade para o pôr em prática, dado que entendem que as mulheres correm mais riscos. Este receio leva a que algumas decidam dar uma educação diferente às filhas, estando por exemplo mais atentas às suas companhias.

As mulheres com baixo volume de capitais que educam filhos e filhas de um modo diferente, que são a maioria, no que respeita às lides domésticas, apenas ensinam aos filhos o que eles têm vontade de aprender e apenas o que consideram ser mais importante, também com vista a que um dia possam ajudar as mulheres "se estiverem doentes".

As mulheres mais escolarizadas, ao contrário das outras, fazem uma avaliação positiva do casamento. O que destacam como sendo os aspectos que mais lhes agradam no matrimónio é a partilha e o amor. Independentemente do seu estado

civil, olham o casamento como um modelo de vida. Sem fazerem grandes planeamentos e sem alimentar demasiadas expectativas, continuam a sentir-se livres, mesmo depois de casadas, embora reconheçam que não é uma relação fácil de gerir, sobretudo pelas cedências que percebem ser imprescindíveis para ultrapassar uma série de problemas que vão surgindo entre o casal (aquilo que mais desmotiva as celibatárias para optarem pelo casamento). A monotonia parece ser, para estas entrevistadas, um dos maiores perigos do casamento. As inquietações aumentam quando nascem os filhos, pelo tempo e atenção que estes necessitam.

A mulher menos qualificada, de uma maneira geral, via o casamento como um sonho, que passava pelo dia e pelo tradicional vestido branco, mas também por ser mãe e constituir família. Os discursos deixam transparecer a desilusão que sentem anos após o dia tão desejado, o que facilmente se compreende se se atentar ao facto de muitas delas serem ou terem sido vítimas de violência física e verbal por parte dos maridos (frequentemente alcoólicos, passando períodos muito longos como desempregados e gastando, no jogo e na prostituição, quantias avultadas do ordenado delas).

A opinião das mulheres com diferentes volumes de capitais quanto ao que justifica o divórcio é muito diferente. Enquanto para as mulheres mais qualificadas o casamento deve manter-se se persistir a felicidade e o bem-estar; para as outras, apenas em situações de extrema violência ou em que um dos cônjuges não cumpre o seu papel se deve enveredar pelo divórcio. As mulheres mais escolarizadas, embora reconheçam que actualmente a ruptura conjugal é uma decisão que tem vindo a ser tomada com uma certa leviandade, consideram que é preferível para os filhos, em oposição ao que pensam as mulheres menos escolarizadas, para quem as crianças devem constituir um obstáculo à decisão da ruptura. Os casos das mulheres divorciadas ou separadas ilustram como a teoria e a prática, neste caso, são idênticas. No caso das que possuem um elevado volume de capitais, as razões que levaram à ruptura prendem-se com questões relacionadas com a distância física, diferentes objectivos, cansaço, insatisfação e mudança de sentimento em relação ao cônjuge. No caso das que possuem um baixo volume de capitais, foram os comportamentos dos maridos que se embriagavam e as agrediam que motivaram o divórcio.

Frequentemente, o celibato começa por acontecer por um conjunto de circunstâncias que não dependem da vontade de cada uma. No caso das mulheres mais qualificadas, o viver só passa mais tarde a ser uma opção, uma vez que o estar *a solo* começa a ser cada vez mais apreciado e a vontade de mudar diminui.

Postura diferente é a das mulheres menos qualificadas que, com o passar do tempo, receiam mais manter-se na mesma situação.

A mulher mais escolarizada entende que, quando é mãe, muda a sua maneira de ser e de sentir. Os aspectos positivos parecem superar largamente o que de menos bom implica a maternidade. Mesmo assim, alguns aspectos negativos são referidos: sem que se arrependa, lamenta a perda de liberdade e o tempo que se despende (mesmo podendo contar com o apoio familiar e de empregadas que contrata). A mulher menos escolarizada lamenta o trabalho que vê ser aumentado.

4. Para além do conflito conjugal motivado pelos filhos (pela forma diferente como ambos se relacionam com eles, pelos diferentes pontos de vista no que se refere à educação e também a decisão de os ter ou não), no casal formado com a mulher com um elevado volume de capitais, o cansaço e o excesso de trabalho são factores que, de algum modo, também contribuem para a conflitualidade.

As mulheres com baixo volume de capitais são de opinião que os conflitos que têm com os maridos devem-se, sobretudo, ao ciúme e ao dinheiro.

O modo como a mulher mais escolarizada procura ultrapassar os conflitos conjugais é através do diálogo, ao contrário da menos escolarizada que opta por não discutir, partindo do princípio que os problemas "acabam por passar".

5. A repartição das tarefas domésticas entre os cônjuges é mais frequente nos casais em que a mulher tem um elevado volume de capitais, embora o tempo despendido entre marido e mulher não seja equiparável. Estas mulheres, embora contem com a participação dos maridos, lamentam ter que lhes "pedir" para executar as tarefas. Talvez pela consciência de que na prática não existe igualdade na distribuição das tarefas, preocupam-se em justificar a situação com o facto terem

empregadas contratadas, com o pouco tempo que os maridos passam em casa, e com a educação e hábitos que estes "trazem". Também se responsabilizam pela situação, dado que reconhecem que sentem alguma satisfação em serem elas próprias a executar determinadas tarefas, ficando a colaboração dos respectivos maridos apenas para "quando é preciso".

A maior parte das mulheres com baixo volume de capitais não conta com o marido para a realização das tarefas domésticas. A situação não parece aborrecê-las, dado que demonstram satisfação, ao que pode corresponder um certo poder, na responsabilidade de assumir toda a gestão dessas lides de casa.

À semelhança do que acontece com a repartição das tarefas domésticas, a mulher mais escolarizada preocupa-se em esclarecer que acompanha mais os filhos na doença, porque o pai tem menor disponibilidade e os filhos preferem assim.

6. Nos tempos livres, as mulheres com elevado volume de capitais procuram reger-se o menos possível por horários e compromissos. A escolha mais frequente é a leitura, a que se segue o estar com amigos e o estar em casa, o que passa muito pelo descanso. Sair com familiares, amigos ou sozinhas é, também, uma escolha de eleição. Estas saídas tanto podem ser grandes viagens como simples passeios, jantar fora (menos apreciado), ir até um bar ouvir música ou dançar, programa muito apreciado para ser feito com pouca frequência. As saídas também são, frequentemente, para ir a o cinema, embora esteja a aumentar a opção de ver os filmes no conforto da casa e, mais raramente, para ir ao teatro, a concertos, espectáculos de dança e exposições. A prática desportiva também tem alguma expressão entre estas mulheres. Os filhos representam a maior condicionante em termos da escolha dos programas, o que permite às que não são mães optarem mais facilmente por aquilo que lhes dá prazer.

Muito diferente é o modo como as mulheres com baixo volume de capitais ocupam o seu tempo livre. A primeira escolha é a ida ao café, à pastelaria ou ao restaurante. A esta opção seguem-se os passeios até centros comerciais ou à beira-mar, quase sempre acompanhadas pelos respectivos maridos, uma vez que sentem alguma dificuldade em sair sozinhas. O prazer de sair é aliado à necessidade de fazer

compras. Assim como o gozo de ficar em casa, normalmente por decisão do marido se associa à realização das tarefas domésticas. O estar em casa também é sinónimo de ver televisão, prática bastante apreciada e de lavores (bordar, fazer renda, tricô...). As escolhas menos vezes mencionadas são a leitura e as viagens, precisamente aquelas que mais mulheres escolarizadas referem como as suas opções de eleição.

7. A maioria das mulheres com elevado volume de capitais diz não planear o seu futuro, pelo menos a médio ou longo prazo. Esta postura tem a ver com a procura de viver o melhor possível o dia-a-dia, o que não implica que não sejam traçados objectivos. Estes, quando se referem à actividade profissional, variam entre a manutenção da mesma situação até à mudança que, em alguns casos passa pela conquista do mercado externo. Relativamente ao estudo, são muitas as que pretendem dar continuidade, quer para aprofundar conhecimentos, quer pela satisfação pessoal. As mulheres que são mães são as que mais anseiam por vir a ter tempo para si próprias e para fazer aquilo que mais prazer lhes dá.

As mulheres com baixo volume de capitais, ao contrário das outras, demonstram preocupar-se muito com o futuro e pensam-no, sobretudo, em termos de trabalho, o que facilmente se pode compreender se se pensar que a grande maioria se encontra a trabalhar em situações de relativa precariedade, o que lhes causa uma grande insegurança.

Depois de verificados os aspectos que mais afastam as mulheres com diferentes volumes de capitais, afere-se, nesta altura, o que existe de similar nas suas vidas e na forma como a olham e a sentem, mesmo pertencendo a mundos sociais diferentes:

1. A aspiração a dar continuidade aos estudos tem uma finalidade semelhante para qualquer mulher: aprofundar conhecimentos, valorizando-se pessoal e profissionalmente.

2. A actividade profissional é uma dimensão da vida importante para a generalidade das mulheres. São as mulheres que são mães, independentemente do volume de capitais, as que consideram que a conciliação da carreira com a vida doméstica é mais geradora de ansiedade, a qual resulta num grande desgaste e numa perda do tempo de lazer, embora o façam com um certo grau de satisfação. O apoio familiar também ajuda a ultrapassar esta dificuldade.

3. As mulheres que consideram que ao educar os seus filhos distanciam-se da educação que receberam dos seus pais, explicam-no com a maior abertura e diálogo entre as duas gerações, e também com o maior grau de liberdade dada aos filhos. Os valores mais apreciados na educação recebida e dada pelas mulheres (independentemente do grau de escolaridade) são o respeito, a honestidade e a amizade.

O desejo de casar e constituir família é comum à maioria das mulheres (pelo menos até determinada fase da vida).

Qualquer mulher reconhece que há situações em que é preferível optar pelo divórcio, embora seja complexo e penoso.

O que é mais apreciado no celibato é a independência que permite, enquanto o aspecto mais negativo deste modo de viver é a solidão. Viver a só é considerado mais fácil para as mulheres do que para os homens.

Uma das esferas da vida da mulher mais apreciadas é a maternidade, correspondendo, pelo menos até determinada altura da vida, a um profundo desejo.

4. O conflito conjugal relacionado com os filhos é o mais frequente independentemente do grau de escolaridade das mulheres. É frequente os gostos e preferências não serem partilhados pelos cônjuges o que, em alguns casos, despoleta algum mal-estar entre ambos.

5. Quando existe colaboração dos maridos nas tarefas domésticas, trata-se mais de uma "ajuda" do que de uma verdadeira repartição das lides.

Também o acompanhamento dos filhos quando adoecem é feito sobretudo pelas mães.

6. A única semelhança que se vislumbra entre as preferências da forma de ocupar os tempos livres entre as mulheres com diferentes níveis de escolaridade é a valorização do descanso, o que pode ser entendido pelo facto de todas viverem um quotidiano extremamente desgastante.

7. As mulheres que são mães delineiam o seu futuro muito em função dos filhos, o que ainda é mais notório entre as que têm um baixo volume de capitais.

Existem inúmeros aspectos de tradicionalidade na sociedade portuguesa que persistem, enquanto alguns aspectos típicos de modernidade já estão muito marcados. Neste ambiente social de sincretismos tão evidentes, as mulheres portuguesas continuam a não ter as mesmas *hipóteses de vida*, o que também condiciona as suas escolhas.

Assim, pensar a realidade da vida das mulheres implica pensar os mundos sociais em que as mesmas vivem. Às diferentes habilitações literárias que possuem associam-se outros factores que se vão repercutir nos seus modos de vida. A situação profissional, a vida familiar, a ocupação dos seus tempos livres, a forma como encaram o futuro são esferas, quase sempre, vividas de modo distinto e segundo diferentes modelos comportamentais, valores e atitudes. A vivência e convivência em diferentes meios sociais promovem diferentes estilos e oportunidades de vida.

Não obstante todas essas diferentes oportunidades, é extraordinária a importância atribuída pelas mulheres ao trabalho e a família, independentemente do seu volume de capitais. Estas duas dimensões parecem persistir como fundamentais, ainda que o investimento feito implique o abdicar de pensar nelas próprias enquanto *eu íntimo*. A construção da sua identidade é sempre feita na relação com a família e na relação com o trabalho.

Apesar das diferenças abissais entre a vida das mulheres com um volume distinto de capitais, o seu desejo parece recair quase sempre no ver cumprido o papel que viam ser desempenhado (ou desejariam ver) pelas suas mães, enquanto *donas de casa* exemplares e pelos seus pais, enquanto trabalhadores reconhecidos e com mérito.

BIBLIOGRAFIA

AAVV, *Actas do Congresso Mundial do Lazer*, Edições do ICS, 1994

ABOIM, Sofia; **WALL**, Karin, "Tipos de família em Portugal, interacções, valores, contextos" in *Análise Social*, nº 163, ICS, 2002.

ALMEIDA, Ana Nunes de, "Trabalho feminino e estratégias familiares" in *Análise Social*, nº 85, 3ª série, ICS, 1985.

ALMEIDA, Ana Nunes de, "Perspectivas dos Jovens Portugueses sobre a família e o casamento" in *Análise Social*, nº 90, 3ª série, vol. XXII, 1º, ICS, 1986.

ALMEIDA, Ana Nunes de, A Fábrica e a Família: para uma sociologia das «famílias operárias» in *Análise Social*, nº 91, 3ª série, vol. XXII, 2º, ICS, 1986.

ALMEIDA, Ana Nunes de, "Entre o dizer e o fazer: a construção da identidade feminina" in *Análise Social* (XXII) 92-93, 1986.

ALMEIDA, Ana Nunes de, *A Fábrica e a Família: Famílias Operárias no Barreiro*, Edição da Câmara Municipal do Barreiro, 1993.

ALMEIDA, Ana Nunes de; **GUERREIRO**, M. D.; **LOBO**, C.; **TORRES**, A.; **WALL**, K., "Relações familiares: mudanças e diversidade" in José M. L. Viegas e António Firmino da Costa (orgs.), *Portugal, que Modernidade?*, Oeiras, Celta, 1998.

ALMEIDA, Ana Nunes de; **ANDRÉ**, Isabel; **LALANDA**, Piedade, "Novos Padrões e outros cenários para a fecundidade em Portugal" in *Análise Social* 163, 2002.

AMÂNCIO, Lígia, *Masculino e Feminino, A Construção Social da Diferença*, Porto, Edições Afrontamento, 1998.

ASHER, François, *Metapolis. Acerca do futuro da cidade*, Oeiras, Celta, 1998.

AZEVEDO, José Maria, *Disparidades Territoriais em Educação na Região do Norte. Indicadores de Escolarização construídos com informação dos Censos de 2001*, Porto, Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional – Norte, 2003.

BARRETO, António, *Situação Social em Portugal (1960-1999) – Indicadores Sociais em Portugal e na União Europeia*, Lisboa, ICS, 2001.

BARRETO, António, "Portugal na Periferia do Centro: mudança social: 1960 a 1995" in *Análise Social*, nº 134, 1995.

BOURDIIEU, Pierre, "Les trois états du capital culturel » in *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 30, 1979.

BOURDIIEU, Pierre, *La Distinction – Critique Sociale du Jugement*, Paris, Les Éditions de Minuit, 2002.

COSTA, António Firmino da; **MAURITTI**, R.; **MARTINS**, S. C.; **MACHADO**, F. L.; **ALMEIDA**, J. F., "Classes Sociais na Europa" in *Sociologia – Problemas e Práticas*, nº 34, 2000.

BARDIN, Laurence, *Análise de Conteúdo*, Lisboa, Edições 70, 1979.

DIAS, Isabel, "Amor e Violência entre os sexos" in *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras*, volume XIII, 2003

DOMINGUES, Álvaro, "Família e Reprodução Social: Reflexões Teóricas em Torno da Construção do Objecto Científico" in *Sociologia e a Sociedade Portuguesa na Viragem do Século*, *Actas* do I Congresso de Sociologia, Vol. I, Lisboa, Editorial Fragmentos e Associação Portuguesa de Sociologia, 1990.

DUBY, Georges; **PERROT**, Michelle, *História das Mulheres no Ocidente*, Vol. 4: O Século XIX, Porto, Edições Afrontamento, 1994.

DUBY, Georges; **PERROT**, Michelle, *História das Mulheres no Ocidente*, Vol. 5: O Século XX, Porto, Edições Afrontamento, 1995.

ESTANQUE, Elísio; **MENDES**, José Manuel, *Classes e Desigualdades Sociais em* Portugal, Porto, Afrontamento, 1998.

ESTANQUE, Elísio, *Entre a Fábrica e a Comunidade: Subjectividades e Práticas de Classe no Operariado do* Calçado, Porto, Afrontamento, 2000.

ESTEVES, António; **AZEVEDO** José (Eds.), *Metodologias Qualitativas para as Ciências Sociais*, Porto, Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1998.

FEATHERSTONE, Mike, *O Desmanche da Cultura*, São Paulo, Studio Nobel, 1997

FEATHERSTONE, Mike, *Cultura Global* (org.), Petrópolis, Editora Vozes, 1999.

FEATHERSTONE, Mike, *Cultura de consumo y posmodernismo*, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 2000.

FERREIRA, Pedro Mourão; **ABOIM**, Sofia "Modernidade, laços conjugais e fecundidade: a evolução recente dos nascimentos fora do casamento" in *Análise Social*, 136, 2002.

FERREIRA, Pedro Mourão, "Tendências e Modalidades da Conjugalidade" in *Sociologia – Problemas e Práticas*, 43, 2003.

FONSECA, Laura Pereira da, *Culturas Juvenis, Percursos Femininos. Experiências e Subjectividades na Educação das Raparigas*, Oeiras, Celta, 2001.

FORTUNA, Carlos (org.), *Cidade, Cultura e Globalização. Ensaios de Sociologia*, Oeiras, Celta, 2001.

GIDDENS, Anthony, *Sociologia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

GIDDENS, Anthony, *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta Editora, 2001.

GIDDENS, Anthony, *Transformações da Intimidade. Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*, Oeiras, Celta Editora, 2001.

GUERREIRO, Maria das Dores, "Evolução das Estruturas Domésticas" in *Sociologia – Problemas e Práticas*, 43, 2003.

HARVEY, David, *Condição Pós-Moderna*, São Paulo, Edições Loyola, 2001.

KAUFMANN, Jean-Claude, *A mulher só e o príncipe encantado*, Lisboa, Editorial Notícias, 2000.

KAUFMANN, Jean-Claude, *O Labirinto Conjugal. O Casal e o seu Guarda-Roupa*, Lisboa, Editorial Notícias, 2002.

KAUFMANN, Jean-Claude, *A Primeira Manhã. Como nasce uma história de amor*, Lisboa, Editorial Notícias, 2003.

LOPES, João Teixeira, *A Cidade e a Cultura. Um Estudo sobre Práticas Culturais Urbanas*, Porto, Edições Afrontamento, 2000.

LOPES, João Teixeira, *Novas Questões de Sociologia Urbana. Conteúdos e «orientações» pedagógicas*, Porto, Edições Afrontamento, 2002.

LOPES, João Teixeira, *Escola, território e políticas culturais*, Porto, Campo das Letras, 2003.

LOPES, João Teixeira, "O Estranho Mundo da Escola Secundária Ferreira de Castro" in *Ex Aequo*, número 7, 2003.

LOPES, João Teixeira, "Das Novas Formas de Participação Juvenil – A Juventude, passados 30 anos de Abril" in *Jornal da Academia do Porto*, Ano XVIII, Abril de 2004.

MACHADO, Fernando Luís; **COSTA**, António Firmino da, "Processos de uma Modernidade Inacabada, Mudanças Estruturais e Mobilidade Social" in José M. L. Viegas e António Firmino da Costa (orgs.), *Portugal, que Modernidade?*, Oeiras, Celta, 1998.

MEDEIROS, Fernando, "A formação do espaço social português: entre a "sociedade-providência" e uma CEE providencial" in *Análise Social*, nº 118-119, 1992.

NUNES, Adérito Sedas, *Sociologia e Ideologia do Desenvolvimento*, Lisboa, Moraes Editores, 1968.

PAIS, José Machado, *Ganchos, Tachos e Biscates – Jovens, Trabalho e Futuro*, Porto, Âmbar, 2001.

PERISTA, Heloísa, "Género e trabalho não pago: os tempos das mulheres e os tempos dos homens" in *Análise Social*, nº 163, ICS, 2002

POIRIER, Jean; **CLAPIER-VALLADON**, Simone; **RAYBAUT**, Paul, *Histórias de Vida. Teoria e Prática*, Oeiras, Celta, 1999.

QUIVY, Raymond; **CAMPENHOUDT**, Luc Van, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, 2003.

RÉMY, Jean; **LILIANE**, Voyé, *A Cidade: Rumo a uma Nova Definição*, Porto, Afrontamento, 1997.

SANTOS, Boaventura de Sousa, "Estado e Sociedade na Semiperiferia do Sistema Mundial" in *Análise Social*, nº 87/88/89, ICS, 1986.

SANTOS, Boaventura de Sousa, *Pela Mão de Alice. O Social e o Político na Pós-Modernidade*, Porto, Edições Afrontamento, 1990.

SHORTER, Edward, *A Formação da Família Moderna*, Lisboa, Terramar, 1995.

SILVA, Augusto Santos; **PINTO**, José Madureira, *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento, 1999.

SINGLY, François de, *O Eu, o Casal e a Família*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000.

SINGLY, François de, *Livres Juntos. O Individualismo na Vida Comum*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001.

TORRES, Anália Cardoso, "Casamento em Portugal – entre sim e o porque não?" in *Dinâmicas Multiculturais, Novas Faces, Novos Olhares*, Edição do ICS da Universidade de Lisboa, 1996.

TORRES, Anália Cardoso, *Divórcio em Portugal, Ditos e Interditos: Uma Análise Sociológica*, Oeiras, Celta Editora, 1996.

TORRES, Anália Cardoso, *Sociologia do Casamento. A Família e a Questão Feminina*, Oeiras, Celta Editora, 2001.

TORRES, Anália Cardoso, *Casamento em Portugal. Uma Análise Sociológica*, Oeiras, Celta Editora, 2002.

TORRES, Anália Cardoso, "A Sociologia da Família, a Questão Feminina e o Género" in *Ex Aequo*, número 6, 2002.

TORRES, Anália, "Casamento: conversa a duas vozes e em três andamentos" in *Análise Social*, 163, ICS, 2002.

VASCONCELOS, Pedro, "Famílias Complexas: Tendências de Evolução" in *Sociologia – Problemas e Práticas*, 43, 2003.

VIEGAS, José M. L.; **COSTA**, António Firmino da (orgs.), *Portugal, que Modernidade?*, Oeiras, Celta, 1998.

WALL, Karin; **LOBO**, Cristina "Famílias monoparentais em Portugal" in *Análise Social*, 150, 1999.

WALL, Karin; **JOSÉ**, São José; **CORREIA**, Sónia V. "Mães sós e cuidados às crianças" in *Análise Social*, 163, 2002.

WALL, Karin, "Famílias no Censo 2001: Estruturas Domésticas em Portugal" in *Sociologia – Problemas e Práticas*, 43, 2003.

WALL, Karin, "Famílias Monoparentais" in *Sociologia – Problemas e Práticas*, 43, 2003.

WALL, Karin; **Aboim**, Sofia "Perfis Regionais de Mudança Familiar: Síntese Final" in *Sociologia – Problemas e Práticas*, 43, 2003.

ANEXOS

Anexo A:

Informação Relativa ao Trabalho de Campo

Anexo 1:
Guião de Entrevista

Guião das entrevistas

- **Idade**

- **Estado civil**

- **Habilitações literárias**
  - *Razões do investimento em capital escolar*

- **Actividade profissional**:
  - *Importância e significado (forma de subsistência ou factor de realização)*
  - *Carreira*
  - Existe / não existe limitação pela necessidade de conciliação com a vida doméstica
  - *Discriminação no acesso ao emprego e na promoção na carreira*
    - conformismo ou desafio

- **Família**:
  - *Relacionamento com os pais e com os filhos*
    - que visão da vida da mãe e das suas opções
    - estilo de vida dos pais
  - *Educação*:
    - que distância entre a que recebeu e que pretende dar aos filhos
    - educar um filho e uma filha

- valores recebidos e transmitidos

- *Casamento, divórcio, celibato e maternidade*

- **<u>Conflitualidade conjugal:</u>**
  - conflitos mais frequentes ou prováveis
  - o que os motiva
  - como são resolvidos / ultrapassados

- **<u>Gestão do Tempo e do Espaço</u>:**
  - *Gestão das tarefas domésticas*:
    - existe repartição
    - o tempo despendido entre marido e mulher é equiparado
    - quando um filho adoece, quem falta ao emprego
    - a celibatária como concilia o emprego e a gestão doméstica
  - *Conciliação de diferentes tarefas*

- **<u>Tempos livres</u>:**
  - *Práticas culturais e de lazer*

- **<u>Opções / Projectos / Planeamento de Vida</u>:**
  - *Oportunidades*
  - *Riscos*

Anexo 2:
Grelhas de Análise Temática das Entrevistas

Análise Temática das Entrevistas

Quadro 1 – Análise de Conteúdo das Entrevistas

Categoria	Tema	Excertos	Nº de ocorrências
Habilitações Escolares	Percurso escolar – Razões do investimento em capital escolar		
	Percurso escolar – Razões do não investimento em capital escolar		
	Percurso escolar – aspirações		
Actividade Profissional	Importância e significado		
	Carreira – dificuldade na conciliação com a vida familiar e doméstica		
	Carreira – facilidade na conciliação com a vida familiar e doméstica		
	Existe / foi alvo de discriminação sexual no acesso ao emprego e na promoção na carreira		
	Não existe/ não foi alvo discriminação sexual no acesso ao emprego e na promoção na carreira		

Categoria	Tema	Excertos	Nº de ocorrências
Família	Relacionamento com os pais – visão da vida mãe e das suas opções – aspectos positivos		
	Relacionamento com os pais – visão da vida mãe e das suas opções – aspectos negativos		
	Relacionamento com os pais – visão da vida mãe e das suas opções – aspectos neutros		
	Estilo de vida dos pais – distância relativamente ao próprio estilo de vida		
	Estilo de vida dos pais – proximidade relativamente ao próprio estilo de vida		
	Educação – distância entre a recebida e a que é dada (ou se pretende vir a dar) aos filhos		
	Educação – proximidade entre a recebida e a que é dada (ou se pretende vir a dar) aos filhos		
	Valores recebidos e valores transmitidos (ou a transmitir) – semelhanças		
	Valores recebidos e valores transmitidos (ou a transmitir) – diferenças		
	Educação de um filho e de uma filha – semelhante		
	Educação de um filho e de uma filha – diferente		
	Casamento / União de Facto – aspectos positivos		
	Casamento / União de Facto – aspectos negativos		
	Casamento / União de Facto – aspectos neutros		
	Divórcio / Separação – aspectos positivos		
	Divórcio / Separação – aspectos negativos		
	Divórcio / Separação – aspectos neutros		
	Celibato – aspectos positivos		
	Celibato – aspectos negativos		
	Celibato – aspectos neutros		
	Maternidade – aspectos positivos		
	Maternidade – aspectos negativos		
	Maternidade – aspectos neutros		

Categoria	Tema	Excertos	Nº de ocorrências
Conflitualidade Conjugal	Conflitos mais frequentes ou prováveis / Motivos		
	Resolução dos conflitos		
Gestão das Tarefas Domésticas	Repartição das tarefas entre marido e mulher – existe		
	Repartição das tarefas entre marido e mulher – não existe		
	Equiparação do tempo despendido entre marido e mulher		
	Acompanhamento dos filhos, quando adoecem – Mãe		
	Acompanhamento dos filhos, quando adoecem – Ambos		
	Acompanhamento dos filhos, quando adoecem – Outros que não os pais		
Tempos Livres	Práticas Culturais e de Lazer		
Opções / Projectos / Planeamento de Vida	Projectos / Perspectivas para o futuro		

Anexo 3:
Análise de Conteúdo das Entrevistas
– Análise Vertical –

Análise de Conteúdo das Entrevistas
– Análise Vertical –

1 - Habilitações Escolares

A) Percurso escolar – Razões do investimento em capital escolar

1. Influência / incentivo / apoio familiar (Mãe / Pai / Marido)
2. Padrão / quadro familiar
3. Objectivo / vocação / vontade / meta / prazer pelo estudo
4. Bagagem cultural / necessidade
5. Tentar ter uma vida melhor que a dos pais

B) Percurso escolar – Razões do não investimento em capital escolar

1. Os pais não tinham capacidade económica para que estudasse
2. Foi criada numa aldeia onde não havia escolas para além da primária (1º ciclo)
3. O pai não deixou que continuasse
4. Não quis / não gostava (o pai queria que tirasse um curso de que ela não gostava)

C) Percurso escolar – aspirações

1. Intenção de dar continuidade aos estudos (doutoramento / mestrado / outra licenciatura / cursos)
2. Investir mais antes de ser casada e mãe
3. Investir mais depois dos filhos crescerem
4. Estudar (seminários / colóquios) para aprofundar conhecimentos / valorização profissional
5. Estudar pela valorização pessoal
6. Já está um bocado cansada / se fosse mais nova / tem vergonha / não tem tempo / acha que já não conseguia

2 - Actividade Profissional

A) Importância e significado

1. Essencial / muito importante / factor de realização
2. O trabalho é muito importante mas a parte mais bonita da vida é a família
3. Fonte de rendimento / de autonomia / de independência
4. A mulher que não trabalha fora de casa não é reconhecida
5. Alternativas menos interessantes / financeiramente eram compensadoras
6. Deixou a profissão que tinha porque ganhava menos
7. Quando casou / teve filhos deixou de trabalhar fora de casa por vontade do marido
8. Quando começou a trabalhar cresceu e amadureceu / É importante o contacto com as outras pessoas
9. Não desgosta
10. Sente-se útil

B) Carreira – dificuldade na conciliação com a vida familiar e doméstica

1. Grau de dificuldade:
   i) Quase incompatíveis / titânico
   ii) Alguma / bastante dificuldade
   iii) Esforço bastante grande / não é fácil

2. Estratégias:
   i) A gestão do tempo, a capacidade de organização e o método ajudam
      - Foi fazendo as opções / definição de prioridades com algum equilíbrio
      - Se estiver muito cansada come fora ou faz uma refeição menos elaborada
      - Procura estar em casa à hora do jantar
      - Leva trabalho para casa (noite / fim-de-semana)
      - Se precisar de trabalhar ao fim-de-semana leva os filhos
      - Investir mais antes de ser casada e mãe
      - Tem de haver da parte de um mais disponibilidade

- Só faz o trabalho doméstico quando lhe apetece

3. A limitação da carreira:
   i) Tive várias ofertas de trabalho não compatíveis com a vida familiar
   ii) Não segui a via diplomática, por se tratar de uma carreira muito penalizadora para uma mulher que quer ser mãe
   iii) Rescindiu o contrato por lhe terem criado muitos obstáculos para usufruir da licença de amamentação
   iv) Desistiu de concorrer para não ter que se afastar da família
4. Não permite ter tempos livres / lazer
5. O nosso tempo é gerido em função da família (com gosto)
6. É difícil ter tempo para dedicar à família (acompanhar mais os filhos)
7. É um conflito / Gera ansiedade / Provoca cansaço / desgaste

C) Carreira – facilidade na conciliação com a vida familiar e doméstica

1. Grau de dificuldade:
   i) Pouca / nenhuma dificuldade (nunca o trabalho a impediu do que quer que fosse)
2. Apoios:
   i) Apoio da família (filha / irmão / pais / sogros / marido)
   ii) Ajuda de uma empregada para as tarefas domésticas

D) Existe/ foi alvo discriminação no acesso ao emprego e na promoção na carreira

1. Ainda existe (no recrutamento e selecção e no acesso a cargos de chefia)
2. A mulher tem que ser boa profissional e credibilizar a sua actividade / Existe preconceito relativamente à forma como uma mulher consegue atingir determinado lugar de destaque
3. Quando ingressou na vida activa / Sentiu em termos de pré-selecção / na escolha das chefias
4. Não pôde ser admitida num banco e numa seguradora por ser mulher
5. As mulheres têm parte da responsabilidade
6. Reacções:
   i) Sentia-se desafiada e investiria mais

ii) Desportivamente / Recusa-se a aborrecer-se com isso

E) Não existe/ não foi alvo discriminação no acesso ao emprego e na promoção na carreira

1. Razões para a não discriminação:
   i) é uma área feminina, sobretudo
   ii) era uma empresa da família

3 - Família

A) Relacionamento com os pais – visão da vida mãe e das suas opções – aspectos positivos

1. Óptima mãe / extraordinária / admirável / um exemplo / muito especial / amiga
2. Muito bondosa / dócil / altruísta
3. Muito inteligente / perspicaz / bastante afirmativa
4. Muito forte / muito activa / determinada / sociável / muito extrovertida
5. Maneira de pensar muito liberal / não era preconceituosa / muito moderna
6. Muito activa / um "Furacão" (grande investimento na carreira profissional) / trabalhadora
7. Muito bonita / muito fresca
8. Estava sempre presente / conseguia dedicar tempo à família / acompanhou os filhos
9. Sente orgulho nela / gosta muito

B) <u>Relacionamento com os pais – visão da vida mãe e das suas opções – aspectos negativos</u>

1. É uma pessoa com algumas limitações, sobretudo (acha que foi por ficar em casa) / A falta de estímulo, nomeadamente a nível profissional, fez com que ficasse preguiçosa para usar as capacidades
2. Emocionalmente muito frágil, com tendências depressivas (não sabe se seria assim se tivesse um trabalho)
3. Era preconceituosa
4. Alguma falta de auto-estima / subserviente

5. Rígida
6. Pouco afectiva
7. Alcoólica

C) Relacionamento com os pais – visão da vida mãe e das suas opções – aspectos neutros

1. Teve uma educação religiosa muito tradicional
2. O casamento:
    i. Casou muito nova e as coisas não resultaram
    ii. Casou para sair de casa / para ter uma vida melhor
    iii. Foi uma pessoa muito feliz com o seu pai
3. Deixou de trabalhar quando casou / quando teve filhos
4. Não se arrepende de ter deixado de trabalhar / Abdicou de algumas coisas que gostaria de ter feito
5. Hoje arrepende-se de ter deixado de trabalhar
6. Tinha muito pouco tempo livre / Dedicou-se imenso ao trabalho
7. Não sei se foi feliz
8. Teve muita dificuldade em se adaptar às mudanças, a coisas modernas
9. Não tinha alternativa / não teve muitas opções
10. Não teve uma vida fácil / uma vida muito difícil / Passou fome
11. Foi pena que não tenha continuado a estudar
12. Foi pena ter deixado de trabalhar / que se tinha realizado mais se tivesse tido uma carreira
13. Preenche-se muito com a vida de casa / Viveu para a casa e para os filhos
14. Só depois de ser mãe compreendi / soube dar valor à minha mãe
15. Nunca seria a vida que escolheria para si

D) Estilo de vida dos pais – distância relativamente ao próprio estilo de vida

1. Completamente diferente / Muito diferente
2. Mais tradicionais

3. Vida simples / rotineira / nunca tiveram o mesmo ritmo de vida
4. Quotidiano muito difícil
5. Situação económica mais favorável
6. Acompanhamento por parte dos avós e dos tios onde os netos passavam temporadas
7. A mãe adaptou-se ao feitio / personalidade do pai
8. Diferente visão dos papéis do homem ("Chefe de família") e da mulher
9. Estão juntos com muito amor / Muito dependentes um do outro
10. Não tinham um relacionamento particularmente íntimo
11. O pai tinha uma vida boémia, andava com prostitutas, não dava dinheiro à mãe e batia-lhe muito / alcoólico
12. Sempre fizeram uma vida caseira
13. Têm uma vivência muito rural
14. Sentiam-se inferiorizados em relação a quem que tinha um nível sócio-económico mais elevado

E) Estilo de vida dos pais – proximidade relativamente ao próprio estilo de vida

1. Espírito / ambiente de família

F) Educação – distância entre a recebida e a que é dada (ou se pretende vir a dar) aos filhos

1. Completamente diferente / distância bastante grande
2. Maior abertura / Maior desinibição
3. Na educação dada pelos pais:
    i. Demasiado rígida
    ii. Diferença total entre filhos e filhas
    iii. As filhas eram quem ajudava nas tarefas domésticas
    iv. O filho tem mais liberdade (para sair / passar fins-de-semana fora / viajar)
    v. Aos filhos foi dada a possibilidade de estudar mais
    vi. Tinham liberdade total. Deu-lhes sempre muito espaço.

4. Os pais têm que acompanhar a evolução dos tempos
5. Maior proximidade que permite conversar de uma forma mais fácil
6. Dá muito carinho / Mais afectuosa

G) Educação – proximidade entre a recebida e a que é dada (ou se pretende vir a dar) aos filhos

1. Semelhante, mas com mais modernidade / mais liberdade
2. Diálogo / sem influência
3. Motivante
4. Investimento em actividades paralelas (ginástica, ballet, música)
5. Uma certa liberdade
6. Formação cultural / dar-lhes todo o tipo de informação
7. Em termos de desenvolvimento dos estudos e de apoio a uma profissão
8. Não dar tudo e explicar-lhes porquê

H) Valores recebidos e valores transmitidos (ou a transmitir) – semelhanças

1. Valores católicos
2. Independência
3. Solidariedade / Entreajuda / Partilha / Gratidão / Fidelidade
4. Humildade / Vontade de aprender
5. Seriedade / Honestidade / Justiça / Compreensão / Saber desculpar
6. Trabalho / Responsabilidade / Educação / Organização
7. Importância da família / Amizade
8. Respeito (pelos outros / por nós próprios) independentemente da situação social e humana
9. Tentar ser feliz
10. Dar valor às coisas / mais importância às coisas imateriais do que às materiais

I) Valores recebidos e valores transmitidos (ou a transmitir) – diferenças

1. Muito diferentes

2. Partilha (privilegiar o diálogo)
3. Auto-estima
4. Determinação
5. Verdade

J) Educação de um filho e de uma filha – semelhante

1. Educados da mesma forma
2. Educar o filho de modo a que sinta a obrigação de partilhar as tarefas domésticas
3. Se houver mais apetência por um tipo de trabalhos pode ter-se em conta ao distribuir as tarefas (embora tenham que fazer de tudo)

K) Educação de um filho e de uma filha – diferente

1. Se tivesse uma filha ia preocupar-se mais (as meninas estão mais expostas)
2. Mais medo do que a minha filha vai fazer, pelos perigos que eu acho que são muito mais para a mulher
3. Se tivesse um filho ensinava-lhe as tarefas domésticas mais importantes (fazer a cama, cozinhar...) mas não tudo

L) Casamento / União de Facto – aspectos positivos

1. Uma comunhão profunda / Partilha / Companheirismo
2. Estou muito contente / muito feliz / feliz / muito satisfeita
3. Foi uma experiência enriquecedora / o momento e o modelo ideais
4. A parte sexual é importantíssima
5. É bom quando uma pessoa se dá plenamente bem com outra / Não sinto o reverso da medalha
6. Teve muita sorte / Uma aposta que vale a pena
7. Acredita no casamento / Ideal de vida (família, casa, lar, pais, filhos) / Modelo de referência
8. É o espaço mais propício à estabilidade das pessoas / Preciso para o meu equilíbrio
9. Gozou muito desde que casou (nunca tinha andado de comboio, nem dormido num hotel)

M) Casamento / União de Facto – aspectos negativos

1. Os primeiros tempos são horríveis
2. Ter que dar satisfações de tudo
3. Estava sempre sozinha
4. O marido gastava muito dinheiro no jogo
5. O marido agredia-a fisicamente

N) Casamento / União de Facto – aspectos neutros

1. A mulher casada ou a viver em união de facto:
    i. Sempre pensou / disse / queria / esteve vocacionada para casar / sonhava
    ii. Projecto em comum / qualquer coisa que se constrói
    iii. Tem que existir atracção e amor
    iv. Não concebia um casamento sem filhos
    v. Sabia que continuava a ter independência
    vi. Para as mulheres o importante é casar e ter filhos, quem não cumpre isto parece que não é bem aceite
    vii. A mãe casou-a com 16 anos por ter sabido que teve relações sexuais
    viii. Casou ao fim de muitos anos de namoro e de ponderação / Uma opção consciente
    ix. Só casou depois de ser independente e ter uma profissão
    x. É preciso espaço para os dois (é preciso namorar / sair sem os filhos)
    xi. Actualmente as pessoas encaram o casamento muito levianamente
    xii. É muito complicado
    xiii. Foram muito felizes nos primeiros anos
    xiv. A fidelidade é muito importante
    xv. Se me divorciasse não voltava a casar
    xvi. A união de facto é igual ao casamento
    xvii. Se fosse hoje não se casava
2. A mulher solteira:
    i. É um plano para mais tarde (depois de fazer o mestrado no estrangeiro)

   ii. Implica saber fazer sacrifícios, ter vontade e fazê-los / Não sente vontade
   iii. Não casar não foi opção / Nunca pensou em casar com alguém
   iv. As relações que teve sempre foram um bocadinho falhadas
3. A mulher divorciada / separada
   i. Gostava de ter alguém como tinha, com muita cumplicidade
   ii. Casou para sempre
   iii. É complicado ter uma nova relação, porque teve uma experiência muito boa
4. Casar deixou de ter importância desde que decidiu não ter filhos
5. Não voltava a casar
6. Todas as mulheres têm, desde criança, a imagem da noiva vestida de branco
7. Pensa ser exigente demais
8. Arranjar alguém só porque estão sozinhas é um disparate
1. Viver em comum é difícil / desafio diário:
   i. aprender a lidar com as situações críticas e a ultrapassar as dificuldades
   ii. a adequação do feitio de um ao feito do outro
   iii. gerir os conflitos faz parte

O) Divórcio / Separação – aspectos positivos

1. Têm que se respeitar (é muito importante para os filhos)
2. É muito importante que os filhos continuem a ter contacto com ambos
3. Quando as pessoas vivem situações de infelicidade e de sofrimento (é melhor, nomeadamente para os filhos) / quando consideram que há determinadas características do outro ou suas que não são compatíveis com a outra pessoa
4. Quando um não dá apoio em casa, só pensa nele, gasta demasiado e deixa os filhos à margem, acha que é a decisão acertada
5. Se um for infiel
6. Se o marido bater na mulher e no filho, se maltratar, insultar é melhor o divórcio

P) Divórcio – aspectos negativos

1. Actualmente a possibilidade de se divorciar é encarada com alguma leviandade

2. Não concorda com o divórcio por não se gostar do outro, por se querer mudar de vida ou estar-se farta da que se tem. Deve fazer-se um bocado de sacrifício
3. Não se deve recorrer ao divórcio por causa de uma discussão ou de um gasto excessivo de dinheiro
4. Se houver filhos não é muito a favor. É melhor tentar sacrificar-se até eles casarem
5. É um mal necessário / Situação de rotura
6. Doloroso / lento / triste
7. Por vezes, é traumatizante (para os próprios e para os filhos)

Q) Divórcio – aspectos neutros

1. É uma decisão muito difícil / Foi uma decisão complexa / Um mal necessário
2. A parte mais difícil de gerir são os filhos
3. Fez-lhe dar um grande salto para a frente
4. Durante muito tempo não me quis envolver com ninguém
5. Abundam as pessoas que não se divorciam com medo de ficarem sozinhas
6. Razões que levaram ao divórcio:
    i. distância física
    ii. a constatação de estarem diferentes
    iii. diferentes objectivos
    iv. o marido ter ido trabalhar para a mesma empresa (de que ela é co-proprietária...)
    v. atenção dela demasiado centrada nas filhas
    vi. monotonia
    vii. ele já não era feliz e já não gostava da mulher
    viii. imaturidade dele / bebia demasiado
    ix. insultava-a
    x. agredia-a
    xi. gastava o dinheiro de ambos
    xii. andava com prostitutas
7. Não tem nenhum tabu em relação ao divórcio

8. O pai encarou muito mal o divórcio
9. Separou-se porque o marido não concordou com o divórcio

R) Celibato – aspectos positivos

1. É uma opção legítima / não tenho nada contra
2. Sempre quis viver sozinha / Gostava muito de ser sozinha, independente
3. Precisa de estar só
4. Liberdade de decidir no momento / de fazer o que quer, quando quer
5. Sente-se muito bem como está / Nunca se sentiu sozinha
6. Ter paz e serenidade facilmente consegue estando sozinha
7. Se quiser companhia tem-na / Está sempre rodeada pela família / Tem bons amigos
8. Tenho o tempo todo para mim

S) Celibato – aspectos negativos

1. *Vicia*
2. Passam-se momentos de solidão mas, não são assim tantos que impelem a mudar
3. Sente muito a solidão
4. Está cada vez mais exigente e egoísta
5. Assusta as pessoas com a mania da liberdade e da independência
6. Teria grande dificuldade / Vai ter muito medo
7. Acentua o individualismo, a tristeza, as depressões
8. A pessoa deve ficar carente

T) Celibato – aspectos neutros

1. Não percebe muito bem mas aceita
2. Só se se divorciasse / Só se acontecesse alguma coisa ao marido
3. 3.Nunca perspectivou viver uma vida solteira
4. As mulheres vivem muito melhor sozinhas do que os homens

U) Maternidade – aspectos positivos

1. O mais importante da vida / Muito bonito / Fundamental / Fantástico / Lindíssimo
2. Um objectivo / uma opção (pensada e estruturada) / um desejo / um sonho
3. Fazem parte da nossa vida / Experiência muito interessante / Qualquer mulher deve ter
4. Ajuda muito a mulher a amadurecer / Tornou-se numa pessoa mais ponderada / É uma aprendizagem
5. É muito gratificante / É compensativo sempre
6. Noção de continuidade

V) Maternidade – aspectos negativos

1. É uma prisão enorme
2. Foi uma experiência complicada / Deu-lhe uma insegurança incrível
3. Dá muito trabalho

X) Maternidade – aspectos neutros

1. Para quem não é Mãe:

    Nunca quis ter filhos

    A partir de determinada altura abandonou a ideia de ter filhos

    Era um projecto de futuro

    Não ter filhos é uma decisão que, até determinada altura, foi força das circunstâncias / falta de condições (nunca ter tido um relacionamento suficientemente estável com alguém que reunisse condições para ter filhos) / Gostava de ter tido

    A maternidade deve ser a dois / Ainda não sentiu essa necessidade

    Passou a fase em que existem condições psicológicas para ser mãe (abdicar de ter liberdade de movimentos / assumir essa grande responsabilidade)

    Nunca chegou a ser decepcionante não ter tido filhos

2. A decisão de ser Mãe:
    i. Fez parte do seu quadro de evolução o achar que ia ter filhos
    ii. Não queria ter filhos
    iii. O marido não queria ter filhos

iv. Para si, não era fundamental

v. Adiamento de forma consciente da opção de ser mãe

vi. Decidiu ter filhos a pensar no marido

vii. Sempre quis muito

viii. Já não pensa ter mais filhos

ix. Gostaria de ter tido mais filhos / se não trabalhasse

x. Quando queria ter mais filhos o marido não quis / Não teve mais filhos, mas arrependeu-se

xi. Se fosse hoje não tinha filhos

3. É qualquer coisa que sente muito por dentro / é uma coisa que anda dentro de nós
4. Esquecemo-nos um bocado de nós mesmas e isso não se deve fazer
5. Não se arrependo de ter deixado de lado muitas coisas de si própria para cuidar deles
6. Não é por se ser mulher que se tem a obrigação de ser mãe
7. Quer dar aos filhos mais do que teve

4 - Conflitualidade Conjugal

A) Conflitos mais frequentes ou prováveis / Motivos

1. Não existem pontos de absoluta discórdia / grande espírito de tolerância
2. Maneira como falava (havia sempre algo negativo a apontar)
3. Mais apoio quando se sente ansiosa
4. Quando os filhos adoeciam e ele estava em viagens de trabalho
5. Tarefas domésticas
6. Assuntos que ficaram por tratar / Esquecimentos
7. Não partilhar as refeições e chegar muito tarde a casa / chegar tarde para jantar
8. Diferentes preferências (Férias / Fins-de-semana)
9. Filhos (ter ou não / maneira como o pai fala com eles /ao nível da educação) / Genro
10. Ciúme / Desconfiança
11. Desarrumação dele
12. Ter que ser tudo como eu quero e como eu gosto; não abdicar; não fazer sacrifícios

13. Diferentes ritmos de vida
14. Por cansaço / Excesso de trabalho
15. Falta de tempo para a intimidade e o afecto
16. Ser um bocado ansiosa e *stressada* em relação ao trabalho
17. Rotinas impostas (jantares de família a determinados dias...)
18. Relações familiares
19. Dinheiro
20. Ciúme
21. Não dá apoio à filha
22. Saía e a mulher ficava sozinha em casa
23. Ele contrair muitas dívidas com o jogo
24. O marido andar com prostitutas
25. O marido não trabalhar
26. Álcool

B) Resolução dos conflitos

1. Comunicação / Conversam até resolver os problemas
2. Não lhe responde
3. Fica uma semana sem falar
4. Cedências / ajustes
5. Há um sentido de respeito e de uma amizade grande
6. No início chorava mas, agora já sabe que passado um bocado tudo passou

5 - Gestão das Tarefas Domésticas

A) Repartição das tarefas entre marido e mulher – existe

1. Existe muita partilha / equilíbrio / quadro de vida pouco diferenciador
2. A repartição:
    i. Há coisas que assume mais como competência suas e outras que o marido assume mais como competência dele

ii. É preciso a mulher pedir para fazer / anda a "reboque"

iii. O marido ajuda

iv. Ajuda se for preciso...

3. Não há muitas tarefas para dividir

B) Repartição das tarefas entre marido e mulher – não existe

1. Não existe nenhuma repartição / sou eu que faço tudo
2. O marido não foi educado a encarar as tarefas domésticas como tarefas do homem
3. Somos responsáveis / Achamos que os homens não fazem bem as tarefas domésticas / É-nos incutido
4. Não sente o trabalho doméstico como uma obrigação

C) Equiparação do tempo despendido entre marido e mulher

1. As tarefas têm que ser minimamente divididas / Mais ou menos equiparado
2. É equiparado mas eu preocupo-me mais
3. A mulher despende mais tempo
4. Se o marido não faz mais é porque não lhe pede

D) Acompanhamento dos filhos, quando adoecem – Mãe

1. O cuidar do filho era muito sua responsabilidade, mesmo na sua perspectiva
2. Se for necessário fica a mãe (tem horário mais flexível / quer)
3. Consultas médicas, foi sempre / foi mais vezes
4. Ficava mais em casa
5. Os filhos na doença ligam-se mais à mãe
6. Tudo o que tem a ver com o dia-a-dia dos filhos é a mãe que trata

E) Acompanhamento dos filhos, quando adoecem – Ambos

1. Há divisão / Repartição

F) Acompanhamento dos filhos, quando adoecem – Outros que não os pais

1. Os apoios:
    i. Avós
    ii. Uma tia
    iii. A(s) empregada(s) ajuda(m)

6 - Tempos Livres

A) Práticas Culturais e de Lazer

1. Desporto
2. Viajar / Passeios
3. Estar em casa
4. Ao domingo fica no sofá, com um livro, com uma revista e com um filme
5. Descanso / Dormir
6. Ouvir música ao vivo / Concertos
7. Cinema
8. Vê muitos filmes (DVD, *telecine*...)
9. Teatro
10. Leitura
11. Seminários / Conferências / Ateliers
12. Exposições / Museus
13. Jantar com amigos
14. Fins-de-semana com amigos e os filhos
15. Não sai sozinha / Não lhe dava prazer nenhum viajar sem a família
16. Fazer programas com os filhos (férias / fins-de-semana / brincadeiras / Circo)
17. Praia / Piscina / Jardins
18. Neve
19. Discoteca
20. Jogos / Conversa
21. Televisão

22. Bailes
23. Bordar / Fazer renda e tricô
24. Tomar o pequeno almoço no café / lanchar na padaria
25. Quando existem estímulos é mais fácil. Em 2001 foi a mais coisas do que nos últimos 10 anos

7 - Opções / Projectos / Planeamento de Vida

A) Projectos / Perspectivas para o futuro

1. Lógica de viver o dia-a-dia / Não faz projectos (pelo menos a médio ou longo prazo)
2. Gozar aquilo de que gosta que é mais imaterial
3. Estabilizar / Ter uma vida mais tranquila / Ganhar tranquilidade / Ter paz
4. Ter uma vida melhor
5. Saúde
6. Mais tempo para a própria, para os amigos, família, ler, informar-se, descansar, passear
7. Nova licenciatura ou outro curso / pós-graduação / mestrado / doutoramento
8. Em termos profissionais:
    i. ter tempo para estudar mais
    ii. que as coisas, pelo menos, se mantenham como têm corrido até agora
    iii. melhorar a actual situação
    iv. renovar o contrato
    v. arranjar um emprego a tempo inteiro com um ordenado decente
    vi. arranjar trabalho
9. Viver num sítio mais bonito e tranquilo
10. Ter uma vida desafogada
11. Relativamente aos filhos:
    i. Que os filhos sejam felizes, correctos e que tenham saúde / um bom nível de vida / boa preparação escolar / "bem casados" / arranjem bons empregos
    ii. Poder dar o essencial ao filho
    iii. Dar à filha um futuro melhor do que o que teve

Anexo 4:
Perfil das Entrevistas

Perfil das Entrevistadas

Quadro 2 – Perfil das Entrevistadas – Grupo 1

Entrevista	Profissão	Estado Civil	Idade	Habilitações	Filhos	Pais	Irmãos
1.1	Quadro Superior	Solteira	25 anos	Licenciada em Economia	Não tem filhos (tenciona ter)	Mãe: Pós-graduação Pai: a frequentar um Mestrado	Um irmão (estudante do ensino superior)
1.2	Advogada (também dá formação na área do Direito)	Solteira	40 anos	Licenciada em Direito	Não tem filhos (já não tenciona ter)	Mãe licenciada; Pai (não terminou o curso)	Três irmãos (só o mais novo não é licenciado)
1.3	Empresária e Professora, também escreve para um jornal (trabalhou em várias empresas; foi candidata a deputada distrital; foi Presidente de uma Cooperativa)	União de Facto	37 anos	Licenciada em Direito Pós-graduada em Finanças	Não tem filhos (já não tenciona ter)	Mãe: analfabeta; Pai: 4ª classe	Dois irmãos (o mais velho não concluiu o 12º ano; o mais novo é licenciado)

Entrevista	Profissão	Estado Civil	Idade	Habilitações	Filhos	Pais	Irmãos
1.4	Procuradora Adjunta do Ministério Público (ex-advogada)	Separada de Facto	37 anos	Curso de Magistratura do Centro de Estudos Judiciários	Uma filha (gostaria de ter tido mais)	Mãe: liceu Pai: curso comercial	Uma irmã mais nova (não terminou a licenciatura) e um irmão (ambos com cursos técnicos)
1.5	Auditora e Professora (começou por trabalhar num Banco e em serviços financeiros)	Casada	49 anos	3º ano da Licenciatura em Economia Licenciada Em Filosofia Curso de Pós-graduação / Especialização em Estudos Árabes Curso de Pós-graduação / Especialização em Estudos Africanos	Teve dois filhos mas faleceram em bebés (seria provável que se tivesse outro também falecesse, por isso desistiu)	Mãe: 5º ano e curso de secretariado em inglês Pai: curso comercial	
1.6	Pintora e Ilustradora (anteriormente deu aulas)	Casada	38 anos	Curso superior de Pintura Pós-graduação	Dois filhos	Mãe: Curso de Design Gráfico Pai: Licenciatura incompleta	Um irmão e uma irmã

Entrevista	Profissão	Estado Civil	Idade	Habilitações	Filhos	Pais	Irmãos
1.7	Empresária (foi jurista numa Associação)	Casada	38 anos	Licenciada em Direito	Uma filha	Mãe: 4ª classe Pai: 4ª classe	Filha única
1.8	Advogada (também já deu aulas)	Casada	36 anos	Licenciada em Direito	Dois filhos (gostava de ter mais filhos se não trabalhasse)	Mãe: 1ª classe	Tem 6 irmãos (uns a fazer a licenciatura outros com o 12º ano)
1.9	Recém aposentada (foi professora)	Casada	58 anos	Iniciou a licenciatura em Românicas Licenciada em Filosofia Pós-graduação de bibliotecária	Três filhos	Não respondeu (penso que a mãe não frequentou a escola e o pai deveria ter a 4ª classe)	
1.10	Presidente de um Instituto (Fez trabalhos como tradutora / interprete, foi assessora do Secretário de Estado e Presidente de uma Fundação)	Casada	41 anos	Licenciada em Literaturas Modernas (Inglês e Alemão) Cursos de pós-graduação	Dois filhos	Mãe: escolaridade básica Pai: 9º ano	Dois irmãos licenciados

Entrevista	Profissão	Estado Civil	Idade	Habilitações	Filhos	Pais	Irmãos
1.11	Empresária (dá algumas aulas) Foi recepcionista, intérprete, relações públicas e jornalista	Casada	41 anos	3º ano da Licenciatura em Economia Licenciada em Gestão de Empresas e em Comunicação Social	Três filhos	Mãe: Licenciada	Um irmão
1.12	Pintora e Professora	Solteira (viveu durante três anos e meio em união de facto)	33 anos	Licenciatura em Artes Plásticas / Pintura Mestrado em Pintura	Não tem filhos	Mãe: Licenciatura Pai: Licenciatura incompleta	Uma irmã: Curso Técnico (pós-secundário)
1.13	Empresária, Educadora de Infância, Psicóloga, Professora e Formadora	Casada	38 anos	Bacharelato em Educação de Infância Licenciatura em Psicologia A frequentar o Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento da Criança e Intervenção Precoce	Um filho (gostaria de ter tido mais mas, o marido não queria)	Mãe: 9º ano Pai: licenciado em Engenharia	Uma irmã mais nova

Entrevista	Profissão	Estado Civil	Idade	Habilitações	Filhos	Pais	Irmãos
1.14	Administradora de Empresa	Divorciada	44 anos	Frequência do 4º ano de Medicina	Duas filhas	Mãe: liceu Pai: curso comercial	Um irmão licenciado
1.15	Administradora de Empresa (trabalhou como técnica num organismo desconcentrado de um Ministério, consultora numa Câmara, professora do Ensino Superior	Casada	46 anos	Licenciatura em Economia Frequência do 2º ano da Licenciatura em Geografia	Três filhos	Mãe: 5º ano Pai: Licenciado	Duas irmãs com doutoramento e um irmão licenciado
1.16	Professora (já deu formação profissional)	Casada (a iniciar processo de divórcio)	42 anos	Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas	Três filhos	Mãe: 9º ano Pai: 4ª classe	Um irmão e uma irmã licenciados (ambos filhos dos mesmos pais) Dois irmãos (só filhos do mesmo pai)

Quadro 3 – Perfil das Entrevistadas – Grupo 2

Entrevista	Profissão	Estado Civil	Idade	Habilitações	Filhos	Pais	Irmãos
2.1	Recém desempregada (trabalhava na copa de um hotel, também trabalhou num restaurante, em confecções, como empregada de limpeza, vendeu bugigangas...)	Solteira	46 anos	6ºano (fez vários cursos de formação profissional – foi um desses que lhe deu equiparação ao 6º ano)	Não tem filhos (não tenciona ter)		3 irmãs e 1 irmão (faleceram uma irmã e um irmão). Fizeram todos a 4ª classe
2.2	Desempregada há 6 anos (trabalhava num minimercado)	Casada	49 anos	4ª classe	Dois filhos	Mãe: 3ª ou 4ª classe Pai: 3ª ou 4ª classe	3 irmãos (o mais novo é licenciado, outro tem a 4ª classe e o outro estudou até ao 5º ou 6º mas não concluiu) e uma irmã (6º ano incompleto)
2.3	Auxiliar educativa (foi costureira, fez tapetes de arraiolos, foi ama, ajudante de cozinha e cozinheira)	Casada	41 anos	6º ano (fez um curso de Sexualidade e outro de Relações Interpessoais)	Um filho (queria ter mais mas o marido não quis)		

Entrevista	Profissão	Estado Civil	Idade	Habilitações	Filhos	Pais	Irmãos
2.4	Cozinheira (trabalhou em Arraiolos durante 25 anos)	(Re)casada (união de facto)	42 anos	4ª classe	Três filhos		Tem 9 irmãos (uma delas morreu). Estudaram até à 4ª classe (só as duas mais novas fizeram o 9º ano)
2.5	Auxiliar Educativa (foi pastora, empregada doméstica e operária metalúrgica)	Casada	64 anos	6º ano	Três filhos	Mãe: analfabeta Pai (4ª classe)	Tem 7 irmãos: 5 raparigas (estudaram até ao 4º ano) e 2 rapazes (9º ano)
2.6	Empregada Doméstica	Casada	38 anos	3ª classe	Uma filha (o marido não quer ter mais e ela não o contraria)	Mãe: analfabeta Pai: 4ª classe	Tem 9 irmãos (morreram 3) que fizeram o 6º ano (a mais nova que está a frequentar o 11º)
2.7	Repositora de um hipermercado e Revendedora de produtos de cosmética (foi caixa num minimercado – empresa familiar)	Divorciada	43 anos	9º ano (incompleto) - esta informação foi a que foi fornecida pela entrevistada mas está inflacionada	Um filho (gostava de ter mais filhos mas não pode por questões de saúde)	Mãe: 3ª ou 4ª classe Pai: 3ª ou 4ª classe	Tem vários irmãos que estudaram, mais ou menos, até ao 9º ano, à excepção do mais novo que é licenciado (a entrevistada aumentou alguns anos à escolaridade dos irmãos e mesmo à sua)

Entrevista	Profissão	Estado Civil	Idade	Habilitações	Filhos	Pais	Irmãos
2.8	Empregada comercial (florista) Trabalhou em fábricas de confecções e na costura (por conta própria)	Casada	54 anos	5º ano (incompleto)	Dois filhos		Tem dois irmãos que estudaram até ao 11º ano
2.9	Tarefeira (apoio a uma sala de ensino especial de uma escola do 1º ciclo) Aos 13 anos começou a fazer malhas; trabalhou como empregada doméstica; aos 16 anos foi trabalhar para uma fábrica de chocolates, depois foi para uma loja e, mais tarde, trabalhou como repositora em supermercados	Casada	35 anos	6º ano	Um filho (gostava de ter mais filhos mas o marido não quer e ela compreende)	Mãe: 4ª classe Pai: 6º ano	Tem três irmãs (a mais velha fez a 4ª classe, outra tem o 6º ano e a mais nova é licenciada)

Entrevista	Profissão	Estado Civil	Idade	Habilitações	Filhos	Pais	Irmãos
2.10	Empregada de café (trabalhou como operária em duas fábricas)	Casada	49 anos	3ª classe (frequentou a 4ª mas não concluiu)	Duas filhas		Tinha 19 irmãos mas morreram 18 (a irmã que sobreviveu também não concluiu a 4ª classe)

Anexo 5:
Grelhas de Análise das Entrevistas

Quadro 4 - Grelha de Análise Vertical

	Categorias																																								
	1			2					3																							4		5						6	7
	A	B	C	A	B	C	D	E	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	X	A	B	A	B	C	D	E	F		
1																																									
2																																									
3																																									
4																																									
5																																									
6																																									
7																																									
8																																									
9																																									
10																																									
11																																									
12																																									
13																																									
14																																									
15																																									
16																																									
17																																									
18																																									
19																																									
20																																									
21																																									
22																																									
23																																									
24																																									
25																																									

	Categorias																																								
	1			2					3																							4		5						6	7
	A	B	C	A	B	C	D	E	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	X	A	B	A	B	C	D	E	F		
26																																									
27																																									
28																																									
29																																									
30																																									
31																																									
32																																									
33																																									
34																																									
35																																									
36																																									
37																																									
38																																									
39																																									
40																																									
41																																									
42																																									
43																																									
44																																									
45																																									
46																																									
47																																									
48																																									
49																																									
50																																									

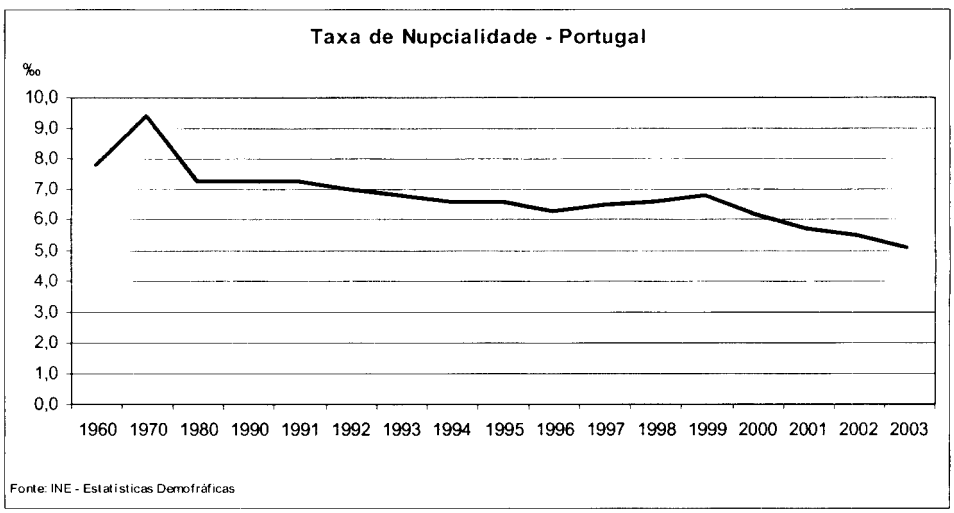
Quadro 5 - Grelha de Análise Global

	Categorias																																											
	1			2					3																							4		5						6	7	
	A	B	C	A	B	C	D	E	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	X	A	B	A	B	C	D	E	F			
1.1																																											
1.2																																										
1.3																																										
1.4																																										
1.5																																										
1.6																																										
1.7																																										
1.8																																										
1.9																																										
1.10																																										
1.11																																										
1.12																																										
1.13																																										
1.14																																										
1.15																																										
1.16																																										
2.1																																										
2.2																																										
2.3																																										
2.4																																										
2.5																																										
2.6																																										
2.7																																										
2.8																																										
2.9																																										
2.10																																										

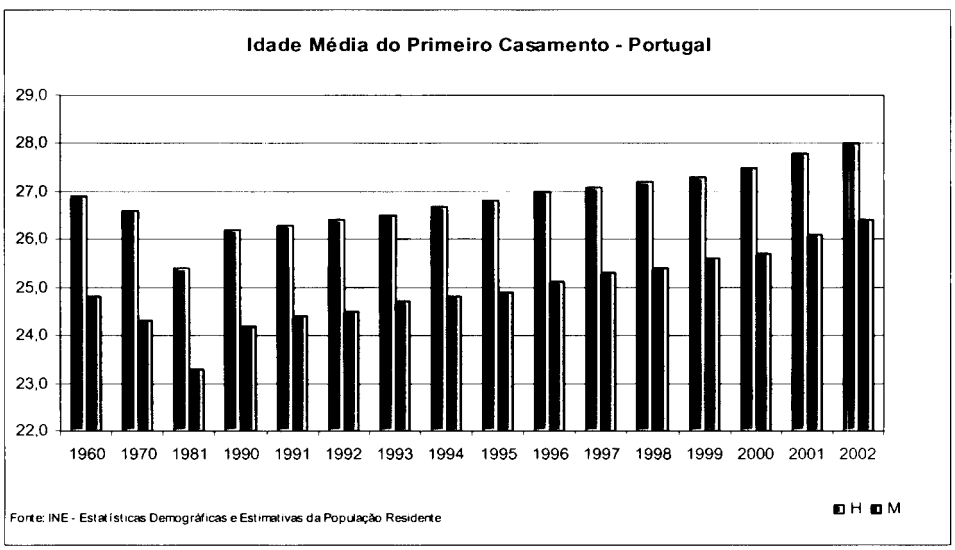
Anexo B:

Informação Complementar

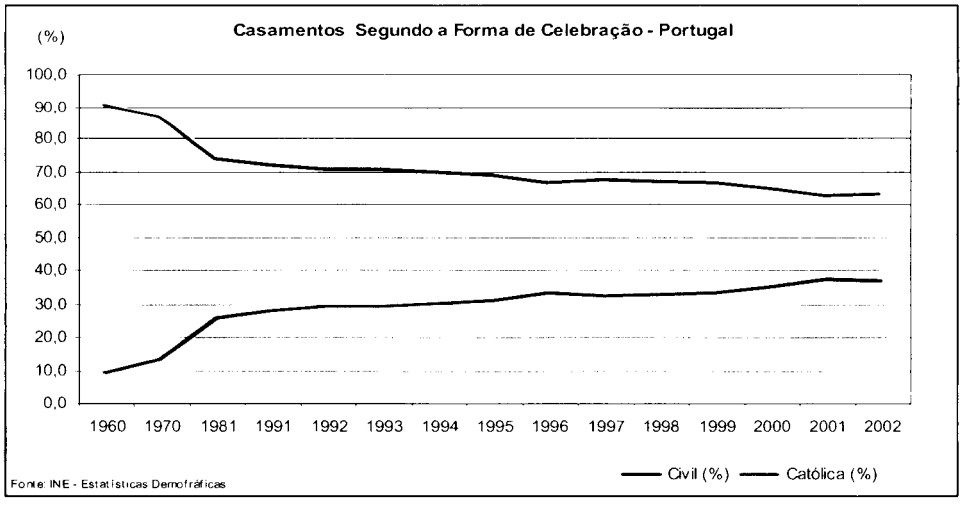
1 - Taxa de Nupcialidade - Portugal



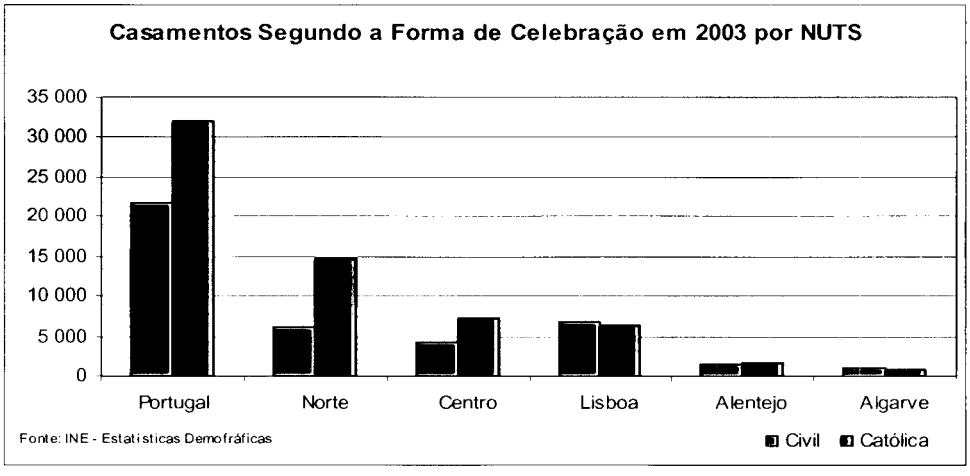
2 - Idade Média do Primeiro Casamento - Portugal



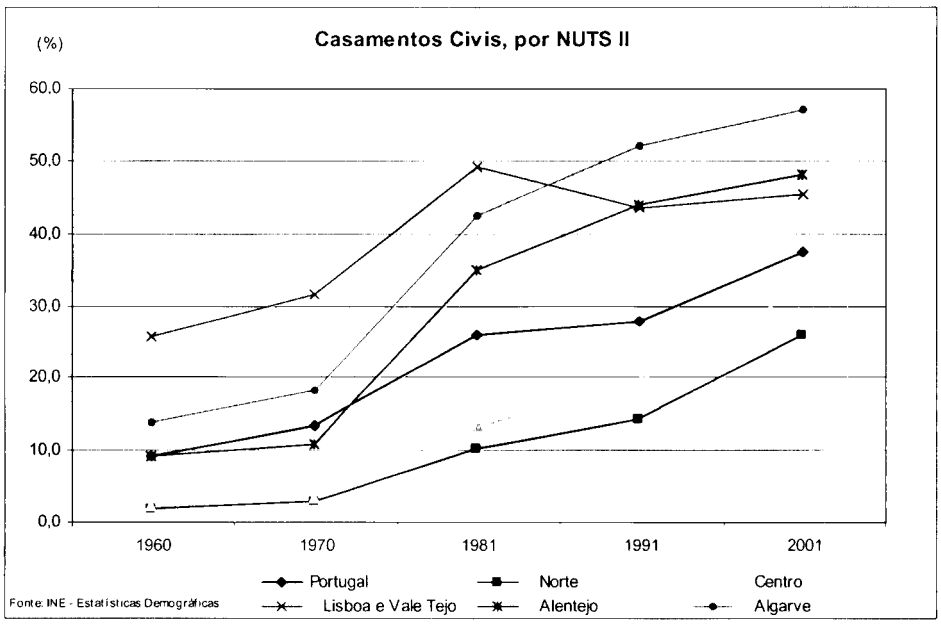
3 - Casamentos segundo a forma de celebração - Portugal



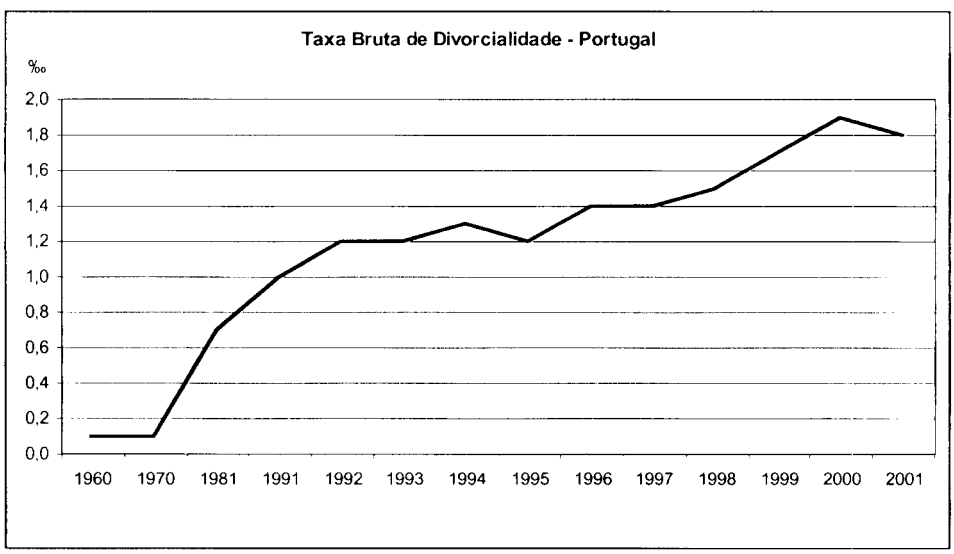
4 - Casamentos segundo a forma de celebração em 2003 por NUTS



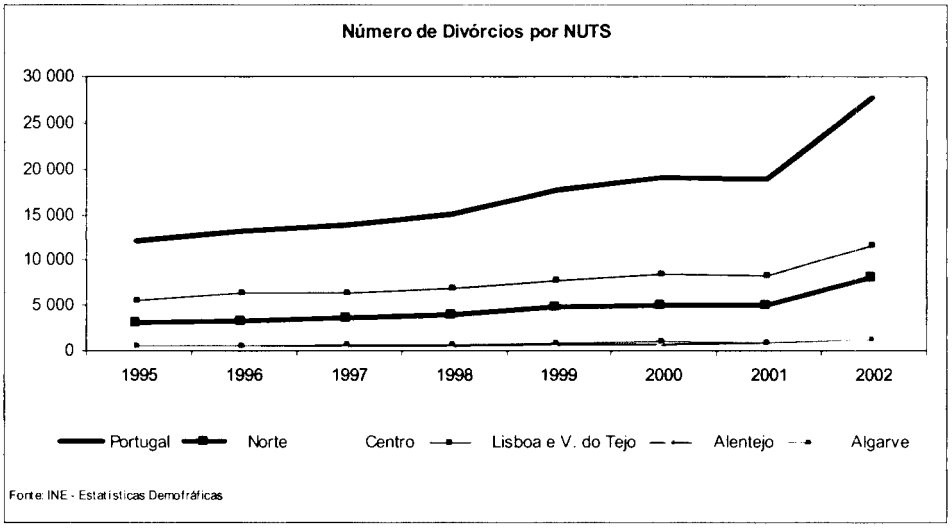
5 - Casamentos Civis por NUTS II



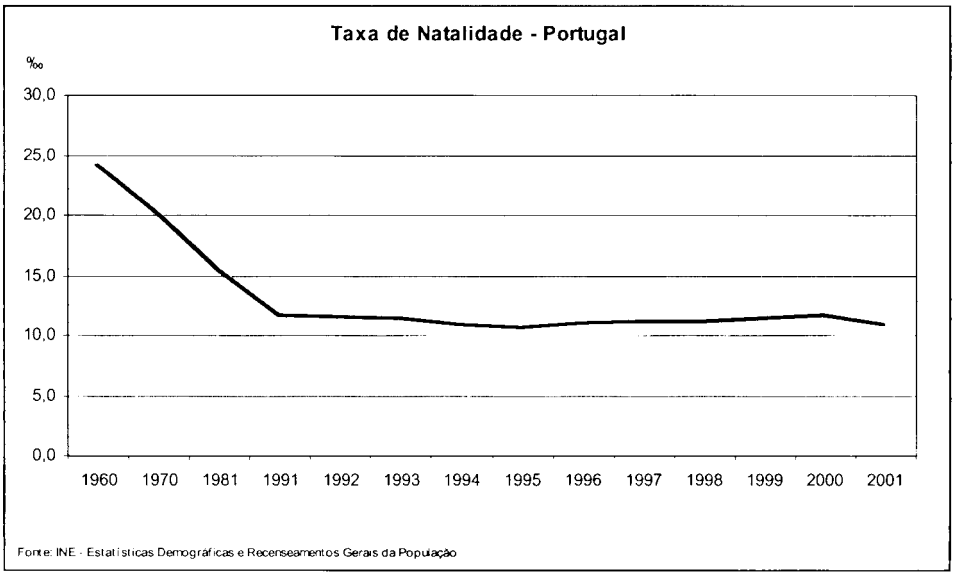
6 - Taxa Bruta de Divorcialidade



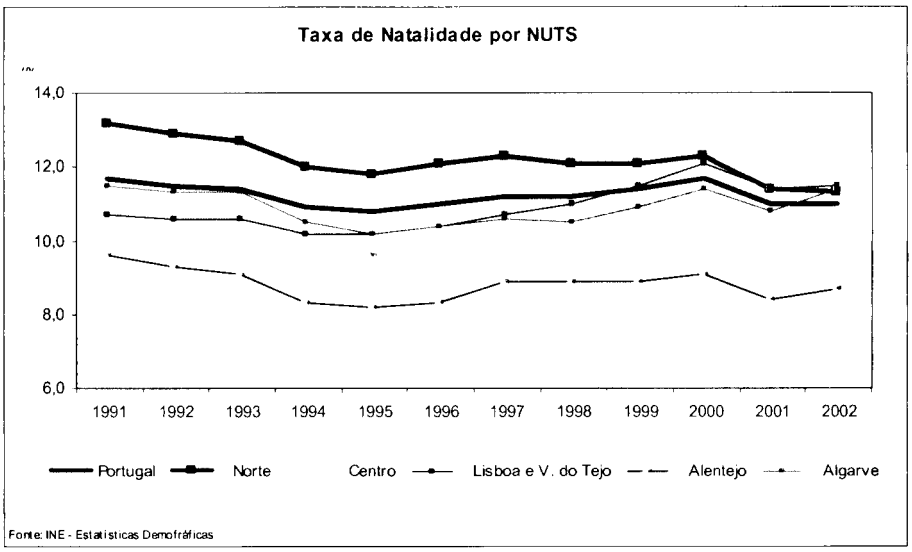
7 - Número de Divórcios por NUTS



8 - Taxa de Natalidade - Portugal



9 - Taxa de Natalidade por NUTS

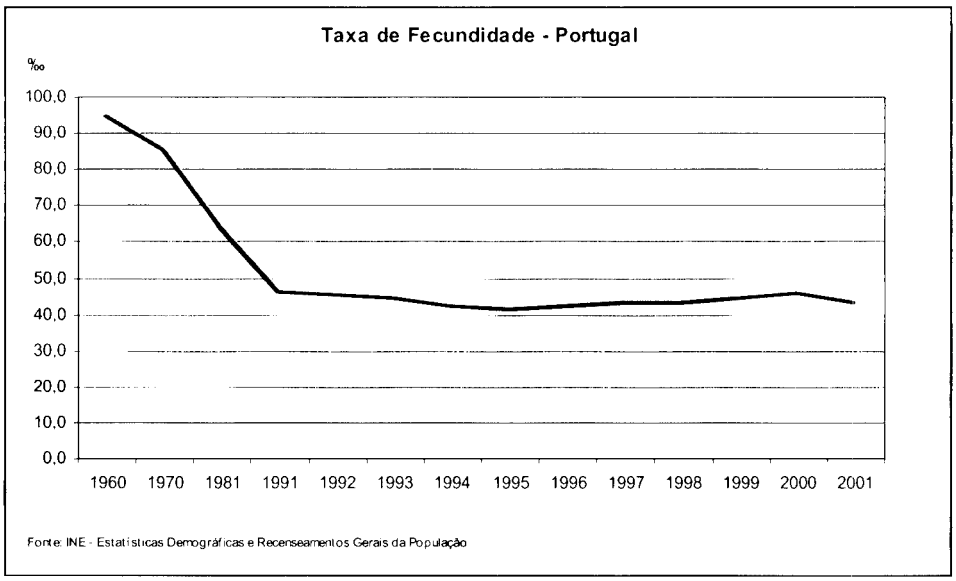


Quadro 6 - Taxa de Natalidade

Taxas de Natalidade (‰)

	1991	2001	2002
EU15	11,7	10,6	10,5
Portugal	11,8	10,9	11,0

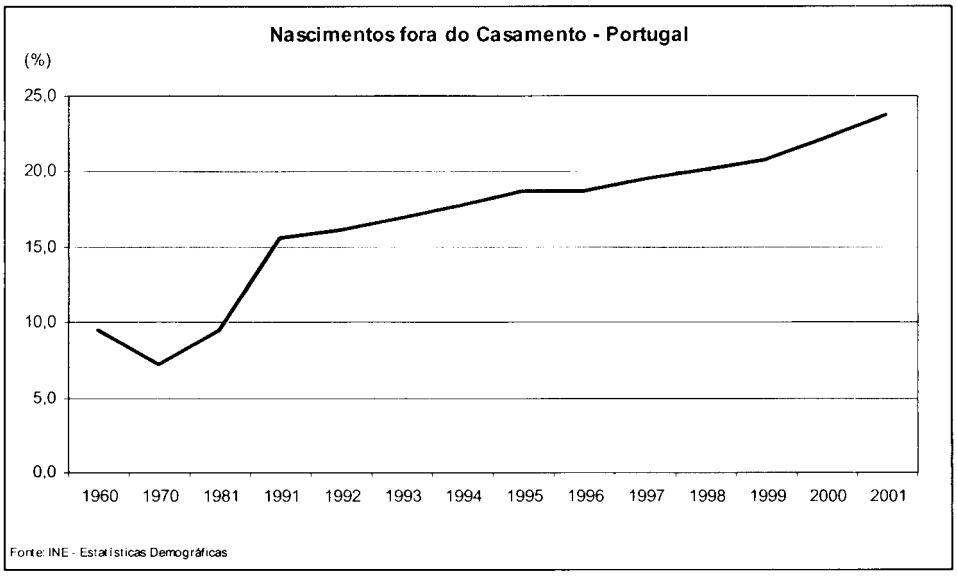
10 – Taxa de Fecundidade - Portugal



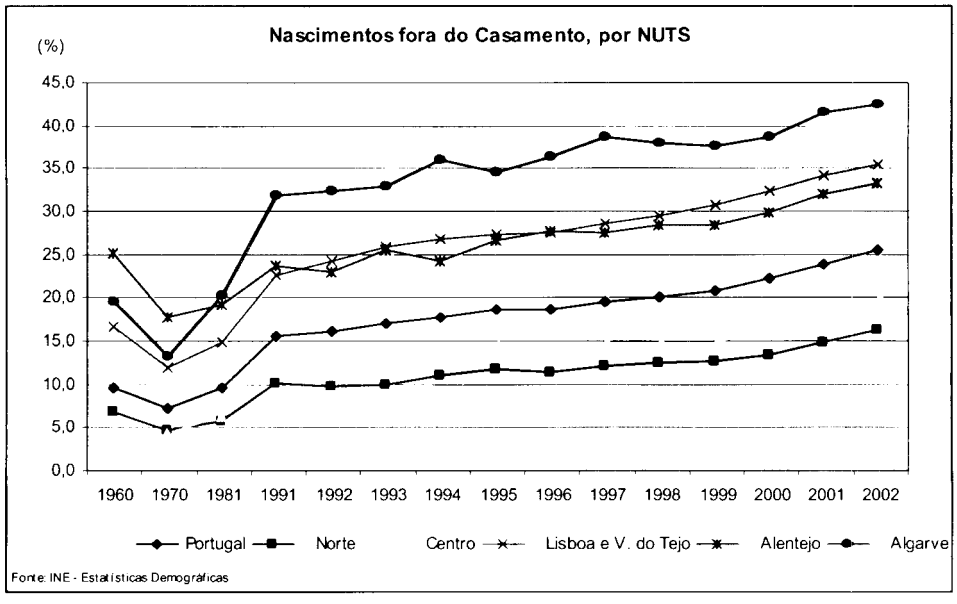
Quadro 7 - Índice de Fecundidade

	Índice de Fecundidade	
	1991	**2001**
EU15	1,5	1,5
Portugal	1,6	1,4

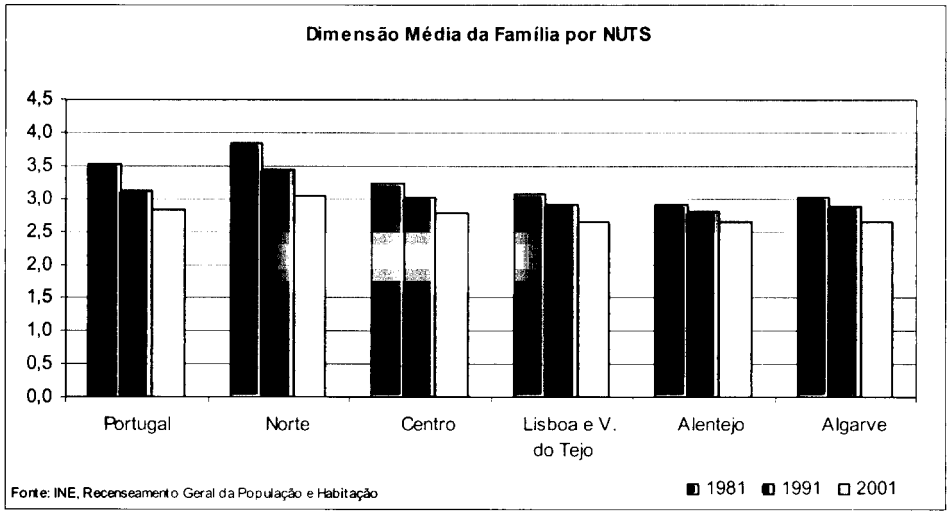
11 – Nascimentos fora do Casamento - Portugal



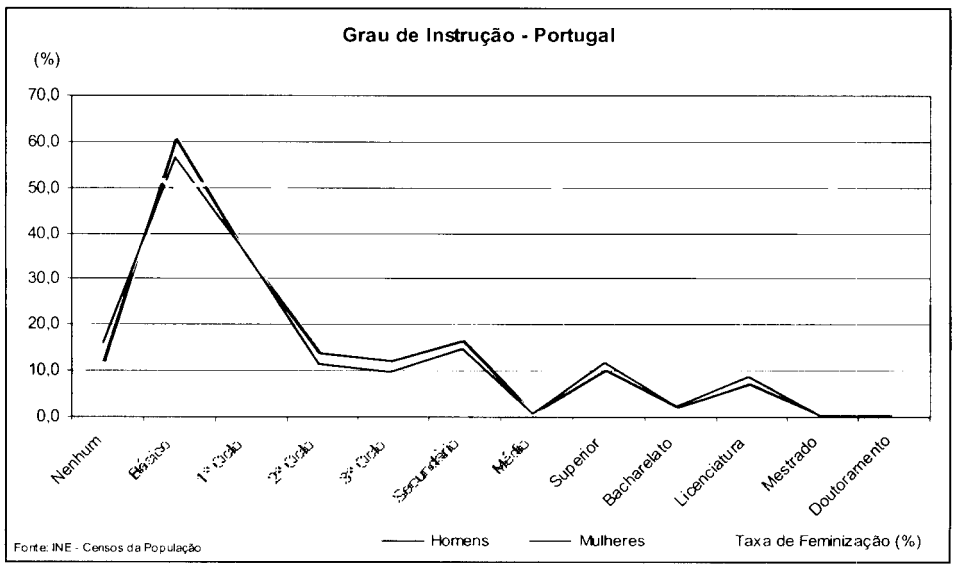
12 - Nascimentos fora do Casamento, por NUTS



13 - Dimensão Média da Família por NUTS



14 - Grau de Instrução - Portugal



Quadro 8 - Taxa de Escolarização

Taxa específica de escolarização da população residente nos grupos etários 15-17 e 18-23 anos, segundo o género, por NUTS II do Continente e NUTS III da Região do Norte (2001)						
	Grupos Etários					
	15-17 anos			18-23 anos		
Taxa específica de escolarização da população residente nos grupos etários 15-17 e 18-23 anos, segundo o género, por NUTS II do Continente e NUTS III da Região do Norte (2001)	**M**	**H**	**Diferença**	**M**	**H**	**Diferença**
Minho-Lima	81,9	74,9	***7,0***	44,5	34,9	***9,6***
Cávado	78,7	70,5	***8,2***	40,3	31,6	***8,7***
Ave	75,6	67,5	***8,1***	36,8	29,0	***7,8***
Grande Porto	82,2	76,9	***5,3***	50,8	43,3	***7,5***
Tâmega	64,3	56,9	***7,4***	27,7	20,2	***7,5***
Entre Douro e Vouga	80,5	72,6	***7,9***	38,9	30,3	***8,6***
Douro	82,2	75,2	***7,0***	50,5	36,8	***13,7***
Alto Trás-os-Montes	87,2	79,1	***8,1***	59,9	42,4	***17,5***
Norte	**78,0**	**71,0**	***7,0***	**43,0**	**34,2**	***8,8***
Centro	88,0	81,3	***6,7***	51,8	40,0	***11,8***
Lisboa	89,3	85,7	***3,6***	56,3	47,5	***8,8***
Alentejo	86,9	80,3	***6,6***	50,3	36,7	***13,6***
Algarve	87,9	82,5	***5,4***	49,7	37,0	***12,7***
Continente	**84,1**	**78,1**	***6,0***	**49,4**	**39,4**	***10,0***

Legenda: Taxa Específica de escolarização = Relação entre o nº de alunos do grupo etário X-Y, frequentando qualquer nível de ensino e o total da população residente do mesmo grupo etário

Fonte: INE, Censos 2001. Tratamento estatístico CCRN/DRPP

Quadro 9 - Nível de Escolaridade

Nível de escolaridade - Ensino Secundário (20-24 anos) (%)

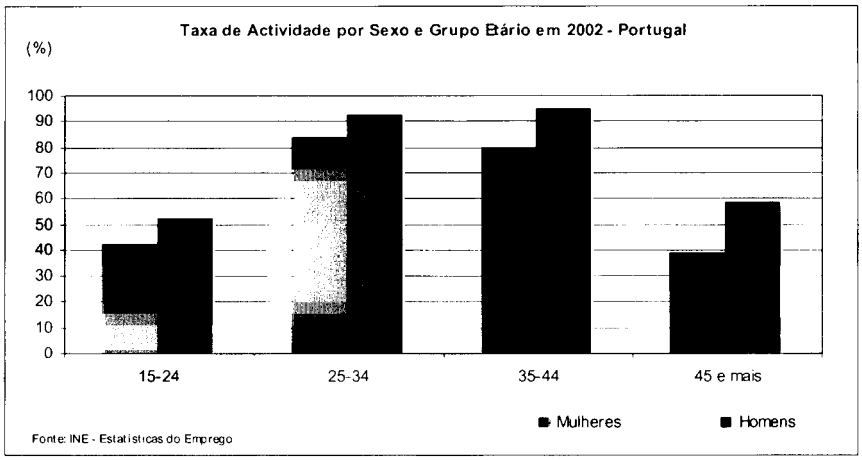
	2003		
	Total	**M**	**F**
EU25	76,8	74,4	79,3
EU15	74,0	71,4	76,6
Portugal	47,2	40,4	54,1

Quadro 10 - Taxa de Actividade

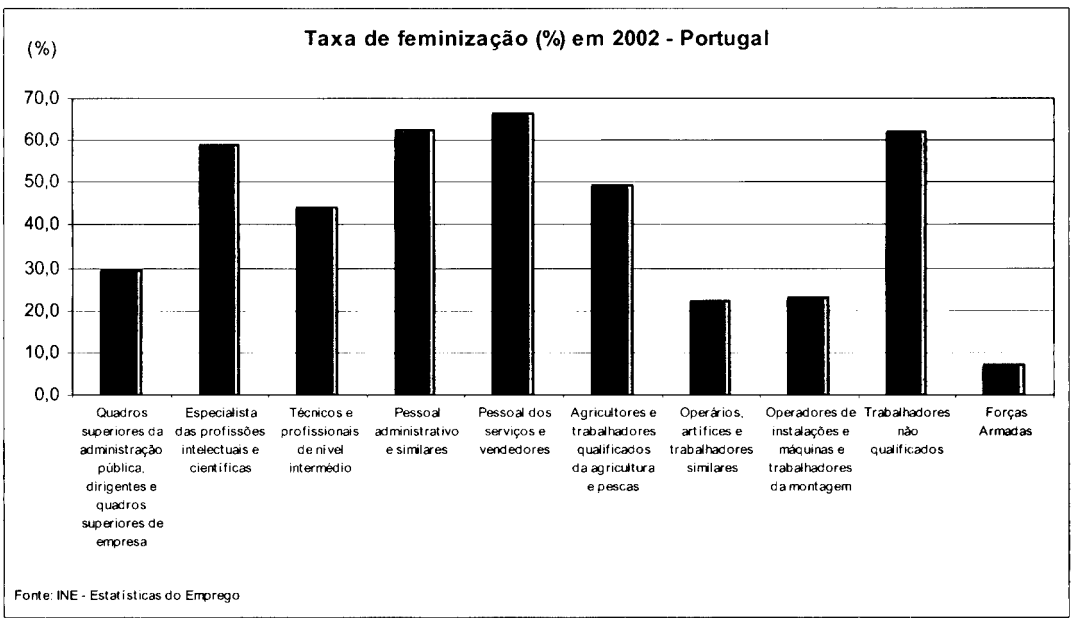
	Taxa de Actividade (%)			
	1991		2001	
	H	M	H	M
Portugal	**54,3**	**35,5**	**54,8**	**42,0**
Norte	**54,8**	**36,8**	**54,8**	**36,8**
Minho-Lima	49,2	33,7	49,2	33,7
Cávado	52,8	38,8	52,8	38,8
Ave	56,6	44,4	56,6	44,4
Grande Porto	57,8	40,8	57,8	40,8
Tâmega	54,7	30,7	54,7	30,7
Entre Douro e Vouga	57,9	40,6	57,9	40,6
Douro	49,2	24,0	49,2	24,0
Alto Trás-os-Montes	47,6	24,0	47,6	24,0
Centro	**51,6**	**32,0**	**52,5**	**38,5**
Baixo Vouga	55,9	37,5	56,2	42,6
Baixo Mondego	53,5	35,7	52,9	41,3
Pinhal Litoral	54,3	31,9	55,8	41,5
Pinhal Interior	47,6	26,0	49,8	34,5
Dão-Lafões	49,3	29,4	50,8	34,1
Pinhal Interior Sul	47,9	22,6	47,3	28,1
Serra da Estrela	47,7	27,0	47,3	33,2
Beira Interior Norte	47,8	27,8	47,5	34,0
Beira Interior Sul	46,7	27,2	48,5	34,9
Cova da Beira	48,9	32,3	50,7	38,5
Lisboa e V. do Tejo	**55,7**	**38,5**	**56,3**	**46,0**
Oeste	55,4	48,2	55,8	40,8
Grande Lisboa	56,3	41,7	57,2	48,4
Península de Setúbal	55,2	38,0	56,1	46,7
Médio Tejo	52,8	29,1	51,9	37,3
Lezíria do Tejo	55,5	33,9	55,0	41,5
Alentejo	**52,9**	**29,5**	**51,2**	**37,6**
Alentejo Litoral	54,6	29,3	52,5	38,3
Alto Alentejo	50,6	28,0	48,9	35,9
Alentejo Central	55,0	33,3	53,0	40,4
Baixo Alentejo	51,5	26,5	50,2	35,0
Algarve	**54,2**	**32,7**	**55,1**	**42,4**
R. A. Açores	53,1	21,1	52,1	32,1
R. A. Madeira	53,1	31,3	53,7	37,6

Fonte: INE, Recenseamento Geral da População e Habitação

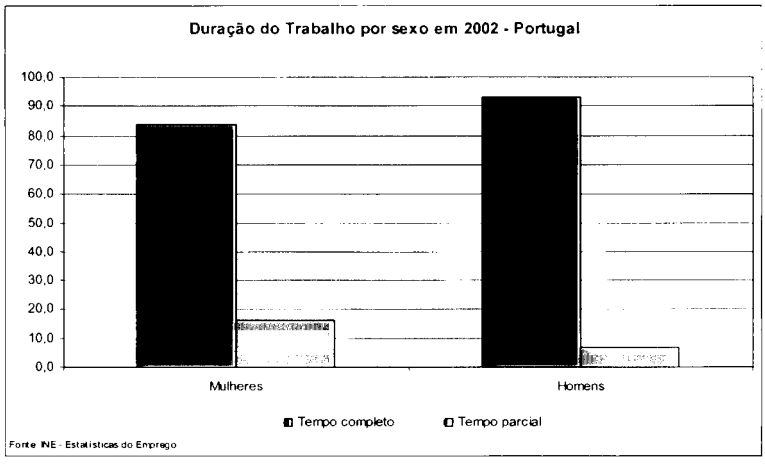
15 - Taxa de Actividade



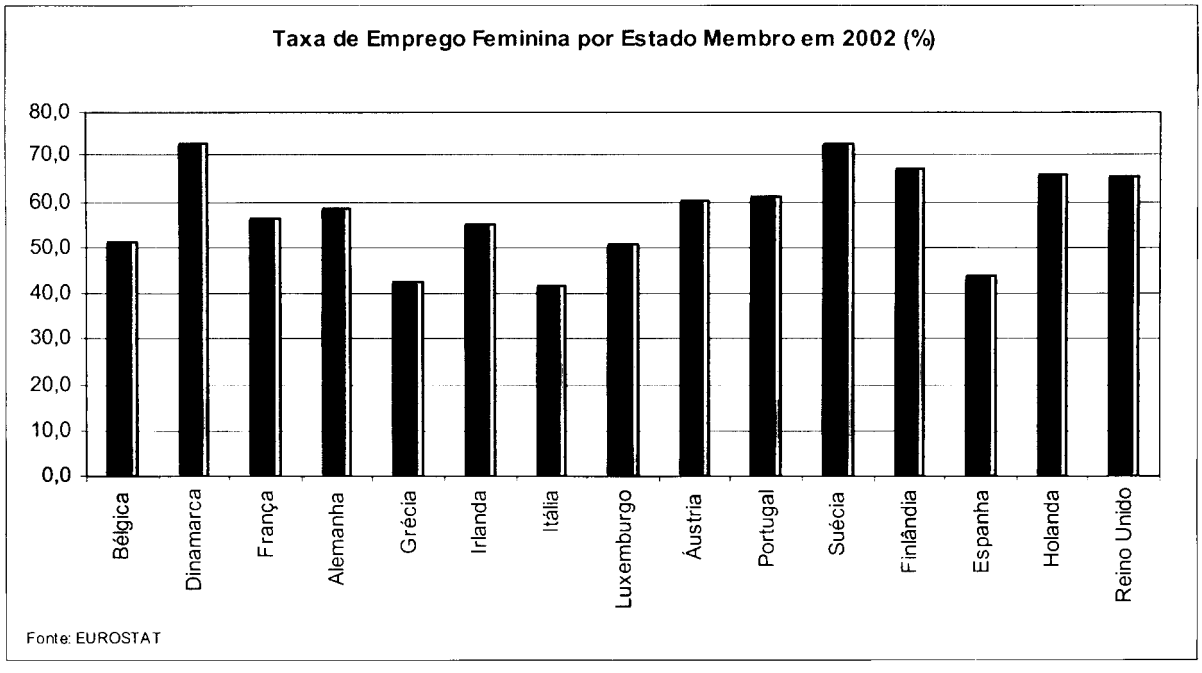
16 - Taxa de Feminização



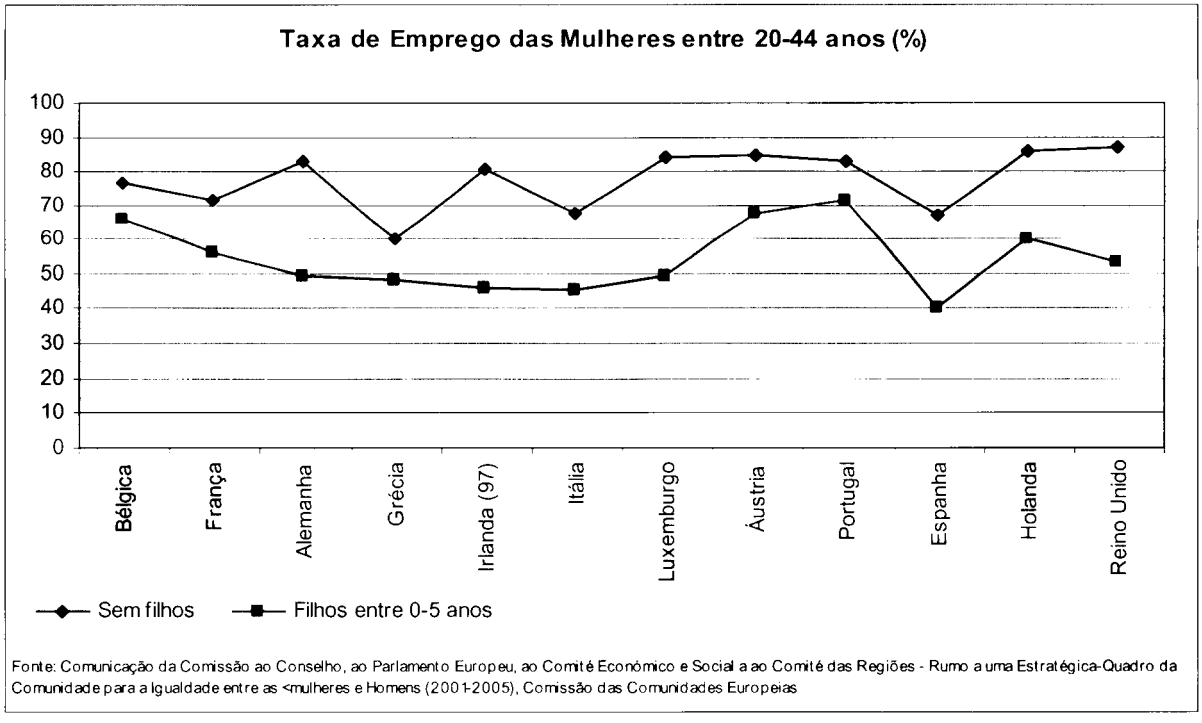
17 - Duração do Trabalho



18 - Taxa de Emprego Feminina



19 - Taxa de Emprego das Mulheres



Fonte: Comunicação da Comissão ao Conselho, ao Parlamento Europeu, ao Comité Económico e Social a ao Comité das Regiões - Rumo a uma Estratégica-Quadro da Comunidade para a Igualdade entre as <mulheres e Homens (2001-2005), Comissão das Comunidades Europeias

Quadro 11 - Taxa de Actvidade Feminina (15-64 anos)

Taxa de Actvidade Feminina (15-64 anos)

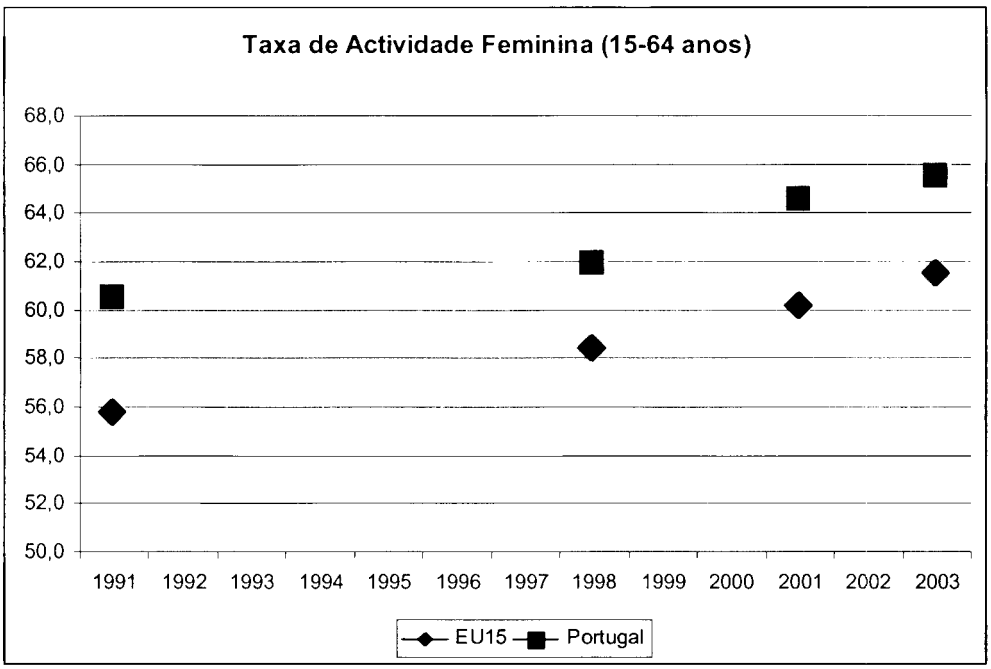
	1991	1998	2001	2003
EU15	55,8	58,4	60,2	61,5
Portugal	60,6	62,0	64,6	65,6

Quadro 12 - Taxa de Emprego

Taxa de Emprego (%) - 2003

	15-64 anos	M	F	15-24 anos	M	F	55-64 anos	M	F
EU25	62,9	70,8	55,0	36,7	39,6	33,7	40,2	50,2	30,7
EU15	64,3	72,5	56,0	39,7	42,6	36,7	41,7	51,6	32,2
Portugal	67,2	74,1	60,6	38,7	43,0	34,3	51,1	61,6	41,9

20 - Taxa de Actividade Feminina (15-64 anos)

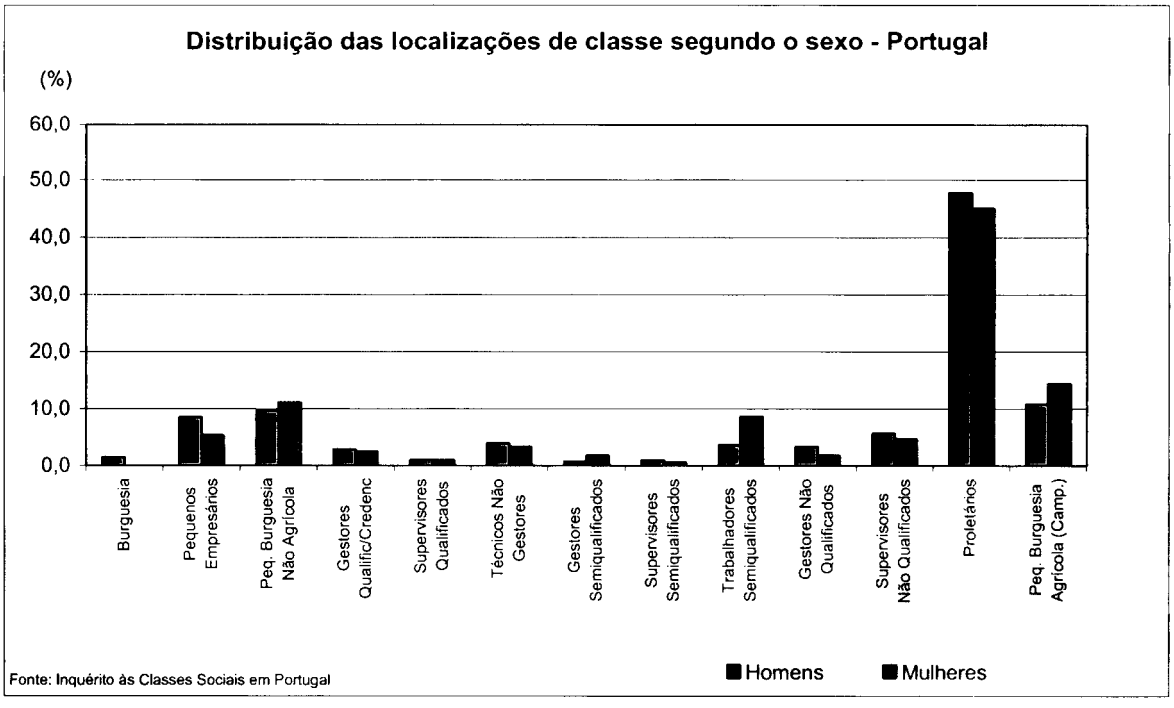


Quadro 13 - Emprego a Tempo Parcial

Emprego a tempo parcial (2003)

	Total	M	F
EU25	17,1	6,6	30,5
EU15	18,6	6,7	34,1
Portugal	11,7	7,3	17,0

21 - Distribuição das localizações de classe segundo o sexo - Portugal



22 - Remuneração Média Mensal Base

